



79

15142
THEATRO COMICO
PORTUGUEZ,
O U
COLLECCÃO
DAS OPERAS
PORTUGUEZAS,

Que se representarão na Casa do Theatro pú-
blico do Bairro Alto, e Mouraria de
Lisboa,

OFFERECIDAS
A MUITO NOBRE SENHORA
PECUNIA ARGENTINA

Por * * *

TOMO TERCEIRO

Contém { Adolonimo em Sydonia.
A Ninfa Siringa.
Novos Encantos de Amor.
Adriano em Syria.

LISBOA:

Na Offic. de SIMÃO THADDEO FERREIRA. 1790.

Com Licença da Real Meza da Commiſſão Geral ſobre
o Exame, e Censura dos Livros.

Vende-se na mesma Officina.

403619
4.6.42

Foi taxado este Livro em papel a tre-
zentos reis. Meza 6 de Setembro de
1792.

Com tres rubricas.

ADOLONIMO
 E M
 SYDONIA,

Opera que se representou na Casa do Theatro
 público do Bairro Alto, e Mouraria de
 Lisboa.

ARGUMENTO.

A Dolonimo descendente de sangue Real amava muito a Syrene filha de Estrato Rei de Sydonia, e seu inimigo; e vendo elle que por esta razão lhe não podia manifestar o seu amor, se determinou a ser seu jardineiro; sabendo porém que Cyrene (ainda que constrangida) casava com Demetrio, foi assistir ás bodas mascarado para impedir o desposorio, o que feito, e conhecido, foi preso; e chegado quasi aos ultimos fins da vida, de que o livrou Alexandre Magno, e o constituiu Rei de Sydonia, casando-o com Cyrene, privou do Reino a Estrato.

 SCENAS DO I. ACTO.

- I. *Horta.*
- II. *Jardim.*
- III. *Sala de Palacio.*
- IV. *Sala de docel bem armada.*

SCENAS DO II. ACTO.

- I. *Jardim.*
- II. *Sala.*
- III. *Torre.*
- IV. *Jardim.*
- V. *Torre.*

SCENAS DO III. ACTO.

- I. *Sala.*
 - II. *Torre.*
 - III. *Campo.*
 - IV. *Sala.*
 - V. *Campo , e vista de Torre.*
 - VI. *Sala de docel.*
-

INTERLOCUTORES.

Adolonimo , amante de Syrene.

Demetrio.

Alexandre Magno.

Estrato , Rei de Sydonia.

Syrene , Princesa , filha de Estrato.

Orintia , sua prima , amante de Demetrio.

Cadeia , graciosa.

Pimentaõ , Gracioso , criado de Adolonimo.

Çapato , criado de Demetrio.

Hum Algoz.

Hum General.

Soldados.

ACTO



ACTO I.

SCENA I.

Horta. Aparece Adolonimo em traje de hortelão.

C O R O.

Decante hoje amor
O doce Hymenêo,
Que gozão ditosos
Syrene, e Demetrio.

Adol. **S**uspende essa cruel harmonia, oh rigoroso aspid de meu peito; pois me introduzes na alma o maior veneno disfarçado na suavidade de teu canto. Ai de mim! quem dirá, que o sonoro da musica, que sempre foi lenitivo da pena, seja de minha pena o motivo que o que tem por effeito o gosto, seja a causa do meu tormento? que o que para todos he gloria seja para mim martyrio?

*Sabe de outra parte Pimentaõ sem Adolonimo
o ver.*

Pim. Ora vamos entrando por esta horta assim como quem quer couves. Cá está o hortelão; talvez que me queira por companheiro:

ve-

verei se me posso accommodar com o olho da enxada, já que o cruel de meu amo me poz no olho da rua. Vamos deitar barro á parede. Ah Senhor nos's'amo, v. m. quer moço? Não pegou o barro, nem se ouviu o berro. Vá de estoutra parte: Ah senhor, v. m. não ouve? Nada; o certo he que he furdo para mais penas sentir.

Adol. Ah cruel fado! ah cruel amor!

Pim. Ai que estou perdido, que se queixa de amor! He possivel, que hum cavador de enxada padeça o achaque dos que fazem a barba duas vezes na semana? que tenha forças para andar ás lutas com Cupido, quem todo o dia anda ás pancadas com a terra? que queira atear o fogo quem todo o dia anda alagado em fuor? Mas o certo he, que tambem pegão debaixo da agoa as armas, que amor carrega. Ora vamos-lhe outra vez ao couro. Vossa mercê ouve? Peior: supponho que deste fallou Camões, quando disse: A nada d'isto o bruto se movia. Vá agora tão alto, que não sómente o faça mover a elle, mas a quantas mulheres prenhes me ouvirem. Ah senhor, hum sujeito que quer...

Adol. Que he isto?

Pim. Mas já não quer o sujeito, e tudo o que quiz o dá por não querido, com perdão de vossa mercê, salvo tal lugar.

Adol. Pimentão?

Pim. Senhor Adolonimo?

Adol. Vem cá, de que te affustas?

Pim.

Pim. Não me hei de assustar de ver, que sendo vossa mercê o senhor Adolonimo illustre descendente de Real sangue, a quem tantos annos servi, o veja agora neste vil estado, depois de me ter dito *oculus ruorum*?

Adol. Razão tem a tua lealdade de se queixar de mim; porém já que a fortuna aqui te trouxe, te direi a causa porque te despedi, e o motivo porque aqui me vez com estes rusticos vestidos, com condição porém de guardares segredo.

Pim. Dize, Senhor, seguramente, porque a minha boca he a cousa mais secteta que pôde haver.

Adol. Já sabes que sou Adolonimo nascido de Real sangue, e que sempre vivi com grandeza igual ao meu lustre, e de meus progenitores: não ignoras tambem, que na opposição que fiz ao nosso Rei Estrato ao throno de Sydonia, elle por mais fortuna, que meritos, ficou com o Reino, e eu abatido, e desprezado, sem me valerem nem a nobreza, nem os merecimentos; pois he cousa certa serem os nobres, como os entendidos, alvos de toda a desgraça.

Pim. Tambem por cá vai muita cousa disso.

Adol. Ouve agora o mais, que não sabes.

Pim. Vamos ao caso, que he o que importa.

Adol. Tem Estrato huma filha dotada da mais rara belleza, que o mundo até agora vio.

Pim. Isso he o diabo.

Adol. O mais peregrino motivo da admiração,

e o mais admiravel objecto de todo o paiz :
 a esta vi ; e como a vi , era forçoso o adora-
 ralla ; porque nos altares formosura he a ado-
 ração mais dividida , que offrenda.
Pim. De que não ha duvida nenhuma.

Adol. Em huma occasião , que tive a de lhe
 fallar , me parece não forão mal acceitos os
 meus rendimentos , se he que me não enganou
 a ideia , porque aos amantes sempre se lhes re-
 presenta facil o que desejão ; porém como o
 odio , que me tem seu pai Estrato (nascido
 da opposição , que lhe fiz ao throno) foi cau-
 sa de que me faltasse de esperança , quanto
 me sobejava de amor , pois apenas podia vel-
 la ; me determinei despedir-te , e aos mais cria-
 dos , e fazendo-me ausente , buscar por este
 caminho alguma lisonja ao meu amor , e al-
 gum refrigerio a tanto incendio , servindo há
 oito dias de seu jardineiro com tal disfarce , que
 até ella mesma ignora , que eu seja Adolonimo.

Pim. Eu mesmo , se te não vira aqui , não ha-
 via saber que aqui estavas.

Adol. Mas ai de mim , que toda esta esperan-
 ça em que vivia , se trocou pela desespera-
 ção em que morro ; porque esta noite a casa
 ElRei seu pai com hum dos principaes de Sy-
 donia por nome Demetrio.

Pim. E agora que has de fazer mais , que chu-
 char no dedo ?

Adol. Ainda me falta apurar o resto da despe-
 ção , porque esta noite hei de hir aos despo-
 sitorios mascarado (como he permittido neste

Rei-

Reino) e offerecer a vida por ultimo sacrificio, ao que tu tambem has de acompanhar-me.

Pim. Sim acompanhára, se eu tambem tivesse vida, que offerecer.

Adol. Pois de que modo não a tens?

Pim. Porque já estou morto com fome.

Adol. Se he esta a dúvida, logo te satisfarás.

Pim. Então vamo-nos já remasçarar: mas se acaso nós formos, e virmos os desposorios, e tu vires com o olho, e comeres com a testa, que has de, Senhor, fazer ao depois?

Adol. Attende, que eu to digo.

Pim. Oh por tua vida recita-mo muito bem recitado.

R E C I T A D O.

Adol. Se a forte rigorosa, e injusto fado
Contra mim se mostrar cruel, e irado,
Se a pena do que sinto, e do que choro,
Me negar o bem unico, que adoro,
Sem procurar da mágoa mais indicio,
Renderei esta vida em sacrificio;
Porque a vida com huma infeliz forte
He mais, do que viver, continua morte:

A R I A.

Se meus olhos gozar virem
Outrem do meu bem amado,
Amante, è desesperado
Terei iras, e furor.
Perderei a cara vida
Nesta pena, e furia insana,
Porque a morte mais tyranna,
He sentir hum tal rigor.

Vai-se.
Pim.

Pim. O certo he que ninguem conta , nem canta
melhor hum successo , do que meu amo ,
salvo meliori judicio. *Vai-se.*

S C E N A II.

Jardim. Sabe *Syrene* , *Orintia* , e *Cadeia*.

Cad. **E**Nxuga , Senhora , o pranto ; não choras
assim por hum ausente quando estás para ter a posse de tanta felicidade. Eu por mim pégo-me áquelle ditado , que diz :
O que o olho não vê , coração já se sabe.

Syr. Que mal entendes , *Cadeia* , o mesmo que aconselhas , pois esse adagio quer dizer , que não se ama o que se não vê ; porém não se virifica em mim , porque depois que vi a *Adolonimo* , tão presente o trago no sentido , e tão representado aos olhos da alma , que já mais pude acabar comigo o esquecer-me d'elle , nem deixar de sentir a sua ausencia , e só me tem servido de algum allivio , quando vejo ao nosso jardineiro , pois he d'elle tão proprio retrato , que julgára ser o mesmo *Adolonimo* , se não houvesse tanta differença nas pessoas de hum , e outro.

Cad. Pois he justo que estando para te receberes com *Demetrio* daqui a poucas horas , pagues com lagrimas os carinhos de teu esposo ? Ai que se fora eu , não caberia em mim de contente.

Syren. E me parece que primeiro que lhe dê

dê a mão , perderei a vida ao rigor deste tormento.

Orint. Oh affim o permittão os Deoses , que Demetrio não seja teu. *á parte.*

Cad. Pois , Senhora , se teu pai te obriga a que cases com elle , que remedio há mais que fazer das tripas coração ?

Orint. Eu , Prima , te aconselho , que resolutamente digas , que ainda não queres acceitar o estado , que te offerecem. Muito convém ao meu amor não querer Syrene a Demetrio , pelo muito que lhe quero , ainda que elle não o merece por ingrato. *á parte.*

Syr. Da Parca o veja eu mortal despojo.

Cad. Ai , Senhora , dás ao diabo a quem te quer por tudo quanto Deos lhe deu ?

Syr. Deixa loucuras , que não esteu para ouvir-te.

Orint. Muito empenhada nisto se mostra Cadeia.

Cad. Não he por empenhada , he porque da mulher , e a fazenda o primeiro ajuste he o melhor ; porque tanto a fazenda , como a mulher , quanto mais estão , mais se damnificão , e muitas vezes algumas fazem suas avarias.

Syr. Nescia estás.

Cad. Isto ha de dizello qualquer marão , que me esteja ouvindo.

Sabe Pimentaõ sem scr visto.

Pim. Já a barriga está como hum tambor ; vamos agora fazer o exercicio. Mas tá , tá rá , tá rá , que temos cá gente de cutiliquê : esguitemosnos daqui , antes que venha pelo caminho hum. Sois muito atrevido ; andai confia-

fiado ; oh lá deitem fora esse villão raím. *em falsete.*

Cad. Quem está ahí ?

Pim. Meus ditos , e meus feitos.

Orint. Não ouves ?

Pim. Faço-me surdo , e vou ufando de afastanças . e arredanças.

Syr. Vem cá , dize quem és ?

Pim. Eu , Senhora , já me estava hindo ; mas para vossas Altezas não dizerem , que eu cá que sou , e que tal , e que sim Senhoras . . .

Syr. Não te perturbes , falla.

Pim. Eu , senhora , fui . . . Vim . . . e tornei . . . e dahi tomo , e que faço . . .

Cad. Está bem medroso.

Pim. Eu , Senhoras , a fallar a verdade tenho muita vergonha diante de vossas Altezas.

Syr. Dize quem és , que te não quero fazer mal algum.

Pim. Eu supponho que entre as mais vossa Principeza he que he a Senhora sua Alteza ?

Syr. Sim , dize.

Pim. Por muitos annos , é bons. (Agora farei as partes a meu amo.) *á parte.* Eu , Senhora , sou hum pobre Pimentão , que vim buscar com o hortelão cómodo para trabalhar nestas verduras ; porque me mandou á fava hum amo , que tive que era hum Adolonimo dos meus peccados com perdão de vossa Alteza.

Syr. Que dizes , quem era teu amo ?

Pim. Hum Adolonimo , ou hum Ademonio.

Syr.

Syr. Pois para onde foi, (ai de mim!) que dizem que se ausentára?

Pim. Supponho eu que hiria buscar alguma Princeza, que devia de perder; porque sempre andava pelas casas, como quem buscava, dizendo: Ai minha Princeza, como hei de viver sem ti!

Cad. Ah! temos novo atizador. *á parte.*

Orint. Oh quem ouvira dizer o mesmo de Demetrio? *á parte.*

Syren. E não lhe sabes o nome?

Pim. Ella não tinha nome certo, porque humas vezes lhe chamava soberana, outras ingrata, outras cruel, e quantos exdruxulos lhe parecia. (Parece que vai pegando o visco.) *á parte.*

Syr. E queria-lhe muito?

Pim. Ui, mesmo a arrebentar.

Syr. Sentia o não vella?

Pim. Isso como se nunca nos vissemos.

Syr. Ai amado Adolonimo, que mal sabes as penas que me custas? *á parte.*

Orint. Ai querido Demetrio, que só tu te prezas de ingrato!

Syr. Basta que chorava a sua ausencia?

Pim. Sim, Senhora, chorava muito, e por final...

Syren. Por final que?

Pim. Que chorava muito.

Syr. Tira-me de huma dúvida: não te parece o hortelão o seu proprio retrato?

Pim. Sim, Senhora, só o que tem de differença he o não se parecer bem com elle, que no mais he o mesmo cuspidado, e escarrado.

Syr.

Syr. Pois em que se não parece?

Pim. Em que o hortelão he mais espadaúdo , mais pernudo , mais orelhudo , e mais cabeçudo , pois tem huma condição de todos os diabos.

Cad. Não me parece elle senão melhor , que Adolonimo.

Pim. Tambem o hortelão he mais barbudo , e mais boquilongo ; e se vossa Alteza reparar nelle , quando falla , verá que não tem este dente queixal.

Syr. Elle em tudo me parece o mesmo.

Pim. Repare-lhe tambem no nariz , e verá que a venta esquerda he muito maior do que a outra.

Cad. Que forte mentira ! *á parte.*

Syr. Está bem : vai , que eu mandarei dizer ao hortelão que te trate bem.

Pim. Já levo que contar a meu amo. *á parte.*

Beijo não as mãos , nem os pés , nem ainda os dedos delles , senão a mais inferior unha do menor pé de vossa Alteza. *Vai-se.*

Orint. Divertido he este criado que foi de Adolonimo.

Cad. O que importa , Senhora , he sabermos ; de que parecer ficas ácerca do desposorio.

Syr. Não me falles em tal.

Cad. Pois , Senhora , se daqui a poucas horas ElRei te obriga , a que dês a mão de esposa , que has de fazer ?

Syr. Eu te respondo.

A R I A.

Para que me serve a vida ,
 Se o viver he cruel morte ?
 Renderei á Parca forte
 O doce alento vital.

Compellida , e obrigada
 Perco a liberdade , e a vida :
 De estar morta quem duvida
 Ser manifesto final ?

Vai-se.

Orint. Ah cruel Demetrio, quanto amor me deves ?

Cad. Temos, Senhora, segunda exclamação ?

Orint. Deixa-me, Cadeia, alliviar contigo a minha pena.

Cad. Comigo ? allivie-se com quem lhe causa esse tormento.

Orint. Na verdade sempre és boa pessa.

Cad. Sim, Senhora, porque lhe aturo as suas buxas, e as da Senhora Syrene.

Orint. Cadeia, só te quero encommendar, que não descubras a minha Prima, que amo a Demetrio.

Cad. Descobrir a senhora sua Prima ? isso não, que faz muito frio.

Orint. Como estás louca, aos ares direi as minhas queixas.

Cad. Faz bem, isto de ares só os ares as sabem ouvir.

A R I A.

Orint. Até quando, dize ingrato,
 Ha de durar teu rigor,
 Desprezando hum firme amor
 Tão fino no idolatrar ?

Pa-

Para que causas a morte

A quem se offerece a vida,

Se a huma alma tão rendida.

Não se deve desprezar? *Vai-se.*

Cad. Coitadinhas; huma quer casar com hum, e outra com outro, e na minha opinião quer hum, quer outro não são despiciendos; porém o nosso Quinteiro não era máo para trabalhar na vinha do matrimonio.

Sabe Çapato.

Çap. Minha bella Cadeia; cujos fuzís petiscando na pederneira de meu coração tanto arêa a isca da minha vontade, que chegando-lhe a mécha do meu desejo, logo se acende a véla do meu amor, em cujos incendios me abraço amante mariposo.

Cad. Senhor Çapato, não se ponha comigo nestes pontos, senão olhe, que do couro lhe hão de sahir as correas.

Çap. Ai cruel Cadeia, que podendo ser colar do meu pescoço, és rigoroso grilhão, que me atormentas!

Cad. E vossa mercè, Senhor Çapato; quando devia andar debaixo dos pés de todos, já se quer pôr comigo no bico dos pés?

Çap. Ai minha Cadeia, quem abrandára a tua dureza!

Cad. Ai meu Çapato, quem se curtira bem o couro

Çap. Bem pudéras, Cadeia, ser menos pezada.

Cad.

Cad. Bem pudéras , Çapato , deitar outro rosto ,
que esse já está muito velho.

Çap. Fica-te , Cadeira , já que és rigorosa. *Vai-se.*

Cad. Vai-te , Çapato , já que és tacão.

A R I A.

Vaite , Çapato , para a padaria ,
Chichello velho
Roto , e suado ; vai desestrado ,
Pois não me serves para o meu pé:
Todo o Çapato , que gosto , e que gasto ,
Ha de ser aperrado que mata ,
Com bico de pata
Ou ponta de prata , que he moda tambem.

S C E N A III.

Sala de Palacio. Sabem Syrene , e Demetrio.

Dem. **S** Uspendei , Senhora , o rigoroso des-
dem ; pois se me concede a sorte al-
cançar tão brevemente a ditosa posse da vos-
sa mão , bem podeis deixar já a tyrannia , e
attender mais amante a quem vos adora.

Syr. Que mal soão as finezas ditas por quem se
aborrece ! *á parte.*

Dem. Baste já de rigor , querida Syrene.

Syr. Quem escutára de Adolouimo , o que ou-
ço de Demetrio. *á parte.*

Sabe ElRei.

Rei. Vamos , Demetrio , vinde Syrene , que
he já tempo de que Hymenêo vos offereça
coroas do mais feliz conforcio.

Tom. III.

B

Dem.

Dem. Ditoso ferei , se tal gloria chego a possuir.

Syr. Infeliz ferei , se primeiro não render a vida aos tristes golpes da morte. *Vão-se.*

Sabe Adolonimo , e depois Pimentão mascarados!

Adol. Vamos, Pimentão ?

Pim. Espera , Senhor , que estou cá atacando isto : ha' tal pressa ! *dentro.*

Adol. Já todos vão entrando para a sala.

Pim. Pois quer sim , quer não ; olhe que está boa. *dentro.* Estás com huma pressa , como se foras tu o noivo. *sabe.*

Adol. São horas de entrarmos ; que mais alegre vou pelas noticias que me deste de Syrene.

Pim. Oh pois eu disso tive humas grandes alviçasas.

Adol. Não as perderás ; e agora te quero advertir , que não has de passar da portz da sala Real ; porque na presença do Rei estamos obrigados a tirar as mascaras , que estas só são concedidas no mesmo palacio na ausencia da Magestade.

Pim. Nisso não haverá dúvida ; mas pergunto : eu assim como sou convidado para o desposorio , sou tambem chamado para o banquete ?

Adol. A isso não podemos nós assistir.

Pim. Pois então vou-me desfardar ; porque cuidava que vinha tirar o ventre de miseria ; que ha tal , que apanhando-se em huma tolá destas , mete no bucho para quinze dias , se antes disso não estoura por alguma parte.

Adol. Que diferentes cuidados te trazem a ti , do que a mim !

Pim.

Pim. Porém mais me admira, que com todos esses cuidados, e amores, te aches, Senhor, com paciência para hires ver a tua dama casar-se com outro: excellente cras para o officio de cordoeiro.

Adol. Em que era bom para esse officio?

Pim. Em que tu, e elles andão ás avessas dos mais; que neste caso costumão outros hir para fóra da terra, e tu te queres metter mais pela terra dentro.

Adol. Desculpo o teu reparo, porque ignoras o meu intento.

Pim. Huma vez que he isso, fallemos em outra cousa. Ah Senhor, que taes figuras estamos nós depois de mascarados? Eu te affirmo que estás a cousa mais gentil-homem que póde ser.

Adol. Agradeço-te a lisonja; porém eu de ti affirmo, que provocas a riso.

Pim. E eu de ti te juro, que provocas a choro.

Adol. Porque?

Pim. Porque me cheiras a defunto: vê bem o que fazes.

Soão instrumentos.

Adol. Mas já querem entrar: vamos que são horas.

Vai-se.

Pim. Eu vou já, que primeiro quero fazer hum ente de razão.

A R I A.

Faço hum ente de razão,
Pois he isto huma quiméra,
E se esta tem tres cabeças
Que he Leão, Cabra, e Dragão,
Todas tres vejo aqui estar.

Meu amo hum Leão parece ,
 Cabra parece Syrene ,
 Mas Estrato , que he Dragão ,
 A todos ha de tragar. *Vai-se.*

S C E N A IV.

*Sala bem ornada , e na parte principal della
 estará sentado ElRei , á mão direita Syrene ,
 á esquerda Demetrio , e alguns mascarados
 com a cara descuberta ; e cantando o Coro ,
 apparecem á porta Adolonimo , e Pimentão.*

Adol. **A** I Pimentão , que já vejo o adora-
 do iman de meus sentidos.

Pim. Que te faça muito bom proveito.

Adol. Cala-te , e observemos daqui o que se faz.

Rei. Para que se profiga o festejo com mais
 gosto , dem Syrene , e Demetrio com as
 mãos a reciproca união das almas.

Adol. Já ouço a sentença da minha morte.

Pim. Cala-te , e observemos daqui o que se faz.

Dem. Com todas as potencias espero a posse de
 tanta gloria.

Syr. Que ha de ser de mim em tanto aperto ? *á p.*

Dem. Aqui está a minha mão.

Sir. Ah cruel sorte , em que afflicção me che-
 gaste a pôr ? *á parte.*

Tira o lenço , e chora.

Adol. Ai Pimentão , que ella a mão lhe quer dar.

Pim. Pois eu , Senhor , que culpa tenho disso ?
 Mas ella , o que faz he assoar ; ou enxugar
 nos olhos o estilicidio , que o teu amor lhe
 tem derretido no peito. *Rei.*

Rei. Não seja, Syrene, bastante o vosso pejo a dilatar tanto o que ordeno.

Dem. Não me admira, Senhor, o chegar a ventura vagarosa a quem a deseja.

Syr. Oh Deoses immortaes, como vos não compadeceis de mim? á parte.

Pim. Isto vai-me cheirando mais a tragedia, do que a boda. á parte.

Rei. Já a demora chega a ser desobediencia.

Syr. Eu, Senhor, já obedecendo . . . (ah cruel desgraça !) á parte.

Dizendo estas palavras Syrene, bindo para dar-lhe a mão, em que tem o lenço, este lhe cabe, a tempo que Adolonimo sabia a embarcar a acção; porém vendo cabir o lenço, o levanta.

Adol. Ai de mim! Porém o lenço . . . levanta-o.

Dem. A mim me pertence só o levantallo: larga-o. para elle.

Pim. Ella está travada; o lencinho ha de chegar aos narizes de alguns. á parte.

Syr. Ai, que certamente he Adolonimo! á parte.
Por evitar competencias a ambos o tirei eu.

tira-o.

Dem. Com a vida pagarás o teu atrevimento. pucha por hum punhal.

Adol. Primeiro será a tua despojo da minha ira.
Pucha por outro, e Syrene se mete no meio de ambos.

Rei. Prendão esse traidor. prendem-no.

Pim. Vamos abalando, antes que chegue por cá a agarratoria. Vai-se.
Sold.

Sold. Sigão esse máscara, que se ausenta, que também veio com o traidor.

Rei. Tirem a máscara a esse atrevido.

Tirão a máscara a Adolonimo.

Rei. He o traidor de Adolonimo.

Dem. Morrerá.

Rei. Suspendei, Demetrio, o valoroso impulso; que quero que pague com huma pública morte seu manifesto atrevimento.

Syr. Ai querido Adolonimo, quem pudera valer-te? á parte.

Rei. Dize, traidor inimigo, em que fundaste o teu atrevido arrojo?

Adol. De traidor me criminas, e de inimigo me accusas, quando em nada te offendi; porque o restituir hum lenço ao nevado throno de donde tinha cahido, não he inimiga acção, nem traidor atrevimento, o querer-me defender com hum punhal de outro, que me pretendia tirar a vida, não he atrevido arrojo, pois he só natural defeza.

Rei. Seja levado á torre de Palacio, donde fahirá a pagar com a vida a sua temeridade. (Boa occasião tenho de me vingar de Adolonimo por ser opposto comigo ao Reino.) á p.

Adol. Ah Rei injusto, e cruel, os Deoses te castiguem.

Rei. Demetrio, a tal ira me provocou o atrevimento deste traidor, que determino transferir para o seguinte dia o vosso desposorio, em que esteja mais socegado do presente desgosto.

Dem. Observo obediente o que ordenas.

Syr.

Syr. Já esta demora suaviza de algum modo a
minha pena. á parte.

A B I A A 4.

Rei. Pagarás com a dura morte

Dem. De hum traidor justo castigo.

Adol. Não obrei como inimigo
Em servir.....

Rei e Dem. Suspende a voz

Adol. A Syrene.....

Syr.e Adol. Oh cruel dor!

Rei. Vai-te , aparta-te de mim ,

Rei e Dem. Antes que já furioso
Meu impulso

Adol.e Syr. Cruel fado } rigoroso.

Rei e Dem. Execute o seu } rigor.

Adol.e Syr. Suspende tanto }



ACTO II.

SCENA I.

Jardim. Sabirá Pimentão de entre humas ramas ainda mascarado.

Fim. **A** Qui tenho estado escondido dos que me buscavão : agora que já não sinto nenhum dos aguazís , quero hir mudar a pelle , antes que ma curtão , e largar esta roupa , antes que me cheguem della ao couro. Mas ai , elles comigo ; não ; he o vento , que alli bolio naquella arvore : forte pavor tive ! Ora vamos sahindo , mas ai desgraçado de mim , que medo que mamei ; e era aquello passaro , que vai voando , e me parecia hum tropa de Cavallaria. Ora deitemos o medo para traz , e vamos andando para diante , que ainda que ouça o que ouvir , já não hei de temer.

Sabem por detraz dous Soldados , e pegão nelle.

Fim. Forte pé de vento me lançou a mão.

Sold. 1. Está prezo.

Fim. Valente melro cantou agora.

Quer ir andando.

Sol.

Sold. 2. Vossê não ouve, que se dê á prizão?

Pim. Vossas mercês perdoem, que cuidei que era algum pé de vento, inda que de todo me não enganei pela trovoada que espero.

Sold. 2. Ora ande, não seja tollo.

Pim. Pergunto eu: vossas mercês a quem querem prender?

Sold. 1. A vossê, seja quem quer que for.

Pim. He boa graça, pois vossas mercês prendem sem saber a quem? E se eu não for eu, e for outro, he justo prender a outro por amor de mim?

Sold. 2. Havemos levar a quem acharmos com esta mascara.

Pim. Pois ella acaso neste Reino he fazenda de contrabando, para se prender a quem se achar com ella?

Sold. 1. Ande prezo, não nos dê razões.

Pim. Pois visto ser prezo contra minha vontade, hão de me levar á força.

Deita-se no chão.

Sold. 2. Levemo lo arrastrando: mas elle peza como chumbo.

Pim. Inda agora vossas mercês sabem que sou homem de muito pezo?

Sold. 1. Não vi pezar semelhante!

Pim. Pezem vossas mercês bem o que fazem, para que ao depois lhes não peze.

Sold. 2. Não he possível levarmo-lo.

Pim. Senhores, eu pela parte materna sou neto de Anthêo, e assim estando na terra, sou mais forte que hum Hercules.

Sold.

Sold. 2. Pois prendamo-lo a esta arvore, em quanto chamamos mais quem nos ajude.

Sold. 1. Prendem-no.

Pim. Prendão-me embora á arvore, que talvez colhão muito bom fruto disso.

Sold. 1. Prendamo-lo bem porque não fuja.

Pim. Ah Senhores, de manso com esse arrojar; não apertem muito comigo, olhem que desconfio.

Sold. 2. Desconfie embora.

Pim. Quando não desconfie; sempre me deixão bem encorloado.

Sold. 1. Vá em tanto comendo dois limões-sinhos dessa arvore.

Vai-se.

Pim. E he verdade, que ainda agora eu reparo, que estou já no limoeiro, quando cuidava que apenas estava chegado ao tronco; mas o certo he, que me prendêrão no tronco do limoeiro. Que bellas limas que tem! e he de admirar, que em hum limoeiro, onde ha prezos, se consistão tantas limas; mas a desgraça he, que havendo tantas, não posso eu limar estas prizões; e mais he para sentir que esteja eu feito Tantaló olhando para ellas. Mas aí, que ahí vem outro algoz, se não me engano.

Sabe Çapato.

Çap. Que he isto quem está aqui prezo?

Pim. Sou eu, inda que me não prendêrão por ser eu, senão por ser eu a quem achárão.

Çap. Pois porque o prendêrão?

Pim.

Pim. Porque como agora tudo são desposorios ,
tambem me querem casar á força com a Cadeia.

Çap. Pois com a Cadeia o querem casar? Oh
desgraçado homem que sou?

Pim. Pior he esta agora , o homem deve ser
doido. *á parte.*

Çap. E ella quer da sua parte?

Pim. A Cadeia por si está prompta , para rece-
ber quem quer que for.

Çap. Ah ingrata! E quem ordena isso?

Pim. ElRei Estrato.

Çap. Oh infeliz de mim ! quem trocára comi-
go a sua sorte.

Pim. Vou lhe seguindo o humor , que isto de-
ve de ser alguma tratada. *á parte.* Isso meu
Senhor tem bom remedio ; mudemos os ves-
tidos , e os lugares , mudaremos a sorte ; que
eu de nenhuma quero a de casar com ella.

Çap. Dizes bem , vamos a isso , eu te solto. *solta o.*

Pim. Anda de pressa , antes que me venhão bus-
cando , e ao depois fique como hum tollo
sem se casar.

Çap. Já estás solto.

Pim. Ora vamos para aqui , trocaremos os ves-
tidos. *ocultaõ-se.*

Çap. Não posso aturar que case a gente á força.

Pim. Certamente he mal feito ; mas são cousas
que succedem : dá cá a capa depressa ; pois
a rapariga dizem que he huma manteiga.

Çap. Oh que he bella como huma flor.

Pim. Sabe vossê o que nós parecemos ? duas
crianças.

Çap.

Cap. Porque ?

Pim. Porque vossê vai-se babando , e eu fico chuchando no dedo.

Cap. De contentamento me está o coração té-te , té-te.

Pim. Vista isso depressa : o certo he que vossê hoje , meu amigo , hade-se fazer como humas pascoas. Ah cão-sinho ! Vamos andando , que pôde vir alguem.

Sabem para fóra com os vestidos trocados , e ata Pimentaõ a Capato.

Cap. Tomára eu já hir diante delRei : atamo depressa.

Pim. Ah perro , que estás já pulando por te veres nellas limpezas !

Cap. Não apertes tanto.

Pim. Ora calle-se , que para isso se ha de regalar hoje muito bem regalado.

Cap. Olha que me feres as mãos.

Pim. Pois vossê queria levar isto ás mãos lavadas.

Cap. Isso he asneira : ai , ai.

Pim. Ahi está ; fique-se embora , e logre-se por muitos annos com essa minha Senhora.

Cap. Sempre obrigado por este favor.

Pim. Oh meu amigo , tomára eu prestar para mais. De boa escapei ! á parte.

Vai-se por huma parte Pimentaõ , e sabem por outra tres Soldados.

Cap. Mas eilos lá vem já buscar-me : oh quanto folgo ter esta fortuna !

Sold. 1. Agora vereinos se ha de vir ou não. *desfataõ-no , e daõ-lhe.*

Cap.

Çap. De vagar, de vagar, que eu já quero his por minha vontade.

Sold. 2. Já quer hir por bem? pois ha de amargar o que nós fez. *daõ-lhe.*

Çap. Ah Senhores, vossas mercès querem-me cascar, ou querem me casar?

Sold. 1. Ande magano, verá o que lhe succede. *Vaõ-se.*

S C E N A II.

Sala. Sabem Syrene, e Orintia.

Syr. **A**I de mim! Para onde encaminho os passos, se a cada passo para a morte caminho?

Orint. Não te entregues, Prima, tanto ao sentimento.

Syr. Como não hei de sentir, se considero a Adolonimo prezo, e eu em liberdade?

Orint. Infeliz eu, que perdi a minha por hum ingrato. *á parte.*

Syr. Oh, quando acabareis, desgraças, de affligir-me! *á parte.*

A R I A.

Avesinha solitaria

Saudosa, amante, e triste

Sou nos écos, que repite

De continuo a suspirar.

E no canto, em que procura

Dar allivio ao seu tormento,

Mais cresce o rigor violento,

Mais se augmenta o seu penar. *Vai-se.*

Orintia

Orint. Oh como he diverso o meu sentimento do de Syrene; pois ama a quem por ella oferece a vida, e eu morro por quem me aborrece!

Vai-se.

Cap. De vagar; Senhores, com esses empuxões.

dentro.

Sold. Anda para diante.

dentro.

Cap. Ah Senhores, vossas mercês levão-me a casar a baração, e pregão?

dentro.

Sabem de humra parte El Rei, e Demetrio, e de outra Capato, e os Soldados.

Rei. Que vozes são estas?

Dem. He, Senhor, o criado de Adolonimo.

Cap. Deixem-me, que já quero casar.

Rei. Tirem-lhe a mascara.

Tiraõ-lhe a mascara.

Cap. Aqui estou já prompto para casar com quem Vossa Magestade quizer.

Dem. Este he o meu criado!

Rei. Dize-me, porque causa acompanhaste mascarado a Adolonimo?

Cap. Eu, Senhor, não conheço nenhum Bolonio.

Rei. Pois como o acompanhaste dessa sorte?

Cap. Senhor, isso supponho que não he do caso; o que importa he casar eu, que já estou querendo.

Rei. Que louco he este?

Cap. Não se consuma Vossa Magestade que eu já quero casar.

Rei. Levem-no prezo até se averiguar a verdade.

Cap. Para que me hão de prender, se eu já quero casar com a Cadeia?

Dem.

Dem. Senhor, este homem he meu criado, e além da sua simples ignorancia; não he crível que acompanhasse a Adolonimo, pois nem o conhece.

Çap. Se esse Bolonio, que vossas mercês nomeão, he alguem, que me põe embargos ao casamento, he falso, que eu não devo nada a ninguem.

Dem. Cala-te louco.

Çap. Pois já não querem que caze? Saude.

Rei. Vamos, Demetrio, e visto ser vosso criado, fique livre. *Vai-se.*

Dem. Obedeço, Senhor, obrigado a tantas honras. *Vai-se.*

Çap. Que historia será esta deste Bolonio?

Sold. 1. Meu camarada, bem bolonio he vosse. *Vai-se.*

Sold. 2. Vosse parece que he mui camello. *Vai-se.*

Sold. 3. Meu amigo vosse tem muita carne no cachaço. *Vai-se.*

Çap. Que injurias são estas que ouço! O certo he que aquelle magano devia de me enganar; pois se os que prendem para casar, quando sahem sem capa, sahem com mulher; eu fui tão logrado, que fiquei sem mulher, e sem capa. *Vai-se.*

S C E N A III.

Torre. Aparece Adolonimo na prizão:

Adol. **A**I de mim infeliz ! ai desgraçado, que a tal fim me chegou o infausto da minha sorte, que só me resta o desesperado fim da minha vida !

Sabe de outra parte Syrene, sem ser vista de Adolonimo.

Syr. Com a chave falsa, que tenho desta torre ; entro a ver o meu querido Adolonimo, e aqui occulta ouvirei o que diz. *oculta-se.*

Adol. Que pouco sentiria o trocar-se o ditoso esplendor de minha nobreza pelos duros ferros desta prizão, se ao menos me constasse, que Syrene se compadecia de meus infortúnios, e que recusando o conforcio de Demetrio, correspondia ao fino do meu amor ! Porém como ha de assim ser, quando a considero constringida por hum tyranno Pai, que achando opportuna occasião á sua vingança, pertende com a minha morte faciar o cruel odio, que me tem ? Porém não ha de ser assim, porque primeiro será seu verdugo a minha desesperação.

Tira hum punhal.

Que he bem perca a doce vida quem perdeu a belleza de Syrene. Morre infeliz Adolonimo, pois nasceste só para desgraças: rende o ultimo alento ao rigor deste punhal, já que

que nem hum só alento te concede a esperança nos rigores de tantas penas.

Quer ferir-se , acode Syrene , e lhe segura o braço.

R E C I T A D O A D U O .

Syr. Suspende , amado bem o fero arrojo ;
Não sejas de duas vidas cruel despojo.

Adol. Deixa , bella deidade , deixa , deixa
Pôr fim com minha morte a tanta queixa.

Syr. Attende , a que em tanto defatino
No soffrer se requinta o amor mais fino.

Adol. Já demito da morte o instrumento ,
Pois me dá nova vida o teu alento.
lança fóra o punhal.

A R I A .

Adol. Pois me ampara huma deidade ,
Já não temo a sorte dura.

Syr. Confia }
Adol. Confiando } em que a ventura

Amb. Nem sempre cruel será.

Adol. Se hoje alcanço o teu amparo ,
Syrene adorada , e bella ,

Não temo }
Syr. Não temas } a infauſta estrella

Amb. Que nem sempre he firme o mal.

Adol. Ainda duvido (adorado simulacro do meu amor) que mereci no mais propinquo instante da minha morte alcançar o maior amparo da minha vida ; e quasi não creio , que che-

go a gozar tanto bem , quando me considerava na maior afflicção do meu mal.

Syr. Não me será preciso , querido Adolonimo , manifestar-te , o quanto te quero , pois o presente effeito da minha fineza dá cabal mostra do meu amor ; e delle obrigada entrei a ver-te nesta torre quando admirei a impaciente temeridade , que intentava teu afflicto peito ; e assim te peço (se alguma cousa te mereço) pelo que te adoro , suavizes com a esperança de melhor sorte o cruel tormento da tua desgraça ; porque o infortunio ás vezes se cansa de perseguir , e tambem no mal he inconstante a fortuna.

Adol. Não he a prizão que padeço , nem a morte que espero , a maior pena que sinto ; só o que me atormenta he o ver , que outrem te ha de gozar , quando eu te perco. Ai adorado bem da minha alma , que só esta consideração he o maior algoz da minha vida.

Syr. Vive seguro , que ou hei de ser tua , ou de outro não hei de ser ; para o que procurarei melhor occasião de te dar liberdade : fica-te embora , que receio que me procurem.

Adol. Attende , espera , que essas palavras foram o mais poderoso contraveneno de meu mal ; e se se manda repetir o remedio , que causa conhecida melhora em qualquer corporea enfermidade , he justo o mesmo faças a essas palavras , que tanto suavizarão a esta alma enferma de amor.

Syr. Digo , que podes ter a certeza , que antes per-

perderei a vida , que deixar de ser tua : os
Deoses te guardem. *quer ir-se.*

S O N E T O.

Adol. Espera , espera mais , Syrene amada ,
Communica-me hum pouco esta ventura ;
Porque perde o valor de ser segura
A dita , que fugio , quando chegada.

Syr. Permite , que me ausente violentada ;
Pois neste apartamento amor procura ,
Que antes tinta a saudade a pena dura ,
Do que fique a esperanza mal lograda.

Adol. Vai-te pois , segue embora esse conceito ,
Que posto queira a sorte hoje ausentar-te ,
Sempre ficas comigo no meu peito.

Syr. Fica-te , amor , que ainda que aparte
A esperanza com tão tyranno effeito ,
Comigo dentro n'alma hei de levar-te. *Vai-se.*

A R I A.

Adol. Alviçaras , amor ,
Minha dita hoje decanta ;
E se minha gloria he tanta ,
Alviçaras me dá.

Larga as settas , toma a tuba ,
Publica tanta victoria
Pois timbre da tua gloria
Esta victoria será. *Vai-se.*

S C E N A IV.

Jardim. Sabe Pimentão com o vestido da primeira Scena, e com hums alforges.

Pim. **C**omo meu amo falta desde hontem no jardim, antes que se saiba com a falta d'elle que era eu, o que fiz, e aconceci, vou-me escapando daqui, antes que venha alguem por cá; pois já que me livrei de huma, bom setá não me metter n'outra. Aqui levo de caminho o fato daquelle bom homem, que tão solto andava por se receber, que se quiz casar com hum tronco; ainda que me não admira, pois lá houve hum que quiz casar com huma arvore, outro com huma estatua de pedra, outro com huma pintura &c. que isto não he para mim que sou hum asno.

Sabe Cadeia.

Cad. Vosse o diz, que eu não o nego.

Pim. He porque vossa mercê me traz por hum cabresto; ainda que quando a vejo, me parece que ando bem desencabrestado.

Cad. Vosse não servio a Adolonimo?

Pim. E tambem se vossa mercê se quizer servir de mim, a servirei como puder.

Cad. Pois vá-se antes que o achem, e o prendão.

Pim. Não me acharão facilmente, porque estou mui perdido.

Cad. Está perdido?

Pim. Sim, no labyrintho desses olhos.

Cad. Vá-se, que não o entendo, senão eu me hirei.

Pim. Ouça primeiro huma historia neste

S O N E T O.

Era huma vez hum dia ; sim , bem digo :
 Era hum dia huma vez : vai senão quando
 Hia hum moço bizzarro caminhando
 A buscar n'uma casa a hum feu amigo :
 Olhe , menina , ás vezes hum perigo
 Se levanta dos pés não se cuidando ;
 Mas ai que vão se as quadras acabando !
 Agora nos tercetos eu profigo.

Hia elle direito como hum espeto
 Que esta moda , Senhora , já se usava
 De andar hum homem feito hum esqueleto :
 Ora ha caso como este ! he cousa brava !
 Que já agora no resto do Soneto
 Não me cabe a historia que contava.

Cad. Isso he o mesmo que tudo nada entre dois
 pratos ; deixe-me hir embora , que o não pos-
 so ouvir.

Pim. Ora ouça-me mais duzentos , ou trezen-
 tos sonetos.

A R I A.

Cad. Cale-se tolo , tolinho.

Pim. Oh meu bemzinho.

Cad. Oh meu asninho ,

Pim. Denguinho ,

Cad. Burrinho ,

Ambos. Não digas tal.

Cad. Va-se embora asneirão.

Pim. Meu coração.

Cad.

Cad. Meu toleirão.
Pim. Minha afeição.
Cad. Basbaqueirão.
Pim. Baste ora } já.
Cad. Cale-se }

Sabe Çapato.

Çap. Bom! bonito! Isso está lindo, meus Senhores! Essas galhofinhas não são más! nem esses saltinhos, minha menina!

Cad. Pois por ventura, Senhor Çapato, estes saltos são da sua conta?

Pim. Ai que estou perdido, que he o casador mór do Reino! Mas talvez que me não conheça. *á parte.*

Çap. Vossa mercê, Senhora Cadeia, tem muita soltura.

Cad. Vossa mercê, Senhor Çapato, ha de mister huns cordeis.

Çap. Quem he esse sojeito, que tambem bailava por concomitancia?

Pim. Ei-lo comigo. *á parte.*

Cad. He sujeito de melhores predicados que vossê.

Çap. Não a quizera eu no responder tão logica.

Cad. Não o tomára eu no inquirir tão juridico.

Çap. Mas ai! Elle he! Oh meu cavalheiro? *para*

Pim. He o mesmo! *á parte.*

Pim. Falla comigo?

Çap. He o mesmo! Oh magano que me enganou.

Pim. Com quem falla este Senhor? *para Cad.*

Cad. Eu sei que salvage he etle.

Çap. Não disfarce, velhaco, que me ha de pagar o que me fez.

Pim.

Pim. Vossa mercê está em seu juízo, meu coração?

Çap. Ainda nega que foi o que me prendeo, dizendo, que o querião casar com essa menina?

Cad. Ai que graça!

Pim. Já sei que está enganado. A's suas ordens, meu Senhor. *faz que se vai.*

Çap. Tenha mão, que ha de vir diante delRei. *pega nelle.*

Cad. Antes que succeda alguma, vou-me embora. *Vai-se.*

Pim. Vossa mercê devia jantar hoje bem. Pois vá cozillo com quem quizer.

Çap. Cuida que me não ha de pagar as injurias, que me fez soffrer?

Pim. Sim pagarei; quanto quer por ellas?

Çap. Vossé logra-me? Ande comigo.

Pim. Large a mão, senão levará nos narizes.

Çap. Oh arevido.

Pim. Pois á que não larga, tome. *da-lhe.*

Çap. Ah que delRei, ah que delRei.

Pim. Cale-te, cale-se, que eu estava zombando.

Çap. Ah que delRei.

Subem ElRei, e Demetrio.

Rei. Quem lá aqui vozes?

Pim. Lá vai Pimentão desta vez. *á parte.*

Çap. Este heo magano que me enganou com o casamento.

Dem. Este heo criado de Adolonimo, que eu bem o conheço.

Pim. Eu, Senhor?

Dem.

Dem. Sim, tu és.

Pim. Sim tu és? Pois então está feito.

Rei. Dize-me, a que entraste mascarado com teu amo?

Pim. Entraste mascarado? Nunca taes traftes tive.

Rei. Oh da guarda, levem este criado de Adolonimo para a prizão, para que tambem o acompanhe na morte. *Vai-se.*

Sabem Soldados.

Çap. Já vou satisfeito, e vingado. *Vai-se.*

Pim. O tal Çapato deo comigo á sola. *á part.*

Sold. 1. Vamos andando.

Dem. Levem-no já dahi, que na fora confesará quem he seu amo.

Pim. Na forza quem he seu amo? Pois então sou seu criado. *fazendo cortesias.*

Sold. 2. Ande depressa.

Pim. Ah Senhores, escuzem de me metter as mãos nos alforjes.

Sold. 1. Que diz? Vossê sabe com quem falla?

Pim. Sim Senhores, eu supponho que ossas mercês são como aquelles excellentes agarradores, que agartão não só aos prezos, mas tambem as alfaias, que elles trazem comfigo.

Vai-se com 6 Soldados.

Dem. Oh quanto se demora hum ventura, quando he appetecida! pois pelo desgosto que cautou a ElRei o traidor atrevimento de Adolonimo, se tem dilatado a glori que já podia ter possuido; e assim me parece que sou. . .

A R I A.

Navegante, que avistando
Ao porto appetecido,
De tormenta combatido,
Perde a terra desejada.

Rigorosa tempestade
Me assaltou de huma desdita,
Dilatando-me huma dita,
Que podia ter lograda.

Sabe Orintia.

Orint. Já vejo a Demetrio: Ah ingrato, quanto mal pagas o que te quero! *á parte.*

Dem. Mas Orintia dias ha que dá a entender que me ama; porém fingirei que não a entendo, pois perco o Reino de Sydonia, se perco a Syrene. *á parte.*

Orint. Pensativo estás Demetrio? já no cuidado-so pareces casado, quando na realidade ainda o não és.

Dem. Sempre deve estar triste, quem se vê mal acceito.

Orint. Não he porque deixe de haver quem deveras te ame.

Dem. Bem entendo, que por si o diz; mas importa disfarçar. *á parte.* Não me considero tão venturoso. *par.: Orintia.*

Orint. Se deixares de amar a Syrene, muito brevemente me parece que o verás.

Dem. Ausentando-me atalharei que se declare mais. *á parte.* Vem tão tarde esse conselho, que

que já não o posso aceitar: concedei-me, Senhora, licença que ElRei me espera.

para Orintia.

Vai-se.

Orint. Vai-te, ingrato; amor me vingue de ti, já que pelo limitado interesse de hum Reino desprezas o grande Imperio de amor. Não te fora melhor reinar em hum coração rendido; que aspirares ao dominio de hum peito, que te resiste?

A R I A.

Demetrio ingrato, e querido,

Se ao reinar desejofo

Te moves ambicioso,

Em meu peito reinarás.

Amor o seu vasto Imperio

Das potencias te offerece,

Com os thesouros te enriquece

Dos affectos em te amar.

Vai-se.

S C E N A V.

Torre. Sabe Adolonimo.

Adol. **O**H penoso tormento! oh rigorosa pena! quando acabareis de affligir-me? Porém já sei que brevemente tereis fim, pois por instantes espero a morte, e só nisto vos confidero mais suaves, porque nas penas se encontra o allivio, na certeza de serem as ultimas, e no mal se acha o bem da esperança de durar pouco.

Sabe de outra parte Syrene.

Syr. Para ver se posso por em liberdade a Adolonimo.

Ionimo (se he que póde dar liberdade a outrem quem perdeu a propria) venho segunda vez a esta Torre. Oh permittá Jupiter que consiga meu amante intento. *á parte.*

Adol. Ah Estrato, que tu és o extracto de toda a tyrannia!

Syr. Livrando-o desta prizão, posso ter mais esperança de ser sua. *á parte.*

Adol. Adorada Syrene, o mais resplandecente astro do Ceo da formosura, como a Sol vos festeja a minha alegria, quando com a vossa vista desterrais as sombras da minha tristeza.

Entra ElRei recatando-se, e Syrene o vê, e não Adolonimo.

Rei. Seguindo a Syrene aqui occulto ouvirei a que fim entrou nesta Torre; que se for traidora ao sangue, que lhe communiquei, com hum punhal lho hei de tirar das veias! Ah ingrata filha! *retira-se.*

Syr. Ai de mim infeliz, que se não me enganou, a meu pai vi alli occultar: agora se conjurou toda a desgraça contra mim. *á parte.*

Adol. Aborrido estou, Senhora, do vosso silencio.

Syr. Não póde chegar a mais a minha desdita, nem eu podia esperar menos da minha fortuna. *á parte.*

Adol. Muito triste está Syrene! que será! *á p.*

Syr. Não sei que hei de fazer: valei-me Deuses em tanto rigor. *á parte.*

Adol. Se vindes, Senhora, dar-me a noticia da minha morte, não duvideis lêr a sentença;

ça ; porque já nenhum mal me assusta o coração.

Syr. Porém se me der lugar a perturbação , fingirei deste modo. *á parte.* Bem sei , atrevido Adolonimo , tereis por novidade o veres-me neste lugar ; porém assim o permite a minha ira , e a vossa ousadia. *para Adolonimo.* (Oh quem pudera avizallo que disfarçasse.) *a p.*

Adol. Que he isto , valhão-me os benignos Deuses. Ou me tem louco a pena , ou apenas estou em mim. *á parte.*

Syren. E assim vos quero perguntar , com que intento sabistes a embaraçar o desejado desposorio , que ditosamente contrahia com Demetrio. Oh que mal posso pronunciar estas palavras ! *á part.*

Adol. Como não estallas coração dentro deste desgraçado peito ! *á parte.*

Syr. Oh piedoso Jupiter remedêa compassivo o perigo , em que estou. *á parte.*

Adol. Ah mudavel , ah falsa ! Esta he a liberdade que me prometteste dar ? *á parte.*

Tyranna deidade , se . . . *para Syren.*

Syr. Nem reposta vos quero ouvir , porque basta para satisfazer-me a vingança , que hei de conseguir com a vossa morte.

Adol. Impia he a vossa cruel sentença , pois nem me permittis o responder , por temeres vos convença a minha justiça.

Syr. Ai Adolonimo se conhecesses o meu interior ! *á parte.*

Adol. Não he este mesmo o lugar onde ouvi que *Syr.*

Syr. Não profigais , que mais me offendem as desculpas que pretendeis allegar.

Adol. Oh penas , poderá chegar a mais o vosso effeito ? *á parte.*

Syr. Oh rigores , poderá haver em vós mais tyrannia ? *á parte.*

Adol. Como não tem já fim esta vida , que tanto aborreço ?

Syr. Valei-me Deoses , que não pôde o coração dissimular tanta mágoa. *á part.*

Rei. Como já sei o fim , a que veio Syrene , quero entrar outra vez claramente , porque não prefuma a minha desconfiança. *á part. e vai-se.*

Adol. Senhora , em que vos offendi ? Se o excesso de adorar-vos.

Syr. Suspende o aleivoso éco. (Ai de mim que se declara ! *á parte.*

Adol. Permitti-me ao menos o queixar-me de tão

Syr. Emmudece.

Adol. Repentina mudança !

Syr. Não profiga mais o vosso atrevimento.

Estrondo na porta da Torre , e entra ElRei.

Adol. Mas quem será o que entra ? Porém ElRei . .

Syr. Como he possível , (ai de mim !) que meu Pai entre agora , quando eu cuidava que me estava ouvindo. *á parte.*

Rei. Como assim vos vejo , Syrene , nesta torre , quando a ella me conduz o saber se estão seguras as prisões de Adolonimo ?

Syr. Senhor , com a chave , que tu não ignoras

ras tenho desta torre , entrei a estranhar a effe fementido o feu atrevimento , e assim aos teus pés , se nisto errei. . . ajoelha.

Rei. Levantai-vos , e ainda que vos não louvo a acção , vo-la perdo-o , até averiguar com cautella se he assim. á parte.

Adol. Como tardas , oh *Rei* , em me despojar deste alento que respiro ?

A R I A A 3.

Rei. Vai-te oh *Barbaro* insolente.
Aparta-te de mim.

Adol. Se offender não foi meu fim,
Em que te offendi } traidor.

Rei e Syr. Pois te conheci

Rei. Em iras respira o peito.

Syr. Mal me animo. á parte.

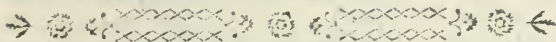
Adol. Mal me alento. á parte.

Rei. e Syr. Não foi traidor meu } intento.
Mas ao teu traidor

Adol. Para haver tanto

Rei. e Syr. Corresponda o meu. } rigor.

Vão-se.



ACTO III.

SCENA I.

Sala. Sabem ElRei , e Cadeia.

Rei. **A** Qui pretendo averiguar a suspeita , que me ficou de encontrar na torre a Syrene ; e se me certificar do que presumo , ha de desfazer com o sangue a mancha do seu descredito. *á parte.*

Cad. ElRei trazer-me para aqui só consigo , que será ? Eu huma moça donzella , e elle hum homem viuvo , isto he alguma coufa. *á parte.*

Rei. Desta criada hei de saber se quer bem a Adolonimo. *á parte.*

Cad. Ai que elle olha muito para mim ! certos são os touros ; pois se elle desse em me querer bem , e me fizesse Rainha , eu me vingaria de certas pessoas que sei. *á part.*

Rei. Quero primeiro levalla por bem ; e o que não puder com agrados , conseguirei com rigores. *á parte.*

Cad. Elle tem pejo de me fallar , pois eu tambem me hei de fazer muito de manto de seda. *á parte.*

Rei. Vem cá minha Cadeia:

Cad.

Cad. Que me quer Vossa Magestade? (Ai he o que eu digo.) *á parte.*

Rei. Bem sei terás por novidade o chamar-te aqui.

Cad. De contentamento me estão tremendo as pernas. *á parte.*

Rei. Porém a ira, e o amor tudo desculpa.

Cad. Ai que ahi se declarou, que me tem amor: oh que ditosa que sou. *á parte.*

Rei. Tu bem sabes que sou Rei de Sydonia.

Cad. Bem sei que Vossa Magestade pôde tazer Rainha a quem quizer.

Rei. E que posso gratificar todo o affeição de quem me fizer o gosto.

Cad. Sim, mas Vossa Magestade bem sabe que sou huma moça donzella.

Rei. E assim de ti espero, que me has de aqui descobrir o teu peito.

Cad. Ai Senhor, descobrir o peito assim sem mais, nem mais?

Rei. E se o fizeres, como pertendo, espera de mim todo o premio, que podes appetecer.

Cad. Não sei se será bom pedir-lhe escrito de casamento? *á parte.*

Rei. Ah ingrata filha! *á parte.*

Cad. Desta vez fico Rainha, e minha ama feita minha enteada. *á parte.*

Rei. E assim supponho sabes o que pretendo, em querer me descubras o teu peito!

Cad. Se Vossa Magestade me quizesse fazer hum escrito, já se sabe....

Rei. A minha palavra he a propria escriptura.

Cad. Sim, Senhor, mas o prometter he mais facil, que o pagar. *Rei.*

Rei. Pois presumes que eu poderei faltar ao que prometto ?

Cad. Não Senhor , mas como ha morrer , e viver

Rei. Fia de mim toda a segurança.

Cad. Olhe , a fallar a verdade , Voíssa Magestade sempre necessitava de quem lhe governasse a sua casa , mas a Senhora Syrene não ha de gostar , em sabendo que que eu cá . . .

Rei. Não receies a Syrene , pois te basta o te-resme da tua parte.

Cad. Ora ahi vai , e veja lá ao depois . . .

Rei. Nada temas.

Cad. Isto são mãos perdidas. *á parte.* Ahi lhe faço já o gosto , ahi lhe descubro o peito.

Ao dizer as seguintes palavras descobre o peito , e torna a cubrillo.

Cad. Ora eis-ahi , eis-ahi , ora pois , vio já ? Como he maganão ! *melindrosa.*

Rei. Que louca he esta ! Pois não presumas com esses nescios disfarces , que deixarás de pagar com a vida , se me não descobrires , se Syrene ama a Adolonimo.

Cad. Que he isto ! oh desgraçada de mim ! *á p.*

Rei. Prepara-te , ou para morrer , ou para confessar.

Cad. Oh quem se pudera sepultar debaixo do chão. *á parte.*

Sabe Demetrio.

Cad. Vio-se alguem em maior aperto ? *á parte.*

Rei. A que má occasião vem Demetrio ! Porém importa disfarçar , para que não presume o que intento saber de Syrene. *á parte.*

Dem. Senhor , Vossa Magestade tão suspenso ?

Cad. Boa occasião tenho de escapar daqui.

á parte e vai-se.

Rei. Em que cuidado , Demetrio , he que esse traidor em todos os modos seja hoje vil despojo de hum cutello.

Dem. Como o ordenaste , hoje ha de morrer com o criado.

Rei. Pois vamos que hoje será tua Syrene. *Vai-se.*

Dem. Oh premitta amor que veja o fim a tanta esperança.

A R I A.

Louca esperança minha

Da posse , que não se alcança ,

Creiò que és louca esperança ,

Pois iouco estou de esperar.

Quando ha de chegar a posse

Desse peregrino encanto ?

Mas como o desejo tanto ,

Muito tarde ha de chegar.

Vai-se.

S C E N A II.

Torre. Sabe Adolonimo , e depois Pimentaõ.

Adol. **A**H ingrata Syrene , que mais sinto a tua falsidade , do que a morte , que por instantes espero ! Em que te offendi , tyranna , para tão repentinamente fazeres tal mudança ? Estas são as firmezas que me prometteste ? Esta a constancia que me juraste ?

Pim.

Pim. Ai que me matão sem remissão ! Ai que me enforcão sem appellação , nem agravo !

Adol. Suspende , Pimentão as queixas , que não he valor temer a morte.

Pim. Eu se estranho o morrer , he por ser a primeira vez que tal me succede.

Adol. Oh quem antes mil vezes morrêra , que experimentar a falsidade de Syrene !

Pim. Ah tal syrepear ! Eu , Senhor , te confesso , sem cerimonia , que já não posso ouvir a serenata , com que sempre tão sereno , me estás serenizando o cerebro.

Adol. Oh quem já com o fim da vida puzera limite a tantas penas !

Pim. Deixemos isso , e dize-me em tua consciencia (se he que a tens , pois me chegaste a estes termos) eu tenho já cara de entorcado ?

Adol. Bem sei que tens razão de te queixares de mim ; porém perdoa-me.

Pim. He muito boa consolação esta ; mas eu te prometto que já agora fim morrerei por esta vez , mas affirmo-te que não hei de servir mais a ninguem.

Adol. A compaixão me move a tua desgraça.

Pim. Se dessa compaixão mais cedo te tivéras movido , não seria eu agora infeliz abortto do parto da tua temeridade.

Adol. Ah cruel Princeza ! ah tyranna !

Pim. Tornamos á vaca fria da Princeza ?

Adol. Oh quanto me paracia serem os peitos nobres isentos de enganos !

Pim. Senhor , deixa-te disso , e dize-me se isto de ser enforcado he cousa que doa muito?

Adol. He morte , além de violenta penosa.

Pim. Ai meu rico peço do meu coração , que te has de hoje ver em tão grande aperto !

Adol. Pena me causa o ouvillo ! *à parte.*

Pim. Ah Senhor , dizem que huma cousa tem de boa os enforcados , e he que tanto que lhe apertão o gáfnate , nunca mais gáfnão em comer , nem beber.

Adol. Louco te faz a imaginação da morte.

Pim. Não vêz , Senhor , que diz Aristoteles , que *imaginatio facit casum.*

Adol. Tens razão.

Pim. E me parece que estou já enforcado *per intellectum.*

Adol. Ai, Syrene mudavel ! ai inconstante Syrene !

Pim. E o peor he , que logo o havemos ser *à parte rei.*

Adol. Que dizes ?

Pim. Que logo havemos ser enforcados da parte delRei.

Adol. Tomára eu já que este fora o ultimo instante da minha vida.

Pim. Olha Senhor , que he morte além de violenta , penosa.

Adol. A morte sempre he tormento ,
Sendo breve , he menos mal ,
Mas he pena sem igual
O morrer a fogo lento :
He este modo violento ,

E he morte mais rigorosa ;
De seu fim tarde se goza ,
Sendo no muito que atura ,
Por dilatada , mais dura ,
Por continua , mais penosa .

Pim. Adverte , Senhor Adolonimo , que estas casas são izentas de Decimas ; mas visto feres tu tão grandioso , eu tambem quero pagar a que me toca , por descargo de minha consciencia .

He possivel , que louvar
Se use o morrer desta sorte !
Pois eu semelhante morte
Já mais a pude tragar :
Morrer hum homem no ar ,
Qual de dependura hum cacho ,
Nenhuma graça lhe eu acho ;
Nem pôde por vida minha ,
Passar-me a tal mortezinha
Da garganta para baixo .

Adol. Oh morte , como não voas para este infeliz , se sabes que das minhas penas podes fabricar duplicadas ázas !

Pim. Oh morte , mãos raios te pattão , pois partes como hum raio contra mim .

A R I A .

Adol. Desesperado , confuso ,
Louco , e enfurecido
Busco cégo e já perdido
Qual remedio ao mesmo mal :

Abor-

Aborreço a cara vida ,
 De todo o bem desespero ,
 E até da morte que espero ,
 Me atormenta o esperar.

Vai-se.

Pim. Olha , Senhor , que he morte além de violenta , penosa. Mas foi-se desesperado de esperar a morte , quando a minha desesperação he porque a espero. Mas ai enforcado de mim , que se não me engano a hi sinto já vir os algozes ! E que estrondo vem fazendo estes medonhos archeiros da morte , racionaes gravatas do cachaço humano !

Sabe Çapato com humã condeffa.

Pim. E o que vem por guia he o cruel Çapato , que por lhe eu metter duas pallas me tem posto no calçado velho.

Çap. Ora que vai de novo , meu amigo ?

Pim. Vem ahi os mais camaradas enforcatrizes ?

Çap. Não se affuste que não lhe faltará huma hora em que morra ; e por agora venho só trazer-lhe este conforto , que no dia da morte se costuma dar aos padecentes. Ahi tem para seu amo , e para vossê , que lhe faça muito bom proveito.

Pim. Assim lho faça a vossê quanto comer em seus dias.

Çap. Ahi tem , leve a seu amo que eu espero pelos pratos , que me são precisos ; e não se desconsole que logo ha de acabar os dias da sua vida.

Pim.

Pim. Ah perro , que te cahio a sopa no mel para a vingança. *á part.*

Çap. Ora diga-me lo Pimentão ; todavia resolveo-se a casar com a Senhora Cadeira ? Que tal se acha com esse matrimonio ?

Pim. Ainda espero que vossê me ponha embargos.

Çap. Ora não diga isso , que a noiva he muito fizuda , encerrada , e muito rica , porque tem muito ferro , ainda que sem letra.

Pim. Bem pudéra vossê fazer-me neste dinheiro algum troco , trocando-se comigo.

Çap. O trocado ha de vossê hoje dançar no ar.

Pim. Antes cegues que tal vejas. *á part.*

Çap. Ah cãozinho , que hoje te has de fazer humas pascoas , e a mim me não hão de faltar prazeres de te ver.

Pim. Cale-se , que ainda não sabe o que será de vossê.

Çap. Ora ande , que he hum asno ; tão máo he ver o enterro em vida ? E para que veja como sou seu amigo , eu mesmo lhe levarei hum banquinho para vossê o hir vendo com mais descanso.

Pim. Que me não possa eu vingar deste velhaco ! *á part.*

Çap. Ah perro , que estás pulando por te veres ja nessas limpezas.

Pim. Não me logre ; Senhor Çapato , que ainda o poderei apanhar descalço.

Çap. Já agora seguro está o barco.

Pim. Mas ter máo , que já dei em huma boa.
Eu

Eu trouxe nos alforjes o vestido , que elle comigo trocou , que he semelhante ao que traz , com o qual espero escapar da morte , e vingarme delle. *á part.*

Çap. Não cuide nisso , se he que lhe dá pena.

Pim. Não me dá senão gosto. Ora eu vou levar a condeça , e em tanto pôde retirar-se para aquella sala , que tem assentos.

Vai-se com a condeça.

Çap. Não preciso de assentos , porque agora bem descansado estou , porque me vejo livre de ti. Vai , que bem vingado me chego a ver das injurias que me fizeste passar. Veremos agora se te trocas comigo ; mas já estou disso seguro , e hoje me regalarei de te ver pernear em huma forca. Ora vejamos isto cá por dento. *Vai-se.*

S C E N A III.

Campo. Diz dentro Pimentão.

Pim. **C**Om licença , Senhores guardas. *dentro.*

Sold. Não quizerão comer ? *dentro.*

Pim. Peior he esta , se agora reparão em mim. *á part.*

Sold. 2. Pois venha , que nós lhe aliviaremos o pezo. *dentro.*

Pim. Esfecião quietos , não brinquem comigo.

Sold. 1. Ora venha ao menos huma pinga.

Pim. Está boa impertinencia ! deixem-me hir em cortezia.

Sold. 2. Deixa-o hir , que isso he hum salvage. *Sabe*

*Sabe Pimentão com o vestido de Çapato ,
com a condeça.*

Pim. Mais salvages são vossês , que os logrei. Já o maior perigo he passado ; o que importa agora he não encontrar alguém , que me conheça , que bom foi guardar estes trapinhos , que tanto agora me servem , e lá fica o miseravel em meu lugar.

A R I A .

Se quem tem capa
Sempre se escapa
Eu escapei ,
Porque alcancei
Verme com capa.

O meu Çapato
Fica fechado
E bem logrado
Se ha de achar.

Sabe Demetrio , e vê a Pimentão.

Dem. Se não me engano , a Çapato vejo vir da torre.

Pim Ai desgraçado de mim , que aquelle , ou he Demetrio , ou o diabo por elle. *á parte.*

Dem. Chamallo-hei para lhe perguntar o que faz Adolonimo , que certamente me compadeço da sua desgraça ; pois não se satisfaz a ira de hum nobre , sendo vingada por outrem.

Pim. Ai que me atalha os passos ! Agora acabo de crer , que sou desaventurado. *á parte.*

Dem.

Dem. Çapato ?

Pim. Senhor, lá vou para casa. *andando.*

Dem. Ouve o que ti digo.

Pim. Vou agora carregado, não me posso deter.

Pim. Espera, que tenho que dizer-te.

Pim. Ora deixeme aqui : ah. tal impertinencia!
vai andando.

Dem. Tu não ouves o que te digo ?

Pim. Deixe-me hir lá pôr isto, já venho. Não há mais remedio que fugir a bandeiras despregadas. *á parte.*

Vai para fugir, sabem-lhe ao encontro Çapato, e e dous Soldados.

Çap. Este he o magano, agarrem-no depressa.
pegão nelle Çapato, e os Soldados.

Dem. Que he isto, oh Çapato ?

Çap. e Pim. Senhor ?

Dem. Respondem-me dous ! Que he o que vejo ?

Pim. He hum par de Çapatos.

Çap. He este magano que me tornou a enganar segunda vez.

Dem. Dize me, insolente, como sahiste da prizão em que estavas ?

Pim. Eu digo a vossa mercê : assim deste modo.
querendo fugir.

Dem. Adverte que te despojarei da vida, se intentares a minima repugnancia.

Pim. Não he preciso vossa mercê molestar-se com isso.

Çap. He bem defavergonhado !

Dem. Quem te deu esse vestido ?

Pim.

Pim. O seu criado, quando queria casar.

Dem. He possível que enganasses a mais de quarenta guardas que tem a torre!

Pim. Elles he que se enganarão comigo.

Sold. 1. Senhor, como vimos o mesmo vestido, e a condeffa do que entrou, era facil o engano.

Çap. E tem duvida escapava, se eu admirado da tardança o não buscára.

Dem. Levem-no para ja torre, e tenham vigilancia com estes prezos, que são de grandes astucias.

Pim. Vamos, que por mais que queira livrar este maldito pescoço, he escusado, porque já vejo que nasceo para garrote.

Vai-se com os Soldados.

Çap. Ah Senhor, vamos depressa, que ainda aqui me não dou por seguro. *Vão-se.*

S C E N A IV,

Sala. Sabe Syrene, Orinta, e Cadeia.

Cad. **E**U, Senhora, cuidava outra cousa, e o que elle queria perguntar era, se tu querias bem a Adolonimo; e se não entra Demetrio, temos muita lá que tingir.

Orint. Ai Demetrio ingrato, quanto mal agradeces o que te quero! *á parte.*

Syr. Ai Cadeia, logo eu prezumi, quando meu pai me vio na torre, que elle ficava suspeiando o meu intento, que por disfarçallo
me

me parece deixei a Adolonimo duvidoso da minha firmeza.

Cad. E já elle me queria matar , se eu não confisasse.

Syr. Porém pouco sinto tudo isso em comparação da pena irremediavel , de que dizem , que logo Adolonimo não me atrevo a proferillo. *Chora.*

Orint. Não te entreguês , Prima , tanto á pena.

Cad. Senhora , que remedes tu com tantos excessos ? Por ventura com chorares tanto ha de deixar de morrer ?

Syr. Suspende a tyranna voz (ai de mim !) pois se não posso proferir essa cruel palavra , menos a poderei escutar.

Cad. Talvez que viva

Syr. Assim mo diz o meu coração ; que se fosse tão tyranno para comigo , que me dissesse o contrario , eu mesma o arrancára do peito.

Cad. Tyranna estás até para comigo.

Orint. Oh permittão os Deoses que Adolonimo viva ; pois em quanto elle não morre , vive em mim a esperança de ser de Demetrio. *á parte.*

A R I A.

Syr. Inimiga de mim propria
A triste vida aborreço ;
Só a morte he que appereço
Por allivio a tanto mal.
Fim não vejo ao meu tormento ,
Pois que em tanto padecer

Não

Nem acabar de morrer

Posso comigo acabar.

Vai-se.

Cad. E tu, Senhora, como estás com os amores de Demetrio?

Orint. Ai Cadeia, amando cada vez mais, e esperando cada vez menos.

Cad. Pois para que te pozeste a amar a quem te não quer?

Orint. Eu te digo a causa.

Cad. Já sei o que pretendes fazer; eu ando meia ariada, tu a gora me queres embutir mais essa ariada para me ariares de todo.

A R I A.

Orint. Violenta me impellio

Amor cego, e Deos tyranno,

Tão cruel, e deshumano

A hum ingrato adorar.

O não ser correspondida

Desdita he da minha forte

E deste rigor tão forte

O remedio he só penar.

Vai-se.

Cad. Que te faça muito bom proveito. *Vai-se.*

S C E N A V.

Porta da Torre, e Campo, aonde estará humo forca para Pimentão, e hum cadafalso para Adolonimo. Sabe Pimentão a enforcar com algoz, e Soldados junto delle.

Pim. **R** Equeiro a vossas mercês, que quero hir de meu vagar, já que vou violento.

Sold.

Sold. 1. Venha como quizer, que hoje lhe havemos fazer todas as vontades.

Pim. Aceito a palavra. Pois eu tenho vontade de me hir daqui embora.

Algoz. Isso não, meu amigo.

Pim. Quem he este mestre das reparações, que aqui vem á minhailharga?

Sold. 2. He o verdugo.

Pim. - Pois então requero que não quero hir com elle.

Sold. 1. Porque razão?

Pim. Porque neste tempo he crime andar com verdugos.

Sold. 1. Não lhe dê isso cuidado.

Pim. Tambem me não ha de causar pena não saber eu porque carga de agoa me enforcão?

Sold. 2. Deixe-se disso, e vamos andando.

Pim. Ora senhores, deixem-me descansar, e tomar algum alento.

Sold. 1. Sim, mas por pouco tempo.

Pim. Tomára-me eu fortalecer com huma gota de licor tavernal.

Sold. 1. Não deixará de satisfazer esse desejo.

Pim. Só por esta piedade se pôde ser enforcado.

Sold. 2. Aqui tem.

Pim. Ora passemos este ultimo trago da vida *bebe e cospe fóra.* Ah senhores, logo pelo aspero parece vinho de enforcado.

Sold. Será algum tanto cascarrão.

Pim. Pois se he cascarrão vá pela saude do senhor carrasco.

Algoz. Que lhe preste.

Pim.

Pim. Assim preste a v. m. como a mim me custa a passar estes amargozos tragos!

Sold. 1. Amarga ao pez.

Pim. Mais negro que o pez o hei de eu logo amargar.

Sold. 2. Vamos andando que já vem sahindo Adolonimo.

Pim. Ai meu rico Amo, quanto sinto verte neste estado! Quem me déra estar dez, ou doze legoas daqui só por te não ver.

Sabe da Torre Adolonimo acompanhado de General, e Soldados.

Algoz. Vamos, que he tarde.

Pim. V. m. tem muita pressa? Pois se tem que fazer, vá que eu esperarei; e em quanto vai, e vem, me folgão as costas.

Algoz. O que tenho que fazer he enforcallo.

Pim. Pois olhe v. m. sim me enforcará por esta vez, mas eu lhe prometto que ella seja a primeira, e a derradeira.

Algoz. Assim o creio; ora vamos, que já está perto.

Pim. Ai que já estou ao pé da forca! Ah Senhores, enforcuem primeiro a meu Amo, que terá mais pressa do que eu.

Algoz. Não tenho essa ordem.

Pim. Pois eu o enforcarei.

Sold. 1. Essa he a tua lealdade?

Pim. Pois ainda v. m. duvida que todo o criado he o maior verdugo de seu amo?

Algoz. Vamos, e deixemos razões.

Pim. Ora , Senhor , se isto ha de ser , peço-lhe por favor , que me enforque muito de mansinho.

Algoz. Todo o bem se lhe fará.

Pim. Na verdade he de admirar ver os bons genios , e brandura que tem toda esta comitiva enforcante !

Algoz. Não sei se o diz de veras.

Pim. Se eu de veras não o digo , enforcado morra eu daqui a cem annos.

Algoz. Ora vá se chegando para a escada.

Pim. Que não haja quem ponha embaraço a este baraço , que me espera !

Algoz. Não será facil.

Pim. Eu lhes confesso , que não posso morrer , porque tenho esta morte atravessada nas goellas.

Algoz. Chegue-se para a forca , que eu lha desapegarei. *sobe até o meio da escada.*

Pim. Não ha quem me acuda ! Ai desgraçado Pimentão , que amargosa morte que tens ! Oh Baco permittes que eu assim morra ?

Dentro Viva , viva. *vozes ao longe.*

Pim. Ai , que responde , que viva ! Oh piedoso deos , que sempre havias acudir a hum Pimentão , como atractivo do teu licor !

Sold. 1. Que novidade será esta , dizerem confuzas vozes.

Dentro. Viva o grande Alexandre , viva. .

Pim. Aquillo não he comigo ; mas viva quem vence.

Dentro Viva o invicto Alexandre , viva.

Pim.

Pim. Viva o afflicto , e Alexandre viva.

Gener. Parece a execução que entra por este lugar Alexandre Magno em Sidonia.

Adol. Que sempre haja embaraços para a morte de hum infeliz !

Pim. Viva Alexandre , viva.

Sabe Alexandre Magno , e acompanhamento.

Alex. Para quem he aquelle patibulo ?

Gener. Saberás , Senhor , que he para nelle morrer Adolonimo.

Alex. Suspenda-se a execução , e venha Adolonimo a Palacio á minha presença ; pois pela noticia que delle tenho , mais me parece ser acrador de premios , que de castigos.

Gener. Como o ordenas , se executará.

Vai se Alexandre Magno , e acompanhamento.

Adol. He possivel que procurem os Deoses dilatarme a vida , porque desejo a morte ! Oh nova especie de tyrannia , negar-se hum mal , porque se appetece como bem ! *Vai-se Adolonimo , o General , e o seu acompanhamento.*

Pim. Ah Senhores , levem-me tambem com meu Amo , porque desta execução eu tambem sou membro , ainda que podre pelo máo cheiro.

Sold. 1. Vamos , que bem sei que a ambos pertence.

Pim. Oh Divino Baco , que por isso te chamão Liber , porque livras os teus devotos.

desce da escada.

Sold. 2. Vamos para Palacio.

Pim. Diga-me primeiro ; este Alexandre Magno he aquelle de quem dizem , que tira Reis ,

e faz Reis por quaesquer dous reis de cominhos?
Sold. 1. He universal Senhor de todo o mundo.

Pim. Tomára eu , que elle tirára o Reino a Estrato , e o fizera só Rei de páos , já que elle me fez o suja na escada. *andando.*

Algoz. Pois com esse defamor me deixa ?

Pim. Ah senhor Verdugo das costas , tomára eu sempre vello no descanzo da alampada : á sua ordem. *Vão-se*

S C E N A VI.

Sala de Palacio. Sabem Alexandre Magno , Estrato , Demetrio , Sirene , Orintia , e acompanhamento.

Alex. **B**Em noticiado estou já , Estrato , da iniquidade , com que exerces o teu governo , principalmente da injusta morte , a que condemnaste a Adolonimo.

Estrat. Saberás , Senhor , que elle alcivosamente. . . .

Alex. Suspende a voz , que até me offendem estas falsas desculpas , e podéras attender , a que he desdouro da Magestade o vingar inveterados odios na innocencia dos subditos.

Estrat. Muito receio o castigo de Alexandre : infausta he a minha sorte! *á parte.*

Syr. De hum fio pende a minha vida em caso de tão duvidoso fim. *á parte.*

Dem. Muito temo a minha desgraça , vendo a Estrato desfavorecido de Alexandre. *á parte.*

Orint. Em successo de tanta duvida não perde o meu amor a esperança. *á parte.*

Sa-

Sabe Adolonimo acompanhado do General.

Adol. Inviçto Monarca , a quem he todo o Orbe pequeno throno para tanta grandeza , (*de joelhos*) e toda a vaga região celeste limitado espaço para tanta fama ; eu sou o infeliz Adolonimo , e só feliz por estar aos teus pés. Saberás que o amor , e o odio me condemnão á morte , pois por ser fiel amante de Syrene , procedeo contra mim a cruel ira de Estrato , sendo nos mesmos altares de amor funesta victima de hum inexoravel odio ; e como he manifesta a minha innocencia , não pettendo desculpar-me ; porque aonde há desculpa , há culpa ; e sómente te rogo (oh incliro assombro do mundo) me permittas o executar-se nesta infeliz vida a pronunciada sentença da minha morte ; pois me basta para immortal gloria minha o chegar a verme subido ao elevado throno dos teus pés ; e como não aspiro a maior ventura , permite-me , que com a morte ponha limite ás mais desgraças.

Alex. Levanta-te Adolonimo , Rei de Sidonia , e toma posse do Sceptro de Estrato , que estou já cabalmente certo do teu merecimento , da sua injustiça.

Adol. Egregio Heroe , seja immortal a tua gloria , e ao puro Olympo suba a tua fama (*levanta-se*) pois tendo mais poder , que o mesmo fado , fazes ditoso a hum infeliz. |

Estrat. Oh Deoses tyrannos , não basta perdes

o Reino, senão ficar Vassallo de hum meu inimigo! *á parte.*

Syr. Já vejo a forte mais favoravel; porque mais estimo o augmento de Adolonimo, do que sinto a infelicidade de meu pai. *á parte.*

Dem. Desgraçado me considero, pois perdi o Reino, a que aspirava com o conforcio de Syrene. *á parte.*

Orint. Com esta mudança se alenta mais a minha firmeza. *á parte.*

Adol. Ah cruel Sirene, que se não foras mudavel, me podia já chamar ditoso. *á part.*

Dentro todos. Viva o nosso Rei Adolonimo.

Sabe Pim. Viva o nosso Rei Adolonimo.

Alex. E como sei que mais que o Reino estimas a belleza de Syrene, lhe podes dar a mão, que quero com a minha presença honrar tão venturoso conforcio.

Adol. O ser já impossivel essa gloria, he, Senhor, a maior infelicidade, que sinto; porque reduzindo-me a tal extremo o adoralla, Syrene ingrata, e

Syr. Não profiga, Senhor, mais a tua desconfiança; e saberás que o sentir que meu pai me vinha seguindo, quando na torre entrei a fallar-te, me obrigou a fingir, que te aborrecia.

Rei. Ah filha ingrata, que a ssm mo certificou a criada, que te acompanhava, e já o meu rigor fulminava a vingança contra a tua vida.

Sabe Cad. Senhora Syrene, a teus pés peço me perdoes, porque eu se disse ao Senhor Estratto o muito que amavas ao Senhor Adolonimo,

mo, foi porque elle me deu outra atracção peor que a primeira, e não tive mais remédio que confessar a verdade.

Syr. Levanta-te que antes agora te estimo por feres testemunha da minha firmeza.

Adol. A' vista de tal delengano, pedindote mil perdões do meu erro, te offereço Se-
o nhora a minha mão. *dão as mãos.*

Syr. Com a minha te entrego juntamente a alma. (Ditosa eu mil vezes) *á part.*

Adol. Oh alegrias não vinhaes juntas que quasi não cabeis no peito. *á parte.*

Pim. He a primeira vez que vi casarém-se os enforcados. *á parte.*

Todos. Viva Alexandre, e viva o nosso Rei Adolonimo.

Syr. Saberás, Demetrio, que me consta o muito que te ama minha Prima Orintia, e me parece que não premiares com a mão o seu amor, ferá querecs merecer o titulo de ingrato.

Dem. Não posso negar que o affecto me inclinava a corresponder-lhe; e se ainda tem lugar o meu rendimento, com a mão espero a posse de tanta ventura.

Orint. Ditosa esperança, que me concedeo tão desejado fim. . . . *dão as mãos.*

Pim. Agora entro eu. Com licença (*ajoelba*) Alexandrissimo, e Magnissimo Monarca, á vista de cuja corpulentissima grandeza he Polifemo huma topeira, Atlante huma formiga, Centimano huma fantopeia, e Tiseo huma triste cousa; para cujo esfaimado desejo de
con-

conquistar fica sendo todo este Mundo hum grão de milho em boca de asno : seja tão boa a tua vinda , como a da morte (a hum malfeitor) ; e já que o peccado aqui te trouxe (explico-me , o peccado de Estrato) saberás , que no vinagre dos teus pés procura a sua conserva este verde Pimentão , a quem querião fazer de huma forza cahir de maduro.

Alex. Pedes o que quizeres.

Pim. Queria que a tua Grandifallencia me concedesse empregar o resto da vida em huma Cadeia.

Alex. Pedes por premio a prizão ?

Pim. Huma prizão desejo , e a soltura de outra ; e assim trocando este grilhão por aquella Cadeia (com quem espero ter ditosa liberdade) me terei pelo mais feliz enforcado , a quem atou o matrimonial garrote.

Alex. Da-lhe a mão , se he vontade sua.

Cad. Eu não quero mão de enforcado.

Pim. Bem pôdes acceitar a hum enforcado amante.

Cad. Se ha de ser , vamos a isso.

Pim. Oh bella Cadeia , em cujas deliciosas prizões deito venturoso as mãosfinhas de fóra !
dão as mãos.

Çap. Ai invejoso de mim , que estou em pontos de estourar !
á parte.

Pim. Item , Senhor , eu como sou hum tanto louco , quizera que me dèlles hum bom talento de ouro para poder tratar da minha vida.

Alex. Dez talentos te mando dar.

Pim.

Pim. Dez talentos ? Das dez que tal me dem, mas sempre me virá á mão o dizimo.

Çap. Ah maior ventura ! Em sabindo daqui , logo me vou enforçar. *á parte.*

Adol. Senhor , eu cedo do Reino em Eſtrato ; pois mais eſtimo a belleza de Syrene , que o dominio de todo o Mundo.

Dem. Oh acção digna de immortal memoria !

Alex. Agora mais te confirmo no Reino ; pois ſo merece governar quem ſabe ſatisfazer aggravos com beneficios.

Eſtrat. Já todo o odio que tinha a Adolonimo ſe me converteo em íntimo affecto.

á parte:

Pim. Item , Senhores , eſtá-me fazendo grandes ancias no buxo hum ſegredo que engoli , e aſſim o vomito ; e he que meu Amo foi hotelão do Senhor Eſtrato.

Alex Repitão ſonoras vozes a acclamação , e Himenêo do voſſo novo Rei Adolonimo.

C O R O.

Viva eternos annos ,
Viva ſempre heroico
O noſſo Monarca
No Himenêo ditoso.

A NINFA
 SYRINGA,
 OU OS AMORES DE PAN,
 E SYRINGA,

Opera que se representou pelo Carnaval no Theatro do Bairro Alto de Lisboa, anno de 1741.

ARGUMENTO.

Pan semideos rustico, irmão de Silvia, amava muito a Ninfa Syringa, irmã do semideos Silvano; e vendo-se sempre desprezado em seus amores, a esperou em hum bosque para alcançar della por violencia, o que não podião os rogos; e em fim encontrando-se ambos, e vendo Syringa que difficulosamente se defenderia delle, invocou a Júpiter que lhe valesse, e logo ficou convertida em hum Canavcal, até que por grandes rogos de Pan a tornou Júpiter á sua primeira forma, e se casou com o dito Deos Pan, e tambem se desposou Silvano com Silvia, cujos amores, e o mais constará do contexto da Historia.

SCENAS DO I. ACTO.

- I. *Mutação de Campo.*
- II. *Mutação de Sala.*
- III. *Mutação de Casa terrea com dous fornos.*

SCENAS DO II. ACTO.

- I. *Mutação de Jardim.*
- II. *Mutação de Antecamara.*
- III. *Mutação de Jardim.*
- IV. *Mutação de Bosque.*

SCENAS DO III. ACTO.

- I. *Mutação de Bosque com Canaveal , e Salgadeiras.*
- II. *Mutação de Casa de forno.*

INTERLOCUTORES.

Pan , Semideos rustico.

Silvano , Semideos rustico.

Syringa , Ninfa rustica , irmã de Pan.

Coscorão primeiro Gracioso , criado de Pan.

Esguicho segundo Gracioso , criado de Silvano.

Lingoiça velha , criada de Silvia.

Golosina , criada de Syringa.



ACTO I.

SCENA I.

Campo. Sabem Pan , e Coscorão.

Pan. **D**Eixa-me , Coscoráo.

Cosc. Senhor Pan , que defatino he esse?

Pan. He aborrecer a vida , e desejar a morte.

Cosc. Não sou eu assim , que á minha vida quero-lhe como ao viver.

Pan. Ai de mim!

Cosc. Senhor acaba já com isso : conta-me os teus males.

Pan. Não póde ser ; porque os meus males não tem conto.

Cosc. E quem tos causou ?

Pan. A Ninfa Syringa.

Cosc. Quem tal differa daquella fonçafinha !

Pan. Não posso já soffrer tanto rigor.

Cosc. Não posso já aturar tanta insolencia.

Pan. O que?

Cosc. Que huma bogia te pregue semelhante mono.

Pan. Isto succede aos mais pintados.

Cosc. Que succeda aos mais pintados *transeat* , mas que assim te chegue ao vulto , não aturo tal.

Pan. Coscoráo , eu quero-me finir : tenho dito.

Cosc. Senhor , por tua vida te peço te não queiras matar.

Pan.

Pan. Eu estou morrendo por morrer. Bem sei que sou hum asno , mas não sei que lhe faça.

Cosc. Ora dize-me , tu não és o Senhor Pan , que dos Pastores és venerado por semideos , ainda que na verdade és semidiabo ?

Pan. Assim he ; mas sujeitou-me esse tyranno Deos vendado , a que adorasse a cruel Ninfa Syringa , irmã de Silvano , com tal violencia , que não posso estar hum instante sem a sua vista , ao mesmo tempo que ella diz , que me não póde ver ; quando bastava para merecer a sua compaixão , ter este peito cheio de settas.

Cosc. Essa he a causa porque ella te não quer.

Pan. Porque ?

Cosc. Porque tendo o peito cheio de settas , tens muito vasia a aljava.

Pan. Pois que remedio dás a meus males ?

Cosc. Huns suores.

Pan. Que dizes ?

Cosc. Que para te livrares desse amor , ha de te suar o topete.

Pan. Não zombes de mim quando estou com a minha pena.

Cosc. Isto não he zombar ; toma tu o meu conselho ; mette-te na estufa do esquecimento , e verás como te sahe do sentido a tyrannia sua , ainda que com o suor do teu rosto.

Pan. Eu não te peço remedio para a tirar do sentido , pois a tenho de tal forte encaquetada nos miolos , que já não ma tirão de cá , nem que me quebrem a cabeça.

Cosc.

Cosc. Pois que pertendes?

Pan. Remedio para que ella me queira a mim.

Cosc. Isso he cousa que peça ninguem? Mas olha, em tu a vendo faze-lhe muita macaquice, assim a modo de macaco, talvez que lhe dês coca.

Pan. Que dizes que não te entendo?

Cosc. Que lhe faças carinhos, e lhe digas muitas finezas.

Pan. Até isso não pôde fer; pois tão prezo me confidero quando a vejo, que se vou para soltar alguma palavra, não ato, nem defato.

Cosc. Assim será, que ainda que és Pan, tens muito pouco miolo.

Pan. E ainda que soubesse expressar-lhe o meu amor, até me faltão as occasiões; pois não ignoras que feu irmão he tão zeloso que humma cousa he vello, outra dizello.

Cosc. Ora, Senhor, venha achado, já, e logo; vamos.

Pan. Achado, de que?

Cosc. Que já lhe achei hum remedio bom.

Pan. Não te detenhas em mo dar.

Cosc. Pois, Senhor, o melhor caminho he procurarmos occasião de sahirmos ao encontro a Silvano, e ver se me posso accommodar com elle; que ficando em casa, deixa o mais por minha conta (e tambem o estimo para me vingar do rigor de Golosina.) *á parte.*

Pan. Está bem achado! Nem Platão podia dar em tão boa idéa.

Cosc.

Cosc. Vamos pois cuidar no melhor modo de introduzir.

A R I A.

Pan. Confessar-me-hei venturoso ,
 E terei gloria infinita ,
 Se para alcançar tal dita ,
 O caminho Amor me dá.
 Já com esta incerta gloria
 Se alenta a minha esperança ,
 E cuida o peito que alcança
 O premio do seu amor. *Vão-se*

Sabem Silvano , e Esguicho.

Esg. Senhor Silvano , que tristeza he a tua ?
 Descobre o teu peito ; que ainda que he inverno ,
 senão defabafas receio-te alguma queimação de sangue.

Silv. Ai Esguicho , que o não ter eu alegria ,
 he que me faz andar triste.

Esg. Isso succede a muita gente boa ; mas explica-te mais.

Silv. Tu sabes

Esg. Sim , que és o Senhor Silvano semideos destes bosques , irmão da Ninfa Syringa , e grande amante de Silvia , irmã de Pan ; e que ella depois que te vio , não lhe peza porque nasceo.

Silv. Pois não sabes o mais que sendo o meu amor bem aceito della , não permite o zeloso do irmão lugar de dizermos hum ao outro chus , nem bus.

Esg.

Esg. Nem a mim de dizer á minha querida chi-
qui, nem miqui.

Silv. Pois Esguicho, cuidemos no remedio.

Esg. De lhe fallares, e teres entrada?

Silv. Sim.

Esg. Pois bem facil he elle, se puder ser.

Silv. Dize, qual he?

Esg. Se eu me pudesse imbutir por seu criado,
não era má tolá para nós ambos.

Silv. Dizes bem; cuidemos nisso: mas senão
me engano, ahí vem Pan ás pancadas com
o criado.

Esg. Oh! bella occasião temos; faze tu o mes-
mo comigo, e deixa o mais por minha
contra.

Silv. Oh atrevido, desobediente, espera. dálhe.

Esg. Ah Senhor, mais de manso, que me doc.

Ai, ai, ai.

*Sabe Pan seguindo a Coscorão, e este se vale
de Silvano, e Esguicho foge para Pan.*

Cosc. Valhame, Senhor Silvano.

Esg. Acudame, Senhor Pan.

Cosc. Porque meu amo cruel.

Esg. Porque o cruel de meu amo.

Cosc. Querme moer os figados.

Esg. Querme ralar os bofes.

Pan. Bella occasião busquei!

á parte.

Silv. Achei bella occasião!

á parte.

Pan. Para lhe metter a Coscorão em casa.

á parte.

Silv. Para lhe introduzir em casa a Esguicho.

á parte.

Cosc.

Cosc. Se v. m. me quizesse por seu moço.

Esg. Se v. m. quizesse ser meu amo.

Cosc. Eu seria tão seu amiguinho.

Esg. Eu ficaria tão contente.

Silv. Pan? }
Pan. Silvano? } ambos juntos.

Silv. Que quereis? }
Pan. Que ordenais? } ambos.

Silv. O vosso criado. }
Pan. O vosso moço. } ambos.

Cosc. Ora falle hum por cada vez , para entendermos todos.

Silv. Vós não quereis este moço ?

Pan. Não ; se vos quereis servir delle , ahi está ás vossas ordens.

Silv. Sempre obrigado ; tambem vós podeis dispor de estoutro.

Pan. Oh fortuna , que boa occasião me descobriste ! á parte.

Silv. Oh forte , que bom caminho me mostraste ! á part.

Esg. Senhor Coscorão , se v. m. he servido de meu amo , ahi o tem á sua ordem.

Cosc. Senhor Esguicho , obrigadissimo ; ahi está tambem meu Amo á sua obediencia.

Esg. Vá contente com elle , que não lhe ha de faltar senão o que houver mister.

Cosc. Vá muito satisfeito com Pan , que na sua companhia saberá qual he o pão que o diabo amassou.

Pan. Oh quanto mal sabes o que levas para casa ! ápart.

Silv.

Silv. Oh se foubesses o que para casa levas!

á parte.

Pan. Senhor Silvano, vede se quereis que faça alguma cousa no vosso serviço, que tenho necessidade de me hir?

Silv. No vosso serviço quero eu sempre estar de focinhos.

Pan. Fica-te, que bem logrado ficas. *á p. e vai-se.*

Silv. Vai te, que bem logrado vás. *á p.*

Cosc. Senhor Pan, saude, e hum queijo.

Esg. Senhor Silvano, saude, e patacas. *Vai-se.*

Cosc. Ora Senhor meu Amo novo, hoje ilto aqui foi feira das bestas.

Silv. Porque o dizes?

Cosc. Porque houve muita troca.

Silv. Sabes, que te quero encommendar o que está á tua obrigação de criado honrado.

Cosc. Dize, Senhor.

Silv. Tu sabes, que a minha irmã he mulher?

Cosc. Supponhamos que sim.

Silv. E que as mulheres em sabindo de casa, que as póde ver qualquer homem?

Cosc. De que não há duvida nenhuma.

Silv. Pois então não tenho mais que te dizer.

Cosc. Explica-te mais, que posto falles tão claro, não te entendo.

Silv. Venho a dizer, que quero sejas seu guarda, e vigia.

Cosc. Eu te prometto, Senhor, andar-lhe sempre pelos alcances; pois basta encommendar-mo meu Amo. (Ah pobre, como te encravas!)

á parte.

Silv.

Sily. Ora vai para casa , que eu vou já nas tuas costas.

Cosc. Não virá por certo , que eu a ninguem dou ancas. *Vai-se.*

Sily. Oh ventura ! com que te hei de pagar tanto bem , pois em dous criados me concedes tanta gloria : em hum a sentinella para a minha honra , em outro vigia para o meu amor.

A R I A .

Se a ventura me permite
 Em dous tão fieis criados
 N'um focego aos meus cuidados ,
 N'outro auxilio ao meu amor :
 Já seguro viver posso ,
 Já posso estar contente ,
 Se a ventura me consente
 Lograr bem tão superior. *Vai-se.*

S C E N A II.

Sala. Sabem Syringa , e Golosina.

Gol. **S** Enhora Syringa , acabo de crer que he desgraçado Pan , pois não te pôde cahir em graça.

Syr. Golosina , não está mais na minha mão : não o posso ver com dous olhos , que tenho na cara.

Gol. Em não quererem vello , são crueis os olhos da tua cara , quando a tua cara he a menina dos seus olhos.

Syr. Capaz estou de tirar a minha cara fóra , só por lhe tirar os olhos a elle.

Gol. Não faças tal , Senhora ; pois não posso vello a elle mais cêgo , nem a ti mais descarada.

Syr. Olha , eu talvez lhe não quizera tão mal , se não lhe tivera tamanho odio.

Gol. Pois porque lho tens ?

Syr. Porque he hum pedaço d'asno.

Gol. Em que , Senhora ?

Syr. Ainda o perguntas , quando sabes , que elle faz versos ?

Gol. Pois não he bom para noivo quem tem boas prendas ?

Syr. A mim não me importão as prendas ; importa me comer.

Gol. Senhora , tem a certeza , que em quanto tiveres comtigo Pan , não has de morrer á fome.

Syr. Ora queres tu ouvir a carta , que hontem me trouxeſte ?

Gol. Terei grande gosto disso.

Syr. Verás que até na calta do verso , em que escreve , he tollo.

Gol. Pois que verso he ?

Syr. He hum Romance lyrico , quando para fallar com huma mulher da minha esfêra , havia hum Romance heroico , ou huma Canção real.

Gol. Ouçamos o que diz.

Syr. Attende , que he desta forte.

Tira hum papel , e lê.

Ingratissima Senhora ,
 Que por tão grande homicida
 Sois Cocrodilla das fontes ,
 E dos campos Basilisca.
 Fera leoa dos bosques ,
 Quando em vós se verifica ,
 Que a maleita dos rigores
 Sempre aquece , e nunca esfria.
 Porca montez furiosa ,
 Que na amargosa campina
 Vibrais o dente ao agrado ,
 Fazeis focinho ás caricias.
 Sois Tigra , e tambem sois Onça ,
 Quando vejo em taes fadigas ,
 Vos não peza o pé huma onça
 Para fugires esquivã.
 Tambem sois Loba tyranna ,
 Pois de rigores faminta
 Fazeis mil estragos crueis
 No curral da minha vida ,
 Sois Urso

Gol. Espera , Senhora , que não sei quem entra.

Syr. Ai de mim ! Deixame escondello , não seja meu irmão.

Esconde-o perturbada , e sãhe Lingoíça.

Ling. Ai os esconderellos de papelinhos , que aqui vão ! Esta he a casta de boa casta !

á parte.

Syr. Que vai de novo , Lingoíça ?

Ling. Eu , Senhora , não quero estorvar esta leadura.

Syr. Não importa , dize.

Ling. Pois manda dizer-lhe a Senhora Silvia , que v. m. de cá , e ella de lá quer vir passar esta tarde de parte a parte com v. m.

Syr. Dize-lhe , que tão anciosa estou por vella , que fico suspirando pela sua vinda.

Ling. E como não sou mais larga , nem mais comprida , fico á sua ordem.

Gol. Senhora Ligoixa assim se vai , sem dizer á gente tirte , nem guarate.

Ling. Ai perdoa-me , que não reparava.

Gol. Pois nisto he que eu reparo , em v. m. não reparar em mim.

Ling. Logo lhe fallarei , que quero ver se acho ao Senhor Silvano , para ter o achado de certas noticias.

Gol. Va-se , que já sei anda nas occupações do seu officio.

Ling. Isto não he por officio , he por curiosidade. *Vai-se.*

Gol. Ora , senhora , dize-me em que assentas ácerca dos acintes que fazes a Pan ; que na verdade sinto , que consintas ande o pobre de sentimento moido como hum centeio.

Syr. Eu te respondo.

A R I A .

Não te cances , Golosina ,
 Com tão louco desvario ,
 Que a Pan tenho tal fastio ,
 Que não o posso tragar :

Já mais não me fallès nisso

Ha tal reima! ha tal loucura!

Bem nescio he, se procura

Ter em meu peito lugar. *Vai-se.*

Gol. Que me tenha Pan peitado para que seja sua oradora com minha Ama, quando ella não dá ouvidos a meus brados! Mas venhão vindo os cumquibus, que nunca cessaráo as nossas vozes.

Sabe Coscorão.

Cosc. Minha querida Golosina, como permittes, que fintas o amargo dos teus rigores, quando o melihuo da tua belleza me põem o mel pelos beiços?

Gol. Não he este mel para a boca desse asno.

Cosc. Já que és mel, mette-te no favo do favor.

Gol. O melhor que vossê me pôde fazer, he fallar em outra cousa, ou hir-se embora.

Cosc. Escolho a primeira. Sabes minha Golosina, que Pan quer que hoje em todos os modos o introduzas cá para fallar a nossa Ama.

Gol. Eu bem sei que pelo muito obrigada que lhe estou, assim o devo fazer; mas receio muito a nosso Amo.

Cosc. Pois não haverá hum lugar mais seguro para o intento?

Gol. Sómente se elle quizer metter-se dentro em hum forno.

Cosc. Dentro em hum forno! Que dizes?

Gol. Sim; porque hoje faz minha Ama hum pouco de pão de ló, e como ha de vir ao for-

forno vello , então llié pôde fallar seguramen-
te , que he parte onde nunca entra Silvano.

Cosc. Dizes bem , vou avizallo , que não dei-
xará de vir , porque sempre está pelos meus
conselhos.

Gol. E tu para maior disfarce o podes trazer
n'um taboleiro.

Cosc. E dize-me , terei eu tambem hum lugar-
finho de cozer o biscoito do meu amor no
forno da tua graça ?

Gol. Se tornas com essas asneiras , vou-me embora.

Cosc. Não te vás por amor de quem vem pade-
cer os vaivens da tua tyrannia.

Gol. Continuas ? Pois desta sorte te responderei.
Vai-se.

A R I A.

Cosc. Golosina , espera , espera ,

Que sem tal doçura ,

Fico sem ventura

Chuchando nos dedos ,

Mordendo nos beiços

Sem gosto encontrar :

Oh deixame , deixame ao menos

Golosina minha

Cavaca , casquinha ,

Alfinim , perada ,

Ou humá talhada

Se quer de cidrão

Vai-se.

S C E N A III.

Campo. Sabem Silvano, e Esguicho.

Silv. **D**ize-me, Esguicho, se tens já descoberto algum caminho por onde possa hir encaminhando este meu desencaminhado amor?

Esg. Ah! Tu já entras a perguntar como quem vai de caminho.

Silv. Ora acaba já de dizermo, senão queres dar cabo da minha vida.

Esg. Eu te conto já tudo de cabo a rabo.

Silv. Pois dize-me, poderei hoje fallar com a minha querida Silvia?

Esg. Poderás, se não te der algum estupor na lingua.

Silv. Não zombes de mim, conta-me como a poderei ver.

Esg. Abrindo os olhos.

Silv. Não me dilates tanto esta gloria.

Esg. Ah! to digo já de huma vez.

Silv. Tem mão, não me dês a beber de huma assentada esse delicioso cordeal, que quero hir tomando-lhe o gosto pouco a pouco no paladar da minha alegria.

Esg. Ao depois pressa, e agora vagar? Ora eu o diga de vagarinho, Senhor, esta tarde vai visitar tua irmã, lá a tens em casa.

Silv. Já disseste tudo?

Esg. Pois que mais querias? Se queres mais, vai a tua casa.

Sabe Lingoça.

Ling. Ai! Aqui estava vossa mercê! E tenho corrido féca, e méca por ver se o encontrava.

Silv. Havias encontrar bem, se eu nunca andei por féca, nem méca.

Ling. Ai! estou deitando os bofes pela boca fóra.

Esg. Ah perra, que devias comer hoje alguma forlura!

Ling. Porque julga isso?

Esg. Porque vens muito esboforida, e muito aforfurada.

Silv. Ora dize-me, trazes-me alguma boa noticia.

Ling. Deixa-me primeiro tomar o folgo. Ai! aprclá! manda dizer-lhe a Senhora Silvia, que esta tarde vai visitar a Senhora Syringa, e que lá lhe quer fallar.

Silv. E em que parte hei de estar?

Ling. Senhor, nós esta tarde fazemos hum pouco de pão de ló; e como ella ha de hir ver cozer-se no forno, lá estarás escondido para lhe fallares.

Silv. E em que parte me has de lá esconder.

Ling. Como os fornos são dous, em hum delles te esconderás.

Silv. Irra! Eu dentro no forno! não cozo tal.

Esg. Ah Senhor, não percas tão boa fornada.

Silv. Está feito: vaite, que me acharás assado, e cozido.

Ling. Pois fique-se embora até logo. *Vai-se.*

Esg. E eu tambem me vou, que me pôde Pan achar menos. *Vai-se.*

Silv. Hide fiéis Mercurios do meu amor.

*Sabe Coscorão com Pan ás costas em hum
taboleiro.*

Cosc. Ah Senhor , não te mexas muito ; e já
que vens tanto costa acima , não dês costa
abaixo.

Silv. Ditofo me considero. *á parte.*

Cosc. Mas ai encofcorado de mim , que dei
com Silvano.

Silv. Que he isso , Coscoráo ?

Cosc. Vejão agora o que poderá fer !

Silv. Que levas nesse taboleiro ?

Cosc. Que hei de levar ? levo pão.

Silv. Para onde o levas ?

Cosc. Levo-o lá para nossa casa ; vai lá para o
forno.

Silv. E de casa de quem he ?

Cosc. He de casa da Senhora Silvia.

Silv. Não fei se mentes.

Cosc. Cozido feja eu , senão te fallo a verdade
Pan por pão.

Silv. Pois Silvia não tem forno em casa ?

Cosc. Senhor , de modo que como cá a Senhora
Syringa acende hoje o forno para cozer o
pão de ló , rambem pôde cozer o Pan de lá.

Silv. Dize-me mais.

Cosc. Ah Senhor , compadece-te de mim , que
este Pan peza muito ; não cuides que he pão
de palhinha , he mesmo aqui Pan da terra.

Silv. Não estava lá Esguicho para o trazer ?

Cosc. Eu quiz trazello , porque este Pan sempre
ha de deixar para Golosina huma poia.

Silv.

Silv. Em minha casa não se precisa de poias alheias ; ora vai-te já. *Vai-se.*

Cosc. Sim hirei , que estou já derreado com o pezo ; o tal Panfinho deve de ser pão de munição , porque peza como chumbo. *Vai-se.*

S C E N A IV.

Casa do forno. Sabe Golosina para o varrer.

Gol. **M**uito tarda Coscorão ! Certamente Pan não devia querer vir ; mas pelo fim pelo não , vamos varrendo o forno , porque quero fazer os meus enredos limpamente , e saber ser alcofinha com aceio.

A R I A.

Alimpando o forno.

Varre-te forno
 Mui bem sacudido
 Que hum doudo varrido
 Em ti ha de entrar :
 De metter-te lenha
 Não trato em rigor ,
 Que o fogo de amor
 Só te ha de aquentar.

Sabe Coscorão.

Cosc. Ora graças a Vulcano , que já estamos no forno : ajuda-me Golosina que este Pan me tem feito n'um bollo.

Gol. Vamos que chegaste a boa occasião.

Tira-se Pan do taboleiro.

Cosc. Irra com a historia ! Muito custa ser mariolla de Cupido.

Pan. Ahi ! tanto te custou ?

Cosc. Pergunta-o ás minhas costas quanto custas.

Gol. Sejas bem vindo , Senhor Pan.

Pan. Minha Golosina , deixa estar , que eu te agradecerei tanto favor , que por eu agora não trazer cousa nenhuma , por isso te não dou alguma cousa.

Gol. Não falles em tal , que eu sou muito limpa de mãos.

Cosc. Mas muito suja de consciencia.

Gol. Já o forno está muito bem varridinho.

Cosc. Está elle já acczo ?

Gol. Porque ?

Cosc. Porque elle vem muito frio no caso ; e senão tomar algum calor , em vendo a sua dama , dirá mil frialdades.

Pan. Ainda esta tyranna he a mesma que era d'antes.

Gol. Eu bem aperto com ella para que te queira bem.

Pan. Oh Golosina , quando tiveres occasião ; faz sempre por mim quanto poderes , que não o deitas em faco roto.

Gol. Ora andate esconder , antes que venha alguém , e Coscorão , se quizer , póde occultar-se debaixo daquella lenha.

Cosc. Nada , que estou ardendo , e póde pegar togo nella.

Pan.

Pan. Em fim hei de meter-me no forno? Oh amor a quanto obrigas!

Cosc. Em fim hei de esconder-me na lenha? Oh a quanto constranges alcovitissê!

Pan. Amor, o meu peito interno
 Não entende o teu suborno;
 Porque me abrazas n'um forno
 Com fogo, que he sô de inferno?
 Mas na obediencia eterno
 Te entrego esta alma abrazada:
 Seja de ti bem tratada,
 Pois te pede no seu rogo,
 Que se entro com tanto fogo
 Saia bem desta fornada.

chega-se para o forno.

Cosc. Espera, Senhor, ouveme, que tambem he justo, que ficando da lenha debaixo, diga tambem a minha decima.

Bem medo he justo, que eu tenha
 Desta treta e desta traça,
 Pois creio que por desgraça
 O vento me ajunta a lenha:
 Muito receio me venha
 Algum foguete no cabo,
 Eu a graçinha não gabo,
 E por certo desconfio,
 Que entrando na lenha frio,
 Saia com o fogo no rabo.

Gol. Anda Senhor, antes que alguém te veja.

Entra Pan no forno.

Cosc. Mette-o com a pá; que não tens máo geito para forneira de Venus.

Gol.

Gol. Entra lá bem para dentro , que eu te tapo.

Cosc. Por mais que o tapes , não ha de deixar de ter destampações.

Gol. E tu , se queres , anda esconderte , que alli tenho aquelle feixe de lenha preparado para ti.

Cosc. Ora seja o primeiro feixe de lenha , que a tua alma ache na outra vida.

Gol. Vamos andando.

Cosc. Pois não me deixas primeiro dizer-te duas palavrinhas ?

Gol. Não te quero ouvir nada.

Cosc. Ainda não vi mulher menos conversante.

Gol. Tapar a boca , e metter debaixo da lenha.

Cosc. Ah cachorra ! que és amiga de metter os cães na mouta , e deitarte de fóra !

Gol. Ora entendamo-nos ; de duas huma , ou ró ró , ou feixe de lenha.

A R I A A D U O .

Gol. Escondes-te , ou não !

Cosc. Espera meu bem.

Gol. E se algum.

Cosc. E se alguém.

Gol. Dalli sahe.

Cosc. Dalli vem

Gol. Que será ?

Cosc. Que dirá ?

Ambos. Irra ! irra !

Gol. Ora escondete já.

Cosc. Ora cobreme já.

Cosc. Mas ai , que receio

} ambos.

Gol.

Gol. Pois eu voume embora.

Cosc. Espera.

Gol. Que agora. . . .

Cosc. Que susto.

Gol. Que medo.

Cosc. Que mamão

Gol. Que tenho

Ambos. Nos venhão pilhar. *Vai-se Gol.*

Esconde-se Coscorão , e sabe Lingoíça.

Ling. A bom tempo me parece que venho.

Cosc. Destapemos a cara para ver quem entrou.
Má estreira ! já cá temos Lingoíça , não fal-
tarão logo chicotadas. *á parte.*

Ling. Senhor Silvano , entre , que agora he
boa occasião.

Cosc. Peior he esta ! já o forno me vai cheiran-
do a esturro.

Silv. Que me obrigue amor a esconder-me na
minha mesma casa ! *sabe.*

Ling. Ora , Senhor , anda-te esconder no forno ,
antes que alguém venha.

Cosc. Ai que temos outro enornado !

Silv. Vamos , e amor me tire daqui com bom
succello. *entra no forno.*

Ling. Entra neste , que effoutro será o que hei
de accender.

Cosc. Ah pobre Pan , que fogaça que hoje levas !

Ling. Entra bem para dentro , e eu te tapo ,
para ficares mais occulto.

Sabe Esguicho.

Esg. Venho a bom , tempo , minha Lingoíça ?

Cosc. Outro demonio tenemos.

Ling.

Ling. Vem embora , meu rico Esguichinho ,
que alli tenho aquelle feixe preparado para ti.

Esg. Ora anda depressa , cobreme , que parece
que sinto gente. *esconde-se.*

Cosc. Vai , que já que tambem entras no jogo
dos escondidos , logo te baterão nas costas.

Esg. Destapemos ainda assim a cara e o que
he jogo de escondidos , não pareça cabra cega.

Cosc. Ora isto está bonito ! logo a todos deo
hoje o vinho em quererem cozer aqui a sua
fornada !

Esg. Mas ai que lá vem gente.

Entrão Syringa , Silvia , e Golosina.

Gol. Ai cá está v. m. Senhora Lingoíça ?

Ling. Sim Senhora.

Cosc. Sim , esteve tambem cá pondo o seu Ado-
nis de ameijoadada. *á parte.*

Syr. Affirmo-vos , Silvia , que estimo muito
vervos nesta casa.

Silv. E eu com a vossa vista tanto me alegre ,
que he huma cousa nunca vista.

Syr. A esta Silvia , quero-lhe como a vida ,
quando a seu irmão aborreço de morre. *á parte.*

Silv. A esta Syringa graça lhe não acho , quan-
do seu irmão me tem tanto cahido em graça. *á p.*

Gol. Eu supponho que Silvia , e Lingoíça estão
para de vagar. *á parte.*

Ling. Eu creio que Syringa , e Golosina estão
de pachorra. *á parte.*

Esg. Ora quando acabarão de conversar , que
me está esta lenha lascando o corpo ? *á parte.*

Cosc.

Cosc. Ora quando me verei livre desta lenha , que me está alanhando os ossos ? á parte.

Syr. Golosina , acende o forno para o pão de ló.

Cosc. Eu por mim já me contento com duzentas arrochadas. á parte.

Pegão Lingoíça , e Golosina em os forcados.

Ling. Deixe estar menina , que eu farei isso.

Gol. Eu tenho boas mãos , guarde para lá os arenques.

Esg. Se Lingoíça não acende o forno , estou perdido. á parte.

Cosc. Se Golosina não tira a lenha , fico varado. á parte.

Ling. Deixe-me , que sou muito amiga de fornear.

Gol. Ai não , que está muito mirrada , e ha de lhe fazer mal o lume.

Ling. He boa teima !

Gol. He boa impertinencia !

Ling. Pois eu a ajudarei ; tiremos desta lenha e acendamos aquelle forno.

Cosc. A bom mato vens buscar lenha. á p.

Gol. Não ; tiremos desta , e acendamos aquelle.

Esg. Peior he esta. á parte.

Ling. Esta parece que está mais seca.

Cosc. Não está por certo.

Syr. Ora acabemos : que he isto ?

Ambas. Já vamos , Senhora.

Gol. Eu não sei que faça ! á parte.

Ling. Eu estou preplexa ! á parte.

Cosc. Ainda não me vi n'outra desde que exercito o officio cupidinario.

Gol.

Gol. Ora ahí vai , daqui tenho dito.

Esg. Lá vai Esguicho desta vez roto. *á parte.*

Ling. Tenha mão , que eu cá tiro desta.

Cosc. Lá vai Coscorão desta vez passado. *á p.*

Esg. Eu supponho que já agora sempre lamberei de Golosina a minha chuçada. *á parte.*

Cosc. Eu creio que desta vez não ficarei sem a minha espetada de Lingoíça. *á parte.*

Gol. Cá tiro.

Ling. Cá metto. *metem os forcados.*

Esg. Irra !
Cosc. Arre ! } *saltão fóra da lenha.*

Syr. Que he isto ?

Cosc. São dous coelhos que sahirão do mato.

Esg. Ai que tambem cá estava Coscorão !

á parte.

Gol. Aquella mofina deitou tudo a perder. *a p.*

Ling. Aquella maldita arruinou tudo. *á parte.*

Syr. Que fazieis alli debaixo ?

Cosc. Eu cá por mim o que fazia não sou tão descortez que o diga na sua presença.

Syr. Com que necessidade vos mettestes alli ?

Cosc. A necessidade , com que eu entrei , eu fei que tal era.

Syr. E vós atrevido que fazieis tambem alli ?

Esg. Eu , Senhora , não fazia nada , mais mande v. m. ver.

Syr. Ora deixai vir meu irmão , que vós o vereis.

Silv. Não vos afflijais , Syringa , com estes tollos.

Cosc. Ficámos apanhadinhos em contas. *á p.*

Syr. Ora vamos já accendendo o forno. *á p.*

Gol. Ahi vou , Senhora.

Ling. Ai não está aqui hum ?

Gol. Ai não está aqui outro ?

} *Ambas.*

Destapão os fornos.

Cosc. O caso vai de mal para peor. *á parte.*

Esg. Hoje leva Silvano hum fumaça. *á parte.*

Gol. Este se ha de accender.

Ling. Ha-de-te accender este.

Syr. Temos outros argumentos ? Oh Golosina
accende hum forno.

Ling. Lá vai Silvano.

*Chega Golosina o lume ao forno, e grita
dentro Silvano.*

Silv. Tenhão mão , que estou cá.

Syr. Que he isto ? meu irmão dentro no forno ?

Cosc. Porque elle não he tambem da mesma
massa dos mais ? *sabe Silvano.*

Silv. Ai de mim que certamente se tinha es-
condido para me fallar. *á parte.*

Esg. Isto parece-me assim a modo de entrega.

Silv. Ai amor que ainda tinha isto para passar !
á parte.

Syr. A que fim vos mettestes dentro no forno ?

Silv. Não fei (cortido estou !) *á parte.*

Ling. Pois tambem agora quero accender este.

Gol. Não he preciso ; vá lá governar a sua casa.

Cosc. Para que ? não está já aquelle despejado ?

Ling. Tenho dito que tambem tenho a minha
birra. *chega lume ao forno.*

Gol. Alguma desgraça temo. *á parte.*

Esg.

Esg. Se agora sahia outro, tinha bem que ver.

Dentr. Pan. Tenhão mão que estou cá dentro.

Todas. Ai que he Pan! *sabe Pan.*

Silv. Que he isto que vejo!

Cosc. Hui! nunca se vio? he Pan que sahe do forno.

Silv. He Pan?

Cosc. Mesmo em carne.

Silv. Dentro no meu forno Pan!

Cosc. Pois pedras? he por ventura forno de cal?

Silv. Meu irmão aqui! he boa loucura!

Pan. Tambem Silvano aqui está! eu não sei que foi isto. *á parte.*

Syr. Eu estou com a boca aberta de ver aqui Pan!

Cosc. Eu supponho, que esta gente nunca vio Pan em sua casa.

Gol. Este Pan sahio do forno embuxado.

Esg. O tal Pan depois que se vio com tanta mistura, não ficou muito pão trigo.

Cosc. Pan parece cousa de ló, porque ficou huma estatua de pedra.

Pan. Oh soberano Jupiter, que taes injurias tinha eu de passar! *á parte.*

Silv. Mas como me detenho, que a este atrevido porém eu tambem cahi no mesmo engano. *á parte.*

Cosc. Silvano como vê Pan tão mole está capaz de o comer. *á parte.*

Esg. Silvano depois que vio sahir Pan do forno, está capaz de o fazer em tacias. *á parte.*

Syl. Muito temo que meu irmão faça alguma asneira. *á parte.*

Silv. Muito receio que meu irmão faça alguma tolisse. *á parte.*

Pan. Que não ache eu huma desculpa para dar a esta gente! *á parte.*

Silv. Minha irmã aqui, Pan alli, que farei? ai de mim! *á parte.*

Cosc. Este Pan, que ninguem o pôde tragar, tem embaçado a todos.

Gol. Tudo isto succede por culpa de Lingoça. *á parte.*

Ling. Tudo isto por culpa de Golosina succede. *á parte.*

Silv. Mas esperem, que agora me lembra. *á p.*

Cosc. Ai elle olha para mim! estou bem aviado. *á parte.*

Silv. Dize-me, velhaco, que pão era aquelle que trouxeste para o forno?

Cosc. E para isso he necessario v. m. chamar-me velhaco?

Pan. Oh permitta Jupiter, que Coscorão ache alguma boa desculpa! *á parte.*

Cosc. Enganarei a hum, e desculparei a outro. *á parte.*

Silv. Respondes ao que te digo?

Cosc. Pois v. m. não o sabe?

Silv. Quem mo havia dizer?

Cosc. A mim parece-me que lhe disse, que era o Senhor Pan, que alli está.

Pan. Ah traidor, assim me desculpas? *á parte.*

Silv. Pois és tão atrevido, que tal commettes?

Cosc. He porque v. m. não sabe o porque.

Silv. Pois dize-o.

Cosc.

Cosc. Porque elle me disse que o trouxesse.

Pan. Ah desleal criado! *á parte.*

Silv. Ha maior insolencia!

Cosc. Espera não se enfade, que ainda não sabe tudo.

Pan. Ahi me entrega de todo. *á parte.*

Silv. Acaba de o dizer.

Cosc. V. m. não sabe, que o Senhor Pan he muito divertido, e muito descarolado, e assim por fazer huma peça a estas Senhoras, he que se quiz esconder no forno, pois tambem o tempo pede estas galanterias.

Pan. Só o engenho de Coscorão podia achar tão boa desculpa. *á parte.* Não ha duvida que assim he; e se nisso vos offendi, perdoai-me: *para elles.*

Silv. Pois que isto me cheira a engano, he preciso valer-me do mesmo para disfarçar o meu erro. *á parte.* Tambem com o mesmo intento me escondi eu; porém não vos succeda Pan outra onde minha irmã estiver.

para elle.

Pan. Nem a vós onde estiver minha irmã.

Esg. Receio, que estas peças venhão a dar em estouros. *á parte.*

Cosc. Ora Senhoras, se ambos fizerão isto por peça, metta cada hum a sua buxa na boca.

Pan. Assim he.

Silv. Tens razão. (Honra dissimulemos.) *á p.*

Syr. Destas peças só nós nos devíamos agravar.

Silv. Destas graças só nós devíamos ser as queixosas.

A R I A A 4.

Pan. Eu por peça
Silv. Eu por graça
Ambos. Me escondi, e me occultei
Syr. Taes graças nunca gostei
Silv. Eu nenhuma graça achei
Ambas. Em gracinhas de
Ambos. Que he gracinhas de } affustar } *Tod.*
Pan. Ignorava que offendia
Silv. Não sabia que aggravava
Ambas. { Esta afneira causa dava
Ambos. Para o meu { desconfiar } *Todos.*
 Não vai a



A C T O II.

S C E N A I.

Jardim. Sabem Syringa, e Golosina, e logo depois Pan, e Coscorão.

Pan. Dize-me, Coscorão; Syringa vem esta tarde estar com minha imã?

Cosc. Se tu a vês já no teu jardim, que me perguntas?

Pan. Vejo, e não o creio: ora deixa-me falar-lhe.

Cosc. Eu não te pego na lingua, ainda que bem necessitas, que te puxem pelo beijo.

Pan.

Pan. Suspendei , bella Syringa , as esguichadé-las do vosso desdem : bem basta estar tão agua-do pelo vosso rigor.

Syr. Senhor Pan , de duas huma ; ou vos cal-lai , ou não digais cousa alguma.

Pan. Pois quereis , que eu morra assim á chu-cha alada ?

Syr. Não vos quero ouvir , tenho dito.

Pan. Quem for mais ingrata que vós , olhai que ha de dar bem á unha.

Syr. Volando-vos as costas , vos taparei a boca.

Pan. Primeiro que vos vades , ouvi-me ao me-nos quanto tenho que vos dizer.

Syr. Escazai de me vires seguindo , que eu es-cuso rabos atraz de mim , e muito menos sendo tão pezados. *Vai-se.*

Cosc. Etu tambem te vás , minha Golosina ?

Gol. Ove , deixe-se ficar , que eu escuso pa-ges muito menos sendo tão patólas. *Vai-se.*

Pan. Ah ingrata ! ah fera !

Cosc. Ah porca ! ah cadella !

Pan. Que te parece , Coscorão , isto ?

Cosc. Que te parece , Senhor , estoutro ?

Pan. Não póde haver maior tyranna , que aquila.

Cosc. Não póde haver maior velhaca , que aquidoutra.

Pan. i de mim que estou capaz.

Cosc. De que , Senhor ?

Pan. De me dar na tóla hir-me por esse mundo com huma cousa tola.

Cosc. Ah lacaia de borra , que nesta berra estou cap: *Pan.*

Pan. De que ?

Cosc. De me dar na birra hir-me por esse mundo como huma coufa burra.

Pan. Póde haver maior mal , que o que padeço ?

Cosc. Ainda que a minha pena tambem me tem cheio as medidas , eu te confesso que tens alqueires de razão.

Pan. O que mais sinto he aquelle ultimo chasco que me deu.

Cosc. Qual ? dizer-te que não queria tabos tão pezados ?

Pan. Sim ; pois que te parece ?

Cosc. Quero pregar huma peça a mei Amo , que elle tem sitio para tudo. Parece-me que isso tem bom remedio.

prá elle.

Pan. Qual he !

Cosc. Qual he ? isso pergunta-o ninguem ! Quem diz que não quer rabo pezado , he ue quer rabo leve.

Pan. Pois que vens a dizer nisso ?

Cosc. He possivel , que não o sabes ? Elas Senhoras querem-se galanteadas , e ella estranha , que sendo tu seu amante , não uls com ella a galantaria de lhe pores hum rabo leve , que he o divertimento do tempo.

Pan. Tens razão , que assim me toa ; ca deixa-mo hir buscar.

'ai-se.

Sabe Golosina.

Gol. Já se foi Pan ? Na verdade Coscoo sinto vello tão desprezado.

Cosc.

Cosc. Se elle se foi , aqui fiquei eu , que tam-
bem sou *ejusdem furfuris* , & *farina*.

Gol. Eu vinha dizer-lhe , que se não cançasse
já com Syringa.

Cosc. Porque , já lhe não queres dar ajuda ?

Gol. Se minha Ama não quer ouvir fallar nelle.

Cosc. Ora pois fallemos em mim ; como estou
eu contigo ?

Gol. Estás muito mal , pois se cahiste enfermo
de amor , não tem remedio o teu achaque.

Cosc. Pois se eu sei que tu me podes dar cu-
ra , para que me queres fazer incuravel ?

Gol. Ora ouça que lhe quero responder muito
de ré mi fá sol.

A R I A.

Senhor Só , c , e , cos

C , ó , có , ram , me , ram

Não seja asneirão

Marmanjo tolaz.

Porque g , ó gó

L , ó , ló , z , i , zina

Não cuide he tollina ,

Que a ha de lograr.

Sabem Syringa , e Silvia.

Silv. Isto , Syringa , he pagares-me a visita ,
que hontem vos fiz ?

Syr. Não foi senão mesmo por me dar na cabeça.

Silv. Dizei-me , vosso irmão não vos disse se
havia logo vir ?

Syr.

Syr. Eu supponho, que se elle vier, cá o teremos hoje.

Silv. Alviçaras Coscorão. *á parte.*

Syr. Mas elle não está muito cousa com vosso irmão.

Silv. Permitta amor, que Pan não esteja cá esta tarde.

Cosc. Não estará tarde, porque elle ahí vem já bem cedo.

Sabe Pan escondendo atraz das costas o rabo leva, e andarà por detraz de Syringa para lho pôr no vestido.

Pan. Coscorão, aqui trago o rabo atraz.

Cosc. Fazes bem, que obras como gente.

Silv. Oh quanto sinto ver aqui meu irmão, pois se pôde encontrar com Silvano! *á p.*

Syr. Quanto me aborrece ver este homem!

á parte.

Gol. Elle que vem tão sizudo, alguma tolice quer fazer. *á parte.*

Syr. Que anda este Senhor aqui fazendo por traz da gente?

Cosc. Quer mostrar, que já no seu amor anda muito atrazado.

Syr. Pois que he isto, que este homem procura?

Cosc. Senhora, elle diz, que tem muito medo dos teus rigores, e assim quer namorar-te às escondidas, de sorte que não o vejas.

Silv. Ora meu irmão cada vez está mais nescio.

á parte.

Syr.

Syr. Que procurais, Senhor? Dizêi.

Pan. Quero mostrar, que sei ser amante.

Cosc. He o que eu digo, quer namorar-te ás escondidas de ti.

Syr. Nem isso quero.

Cosc. Olha Senhora, isto tambem he impertinencia.

Pan. Ai, que já lho puz: rabo leva, rabo leva.

Cosc. He verdade: rabo leva, rabo leva.

Syr. Que he isto Golosina?

Gol. Vês., Senhora, he hum rabo leva. tira lho.

Syr. Que vos parecem, Silvia, as ignorancias de vosso irmão?

Silv. Não sei que vos diga.

Pan. Ora merecerei vovos já com menos rigor?

A R I A.

Syr. Ha tal tolto! ha tal nescio!

Que impertuno me atormenta!

Não adverte, não atenta

Em esquiva o desprezar

Se outra vez, louco atrevido,

Proseguir em tal loucura,

Verá que o rigor procura

Mas não sei o que verá. *Vai se.*

Silv. Pan, estais ainda pouco enfarinhado em amante. *Vai se, c Gol.*

Pan. Ella parece que vai mal comigo?

Cosc. Aquillo, Senhor, he hum desdem.

Pan. E que te parece o dito de minha irmã, dizer que ainda não estou enfarinhado?

Cosc.

Cosc. Tem razão, que me esquecia advertir-to?

(Ainda a corriola ha de hir adiante.) á p.

Pan. Pois dize-me, que vem a dizer nisso?

Cosc. He que agora todos os que andão enfarinhados no amor, apparecem ás suas damas enfarinhados, e tambem as enfarinhão.

Pan. Isso parece asneira.

Cosc. Qual asneira! se ella não se alegrar, põe-me a culpa.

Pan. Não sei se ella levará isso a bem.

Cosc. Senhor, has de enfarinhalla, se quizeres que ella faça comtigo boa farinha.

Pan. Ora eu sigo o teu conselho; anda-me enfarinhar.

Vai-se.

Cosc. A farinha, que este Pan havia mister, havia ser farinha de páo.

Vai-se

S C E N A II.

Antecamara. Sabe *Syringa*, *Silvia*, *Golofina*, e depois *Silvano*.

Silv. **A** Dorada *Silvia*, só a vossa belleza podia ser guindaste do meu amor, se não não vinha cá, ainda que me arrastassem por huma corda.

Silvia. Porque razão?

Silv. Porque depois, que vi *Pan* no meu forno, fiquei huma braza.

Silvia. Tambem eu sentiria, que elle cá vos visse, pelo muito cioso que he.

Gol. Pois elle anda sempre por aqui a rondar.

Syr.

Syr. Ora mano , ide-vos , não vos venha algum desgosto.

Gol. Ou fenão , eu fecho a porta.

Vai para fechar a porta , e entra Coscorão:

Cosc. Que he isto ? v. mercês dão com as portas nos narizes da gente ?

Silv. Que procuras aqui.

Cosc. Ai ! cá está v. m. , pois o Senhor Panahi vem.

Silvia. Ai de mim infeliz !

Syr. Que ha de ser de nós ?

Silv. Zeloso lhe tirarei a vida , se intentar averiguar seus zelos.

Silvia. Ai Senhor Silvano , não lhe tireis a vida , porque fico dezirmanada.

Syr. Ai meu rico mano , não o mateis , porque pôde succeder alguma desgraça.

Gol. Não faça tal , que se ficamos sem Pan , morreremos todos á fome.

Cosc. Ah Senhor , não nos tires o pão cá de casa , porque isso he querer pornos a pão de padeira.

Gol. Coscorão , não dás remedio a isto ?

Silv. O remedio he matar , ou morrer.

Cosc. Ora espere , não se mate , que eu remedio isso : pergunto , que porta he aquella ?

Silvia. He a porta da minha camara.

Cosc. E aquelloutra ?

Gol. He a que vai para a despensa.

Cosc. Essa he a melhor ; pois querem que o Senhor Pan não veja aqui ao Senhor Silvano ?

Silv.

Silv. e Syr. Este he o nosso cuidado.

Cosc. Pois para que não seja visto aqui, esconda-se alli dentro.

Silv. Só tu podias dar em tão bom caminho.

Cosc. Parece-me a historia dos que querião metter com cestos ao Sol dentro em huma casa escura.

Gol. É então que succedeo?

Cosc. Que hum sujeito lhe evitou este trabalho, mandando abrir na casa huma janella.

Silv. Mas eu esconder-me? Isso não está bem ao meu valor.

Cosc. Qual valor! Não faças caso disso, que ninguem o sabe senão nós todos.

Silv. Attendei, Silvano, ao perigo em que estou.

Cosc. Ah Senhor, vê o que fazes, que está a Senhora de perigo, e pôde mover-se aqui alguma ruina.

Silv. Só por esta causa o farei. . . . *esconde-se.*

Cosc. Anda, Senhor, deixa-te de escrupulos, que todos fomos de casa.

Sabe Pan com a cara enfarinhada, e com huma mão cheia de farinha.

Silv. Ai que he isto! Este he o meu irmão?

Gol. Que celebre traste que vem! *á parte.*

Syr. Que tollo he este? *á parte.*

Cosc. Senhor, tu vens muito gentil-homem, e muito apolvilhado.

Pan. Coscorão, ellas parece que folgão de me ver.

Cosc.

Cosc. Ah Senhor , de gosto ; estão estourando com rizo.

Pan. Ora venho já capaz de apparecer ?

Sily. Muito havia rir se não estivera com tanto medo. á parte.

Syr. Se não estivera com tanto fusto , muito havia de rir. á parte.

Pan. Acabareis de conhecer , bella Syringa , quanto desejo agradar-vos. Alviçaras , Coscorão , que já me deu hum ar de rizo. *Para Cosc.*

Cosc. Ora anda para diante , e com esse ar não fiques tolhido.

Pan. Já fei , Syringa adorada , que os amantes são como os bacalhãos.

Syr. Porque ?

Pan. Porque os mais enfarinhados são os melhores.

Syr. E eu cuidava , que erão como os figos passados.

Pan. Porque ?

Syr. Porque quanto mais enfarinhados por fóra , mais ocós por dentro.

Cosc. Eu tambem quero dizer o meu conceito ; e he que os amantes os comparo ao pão dos escouçados.

Gol. Porque ?

Cosc. Porque quanto mais farinha por fóra , mais farello por dentro.

Gol. Dizes bem , que nestes casquilhos apolvilhados tudo he farelorio.

Syr. Tomára , que este homem se fora já daqui. á parte.

Pan.

Pan. Coscorão ; parece que he tempo de lhe hir com as mãos á cara.

Cosc. Vai, que ainda fóra do entrudo o pôr-se na cara tanta farinha he que faz a farinha cara.

Pan. Concedei-me, Senhora, lincença para requintar de todo a minha fineza.

Syr. Que me quererá este nescio ? *á parte.*

Chega-se Pan a Syringa, e enfarinha-a.

Pan. Ora eis ahi, eis-ahi vereis se sei ser amante.

Syr. Que he isto, que me succede ! Ha maior atrevimento !

Silv. Syringa, por vida vossa disfarçai, por não succeder alguma.

Pan. Oh Coscorão, estão-me as mãos folgando.

Syr. Que soffra eu isto pelo risco, em que está meu irmão. *á parte.*

Pan. Pois que dizeis ? ando já enfarinhado em amante, ou não ?

Syr. Sim, estou-vos muito agradecida.

Pan. Mas entendei, que esta he a primeira vez, que deito as minhas finezas em rosto.

Syr. Está feito ; ora hide-vos embora, para vos ficar mais obrigada.

Pan. Qual hir ? porque eu sou asno ? Oh lá haja merenda, e mais merenda.

Syr. peor he esta. *á parte.*

Silv. Ha maior infortunio ! *á parte.*

Pan. E eu mesmo hei de hir dentro buscalla, e servir á meza.

Cosc. Agora está o caso mal parado. *á parte.*

Gol. Que ha de ser de nós ? *á parte.*

Pan.

Pan. Pergunto, Silvia, estão lá dentro aquelles queijos, que hontem mandei fazer?

Silv. Não, já os comi. (Digo isto, porque não os vá buscar.) *á parte.*

Pan. Ahi! Comestes mais de vinte queijos? Já sei que comvosco não posso coalhar cousa alguma.

Silv. Tambem mandei alguns de presente.

Pan. E as castanhas que mandei para casa?

Silv. Não me lembra aonde as puz.

Pan. Supponho, que tambem com ellas vos enchestes como hum ouriço?

Cosc. Não, as castanhas, de burro que tal comesse.

Pan. Sempre vou á despensa buscar o que houver.

Cosc. E eu vou-me daqui, para ver se atalho alguma desgraça. *Vai-se.*

Gol. Senhor Pan, a Senhora Syringa só com a sua vista se sustenta.

Pan. Callai-vos ahi buginica, que vós sois a primeira que estais já desejando que dar á dentuça.

Silv. Mano, deixai-vos estar, que eu vou.

Pan. Qual! eu mesmo hei de hir em pessoa. *pegão nelle.*

Syr. Senhor, affirmo-vos, que não quero comer cousa alguma.

Pan. Pois quero eu; que depois que me vejo correspondido, tenho huma fome, que não posso parar.

Vai para entrar, e sabe Coscorão chorando.

Cosc. Ah Senhor Pan, acuda-me depressa.

Pan. Que he isto ? que tens ?

Cosc. Acuda me , antes que o magano se vá.

Pan. Pois que te fizeram ?

Cosc. Derão-me muitos nomes meus no cachaço. Ai , ai , ai.

Pan. Cala-te , não tens vergonha de chorar ?

Cosc. Quando ha de hum pobre Coscorão ter vergonha , se levou tão desavergonhados Coscorões ?

Pan. Ora és hum choramingas.

Cosc. Hum cho . . . que ?

Pan. Hum choramingas.

Cosc. Pois não hei de ser choramingas , se me fizerão n'uma afforda.

Pan. Conta-me , como foi isso ?

Cosc. Anda tu comigo.

Pan. Dize-mo primeiro.

Cosc. Ora ouve.

R E C I T A D O

Chorando.

Hum magano , hum maroto , hum mariolla
 Me pregou mil carollos na carolla
 Com tal manha , tal força , e por tal arte ,
 Com tal modo , tal geito , e por tal parte ,
 Que na terra moido
 Como hum cassão fiquei molle , e estendido
 E vendo-me cassão em tal trabalho ,
 Me quiz alli deixar de molho d'alho ;
 E eu que livre me colho ,
 Os teus pés busco agora de remolho.

A R I A.

Senhor Pan, se és branco, e alvo,
 Vale a hum pobre escouçado,
 Defancado, e derreado,
 Que chorando aqui te está.

Vem comigo, antes que fuja,
 Anda Senhor, anda já;
 Vamos, antes que se vá.

Vão se Cosc. e Pan.

Silv. Isto deve ser traça de Coscorão.

Syr. Pois vamos deitar fóra a Silvano, já que
 temos occasião disso. *Vão-se.*

S C E N A III.

Jardim. Sabem Esguicho, e Lingoíça.

Esg. **Q**ue queira esta maldita velha, que á
 força eu lhe queira bem, quando só
 morro pela minha bella Golosina!

Ling. V. m. Senhor Esguicho vejo, o já muito
 descuidado.

Esg. Ora não me venha já com estas asneiras.

Ling. Isso me diz, ingrato, depois de eu ter
 gasto com vossê tanto cabedal?

Esg. Eu digo, que he asneira desconfiares do
 meu amor.

Ling. Não sei se o creia, porque o vejo mui-
 to mudavel, e muito valdevelorios.

Esg. Em final de que he verdade, toma este abraço.

Ao tempo em que se abração sabe Coscorão , e Pan.

Cosc. Para deter a meu Amo , e vingar-me de Esquicho , boa occasião he esta á parte. Anda , Senhor Pan , que aqui estão os velhacos , que me derão. *para Pan.*

Pan. Foi Esquicho ?

Cosc. Foi elle , e mais essa caveira desdentada.

Esg. e Ling. Há maior testemunho !

Cosc. Callem-se ahi marmanjos.

Pan. E porque te deu !

Cosc. Ha dizer te derão , porque ambos me forão ao couro.

Ling. Pois eu deite ?

Cosc. Sim Senhora , tambem cá pelas costas senti meu pedaço de Lingoixa.

Pan. E porque te derão ?

Cosc. Porque reprehendi seus bestiaes namoratorios.

Esg. Como lhe dei eu , se ainda hoje não o vi ?

Cosc. Eu não fei se me via , porque dava pancadas de cego.

Ling. O que mais sinto , he ficar a minha honestidade em bocas do mundo. *á parte.*

Pan. Coscorão , ahi vem já Syringa ; supponho , que vai para casa , peço-te a leves pelo bosque para gozar algum favor seu , pois vejo que já não lhe desagrado.

Cosc. Vai-te esperar descansado , que eu as levarei por lá.

Pan. E tu Esquicho adverte , que não offendas ma-

mais este moço , porque tu és tu , e elle he elle.

Vai-se.

Esg. Ora cale se , que eu me vingarei. *á parte.*

Sabem Syringa , Silvia , e Golosina.

Ling. Olhem para que estava eu guardada no cabo dos meus sessenta ?

Silv. Como já Silvano se foi , seguras estamos.

Syr. Pois mana , ficai-vos embora , que são horas de me hir. Vamos , Coscorão.

Silv. Hide com os deoses.

Cosc. Vamos que mal sabes o que te espera.

á parte.

Vão-se Syringa , Golosina , e Coscorão.

Silv. Quanto estimo ver-me livre de tão grande susto.

á parte.

Esg. Desta forte me vingarei de Pan , e servirei bem a meu Amo.

á parte.

Ling. Se Esguicho não casa comigo , não me lavo com quanta agoa tem o mar.

á parte.

Esg. Estou , Senhora , admirado de ver o teu descanço.

Silv. Em que ?

Esg. O Senhor Pan , vai daqui ameaçando-te que te ha de matar.

Silv. Que dizes ? Ai de mim !

Esg. Não sei que enredos lhe meteo Coscorão , que vai daqui desesperado , dizendo , que és a sua deshonra.

Silv. Ai , que sem duvida lhe disse o traidor Coscorão , que estava comigo Silvano.

á p.

Esg.

Esg. Digo-te isto , por cumprir com as obrigações de bom criado.

Silv. Perdida estou ! Não ha mais remedio , que ausentar-me para casa de Syringa. *á p.*

Ling. Para que dirá Esguicho esta mentira ? *á parte.*

Silv. Sem lhes dizer para onde , me ausentarei. *á parte.*

A R I A.

Onde hei de hir triste de mim
A buscar amparo , e notte ,
Já que meu irmão a morte
Me fulmina com rigor ?

Por fugir ao triste damno ,
Que fulmina o seu foror ,
Azas dá o mesmo amor. *Vão se*

S C E N A IV.

Bosque. Sabe Pan.

Pan. **A** Qui estou esperando para gozar os favores da bella Syringa , e pela esperança em que estou , me parece cada hora sessenta minutos. Mas eu que não a vejo , final he que ainda não vem. Mas ai que se não me engano , ahi sinto vir gente , e certamente , ou he ella , ou outrem : quero-me retirar , para ver quem he. *oculta-se.*

Sabem Syringa , Golosina , e Coscorão.

Cosc. Oh Senhoras , vossas merces hão de seguir por mim , ou não ? *Syr.*

Syr. Por onde nos levas tu ?

Cosc. Deixem-se hir comigo , que eu darei contra de vossas merces.

Syr. Por este caminho não se vai para nossa casa.

Cosc. Onde estará este homem , que ainda não apparece ? *á parte.*

Gol. Este caminho he muito solitario.

Syr. Estou capaz de voltar para traz.

Cosc. Não Senhoras , hão de vir comigo , que eu hei de entregallas ao Senhor meu Amo.

Syr. Golosina , vamo-nos para traz.

Cosc. Tenhão mão em cortezia , mas quem vem lá ?

Sabe Pan.

Syr. Ai de mim , que vejo !

Gol. Peior he esta. *á parte.*

Cosc. V. m. por aqui , Senhor Pan ?

Pan. Minha bella Syringa , a vossa presença festejão estes hosques , que embrulhados nos capuzes das suas sombras estão dançando a contradança da capuchinha.

Gol. Me melem , se isto não he entrega de Coscorão. *á parte.*

Pan. Não me respondeis , Senhora ? já mudastes de parecer ?

Syr. Muito receio o atrevimento deste homem. *á parte.*

Pan. Pouco tempo ha , que vi o vosso semblante mais alegre ; porque estais agora tão embezzerrada ?

Syr. Coscorão , para isto nos trouxeste por aqui ? *Cosc.*

Cosc. Eu adivinhava , que havíamos ter tão bom encontro ?

Pan. Senhora , por mercê não me fareis hum favor ?

Syr. Que favor ?

Pan. Hum abraço , ou cousa que o valha.

Syr. Ai triste de mim ! Ha quem tal diga !

Pan. Deixai-me , Senhora , chegar a boca á nevada catimplora das vossas mãos.

Syr. Ainda os fados me tinham guardada para ouvir isto !

Cosc. Ha quem tal faça ! Queres tomar neve em tempo tão frio ?

Pan. Toda esta neve para mim he hum trago , ou hum sorvete.

Gol. Está isto bom , Senhor Coscoráo ?

Cosc. Eu tenho culpa de Pan estar tão lêvado de amor ? Mas espera , que eu meto as mãos na massa. Ah Senhor v. m. que quer a minha Ama ?

Pan. Coscoráo , deixemos disfarces , que estou desesperado.

Cosc. Pois que esperas ? Faze o que te parecer.

Syr. Ah criado falso traidor !

Gol. Ah desleal ! ah fementido !

Cosc. Tudo isto são questões de nome : vamos *ad rem* ; venha tambem minha Golosina hum abraço cá para o pobre.

Gol. Hum dardo que o atravesse.

Cosc. Bem me atravessa quem he tão travessa.

Pan. Senhora , concedei-me o que peço , senão farei o que posso.

Syr.

Syr. Oh piedoso Jupiter, vale-me em tanta aflição.

Cosc. Não te cances, Senhora, em chamar por Jupiter, que he tão bom tonante como qualquer de nós.

Pan. Pois valerme-hei da força, ainda que quebre comvosco.

A R I A A D U O.

Syr. Vós, oh Deoses soberanos.

Pan. Oh ingrata espera, espera.

Syr. Valei-me.

Pan. Tyranna fera.

Syr. Ai de mim! valei-me já } *Ambos.*
Pan. Aos meus braços chega já }

Syr. Piedosos me attendei.

Pan. Não resistas bella, ingrata.

Syr. } Se vossa clemencia grata
 } A todos auxilio dá } *Ambos.*
Pan. De mim não te livras já }

Vai Pan a abraçar-se com Syringa, e se converte em hum canaveal.

Cosc. Que he isso? Ah Senhor, tem mão que te abraças com humas canas.

Gol. Que vejo! oh desgraçada de mim!

Pan. Ha maior desdita!

Cosc. Pois que te parece, o que fosse fazer, e desfazer.

Pan. Deixa-me Coscorão, que perco o juizo.

Gol. Ai minha rica Ama do meu coração, que te trago a terra.

Cosc.

Cosc. Tens razão de chorar, minha Golosina, que otragalla a terra foi para todos hum amargo trago.

Pan. Oh piedosos Deoses, se a reduzis á sua propria fórma, eu vos prometto. . . .

Cosc. Promete-lhe huma Syringa de prata para ajuda do custo.

Gol. Vou-me por esse mundo acabar a vida.

Cosc. Espera, dame ahí primeiro dez mil abraços, para não te hires rindo de tua Ama.

Gol. Ha maior loucura! vossê não vê o exemplo diante dos olhos?

Cosc. Não tenhas medo, que tu estás segura, pois nem a terra te ha de poder tragar.

Gol. Pois valhão-me os pés: *vai para fugir.*

Cosc. Tenha mão. *segura nella.*

Gol. Valei-me, Deoses piedosos.

Vai para a abraçar, e converte-se em huma salgadeira.

Cosc. Mas aí, dei com os narizes n'um sedeiro!

Pan. Que he isso Coscoráo?

Cosc. He hum methamorphorfeos lacaial.

Pan. Irados estão os Deoses contra nós.

Cosc. Estão hoje apostados a pregarnos a pezza.

Pan. Em huma salgadeira se transformou?

Cosc. Isto tenho eu contra huma, e outra, que se não converterão ao menos em arvores fructíferas, pois não era má para o tempo a fructa de Syringa.

Pan. Vem cá Coscoráo, dáme algum alivio em tanto mal.

Cosc.

Cosc. Oh Senhor , adverte que eu não sou fo-
le do Maranhão para supprir nas faltas de
Syringa.

Pan. Não zombes de mim , quando me vês es-
tar penando.

Cosc. Deixe me , que tambem estou enfadado ,
e senão gritarei pelos Deoses , ainda que me
convertão em altavaca de cobra , ou em ce-
bolla albarrá.

Pan. Deixa loucuras , e aconselha-me , o que
devo fazer neste caso.

Cosc. Isto agora sim , que eu entendia cá outra
afneira. Senhor , o remedio que ha he re-
garmos com lagrimas esta seara que temos feito.

Pan. Que importa , que eu chore tanto
Com excessivas ternuras ,
Se a estas canas tão duras
Não abranda hum mar de pranto.

Cosc. Pois eu cá por minha móssa
Em chorar tenho assentado ;
Porque rudo o que he salgado
Só com muita agoa se adôça.

Pan. Pare o pranto , pois se perde ,
E quer o peito rasgar
Para com sangue regar
Huma esperança tão verde.

Cosc. Neste salgado em que apanho
Hum defluxo tão sem par ,
Sómente quero chorar
Ainda que o chorar faz ranho.

Pan. Feliz tu , que a lisongeira
Sorte , com gloria reserva ;

Pois para a tua conserva
Te deu huma salgadeira.

Cosc. Feliz tu, que a forte uana
Te dá curas tão subidas;
Pois para as tuas feridas
Tens agoardente de cana.

*Fallão ambos em segredo, e sabe Silvía junto
ao canavial.*

Silv. Pelo que me disse Esguicho, venho buscando a casa de Syrynga, mas já vejo que perdi o caminho. Porém ai de mim infeliz, que alli está meu irmão fallando com aquelle traidor! Sem duvida que me anda procurando: occultar-me-hei entre estas canas, os Deoses me defendão.

Esconde-se entre as canas.

Pan. Coscorão, não sei que ha de ser de mim.

Cosc. O que? hirmos para casa, que são horas de cuidar na cea.

Pan. Isso he seres bruto; ha quem queira comer á vista destes espectaculos?

Cosc. Eu não digo, que comamos á sua vista, vamos comer para casa.

Pan. Já não espero ter consolação na minha vida.

Cosc. Mas ai que estamos perdidos, que ahi vem Silvano direito a nós!

Pan. Ainda mais essa?

Cosc. Has de dizer ainda mais esse.

Sabe Silvano.

Sily. Esperai Pan, que vós, e este aleivoso criado

do me hão de dizer onde me fumirão minha irmã, pois a virão entrar com elle para aqui
Cosc. Pois vê-a v. m. aqui comigo?

Silv. Não.

Cosc. Logo he final certo, que não está cá.

Silv. E vós, Senhor Pan, dai-me tambem conta della; pois já estou informado, de que atrevido a folicitaveis.

Pan. O certo he que o caso está bem mal parado. *á parte.*

Cosc. Todavia v. m. não sabe onde está?

Silv. Não, e mais tenho corrido tudo.

Cosc. Então como havemos fabello nós, que não temos passado daqui.

Silv. Logo devia tragalla a terra.

Cosc. Talvez, que assim succedesse.

Silv. Oh atrevido, zombas de mim? morrerás?

Pan. Tende mão, Senhor Silvano.

Silv. Vós, e elle morrerão, se me não derem contra della.

Pan. Na verdade quereis saber della?

Silv. Pois não?

Pan. Obrais como irmão amante.

Silv. Pois aonde está? aviemos.

Pan. Boa conta lhe darei eu della. *á parte:*

Silv. Não respondeis? pois briguemos.

Pan. Esperai, Silvano.

Cosc. Espere, Senhor: assim se achão as cousas tão depressa!

Silv. Que hei de esperar?

Cosc. Deixe-nos considerar primeiro, para ver se damos nella.

Pan.

Pan. Eu não tenho mais remedio , que responder-lhe a verdade. *á parte.*

Silv. Pois que dizem ?

Cosc. Outra vez. Se nos estiver atarantando , não nos lembrará nada que lhe dizer.

Silv. Grande he a minha paciencia !

Pan. Senhor Silvano , a quem procurais , buscai entre as canas , que vedes , e se não vos deres por satisfeito , por aqui vou. *Vai-se.*

Cosc. E eu tambem. *Vai-se*

Silv. Vejamos se he assim.

Chega Silvano ao canavial , e sabe Silvia.

Silv. Mas que vejo ! vós Senhora aqui... quando...

Silv. Eu sou , Silvano.

Silv. Que he isto ! Pan entregar-me sua irmã , para que eu lhe não procure a minha ! porém hei de matallo , porque mais estimo a honra , que o amor. *á parte.*

Silv. Muito pensativo estais ! peza-vos de me veres aqui ?

Silv. Senhora , esperai , que já venho.

Silv. Detende-vos , e valei a huma mulher infeliz , se fois amante , e nobre.

Silv. De tudo me prezo ; porém dai-me licença.

Silv. Amparai-me , porque meu irmão me pretende tirar a vida , por saber , que vos amo.

Silv. Ella cuida , que não entendo os seus disfarces. *á parte.*

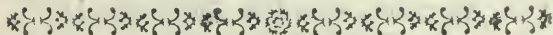
Silv. Ponde-me em seguro , e depois averiguai o que quizeres.

Silv. Diz bem , levala-hei comigo , e depois o bus-

buscarei para lhe dar a morte. *á parte.* Muito deveis ao meu amor , que tanto refreia aos meus zelos. *Vamos.*

A R I A A D U O.

Silvia. Já seguirte intenta
Quem firme te adora.
Silv. Seguirme , Senhora.
Ambos. Que o tempo me falta.
Silv. Para me vingar. } *Ambos.*
Silvia. Para te lograr. }
Silv. Sem ti não me alento.
Silvia. Sem honra não vivo.
Ambos. E he tormento esquivo.
Silvia. O não te avistar. } *Ambos.*
Silv. O sem honra estar. }



A C T O III.

S C E N A I.

Besque com o conavial. Sabe Coscorão.

Cosc. Assim como qualquer porco tem por centro a sua salgadeira , assim eu tambem , ainda que me fação em postas , hei de buscar esta salgadeira por meu centro. Mas he possivel que se transformasse em cousa tão salgada huma Golosina tão doce , para cuja
assu-

añucarada belleza concorrião os amantes como moscas? Mas ai, que ahi vem o salvagem de Esguicho, e supponho que tambem vem com a mosca, pela pressa com que caminha, e eu vou-me moscando, porque não haja alguma mosquetaria de focos.

Vai para se hir, e sabe Esguicho.

Esg. Ah sou camarada?

Cosc. Camarada he marujo.

Esg. Ah sou amigo?

Cosc. Amigo he bebado.

Esg. Ah sou praceiro?

Cosc. Praceiro he preto.

Esg. Ah sou homem?

Cosc. Homem he mariola.

Esg. Ah sou asno?

Cosc. Agora sim, que disse vossê o que he.

Esg. Vossê empulha-me?

Cosc. Vossê he que se empulhou, dizendo ah sou asno, sou asno.

Esg. Seja o que for, não gastemos tempo em cousas de pouco fundamento.

Cosc. Assim he; vamos ao mais que tenho pressa.

Esg. O que eu quero he, que vossê me dê conta de Golosina, porque sei, que a sumio onde quer que he.

Cosc. He o que eu digo, ahi temos entalação.
á parte.

Esg. Vamos dando conta della.

Cosc. V. m. não sabe onde ella está?

Esg. Não.

Cosc.

Cosc. Pois busque-a , que talvez que não appareça.

Esg. Vossê zomba ? olhe que lhe hei de romper as tripas.

Cosc. Se vossê me rompe as tripas , então tem Golosina certa.

Esg. Pois preparar , ou para nos matarmos , ou para ella apparecer.

Cosc. Está boa impertinencia ! Eu não fei como escape deste salvagem. á parte.

Esg. Aviemos , senão olhe que lhe dou.

Cosc. Mas imitando a meu Amo com a mesma verdade lhe responderei. á parte.

Esg. Não ouve ? pois levará.

Cosc. Espere , diga o que quer , não he saber onde ella está ?

Esg. Sim não me ouve ?

Cosc. Ora acabe com isso ; pois meu amigo procure-a naquella salgadeira , que alli se escondeo , ainda que vossê não a ha de conhecer.

Esg. Ora eu vejo. Mas ai de mim ! que he isto ! espera , Coscorão , espera.

Vai ver , e sabe huma burra de entre a salgadeira.

Cosc. Que quer ? (Mas ai que por acaso alli estava huma burra , proseguirei no engano.) á p.

Esg. Esta he Golosina ?

Cosc. Pois porque te disse eu , que não a havi-as conhecer !

Esg. He possivel , que isso seja assim.

Cosc. He fadario , que tem de dias em dias. Meu amigo , somos miseraveis.

Esg. Eu em todo o tempo , que estive em casa , nunca vi que tal fadario tivesse.

Cosc. Porque ? logo se havia transformar á sua vista ? quantas vezes a veria feita burra , sem que a conhecesse ?

Esg. Pois pergunto : as mulheres tambem tem este fadario ?

Cosc. Quantas , meu amigo por fadario são burras toda a sua vida.

Esg. Oh meu Coscorão , quando ha de ella tornar a si ?

Cosc. Estas duas horas ainda se não ha de desfemburrar.

Esg. Sempre he para ter pena ; olhe o que fomos , e em que nos tornamos !

Cosc. Ah sou Esguicho , este fadario havião ter todas as mulheres dos homens pobres , porque servião de grande descanso aos maridos.

Esg. E a mim me serve de afflicção.

Cosc. Sabe vossê para que era boa huma destas ?

Esg. Para que ?

Cosc. Para mulher de hum agoadeiro.

Esg. Forte magoa ! ver eu mudada em huma ridicula burrinha huma moça como huma urca !

Cosc. Tenha a consolação , que logo a verá gente em se desasnando.

Esg. Não tenho mais remedio , que levalla para casa.

Cosc. Faz bem ; e eu tambem me vou , e tenha a consolação , que logo lhe passa essa transformação burrival. *Vai-se.*

Esg. Quem me havia dizer , minha doce prenda

da , que te havia eu ver mança como huma burrega , quando eras arisca como huma gata ! e já que te vejo tão quieta , hei de me fartar de te abraçar.

abraça-a

Sabe hum rustico.

Rust. Que vejo ! Aquelle asno está abraçado com hum burro ? Já eu ouvi dizer , que se abraçavam asnos com ameixieiras ; porém asnos abraçados com outros , ainda agora o vejo.

Esg. Ora anda para casa , meu amor.

Rust. Mas ai , que he a minha burra ! Ha maior insolencia ! que não possa hum homem ter a sua jumenta segura destes maganos ladrões !

Esg. Mas quem he o que lá vem ?

Rust. Ah sou amigo , aonde leva essa burra ?

Esg. Senhor , isto cá he huma coufa , que lhe não importa.

Rust. Não me ha de importar a minha jumenta , que comprei ?

Esg. Olhe v. m. que se engana , que esta burra he como qualquer de nós.

Rust. Será como elle , atrevido ; ora tome.

Dalhe.

Esg. Ai , ai , ai ! basta Senhor ; ahi está a burra , quer seja gente quer não.

Rust. Já se crê do que lhe digo ?

Esg. Sim Senhor , que v. m. prova , o que diz com filogifmos em *Dari*.

A R I A.

Rust. Larga a burra, magano, atrevido,
 Não ma queiras tomar, ladronaço;
 Se não vê que o teu triste cachaço
 Ha de ser derreado, moido;
 Irra vasco com tal desaforo!
 He por certo valente furtar.
 Vaite, antes que me atente,
 Pois te vejo sem modo de gente,
 Mais que a burra, valente animal.

Vai-se.

Esg. Está isto lindo! Dar-se-há caso que o tal
 Coscorão me albardaria com a burra! Mas cal-
 te que se me emburricaste, eu te tangerei.

Vai-se.

Sabe Pan.

Pan. Assim como o navegante, que navega em
 estreito canal, tendo contrario o vento, tudo
 he dar voltas; assim neste canal, em que
 o meu amor naufraga, tudo he dar gyros co-
 mo a cobra; e se a huma cobra facilmente
 mata huma cana, que farei eu vendo tantas
 contra mim! Ai triste, aonde acharei conso-
 lação! Mas já que vós sois o motivo do meu
 penar, quero cortando-vos, que decanteis co-
 comigo a minha infausta sorte, e já que sois
 a causa do meu mal, haveis de ser o clarim
 do meu tormento. (*Corta nas canas.*) Sup-
 ponho, que não vos offende o cortar-vos,
 pois tambem Dafne se não queixou de Apollo
 lhe

He cortar para a coroa sua verde rama ; e
 assim já que fostes quem me fugio , he ra-
 zão seja eu quem vos atlobie ás botas.

*Chega as canas que cortou á boca , e canta
 o seguinte.*

R E C I T A D O F L A U T A D O .

Verei se assim soprando com a boca.

Ai , que harmonia faz ! ai como toca !

Oh que tão bella industria amor me ensina
 O instrumento he hum thesouro , he huma
 mina.

Como he sonoro , doce , e tão suave !

Que consonancia faz , tão bella , e grave

Que a meus tristes ouvidos

Eleva com tão doces sustinidos.

A R I A .

Doce calamo decanta

Já comigo a minha magoa ,

Pois que nesta triste fragoa

Sinto a ausencia de hum amor :

E se a forte me condemna

A chorar na minha pena ,

Dame alivio em tal rigor.

Sabe Coscorão por detraz do canavial.

Cosc. Vejamos se se ausentou já daqui aquelle
 salvagem. Mas ai , que alli está meu Amo !
 he forte desgraça ! Que não possa ter lugar
 hum pobre Coscorão de se trigar no azeite
 das

das finezas! Ora escondamonos aqui, até ver se se vai. *esconde-se no canavial.*

Pan. Quando vejo este verde canavial, se me entristece a minha esperança.

Cosc. Pois razão tinha para se alegrar com o verde. *á parte.*

Pan. Oh como te custou salgada huma graça de amor!

Cosc. Mais salgada custou a Golosina, que está feita salgadeira. *á parte.*

Pan. Talvez não chegasses a tanto, se não fora o teu amor com Pan tão duro.

Cosc. Ao mesmo chegou Golosina, e mais não arreava a pão mole. *á parte.*

Pan. Que farei infeliz de mim?

Cosc. Ora quero fazer huma peça a meu Amo. *á parte.*

Pan. Que hei de fazer, quando louco o teu amor me traz?

Cosc. Traz. *por falsete.*

Pan. Ai que se não me engano, hum éco ouvi! Por ventura, adorado bem, serás tu essa voz, que soou?

Cosc. Sou.

Pan. Ditoso me considero! Perdoa-me, meu bem, ser eu causa de tu estares assim.

Cosc. Sim.

Pan. Torna outra vez á tua fórma, que eu prometto, de que outra vez te não agarre.

Cosc. Arre.

Pan. Ainda és ingrata contra mim?

Cosc. Im.

Pan.

Pan. Pois que intentas , ou querês em tanta magoa ?

Cosc. Agoa.

Pan. Agoa ? Eu vou , Senhora , buscalla , pois tão perto está a fonte. *Vai-se.*

Cosc. Elle se foi , e eu me estou tambem hindo com sono ; porém tomo acordo de não dormir , sem primeiro cantar hum bocadinho.

A R I A .

Ai , que estou pingando !
 Não posso já bulirme ,
 E o sono a perseguirme ,
 Aqui me hei de deitar :
 E que lhe hei de fazer
 Se o cão aperta tanto ?
 Tenha lá mão desse canto
 Que não me hei de entregar.

*Cabe dormindo entre as canas , e sabe Pan com
 uma quartinha de agoa.*

Pan. Aqui venho já obediente aos vossos preceitos. *Deita a agoa sobre Coscorão.*

Cosc. Ai , que me matão ! *levanta-se.*

Pan. Que se isto ?

Cosc. Ai que estou cego ! *chora.*

Pan. Tu cloras ?

Cosc. Ainda mo perguntas , quando me vês os olhos arnzados de agoa ?

Pan. Não abia , que aqui estavas.

Cosc. He possível , que sendo tu Pan , me fizesses a nim n'uma sopa ?

Pan.

Pan. Dize , que fazias aqui dormindo ?

Cosc. Dize-me tu , porque carga de agoa me fizeste bacalháo de molho ?

Pan. Eu cá sei o meu intento.

Cosc. Tu sabes o teu intento , e eu no entanto vou soffrendo as tuas aguadas. (Mas eu tive a culpa , pois cuidando que te lograva , vim a cahir na corriola.) *á parte.*

Pan. Ai , Ai , Coscoráo ! não sei como ando !
cu morro.

Cosc. Pois se estás mal , eu sou cá orinol para te tomar as agoas ?

Pan. Estou ardendo n'um inferno de pedras.

Cosc. Pois se estás ardendo , toma hum banho como eu.

Pan. Hoje nesta amante fragoa
Vejo contrarios primores ;
Pois eu padeço os aores ,
Tu és quem recebe a agoa :
Meu coração sente a magoa ,
E tu te ficas queixando ,
E nisto se está mostrando
O intento todo frustrado ;
Porque tu ficas aguado ,
E eu sou o que vou aguando. *Vai-se.*

Cosc. Agoa vai ! sede lá moço
De hum Amo tão dezalmao ,
Que acorda hum triste courado ,
Que dorme qual pedra em poço !
Atogado até o pescoço

Me vi nesta amante fragoa:
 He por certo grande magoa
 Ver, que hum tal Amo affirm obre,
 Quando se queixa de hum pobre,
 Que o serve por baixo da agoa.

Vai-se

Sabe Silvia.

Silv. Fugindo ás amorosas instancias de Silvano, venho tão perdida do caminho, como do sentido; pois cuidando achar alivio na companhia de Syringa, como esta não apparece em casa, fômente encontrei amorosos atrevimentos em Silvano, e fugindo a seus rogos, venho guiando os passos, sem saber para onde. Mas ai de mim, que ahi vem meu irmão! Que farei piedosos Deoses! Porém este canaveal ferá segunda vez meu abrigo. *esconde-se.*

Sabe Pan, e Coscorão seguindo a Esguicho, que se retira.

Pan. Suspende os passos, e dize-me aonde está minha irmã?

Esg. Por me livrar deste demonio, encravarei a meu Amo. *á parte.* Senhor, pergunta por ella ao Senhor Silvano, que a tem em casa. *para elle.*

Pan. Oh desleal, perderás a vida.

Esg. Valhão-me os pés. *foge e vai-se.*

Pan. Espera, infiel criado.

Cosc. Senhor, não nos cançemos em seguillo, porque o medo lhe pôs azas nos pés.

Silv.

Silv. Não posso perceber , porque se enfada meu irmão. *á part.*

Pan. Que te parece isto , Coscorão ? Não bastava estar ferido de amor , senão escalavrado do credito ?

Cosc. Pois curate com agoardente de cana , que logo fãras.

Pan. Oh Coscorão , como estará Silvano com Silvia soberbo !

Cosc. Oh Senhor , e como hirá Esguicho com Lingoissa enchoriçado !

Pan. Com a morte de ambos me satisfarei.

Cosc. E eu me fartarei com deslancar o palαιο áquelle esfaimado tragador de Lingoissas.

Pan. Mas ai , que de toda a força desfaleço , quando vejo aquelle espectaculo !

Cosc. Mas ai , que tambem enfraqueço quando vejo aquelle espantalho !

Pan. Igual he o nosso sentimento.

Cosc. Pois Senhor Pan , eu com ser Coscorão , tambem sou da mesma massa , que tu és.

Pan. Pois que havemos fazer neste caso ?

Cosc. Chorarmos como humas crianças.

Fallão á parte , e sabe Lingoissa junto á salgadeira.

Ling. Por aqui ando perdida , sem saber caminho , nem carreira. Mas ai , que alli está meu Amo ! desgraçada de mim ! Aqui me esconderei até se hir.

Esconde-se na salgadeira.

Pan Já vejo , Coscorão , que o meu mal he sem remedio.

Cosc.

Cosc. Se isso he por falta de Syringa , o remedio he bom.

Pan. Qual he ?

Cosc. Mandar chamar hum cristaleira.

Pan. Pergunto eu , Coscorão , dar-se-ha caso que estas canas estarão tapando a Syringa , e que esteja debaixo dellas ?

Cosc. Nem duvido , que Golosina esteja debaixo da salgadeira.

Pan. Que eu não creio , que estas canas sejam Syringa.

Cosc. Qual ? Esquichos de cana , já eu vi , mas Syringas não.

Pan. A mim me parece que não nascerão della.

Cosc. E a mim , ainda que Aristoteles diz que *productio unius est corruptio alterius*.

Pan. Que he isso ?

Cosc. He hum sujeito , que disse , que a produção dos caniços he corrupção das arterias.

Pan. Pois Coscorão , entremos a cortar.

Cosc. Pois Senhor , entremos a desfazer.

Silv. Que ouço ! Ha maior desdita ! *á parte.*

Ling. Que escuto ! Ha maior desventura !

á parte.

Pan. Com esta espada.

Cosc. Com esta faca.

Pan. Vá o corte ás canas.

Cosc. Vá o jogo ás salgadeiras.

Silv. Ai de mim infeliz !

á parte.

Ling. Ai desgraçada de mim !

á parte.

Pan. Que como as canas tem olhos , he bem lhe chegue a sua séga.

Cosc.

Cosc. Que como a falgadeira tem folhas , he justo lhe chegue a sua defencadernação.

Pan. Mas ai que temo , que com esta léga perca de vista a luz dos meus olhos !

Cosc. Mas ai que receio , que com esta ancia te me vá o meu bem ao cahir da folha !

Pan. Mas corremos , e faia o que fahir.

Cosc. Mas rompamos , e venha o que vier.

Vão para envestir , sabe Silvano ; e suspendem-se.

Silv. Que vejo ! Este homem está louco ? á p.

Pan. Mas Silvano ! Nelle vingarei as minhas iras.

Cosc. Ai que ella ahi está travada ! á parte.

Silv. Senhor Pan , estaveis enfaiando-vos para a peleja ?

Pan. Não he isso da vossa conta , o que importa he vir para cá minha irmã.

Silv. Este homem he louco ? entregou-me a irmã , e agora pede-ma. á parte.

Pan. Vamos andando ; ou minha irmã , ou a vida.

Silv. Mas isto sem duvida he disfarce nelle , por saber , que já me fugio aquella ingrata , mais leal a elle , que ao meu amor.

Cosc. O tal Silvano está muito mula ; hoje nos moe aqui a couces. á parte.

Silv. Atalhou-se hum perigo com outro maior. á parte.

Ling. Ora vejão aonde eu me havia vir meter ! á parte.

Pan. Senhor Silvano , não me ouvis ?

Cosc. Como está réo o magano do furta irmãs ! á parte.

Silv.

Silv. Estou observando o descoco de me pedires vós o mesmo , que eu vos peço , cuidando de me ganhares por mão.

Cosc. Por mão fim lhe ganhará me Amo , mas por unha ninguem ganha a v. m.

Pan. Eu vossa irmã não vo-la tenho ; vós me entregai a minha.

Silv. Há maior ignorancia ! Este homem cuida que me esquece a historia do canavial ; mas quero seguir-lhe o humor , e lhe darei a morte.
á parte.

Pan. Muito considerais.

Silv. Nisso me pareço comvosco.

Pan. Não estejamos com fanxas marranxas : appareça minha irmã , ou briguemos.

Silv. Ora quero darte o chasco com a mesma resposta que me déste.
á parte.

Silv. A desgraça hoje he infallivel.
á parte.

Cosc. Já se sabe , que em os vendo puxar , largo a fugir.
á parte.

Pan. Esta duvida , Silvano , vai-me cheirando a cobardia.

Silv. Enganais-vos ; porém adverti , que em semelhante caso me não déstes vós tão prompta resposta.

Cosc. Não era por medo ; porque o Senhor Pan não tem papas na lingua , nem he nenhum papas de pão.

Silv. Em fim quereis saber de vossa irmã ?

Pan. Para que o perguntais , se o sabeis ?

Silv. Ora espera que eu te lembro o logro.
á parte. Pois procurai-a nas canas que ahi vedes.
para elle. *Cosc.*

Cosc. Ai que tambem lhe dá com as canas! *á parte.*

Silv. Ai triste, infeliz de mim! *á parte.*

Pan. Está feito. Mas que vem meus olhos! morrerás.

Sabe Silvia do canavial, e foge para Silvano.

Silv. Valei-me, Senhor Silvano.

Silv. Que vejo! Ah ingrata, que segunda vez te occultaste por ordem de Pan, para que eu não lhe pudesse pedir minha irmã.

Ling. Ai cá estava a Senhora Silvia! *á p.*

Pan. Pois como a defendeis de mim, se ma entregais?

Silv. Mas já vejo que nisto acudirão os Deoses pela minha innocencia, e assim me vingarei. *á parte.* Bem vedes, que vos dou conta de vossa irmã; porém não vo-la hei de entregar sem apparecer a minha. *para elle.*

Cosc. He justo isso; mão por mão.

Pan. Agora a isto não sei que responda.

Cosc. Ahi torna Pan a ser réo. *á parte.*

Silv. Não vos resolveis?

Silv. Oh quem não tivera vida.

Pan. Eu não fei o que faça. *á parte.* Oh *Coscorão*, o Senhor pede conta de sua irmã, e he muito justo.

Cosc. Ui, pois não? que o sangue corre pelas veias.

Pan. Mas dize, como lhe havemos nós dar conta della?

Cosc. Agora dessa conta ferei eu o nós fóra.

Silv.

Silv. Muito deveis á minha paciencia!

Cosc. Ah Senhor , não o esteja atarantando , que está lá fazendo a sua conta , para ver se lha deve dar , ou não.

Pan. Silvano , já vejo , que este caso he como hum casamento.

Silv. Porque?

Pan. Porque só com a morte de hum se póde acabar.

Silv. Morrerás , aleivoso.

Silv. Tende mão Silvano. Ai de mim !

Pan. Só os Deoses vos podem dar vossa irmã.

Cosc. E crei , que só Plutão , porque ella lá se encaminhou para o inferno.

Silv. Pois briguemos.

Pan. Briguemos.

Silv. Silvano , Pan , ai de mim !

Cosc. Ah Senhor , tenha dó dessa menina , que lhe está pedindo pão.

Silv. Aparta-te falsa.

Pan. Retira-te traidora.

Silv. Todos me injuriais , quando a nenhum offendi.

Ling. Olhem para isto ? todos fazendo fachina , e eu occupando a falgadeira ! á parte.

Pan. Esperai , Silvano , deixai-me implorar os Deoses , e se não valerem os rogos , supprirão as espadas.

Silv. Está feito.

Cosc. Grita bem para que te oução.

Silv. Oh Jupiter , remedeia lance tão apertado.

R E C I T A D O .

Pan. Oh tu Jupiter alto , e poderoso ,
Os teus olhos inclina hoje piedoso ;
Já basta de castigo ,
Atende ao damno , mova-te o perigo.
Torna Syringa á sua propria fórma ,
Que tanto o meu amor já se refórma ,
Que pelo Stygio faço juramento
De não mais offendella o pensamento.

Converte-se o canavial em Syringa , e suspendem-se todos.

Todos. Que portento !

Syr. Ai de mim !

Ling. Que he o que vejo ! *á parte.*

Syr. Quem me acordou ? Mas aqui ! Silvano eu sem culpa.

Silv. Não vos affusteis.

Syr. Querida Silvia valei-me.

Silv. Não temais que vos offenda , contaime o successo.

Syr. Sabereis , Silvano , que esse atrevido me esperou neste bosque , e querendo-me dar hum abraço , eu não o quiz aceitar , e teimando , chamei pelos Deoses , e como fiquei ignoro , só sei que até agora nada senti.

Silv. He possivel que a tanto chegasse o excesso de meu irmão ? *á parte.*

Silv. Pois que vos parece , Pan , a vossa ousadia ?

Pan. Como vos entrego vossa irmã , tenho cumprido com o que devo , pois lhe não tirei
ne-

nehum pedaço ; porém minto , que já me lembra que de huma cana , que cortei , fiz huma flauta , que por lhe pertencer a quero entregar.

Vai para tirar a flauta , e tira huma trança de cabellos.

Pan. Mas que he isto ! Converteo-se em huma trança de cabellos !

Silv. Que prodigio !

Silv. Que portento !

Cosc. Ah Senhor , os Deoses pregarão-ta de cabellos.

Syr. Ai , que cá me falta a minha rica trança.
apalpa.

Cosc. Por hum cabelo não a deixas creca.

Pan. Com restituilla pago o devo. *dalha.*

Silv. Olhem se succede cortar lhe a cana de hum braço.

Cosc. Se lhe corta-se alguma cana da lingua , não importava , pois he o que as mulheres tem mais de sobejo.

Syr. Aonde está Golosina ?

Cosc. Peior he esta. *á parte.*

Pan. Isto pergunte-se a Coscorão.

Cosc. Eu sei della ? pergunte-se a Plutão , que devia levalla para cosinheira do inferno.

Silv. Morrerás.

Cosc. Espere , Senhor , deixe-me primeiro ver se fazendo a minha choradeira aos Deoses , a vomita a terra.

R E C I T A D O .

Oh Jupiter tonante , que goloso ,
 Chuchas na Ambrosia o neclar saboroso ,
 Peço-te por doçura tão divina
 Nos largues tambem huma Golosina ;
 Debruça-te dessa aguia , e orelhudo
 Os ouvidos applica Deos barbudo ,
 Que por Baco te juro aqui em segredo
 De mais em Golosina não pôr dedo ,
 Ainda que hum pobre homem
 Deite lingua de palmo á pura fome.

*Converte-se a salgadeira em Golosina , e dá Lin-
 goiça hum pulo affustada , e admirão-se
 todos.*

Ling. Ai , que me leva Plutão em corpo , e
 alma !

Gol. Ai , que he isto que me succede ?

Todos. Que prodigio !

Gol. Valha-me , Senhora minha Ama.

Ling. Senhora minha Ama , acuda-me.

Gol. Que não sei que he isto.

Ling. Que não sei que he aquillo.

Cosc. Senhor Jupiter da Costa , v. m. viva mui-
 tos annos.

Gol. Aonde estive eu até agora ?

Cosc. Estiveste apanhando moscas.

Ling. Estou sem pinga de sangue.

Pan. Silvano , estais já entregue de tudo o que
 vos pertence , vede que mais quereis.

Sily. O que quero he tirar-vos a vida.

Pan.

Pan. Se he pelo que vos offendi , com dar a mão de esposo a vossa irmã , e vós á minha , ficamos em paz.

Cosc. Antes ficão mais em guerra , ficando cunhados.

Syr. Eu não quero casar com quem he tão desavergonhado.

Silv. E eu o receber vossa irmã he impossivel , tanto por me ser falsa , como por ser introduzida por vós á queima roupa.

Silv. Ah ingrato! *á part.*

Cosc. Tem razão o Senhor Silvano ; porque as mulheres , que são introduzidas á queima roupa , andão depois com nove maridos a furto-lhe o fato.

Pan. Se vós ma furtastes de casa para que dizeis isso ?

Silv. Senhor Pan' , fallemos claro , não vos lembra quando ma entregaste no canavial com ordem para que me fugisse ?

Silv. Silvano estais enganado , porque tanto não sabia meu irmão de mim , que antes delle vinha eu fugindo para vossa casa.

Silv. Cala-te traidora , que a ti propria te delmentes , pois se fugias de teu irmão , como estavas junto delle ? E se para mim fugias , como de mim te retiraste ?

Silv. Sou infeliz , e basta.

Gol. Isto sem desgraça não acaba. *á parte.*

Pan. O vosso Criado he testemunha de vista , do que digo.

Silv. Não he possivel que elle tal diga , que

Esguicho he verdadeiro ; e mais venha á minha presença.

Pan. Pois eu o vou buscar , que só assim fica a minha verdade clara.

Silv. Está feito , hide , que não creio que seja isto caminho de abalares com bom tempo.

Pan. Nem eu duvido , que por mim espereis.

Vai-se.

Cosc. Golosina , por tua vida não olhes para mim , escusa de me tentar.

Gol. He bem tolo ! Quem olha para elle ?

Cosc. Não me faças quebrar o juramento.

Ling. Olhem em que de cousas me tenho visto !

Silv. Mas agora me lembra , que Esguicho me ha de estar esperando : melhor me será hir procurallo para se averiguar isto depressa , e porque Pan o não peite.

á parte.

Cosc. Que estará Silvano fallando entre dentes ?

á parte.

Silv. Coscorão ?

Cosc. Eilo entra em contas contigo.

á p.

Silv. Posto sejas pouco fiel , a vida te vai no que te quero encommendar , e he que em quanto vou , não deixes apartar daqui a ninguem.

Vai-se.

Cosc. Ah Senhor não me deixes por pastor de hum gado , que nem a terra o póde aturar muito tempo.

Gol. He bem atrevido.

Cosc. Golosina , deixa-me em cortezia se não queres tornar a ser salgadeira.

Ling. Não me esquece o susto.

á parte.

Gol

Gol. Que estarão fallando de manso Silvia, e Syringa?

Cosc. Golosina, deixa-me por tuá alma, que já me não posso soffrer.

Gol. Voslê está doudo?

Cosc. Cada vez, que deitas esse rabo do olho, me fazes andar a rabo.

Syr. Tendes razão, Silvia; vamo-nos.

Silv. E ha de ser para vossa casa, porque meu irmão he o mais queixoso.

Syr. Sim, mas Coscorão?

Silv. Fingiremos, que cada huma vai por diversa parte, e no fim do bosque nos ajuntaremos.

Syr. Está bem; Golosina vamos.

Silv. Vamos Lingoísta.

Ling. e Gol. Para onde?

Syr. Não repliques.

Silv. Não repugnes.

Cosc. Ai! que he isso, Senhoras? vossas mercês querem-me deitar a perder?

Syr e Silv. Não sejas nescio.

Cosc. Que conta hei de dar de mim, se não der conta de vossas mercês?

Syr. e Silv. Não nos importa isso.

Cosc. Pois hei de seguillas.

Syr. Como, se cada huma vai por sua parte?

Cosc. Ora veção se não vale mais ser guarda demos, que guarda damas.

Silv. E vamos para longe?

Cosc. Pois acompanharei a vossa mercê.

Silv. Se vieres para cá, te matarei.

Cosc.

Cosc. Não se moleste ; cá hirei com a Senhora Syringa.

Syr. Se para cá vieres , te tirarei a vida.

Cosc. Não se mortefique ; eu cá vou com Golosina.

Gol. Oh atrevido. *Dalhe.*

Cosc. Não , cá vou com Lingoísta.

Ling. Oh defavergonhado. *Dalhe.*

Cosc. Guardaivos lá demonios , que já a nenhuma figo.

Silv. Se queres viver , não nos acompanhes.

Cosc. Porque , vossas mercês vão a morrer ?

Syr. e Silv. Sim.

Cosc. Pois sabem o que faço ? vou contallo a meu Amo. *Vai-se.*

S C E N A II.

Caja de forno como no Aêto primeiro , e sabe Esguicho.

Esg. **F**Ugindo ás iras de Pan , venho buscando a casa de Silvano ; e como este tem as portas fechadas , porque tem a casa limpa de mulheres , quero ver se neste forno me posso occultar : para ser na lenha , parece que mal me escondo , aonde já me acharão ; mas no forno me occultarei até elle vir.

Esconde-se no forno , e sabem as mulberes todas.

Syr. Silvia , que ha de ser de nós , pois tem meu irmão as portas fechadas ?

Silv. Em tudo me succede mal ; não sei em que offendi os Deoses ! *Go!*

Gol. Senhoras , andámos para traz como o caranguejo.

Syr. Vejamos se aqui nos podemos esconder , até se pôr em paz tanta embrulhada.

Silv. Haverá aqui parte aonde possa ser ?

Syr. Alli está huma casinha , mas não cabem lá se não duas pessoas.

Gol. Ai , não importa , escondão-se vossas mercês , porque eu , e Lingoissa nos meteremos debaixo daquelles feixes.

Silv. Ora vamos , que aonde estranhámos nossos irmãos esconderem se , nos escondemos nós.
escondem-se para dentro.

Ling. Olhe , mana , em que viemos parar !

Gol. Não inenos que em carqueijeiras.

Ling. Que seja possível , que jogue eu as escondidas no cabo da minha velhice !

Gol. Pois se ha de ser , vamos , antes que venha alguem.
escondem-se.

Ling. Vamos , que isto são os meus peccados.

Gol. Isto he castigo , pois nos escondemos aonde zombámos de se esconderem os outros.

Ling. Olhem para que estava eu guardada !

Gol. Cale-se , que finto gente.

Sabem Pan , e Coscorão com huma vela acesa.

Pan. Põem para ahi o lume , e ajunta a lenha para se pôr o fogo á casa.

Ling. Ai maldita de mim ! *á parte.*

Gol. Que he isto , que ouço ! *á parte.*

Pan. Basta que o insolente Silvano apenas me apartei , logo se foi ? Cobarde he além de traidor.
Cofc.

Cosc. E de tal forte abalou com os cachimbos, que supponho não verás mais fumos d'elle; e dahi cada huma dellas tomou o seu tolle, e eu fiquei como hum tollo.

Pan. Pois ajunta a lenha, que quero abraçar-lhe as casas, já que o não posso fazer a elle.

Cosc. Tambem não será máo depois de lhe queimares as casas, tocar-lhe muito bem a fogo.

Pan. Por mais que se esconda, lhe hei de tirar a vida.

Cosc. Ora vamos ajuntando a lenha.

Mete o forcado, e sabe Golosina.

Gol. Ai que me matão!

Pan. Que he isso?

Cosc. Já os coelhos fogem da queimada.

Gol. Ai meu braço!

Cosc. He para que saibas, Golosina, quanto amarga huma chuçada.

Pan. Aonde está tua Ama?

Gol. Eu não sei, pois vim sózinha.

Pan. Pois espera, contarás a teu Amo os estragos da minha ira.

Gol. Ah Senhor, não ponhas fogo ás casas, sem primeiro tirar a minha caixinha das unturas.

Pan. Anda Coscorão.

Cosc. Ahi vou.

Gol. Ah pobre Lingoísta.

á parte.

Mete Coscorão o forcado.

Ling. Ai que me estourão!

Pan. Que he isso?

Cosc.

Cosc. Ai , que me cahio Lingoissa debaixo da mão ! Oh Golosina , dá cá esse lume depressa.

Gol. Para que ?

Cosc. Anda , que havemos ter hoje Lingoissa assada. *segurando-a.*

Ling. Ai que arrebento !

Pan. Que queres fazer ?

Cosc. Quero-lhe dar huma assadura em paga de certa espetada que me deu.

Pan. Aparta-te lá. *retira-o , e ergue* *Ling.*

Ling. Ai que estou estrelicando !

Cosc. Larga-me , Senhor , esta Lingoissa , que lhe tenho grande gana.

Pan. Dize-me , aonde está minha irmã ?

Ling. Eu Senhor não sei ; vim , metime aqui !
Ai desgraçada de mim.

Pan. Pois para que te apartaste della ?

Ling. Ai , que não posso articular palavra !

Cosc. Mas ai que lá vejo dentro no forno as pernas de Esguicho ! Espera que has de sair assado.

Pega na lenha , e acende o forno.

Pan. Para que acendes o forno ?

Cosc. Temos hoje hum bom assado.

Mete lume no forno.

Esg. Ai , que me matão ! ai que me queimão !
dentro.

Pan. Que me fazes ? tem mão.

Esg. Quem me acode , ai , ai , ai.

Cosc. Senhor , deixa-mo assar , se queres ter hum bom prato.

Pan.

Pan. Não sejas louco.

Cosc. Pois Senhor, se tu queres abraçar as casas, também se deve queimar Esguicho, que he traíte pertencente a ellas.

Esg. Cala-te magano, que tu mo pagarás.

Cosc. Pois vossê queria comer Lingoissa sem se escaldar

Pan. Coscorão, não he crível que estando aqui estas Criadas, deixem de estar também cá as Amas, e em quanto vou ver aonde estão, não deixes sair daqui ninguem. *Vai-se.*

Ling. e Gol. Ai, que lá vai dar com ellas.

Esg. Deixa estar, velhaco, que entre as minhas unhas has de morrer.

Cosc. Bem sabemos, que vossê está costumado a matar muita couza entre as unhas.

Gol. Ora fação as pazes, não sejão afnos. Mas ai, que ellas lá vem!

Sabe Pan com as Damas.

Silv. Infeliz sou! *á parte.*

Syr. Muito me persegue a fortuna! *á parte.*

Chega Silvano á porta, e não entra.

Silv. Para ver se vejo a Esguicho, venho aqui segunda vez. Mas ai! que he isto? Como me detenho, que não mato aquelle traidor? *á parte.*

Pan. Não vos quero dar mais satisfações, do que sejais testemunhas do principio da minha vingança. Coscorão, vai pondo o fogo a estas casas.

Silv.

Silv. Que ouço ! *á parte.*

Gol. Ai meu rico folimão da minha vida !

Cosc. Cala-te , que como folimão he turco , não importa , que morra queimado.

Todas. Senhor , suspende a ira.

Pan. Deixai me todas , que estou escaldando.

Cosc. Oh que bello estava agora Pan para se comer com manteiga.

Silv. Verei daqui o que intenta , e logo lhe tirarei a vida. *á parte.*

Pan. Mas primeiro quero averiguar huma cousa : dize-me , Esguicho , tu não me disseste , que Silvano me tinha levado minha irmã ?

Esg. Ai , que hoje me fazem esguichar a alma fóra ! *á parte.*

Pan. Responde , ou te matarei.

Esg. Senhora Syringa , valha-me , que eu confesso a verdade.

Cosc. Ui ! pois para purgar a verdade , precisa de ajuda de Syringa ?

Syr. Dize , que ninguem te ha de offender.

Esg. Pois , Senhor , perdoa-me , que eu he que tui a causa da Senhora Silvia te fugir , pois lhe disse , que tu a querias matar , com raiva de me dares por amor de Coscorão.

Silv. Que ouvem os meus ouvidos ! Oh como fiz-bem em ter prudencia. *á parte.*

Silv. E por essa causa vos fugi , para me valer de Syringa , e encontrando-vos no caminho , me escondi no canavial , aonde me entregastes a Silvano , sem saberes que era eu.

Pan. E foste com elle ?

Silv.

Sily. Sim ; porém sabendo a falta de Syringa ; me retirei delle , e encontrando-vos segunda vez , me tornei a esconder no canavial , aonde por acaso Silvano me descobrio.

Sily. Oh piedoso Jupiter , que tal accaſião me deſte para ſe aclarar tanto enredo !

Pan. Com tudo , por me fugires , morrerás.

Sabe Silvano.

Sily. Parai o impulso.

Pan. E tu tambem traidor.

Sily. Suspendei-vos , pois a vós offereço os braços , e a Silvia a mão de eſpoſo.

Pan. De que nasce eſta novidade , queres agora o que ha pouco recuzastes ?

Sily. Porque tudo tenho ouvido ; e como já reconheço a Silvia tão amante como honesta , lhe offereço a mão , e só me falta , que dando vós a vossa a minha irmã , me livreis de zelos.

Pan. Ditoso sou.

Sily. Feliz me confidero.

Syr. Viſto ſer goſto de meu irmão , caſarei com quem elle quizer.

Sily. E perdoai-me os aggravos paſſados , e juntamente o fingir , que não queria a Eſguicho , para que fosse meu terceiro em vossa casa.

Coſc. Ai não faça caſo diſſo , que o Senhor Pan tambem lhe pagou na meſma moeda.

Gol. Olhem o que ſe tem deſembrulhado.

Coſc. Senhor Pan , peço-te que attendendo aos tracos ſerviços , que tenho feito a Golofina ,
me

me despaches com huma tença paga no tribunal do feu conforcio , e receberei mercê.

Pan. Eu to concedo , como pedes.

Esg. Tenha mão , que eu entro com embargos de terceiro.

Ling. Senhores , não lhos recebem , sem que elle me receba o mim , pois ando defamada com este homem.

Silv. Já estas supplicas não erão para os vossos annos.

Ling. Senhora , eu só o faço por me livrar de bocas do mundo.

Silv. Está feito , seja teu Esguicho.

Esg. Desgraçada sou ! mas por não chuchar nos dedos , roerei nestes ossos.

Silv. Agora vamos para cima , que não he este lugar decente para os nossos desposorios.

Cosc. Isso não importa , que o Senhor Pan nunca tem melhor gosto , do que quando está no forno.

Pan. E vós outras cantai alegres tanta felicidade.

M U S I C A .

Venha Hymeneo

Venha gloriozo

Assistir festivo

A este conforcio.

NOVOS
ENCANTOS DE AMOR.

Opera que se representou na Casa do Theatro
da Mouraria.

INTERLOCUTORES.

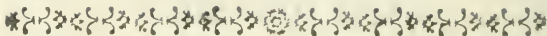
Felisardo, Principe de Dinamarca.
Hypolito, Sobrinho del Rei de Suecia.
Cardenio, Sobrinho do Cesar de Moscovia.
El Rei de Suecia, Barba.
Machavélo, Criado de Felisardo.
Zápete, Sevandija de Palacio.
Florisbella, Filha del Rei de Suecia.
Altéa, sua irmã.
Etcetra, Criada da Princeaz.
Quatro Aldeãs, Soldados, Guardas, e Mou-
teiros.

SCENAS DA I. PARTE.

- I. *Arvoredo, e no fundo huma gruta cercada de ramas.*
- II. *Vista de Montes.*
- III. *Praça de Cidade, e vista de mar.*
- IV. *Sala.*
- V. *Jardim de caniços, com alegretes de huma, e outra parte.*

SCENAS DA II. PARTE.

- I. *Vista de Bosque.*
- II. *O arvoredo do principio, e a gruta.*
- III. *Muros de jardim com varandas, e janellas.*
- IV. *Jardim de alabastros, e na boca da escotilha mais distante murtas que a encubirão.*



ACTO I.

SCENA I.

Vista de arvoredos , e no fundo huma gruta , cuja boca estará cercada de verdes , e emmanhadas ramas. Corre-se a coruina , e sobre hum pequeno penhasco , que estará diante da gruta , hum pouco afastado , se vê Florisbella reclinada ; a seus pés assentada Etcetra , e em pé postas em boa proporção , quatro Aldeãs , as quaes cantão o seguinte.

C O R E T O .

A nossa Prnceza ,
 Fermosa , e urbana
 Divina , e huma ,
 Mais bella Diana
 Dos Bosques vem ser.

Dançaõ , e em acabando diz diz Florisbella.

Flor. **O**H raro portento da harmonia ! oh singular privilegio da variedade ! que até na inculta rustiquez destas humildes Aldeãs és agradável encanto para os ouvidos ! és for moso recreio para os olhos ! Continuai com os festivos obsequios , que o vosso affecto me de-

dedica ; que hoje conseguindo a fingeleza agradados na soberania , fazem as verdades o officio das lisonjas.

Cantão.

A' sua belleza ,
 Que logra os primores
 De eternos verdores
 Grinaldas de flores
 Lhe vamos tecer.

Dançaõ , e em acabando continúa Florisbella.

Flor. Que bem enlaçadas vozes ! que bem proporcionados movimentos ! Aquellas dão passos ao ar , e estes dão ar aos passos ; que elevando a quem os ouve , que suspendendo a quem os vê , fazem que se admire corpo nos ares , firmeza nas mudanças. De donde veio tanto primor ao tofco ? a que preceitos se ajustou a ignorancia ? Porém que perde o rudo no perito , se tambem serve de arte a natureza ? Agradecida me confello ao voffo amor , á vossa lealdade : hide a colher-me flores ; que para mostrar que vos aceito os cultos , não quero desprezar-vos as offrendas.

Fazem reverencia , e vão-se duas por huma parte , e duas por outra.

Flor. Oh ditosa solidão ! verde agradavel retiro ! Só vive em si quem em vós vive. Aqui não habita a inveja ; que seus imperos soberbos menos se atrevem ás choças , que aos Palacios.

Nas maiores fortunas se encontrão as maiores infelicidades: mais rica de descantes he a vossa pobreza; pois se logra com mais focego, o que com menos ancia se appeteece. Sempre que ElRei meu Pai me conduz ao exercicio da caça, me retiro do aspero dos montes para o ameno deste sitio, achando maior paz o meu coração nos alegres festejos, com que me divertem estas candidas Lavradoras, que no fatigavel uso da caça, que como imagem da guerra, me enche de horrores o peito, mais que de recreios a vista. E tu que dizes?

Etc. Eu Senhora, digo nada: eu estou como hum toucinho em faco, e ainda que de te ouvir pasmada, não estou com a boca aberta, só porque se me não solte alguma palavra.

Flor. Pois de que he tanta suspensão?

Etc. He porque de ouvir-te estou com grande cuidado em ti.

Flor. Porque causa?

Etc. Não vês que estás toda pilhada de moral, que he em ti peor, que cuberta de bortoeja?

Flor. Que loucura!

Etc. Sempre ouvi dizer, que fallar latim quem nunca o aprendeo, he final de estar endemoninhado; e discorrer em moral quem nunca o estudou, parece-me que he semelhante caso.

Flor. Sempre me divertes com as tuas galantarias: pois parece-te que disse muito quando louvei a vida do campo, e achás que não he a mais segura, e focegada do mundo?

Só por não viver sujeita á femrazões de Es-

tado, eu trocára o *Príncipeza* de Suecia, com o humilde estado de huma destas Aldeás.

Etc. Ai Senhora, por qualquer ninharia, que me dês, eu farei com qualquer dellas, que troque contigo, se tens empenho nisso.

Flor. Se isso fora possível, não estivera o meu coração padecendo receios no tratado conforcio do Principe de Dinamarca, cujas travellas inclinações são tanto contra o meu genio.

Etc. Ainda isso está em velo-hemos: isso foi só fallar em ElRei teu Pai attento ás conveniencias da Coroa; mas se isso te dá pena, deixemos isso. Que te pareceo a letra daquella musica?

Flor. Até me agradou a singeleza de suas expressões.

Etc. Pois eu da primeira vez, não lhe entendi mais que. A' nossa Princeza, e Anna Bagna Rabeca Susana: devia fazella o Barbeiro, ou o Boticario, que nas Aldéas são os sujeitos de mais letras. Mas já que tocamos na tecla (ainda que seja sem acompanhamento de cravo) bem podias tu cantar alguma couzinha que isso fica aqui entre nós. Ora dize, que aqui ninguem nos ouve.

Flor. Quem canta para que a não oução melhor he estar callada.

Etc. Se até agora estiveste prégando em deserto, que importa que agora nelle seja a tua . . . não posso dizer: *Vox clamantis.*

Flor. Ora quero-te fazer essa graça para pagarte as que me dizes.

Etc. Isso sim, que he ser generosa; pois communica nessa prenda hum favor, que não tem preço: isso sim, que he saber ser musica: não já estar cá: Ai, eu não sei, estou muito rouca, em outra occasião ferá, agora não posso, não trago papeis, não ha instrumento, e se acaso depois de muitos rogos se resolve, he a tempo que mais estimarião se calasse, mas havia ser como os melões se calão.

Canta Florisbella.

A R I A

A gala no ar apura
 A rama florecente:
 Na liquida corrente
 Agrada o que murmura:
 Da queixa faz doçura
 A acorde Filoména;
 Aqui ao peito iriste
 O Ceo propicio ordena
 Se não os fins da pena
 As suspensões do mal.
 Só nesta doce calma
 Os sentimentos d'alma
 Me chegão a faltar!

Vai adormecendo.

Mas ai que até os sentidos
 Já quasi adormecidos
 Me vão faltando já.

Etc.

Etc. Foi-se como hum passarinho mas que muito se cantou como hum rouxinol.

Apparece na gruta Felisardo vestido de pelles.

Fel. Que doce , que suave , que pregrino accento !
Na voz , e na destreza
As mãos se derão arte , e natureza.

Etc. Ella dorme declaradamente : ninguem adormece com mais suavidade : mui bem sabe acalentar-se : mas na materia da musica , como já cobrou fama , deitou-se a dormir. Ora eu me retiro , por não despertalla , e vou tambem colher flores pelo prado , ainda que as camaradas me não deixarião senão malmequeres.

Vai-se.

Fel. Huma Dama se ausentou , e outra me parece ficou rendida ás lisonjas de Morféo. Oh se fosse esta a Princeza ! Mas he loucura imaginarme tão feliz.

Vai sabindo.

Quero sahir deste triste carcere da noite , onde como sombra de mi mesmo , vivo prezo por sorte , e por e leição. E pois em quanto a vista examina , se não descobre quem me sirva de embaraço , verei de donde nascerão os impulsos , que nas branduras de hum voz com tanta força me attrahirão , atrebatandome desde os íntimos seios daquela gruta. . . .

Cujo effeito mostrou com evidencias
Nas suavidades o uso das violencias.

Vê a Princeza.

Mas ai de mim ! affaltou-me a morte com os disfarces da vida : bebi pelos olhos todo o veneno de amor. Esta he a gloriosa causa de minha amante pena : este he o desejado perigo de minha liberdade. Oh quanto abraça de péto este activo incendio da formosura ! já mostra a visinhança de tantas luzes que leva a sua belleza muitos excessos á sua fama. Mentirão os pinceis , que ao multiplicar-lhe imagens lhe diminuirão perfeições : os obsequios da pintura lhe forão mais aggravos , que lisonjas.

Fermosissima Deidade ,

Que offereces (por mais troféo)

Entre os laços de Morfeo

As prisões da liberdade.

Como , sem que elles te ultrajem

Rendes com lethargo forte

A' triste imagem da morte

Da vida a mais bella imagem ?

Se rendida ao sono agora

Chegas a tirarme a vida ,

Como até estando rendida

Sabes sahír vencedora ?

Rendeste , e o troféo alcanças ?

Feres , sem que a fuga penses ?

Se desmaias , como vences ?

Se matas , como descanças ?

A alma absorta , o coração

Mortal tenho , e nesta calma

Con-

Conserva a elevação da alma
Da vida a extrema porção.
Se hoje a acabar me destinas,
Acorda, que em meus desmaios,
Quero fazer com teus raios
Ditosas estas ruinas.
Desperta, que ao verte irada
Quero antes, bella homicida,
Ver morta tão pouca vida,
Que tanta luz eclipsada.
Mas não; cessem meus intentos,
Detenhão-se adormecidos,
Se hei de achar nos teus sentidos
Mais causa aos meus sentimentos.

Descança.

Diz ElRei dentro.

Rei. Por esta parte Monteiros.

Huns. Ao Vale.

Outros Ao Bosque.

Fel. Aqui devem de encaminhar-se, e já por
aquella parte sinto passos; aqui me occultarei.

*Retira-se ao Bastidor, e sabe pela parte de fó-
ra Cardenio com mascara no rosto, como re-
catando-se.*

Card. Aqui costuma retirar-se a Princeza Floris-
bella: sim, aqui está, e ao sono entregue:
oportuna occasião me offerece a fonte para
lograr os meus mortiferos intentos. Deste dis-
farce valido a accometterei, mas seguro o
meu arrojô. Oh amor! oh temeridade! Entre

os dous vacilla o meu animo ; aquelle por excessivo move , e esta por grande me suspende. Para que Altéa logre a Coroa , determino despojar da vida a Princeza. Morra ; e pois dormindo se acha , não he preciso outro instrumento da sua desgraça , que as minhas mãos para a suffocação dos seus alentos. Mas ai de mim ! se me verá alguém ? Oh coração , agora titubeas ? De mim mesmo me corro se o meu intento não executo. Morra pois : aos meus impulsos seja eterno o seu sono.

Vai chegando á Princeza , e sabe Felisardo.

Fel. Suspende a mão , sacrilego tyranno ; não se atreva o mortal ao soberano.

Card. Este he o Principe de Dinamarca , retirar-me he forçoso. Ai de mim ! successo infaulto !

Vai-se , e acorda a Princeza assustada.

Flor. Ai , ai de mim ! que he o que vejo ? Socorro , Criados , Monteiros.

Fel. As vozes suspendei , detende os passos Senhora.

Flor. Ai de mim ! eu aqui defanimada me sinto.

Fel. Do temor de verme neste traje se deixou penetrar. á parte. Senhora Ninfa , ou Deidade destes Bosques , despedi do coração os remores injustos , que deste inopinado acaso se originão , e vede que em mim

Flor. Deixa-me monstro , prodigio , ou animado

Quando aborto destas montanhas, que no horror de verte, e no pasmo de ouvirte, não me dá o fusto faculdades ao acordo.

Fel. Não vos affuste, Senhora, o ver-me com finaes de féra, que se o traje todo he asperezas, todo he branduras o peito. A nenhum perigo estais comigo exposta; antes entre a minha ferocidade, e a vossa belleza, são taes as circumstancias, que em mim está a defenfa da vossa vida, e em vós a origem da minha morte.

Flor. Menos temerosa o attendo. *á parte.* Como póde ser isso? pois tendo vós por habito a ferocidade, e eu o temor por natureza, nem eu de vós posso esperar soccorros, nem vós de mim sentir receios?

Fel. Ai, e como ignorais, que sendo a vossa formosura causa da minha fereza, sempre em mim ha de existir por affectuoso o terno, e o feroz como affectado!

Flor. Não vos entendo; e porque me não esteja mal o comprehender-vos, quero ausentarme para de todo ignorar-vos.

Volta para hir-se, e em ouvindo a Felisardo torna a voltar como admirada

Fel. Tem-te, espera, não pague essa belleza
Com minha morte, a minha idolatria:
Veja-se hoje a brandura na fereza,
Mas não na Divindade a tyrannia.

Flor. Que novo estylo de encantar he este modo de persuadir? Admirada estou! *á parte.* Homem, quem és, que com encontrado assombro,

bro , és escandalo dos olhos , e és portento dos ouvidos ?

Fel. Não he muito , Senhora , que mostre contrariedades , quando em mim tudo são extremos. Hum monstro sou de fogo , e neve , hum epilogo de glorias , e de penas , e o mais fiel idolatra da maior Deidade humana.

Flor. Como em hum sujeito se pôdem unir tantos oppostos ?

Fel. Fogo abrigo ; porque amor em chammas me abraça : neve ostento ; porque ao vervos sinto gelar-me entre respeitos , e temores : glorias sinto ; porque a morte solicito entre as luzes que adoro : penas passo ; porque me offende o que vivo , sem ver a causa porque morro : fiel idolatra sou ; porque offerecendo religiosos cultos ao divino simulacro de vossa fermosura . . .

Flor. Basta , basta ; já isto he contra o meu decoro : que loucos atrevimentos produzem estes bosques ; ou abortão estas montanhas ? Vai-te occulto parto destas escabrosas penhas ; ou ; dando vozes aos meus Monteiros , farei , que sejas escarmento de atrevidos , e

Fel. Basta , Senhora , basta ; não seja objecto da vossa ira , quem só o deseja ser do vosso agrado. Eu me vou a morrer ; mas quero primeiro que advirtais , que quem me obriga a partir he o respeito , e não o temor.

Vou-me porque ao preceito satisfaço ,

Não por sentir ser do furor objecto ?

Que obedecer ás forças do decreto

Não he temer as iras do ameaço.

Faz

Faz que se vai , e ella o detem.

Flor. Que dizes ? Espera. Que feitiço tens nas vozes , que encanto nas palavras ? que affim.

Volta Felisardo , e ella se enfada.

Fel. Que he , Senhora , o que me ordenas ?

Flor. Mas dou ouvidos a hum louco ! de mim mesma me admiro , que consinta desfaires ao decoro. *á parte.*

Vai-se , quer seguilla Felisardo , e sabe-lhe ao encontro Hypolito.

Fel. Espera , espera , não te ausentes , ouve-me.

Flor Deixa-me hamana fera. *Vai-se.*

E N T R E C H O .

Hyp. Suspende-te inhumano ?

Fel. Aparta-te tyranno.

Hyp. Oh barbaro , que emprendes ?

Fel. Oh perfido , que intentas ?

Hyp. Detem , detem os passos.

Fel. Suspende os teus intentos.

Ambos. Senão de entre os meus braços

Verás que os teus alentos

A morte ha de roubar.

Dentro ElRei.

Rei. A foccorer a Hypolito , que lutando se acha com huma féra.

Todos. Vamos por esta parte.

Hyp.

Hyp. Cansado me sinto desta luta , defarmado me colheo este successo.

Fel. Já he preciso ausentarme : por todas as partes vem gente em minha offensa.

Vai-se pela gruta , e sabe ElRei , e soldados.

Rei. Hypolito , estás maltratado ? sentes algum damno ?

Hyp. No maior que experimentasse , sentiria a mais alta vaidade na gloria de auxilio tão soberano. Não Senhor , sem lezão me sinto.

Rei Por onde se ausentou a prodigiosa fera , que procurando offensas á tua vida , deu novos applausos ao teu valor ?

Sold. Por nenhuma parte podia escapar-se , sem que de nós fosse vista.

Outro. Por entre aquellas ramas a vi meter.

Rei. Examinai vós outros os mais escondidos seios deste bosque , que hei de premiar a quem conseguir o bom effeito da diligencia.

Hyp. Em rara confuzão me sinto. *á parte.*

Sold. 1. Vamos nós outros a conseguir o premio. *vão chegando.*

Sold. 2. Mas huma medonha concavidade se occulta defendida destas verdes ramas.

Detem-se á boca da gruta.

Sold. 3. Medo causa a sua profundidade.

Rei. Em que vos detendes , cobardes ?

Sold. 1. e 2. Já te obedecemos.

Vão entrar , e sabe de dentro Machavelo muito
espantado , vestido de caminbo.

Mach. Ah que delRei ! quem me acode ? guarde
diante todo o mundo , fujão todos de mim
que trago hum valente medo.

Sold. 2. Homem detem-te.

Mach. Eu agora não me posso deter , que vou
com o fogo no rabo , e he fogo salvagem ;
que mo pegou hum , que entrou nessa gruta
agora ; mas se vossas mercês são da sua qua-
drilha , eu me dou por assalvajado , e me su-
jeito a toda a salvajaria. Ai eu não estou em
mim.

Rei. De que he tanto temor ? socega hum pouco.

Mach. Não Senhor , eu não posso socegar pouco
nem muito ; porque agora neste instante vi . . .
Ai ! eilo lá vem.

Hyp. Homem entra em ti , e perde o receio.

Mach. Por onde hei de entrar em mim , se
assim como o senhor salvagem me fez sahir
de mim , de medo se fecharão todas as por-
tas , e janellas , e fiquei posto no olho da rua
feito (com perdão de vossas mercês) hum
engeitado de mim mesmo ?

Rei. Dize-nos , que foi o que tanto te assustou ?

Mach. Ai Senhores ! foi hum tremendo animal ,
e o mal deste ani devia de ser contagioso ;
pois eu só de vello fiquei tambem tremendo.
Ai ! eilo ahi sahe. foge.

Hyp. Continúa o que viste , e não temas.

Mach. Elle era tamanho como não sei que :
feito

feito como não sei que diga : cada boca que abria , não fallemos nisso . Os dentes . . . tremem-me as carnes ! os olhos . . . eu não vi tal ! os narizes . . . apre loureira ! o corpo . . . fóra cotalho ! as pernas . . . irra vasco ! o rabo . . . isso agora he mais comprido ! mas eilo comnosco. *foge.*

Rei. O medo o confunde. *á parte.* E a que fim entraste naquella gruta? *para elle.*

Mach. Eu entendo que ao fim da minha vida , pois das garras daquella féra fiquei quasi morto.

Rei. Estás com alguma ferida?

Mach. Eu não sei aonde , mas eu em alguma parte estou ferido ; porque me estou esvaindo.

Hyp. Tudo o que dizes são quimeras , que te finge o medo. Senhor , o que viste pugnando comigo braço a braço não era nenhuma irracional féra , algum inhumano traidor fim , que quando cheguei a este sitio intentava offender a Princeza minha Senhora , pois ella se retirava apressada , e elle a seguia ancioso.

Rei. Pois como , Hypolito , sabendo isso , não tens buscado a Princeza ? Ai de mim ! Parti logo , e discorrei todos estes districtos até a achares , não haja algum traidor , que offenda a minha na sua vida.

Hyp. Eu ferei o primeiro , que com incessante diligencia a busque. *Vai-se.*

Sold. Todos partimos a obedecerte. *Vão-se.*

Mach. Ai Senhor ! não fiquemos sós , que pôde vir a féra , que he tão má de digerir , que nem a terra a pôde tragar ; pois quando a
en-

engolio aquella gruta , se lhe embrulhou o estomago de tal sorte , que vomitou em mim quanto tinha na barriga. *á parte.* Não tenho feito mal o papel de medroso para livrar ao Principe Felisardo , que a estas horas terá desembucado pela outra boca da gruta , que está junto ao mar.

Rei. Mal fiz em não mandar que seguissem ao traidor pela mesma parte por onde se occultou.

Mach. Ai Senhor , difficil cousa seria essa ; porque são tantos os trocicólos , as lapas , e concavidades que ha daquella boca para dentro , que entendo que o Valarinto de Crépa , que se fez não sei como , lá não sei donde , seria huma rua publica , á vista desta confusão.

Rei. E como entraсте alli ?

Mach. Assim. *vai andando.*

Rei. Espera não te vás. Ou he mui simples , ou mui malicio. *á parte.* Digo á que effeito alli entraсте ? *para elle.*

Mach. Faça v. m. de conta (que eu não sei com quem fallo) que vinha eu caminhando para a Cidade Sihokolmo assim a modo de quem não quer a cousa : com que Senhor , vai se não quando anoitece , e neste meio tempo (como era tão grande o escuro que não se via por aquelles campos outra cousa) tomo eu , e que faço ? perco o caminho : (mas não tinha a algibeira rota , nem o forro descolido) mas fosse como fosse , eu perdi-o , e vendo-me ás escuras , (assim a modo de quem não vê nada) comecei a andar daqui

pa-

para alli , dalli para acolá , da colá para cá , e nem de lá , nem daqui , nem da colá , nem de cá , pude hir para alli , nem vir para aqui , nem andar para acolá , nem caminhar para cá . Em fim de nenhuma sorte pude dar caminho ao negocio . Com que tal , fim Senhor , para cá , para lá , toma deixa , foi e tornou ; faça v. m. de conta (fez já de conta ?) que andei vádiando toda a noite , namorando arvores , e rondando penhascos : até que (oh Deos nos acuda !) me sahio de traz de humas brenhas hum medo tamanho , que devia de fer o pai dos gigantes , segundo era desmarcado . Eu , quanto que o vi tão grande , fiquei tamanino , que se tivera acordo para isso , todo eu me podia meter na algibeira dos meus calções . Fugi logo daquelle sitio (como lá dizem) a quantos pés me pudérão levar , até que quando me não precatei , vi que vinha o dia affim a modo de quem vai a padecer , já com alva vestida (por final que a arvore rompeo no esgalho daquella) e vendo que já a aurora começava a rir-se de mim , e achando-me com todas aquellas cousas , que métem a lebre a caminho , sendo-me necessario o sono para os olhos , como pão para a boca , me meti por entre aquellas ramas (com licença de v. m.) como piolho por costura , e achando aquella negra gruta com a boca aberta , entrei com ella : senão quando estando eu dormindo todo , tamanho eu era , vem a salvaginha estugentada cá de fóra , e não só

en-

entrou na cova , mas quiz tambem entrar comigo , de sorte que se eu entre mim não tomára o acordo de fugir , a estas horas estaria levado de Belzebub , que he o caminho que leva quem anda mal encaminhado. Mas ai ! ei-lo conosco.

Rei. Notavel relação ! O modo deste homem he exquisito. *á parte.* E que hias buscar á Cidade ?

Mach. Hum Amo , que se accomodou comigo me trazer tão desaccomodado.

Rei. E que qualidade de homem he teu Amo ?

Mach. Da sua qualidade não fei nada , agora da sua quantidade sim , que não tem nada de feu.

Rei. Pois tão pobre he teu Amo ?

Mach. Sim Senhor , que he musico de gosto , e não de interesse , e como tem muita graça no cantar , canta sempre de graça.

Rei. Tão bem canta ?

Mach. Ui , não fallemos nisso : he hum homem que mete o canto por dentro a qualquer pessoa , e isso ahi a cada canto : canta com tal suavidade , que todos lhe chamão o segundo Arpéo.

Rei. Ortéo dirás.

Mach. Valha a verdade , que eu não fei bem nomear essas cousas ; porque o meu mestre nunca quiz , que eu chamasse nomes a ninguem. Tem tambem meu Amo consigo huma cousa , que o não deixa ter nada de feu , e he (falando mal) ser Poeta.

Rei. Notavel graça he essa!

Mach. Notavel desgraça lhe chamarei eu, pois por ella concebe, e não coalha.

Rei. Não te entendo.

Mach. Digo, que concebe os partos do engenho, mas não coalha vintem na algibeira.

Rei. Em fim, dizes que he bom Poeta?

Mach. Isto he huma cousa notavel! faz versos por si, que he hum desamparo. Isto he, que está fallando com a gente, e de improviso (de que Deos nos livre) começa a fazer versos sem se sentir, e isto ou he do Sol, ou da Lua.

Rei. Porque o dizes?

Mach. Se he furor; dizem que he porque se lhe metteo o Sol na cabeça, e se he fúria, dizem que he porque anda com a Lua.

Rei. Procura-o pois na Cidadê, e vai com elle a Palacio, que a ambos vos hei de favorecer.

Vai-se.

Mach. Visto isso Vossa Magestade he ElRei em Pessoa? Pois eu Foi-se? não importa, que eu muito bem o sabia. Ora eu andei com entendimento em me fazer tolo, que assim será melhor a nossa introducção em Palacio. Agora vou buscar o Principe no sitio assinalado, que já pôde ser que me espere, como eu delle o premio de meus serviços.

Vai-se.

S C E N A II.

Mutação de montes. Sabem as Aldeãs ; duas por huma parte , e duas por outra fugindo , e depois sabe Zapete como seguindo-as.

Todas. **F**Ujamos que anda huma féra no Monte.

Ald. 1. Ai de mim !

Ald. 2. Morta venho !

Zap. Esperem meninas , esperem , aonde vão com tanta pressa ? Eu de vellas correr estou corrido. Fogem de mim acaso ? Ellas devião de atemorizar-se de ver-me , e o verem-se nestas pressas , não foi estarem correntes para mim , foi não se correrem comigo. Ai de mim ! já lá vão , e a bom correr : levárão-me os olhos como quem vai de caminho ; e o peor he , que ainda que são tão correntonas , não fazem carreita a cêgo. Eu não sinto que se vão , mais que por hirem entre ellas as meninas de dous olhos verdes , que parecem duas aboboras meninas. Ai que estou atravessado de meio a meio ! metteo-me amor hum chuço pelo coração , que he peor que hum dardo pelas tripas. Já Ercætera he huma trampa para mim ; á vista daquelles olhos , ficão os seus a perder de vista. Ai , ai , e vejão como deixárão o campo semeado de flores ! Ellas logo me cheirárão a flor da canella ; estas sim , que se pôdem tirar pelo rasto , pois an-

dão com pés de flores. Oh quem fora agora bem discreto! aqui vinha nascendo o fallar florido; mas se eu sou hum asno, que lhe hei de fazer? isso dá-o Deos a quem he servido. Ai olhos verdes, que me matastes, sem deixar-me esperanças de vida!

Sabe Etcetera, e repete o que ellê disse.

Etc. Ai olhos verdes, que me matastes sem deixar-me esperanças de vida! Que he isto? Senhor Zapete? V. m. fazendo lamentações, amantes?

Zap. Oh boca, que tal disseste! Colheo-me com a palavra na boca, que ha de ser de mim?
á parte.

Etc. Que? não falla? Continue, que gosto de ouvir estas cousinhas: v. m. está mui fino.

Zap. Mofino me posso eu chamar. Ora vejão vossês o diacho o que havia de fazer!
á p.

Etc. Olhem como está réo! Que olhos verdes são elles? Por certo que não são os meus, que nelles agora tudo anda azul.

Zap. Sim; porque he a côr do ciurne. Mas eu não sei que côr hei de dar ao negocio.
á p.

Etc. Já me enfada tanto callar: eu sou aqui alguma preta?

Zap. Eu bem sei, que v. m. he muito branca, mas eu, graças a Deos, tambem sou como Deos me fez.

Etc. Falle a proposito, marmanjo.

Dalhe hum empurrão.

Zap. Ai, não me aquillo, não me faças mal.

Etc.

Etc. Chegue para alli.

Zap. Ai, olhe para isto! isso he despropositaçao.

Etc. Ora vejaõ isto! e nem me dá humna satisfacão.

Zap. Eu, menina, acho-me tão alcançado, que nem humna satisfacão te posso dar: os tempos não estao para gastos.

Etc. Póde haver maior desaforo! Falla de chichara comigo?

Zap. Pois hei de fallar de chichara? *á parte.*
Eu não sei na verdade o que lhe hei de dizer.

Etc. Ora já que me trata dessa sorte, nunca mais o quero ver: vasse embora ingrato, falso, aleivoso, bem me dizião a mim, que me não fiasse em vossê. Isto he cousa que se creia! Em negra hora o vi eu, em negra hora me namorei de vossê: para isto? para isto?
chora.

Zap. Oh menina.

Etc. Fiz eu tantos excessos. . . . *chora.*

Zap. Ouve?

Etc. Para ser desprezada. . . . *chora.*

Zap. Isso não vai de valha.

Etc. Por alguma porcalhona? *chora.*

Zap. Quer-se callar?

Etc. Não sei aonde estou, que não arranco estes cabellos, que não tiro estes olhos.

Zap. Ai coitado de mim! Oh mulher, isso he desesperacão. *maltrata se.*

Etc. Guarde se lá, magano.

Zap. Ai que afflicção! Senhores, eu prometto
hu-

humã pendencia de cêra, se ella abrandar esta furia. *À parte.* Ai menina, isso não he loucura? Aquillo dos olhos era hum minuete, que estava estudando, que diz. Ai olhos verdes que me matastes!

Etc. Era hum minuete? Vossê parece que me baila. Ora não seja insolente, atrevido, que faça cá zombaria de mim. Faça-me graça de não ter mais galantarias comigo, que em vindo para a Cidade, lhe hei de entregar tudo quanto me tem dado, que não quero nada seu.

Zap. E vossê he possivel lembrar-lhe quanto eu lhe dei?

Etc. Sim Senhor, muito bem. Duas varas de fitta.

Zap. Não erão se não duas fittas de vara.

Etc. Não he tudo o mesmo? Deu-me mais dous pentes velhos.

Zap. Velhos? porque? tinham já cabellos brancos? Se os tiverão, seria depois que vossê os metteo na cabeça.

Etc. Erão rão velhos, que já não tinham dentes.

Zap. Não lhe faltavão mais que quatro pela nossa amizade.

Etc. Qual amizade? deu-me mais hum avental já usado.

Zap. Pois eu era tão jarra, que te desse coufa que não se usasse?

Etc. Não me deu mais nada.

Zap. A primeira coufa, que v. m. me ha de passar para cá, são dous bofetões, que eu lhe dei em certa occasião.

Etc. Mente desavergonhado, tome, tome. *Dalhe.*
Zap.

Zap. Não, não, deixa estar, eu não o dizia pelo tanto. Valha-te huma figa, só isso me restituiste depressa?

Etc. He porque o tinha aqui mais á mão.

Zap. Pois sabe que mais? que me poz a mão na cara, que me tirou a minha honra, trate de ma pagar, senão metta-me em hum Convento, que eu não quero cá andar em bocas do mundo.

Ri-se Etcetera.

Ora acaba com isso, que estou ha duas horas esperando por essa risada. Minha Etcetera, ri-te de tudo, e sabe que os olhos por quem morro, são só os teus. E se disse que erão verdes, he porque como me cego com elles, não posso julgar de cores.

Olhando para a parte contraria.

Mas ai! que he o que vejo!

Olhando para a parte contraria.

Etc. Mas ai! que he aquillo que acolá vem!

Zap. Que féro urso!

Etc. Que desmarcado gigante!

Zap. Ai que medo! por esta parte fugirei.

Etc. Ai que pavor! escaparme-hei por esta parte.

Vai a entrar Machavello pela mesma parte aonde está, e sabe-lhe ao encontro Zapete, e vai Etcetera a querer hir-se pela sua parte, e encontra-se com Felisardo, e ficão ambos assustados.

Fel. Suspende o passo.

Etc. Peior he esta. Ai de mim!

Mach. Detem a furia.

Zap. Esta he peor. Ai triste!

Etc. Que forte salvagem! Ai, não sei como me não desmaio de temor.

Zap. Que valente animal! Ai, não sei como me não dá de medo algum accidente.

Canta hum com branduras, e outro com horrores a seguinte.

A. R. I. A.

Mach. Confunde-te. *Fel.* Descança.

Mach. Desmaia-te. *Fel.* Socega.

Mach. Ausenta-te. *Fel.* Não fujas.

Mach. Retira-te. *Fel.* Não temas.

Mach. Guar-te mofoino diante de mim.

Fel. Que brandas ternuras
Só aches em mim.

Fel. Não julgues que sou fêra,

Mach. Mas não, detem-te, espera.

Fel. Pois em meu peito se acha.

Mach. Que ao ver-te a horrenda facha,

Fel. Brandura para amar

Razão para sentir.

Mach. Sem te poder tragar

Te tenho de engolir.

Zap. Não se moleste v. m. mais, que eu me retiro a toda a pressa.

Etc. Ainda assim, com tudo isso eu vou-me embora, muito de carreira. *Vão-se. Fel.*

Fel. Que penetrada vai do temor!

Mach. Que fustigado vai do medo! Ora Senhor, tenho corrido montes, e valles em busca de ti, e já tinha quasi perdidas as esperanças de achar-te.

Fel. E eu da fuga fatigado, já sem alento cheguei a este sitio.

Mach. De boa escapaste, e em boa me metteste. Quando hão de acabar, Senhor, estas novellas? A que fim se encaminhão estas cavallerias andantes? que para mim são cavallerias altas, pelos perigos em que ando mettido. Nós feitos hospedes de cavernas, roubando, senão o appellido, a morado dos lobos? Tu cuberto de pelles, por ser o frio menos trabalhoso, e eu com a pelle sobre o osso, pelo trabalho de te livrar delles? E o peor he, que se nos colhem os caçadores de alguma vez, tu mudarás a pelle como a cobra, e eu andarei arrastado como ella; porque sempre me terão pela pelle do diabo. Agora te livrei do risco de te colherem, sahindo a affectar medos, e a fingir temores, dizendo vira entrar huma fera pela gruta, e com as minhas industrias embarcei que te seguissem; e de mais a mais como fei que tu o desejas, te tenho introduzido nem mais nem menos, que no Palacio del Rei de Suecia.

Fel. Que dizes! E a tanto chegou a tua industria? E com que pretexto o dispozeste?

Mach. Tudo te contarei depois, que primeiro quero saber o fim a que se encaminhão estas
trans-

transformações: já que sou companheiro dos trabalhos, seja participante dos segredos. Estes excessos, Senhor, ou são efeitos de grande odio, ou impulsos de grande amor; ou tu vens a Suecia por matar a alguém, ou por morrer por alguém.

Fel. Ai Machavello, e como acertaste nessa parte?

Mach. Ui Senhor! isso he cousa nova. Já eu vi andar por terras alheias por buscar a vida; mas para perdella, só em ti o vejo agora.

Fel. Em tudo me singularizou a fortuna.

Mach. Ora Senhor, ella sempre he loucura de marca, e indigna de hum Principe de Dinamarca (permitt-me o dizello) ver-se quem estava feito a delicias, desfeito a trabalhos: quem vivia em Palacios, sepultado em cavernas: quem vestia gallas, trajar pelles; verdade seja, que se aquellas erão mais ricas, estas são mais custosas.

Fel. Oh se fossem conhecidos tantos excessos!

Oh se fossem remuneradas tantas finezas!

Mach. Ah! já está conhecido de todo o teu achaque; e já está confirmada a tua loucura, pois he de amor o teu mal; porém quizerá, se he que não me atrevo a muito, saber o como se originou esta paixão? que podendo tu arrotar de farto em Dinamarca, te faz andar á gandaia de amor em Suecia: tu bem podias namorar-te na tua patria, que o ser amante não he ser Profeta.

Fel. Já que he forçoso. . . .

Mach. Espera.

Fel.

Fel. Que he o que dizes?

Mach. Essa relação lei eu; mas he em castelhano. Ya que és forçoso, que en esta occasion.

Fel. Sempre has de estar de graça?

Mach. Eu de graça? Não Senhor, esse não he o ajuste que nós fizemos; eu sirvo-te porque me pagas. Mas deixando graças, dize, que estou arrebetando por saber o que te pergunto.

Fel. Já que he forçoso fiar da tua lealdade o que até aqui vivia occulto no meu coração, para que conheças que delle faço deposito no teu peito, escuta os meus empenhos, dos quaes espero sahir, ajudado da tua industria.

Mach. Se em mim ha cabedal para os desempenhos de hum Principe, já te offereço quanto valho.

Fel. Pois ouve-me.

Mach. Já te atendo: dize; e pois este he mesmissimo exordio das relações de Comedia, vá sem contar valentias, nem pintar cavallos.

Fel. Já sabes.

Mach. Estou vendo se diz: como em Urgel.
á parte.

Fel. Que delRei de Dinamarca sou filho primogenito, e herdeiro immediato de seus Estados.

Mach. Já sei, que ainda que foras leigo, estás para ser de coroa.

Fel. E sabes tambem, que haverá dous annos faltei da minha patria, da qual estive ausente hum, sem que em todo esse tempo se soubesse de mim em Dinamarca, sendo inutil o
cui-

cuidado , com que ElRei meu Pai por varios Reinos , com incançavel diligencia , mandou me buscaffem. Cujos successos junto com algumas leves travessuras de minha juvenil idade , me derão fama de indocil no genio , e travesso nas inclinações.

Mach. Tudo isso sei muito bem , e tambem sei , que desapareceste bravo , e appareceste manso : tanto , que eu entendi que tinhas hido casar , e se cumpria em ti o adagio de casarás , e amañfarás. E sei tambem (por pouparte outro já sabes) que agora segunda vez te ausentaste , trazendo-me em bolandas contigo arrastado por esse mundo até este sitio , aonde se não me mataste , deste comigo na cova , que he o mesmo. Sei mais , que vivendo encovado naquella gruta , tenho sido eu o que vou á Cidade a buscar provisáo para ambos : sem que até aqui possa alcançar (por mais que tenho corrido) o fim para que vivemos sepultados antes de mortos , se não he que me enterraste , porque morri por fabello.

Fel. Pois agora saberás o que até aqui tens ignorado.

Sobre as azas da Fama voava por todo o mundo o nome da Princeza Florisbella ; sendo a sua formosura universal assumpto das vozes mais eloquentes , glorioso emprego dos mais elegantes rasgos. Como conseguiu opiniões de divina , começárão-lhe os pinceis a repetir simulacros , começárão-lhe os corações a render sacrificios ! Fez-se a fama toda imagens , fez-se

a admiração toda olhos ; quando os meus incautamente ousados , vendo huma copia sua , se deixáráo persuadir dos ouvidos , para pagar os atrevimentos de hum exame nas cegueiras de huma idolatria.

Cego fiquei a tantas luzes. E desde aquelle venturoso infortunio comecei a reduzir as claridades da vista ás sombras da fé ; até que crescendo no coração o fogo de amor , rebentou em desejos quanto opprimio em tolerancias. Levado pois desta paixão , me conduzio a actividade do meu affecto de Dinamarca a Suecia , conduzindo-me amor com suave violencia desde os descãos da Patria aos discomodos da estrangeira terra. Aqui disfarçado no traje , e occulto na publicidade , logrei o vello algumas vezes fazendo luminoso Oriente das janellas de seu Real Pa' .o. Fiquei de novo rendido , entregando de todo ao seu imperio os dominios de minha liberdade : mostrando aquella venturosa vista , a suspensões do pasmo , na minha immobilidade a minha prizão ; mas quem sem espiritos me venceo , que faria com os esforços da alma ?

Chegou á minha noticia , que ElRei seu Pai por dar allivio ás suas melancolias , intentava retirar-se a huma casa de campo , que não longe deste sitio está , e adiantando-me eu (por ver se nas liberdades do campo me offerencia a fortuna occasiões de vella de mais perto) examinei penhascos , penetrei bosques , até que descobri o occulto segredo , que a nature-

za guardou na profundidade daquella gruta ; em cuja boca só se ouve o silencio , em cujo feio só se abriga o pafmo.

Alli cõstitue o meu domicilio alguns dias , descobrindo naquella subterranea concavidade , não só que por outra boca junto ao mar respira horrores , mas que por secretos conductos encaminha huma de suas gargantas até huma abobada , que no jardim da Regia habitação servia de recepraculo ás agoas. Mas foi tal a minha inimiga sorte , que nunca se effeituou a mudança da Real familia a este sitio ; porque aggravando-se a queixa da Princeza , reduzio aos ultimos termos a sua vida : até que eu levado de tão excessiva pena , me parti a Dinamarca para que me matasse na minha patria a noticia de sua morte.

Mach. Oh Senhor , fiquemos ahi na morte ; que como ella he o fim de tudo , bem pôde fer o cabo da tua relação , que he muito dilatada , e eu quero dever á minha habilidade o saber o que falta , que sem duvida foi , que melhorando a Princeza , e chegando á tua noticia (sem me dilatar em dizer que com essa nova cobraste novos alentos , e outras cousinhas mais deste teor) esperaste occasião , e acompanhado de mim , que sou eu , te fizeste na volta de Suecia , e mettendo-me a mim tambem nas voltas , viemos á mesma subterranea habitação , aonde aconteceo o que tenho visto.

Fel. Tudo he como imaginas.

Mach.

Mach. Pois Senhor, não percamos tempo, vai dar ordem a mudar de vestido, que sendo tu tão modesto, não he razão que vás em pelle, quando eu fallando a ElRei na tua, te pertendo introduzir em Palacio.

Dentro Altea.

Alt. Hypolito.

Fel. Mas já he forçoso ausentar-nos deste sitio, pois ouço vozes. Amor ajuda os meus intentos. *Vai-se.*

Mach. Vamos a vestir o empellicado, e a caminhar para Palacio. Fortuna, livra-me de algum sarambeque de couces. *Vai-se.*

Sabe Hypolito.

Hyp. Tenho vagado todos estes districtos, sem que possa achar a Princeza, e agora senti chamar-me. Se será ella? Quero ver se sou tão feliz, que a encontre neste sitio. Florisbella? Senhora? *chama.*

Sabe Altea.

Alt. Ah enganoso! ah falso! já eu me admirava de achar-te para os soccorros, sem que te encontrasse para os ciumes. Não he Florisbella quem te chama, he sim Altea quem te busca.

Hyp. Meu bem, Senhora, não me julgava tão venturoso, que em parte tão remota te encontrasse, quando assistias em companhia das Damas em bem differente sitio. E não entendas,

das ; que o buscar neste retiró a Princeza foi por cuidado , mas fim por preceito. Ai amor , e como me trazes vacilante entre dous distinctos affectos ! *á parte.*

Alt. Pois entre estas brenhas como era possível achar-se a Princeza ?

Hyp. Como tu ignóras , que amedrentada de huma féra , ou hum traidor , que queria offender a sua vida , se perdeu por estes bosques , não he muito que te admires , como eu , de ver-te tambem neste sitio.

Alt. Eu ouvindo dizer , que huma féra andava correndo o monte , e vendo-te de longe vir para esta parte , te segui cuidadosa , deste venablo fiando a defesa ; até que perdendo-te de vista , tambem me embosquei ; mas com a differença , que Florisbella se ausentou de medo , e eu te segui com valor , e ambas andamos . . . ella perdida de receios , e eu perdida de amores.

Hyp. Oh que ditoso he , Senhora , quem merece á sorte ser objecto de tantas finezas ! Oh se lograra em ti huma coroa quem já em ti conseguiu hum affecto ! *á parte.*

Alt. Oh que infeliz he , Hypolito , a que chega a desconfiar de quem a póde favorecer ! Oh se os excessos , que devo a Cardenio a quem engano , e aborreço , se transferissem para o peito de Hypolito , a quem receosa estimo ! *á parte.*

Dentro Zapete, e Etcetera.

Zap. Aqui está Hypolito.

Etc. Aqui está Altea.

Zap. Senhor. }
Etc. Senhora. } *Sabem.*

Zap. Já a Princeza appareceo.

Etc. Já appareceo a Princeza.

Zap. E ahi vem já. . . .

Etc. E já ahi vem. . . .

Zap. Toda a familia. . . .

Etc. A familia toda. . . .

Zap. Do Palacio Real.

Etc. Do Real Palacio.

Zap. Deixa-me a mim fallar.

Etc. Deixa-me fallar a mim.

Zap. E eu vendo-te para aqui vir. . . .

Etc. E eu vendo-te vir para aqui. . . .

Zap. Te venho seguindo para dizerte. . . .

Etc. Para dizerte te venho seguindo. . . .

Zap. Que te vás metter no escaler. . . .

Etc. Que no escaler te vás metter. . . .

Zap. Que já todos ahi vem.

Etc. Que ahi vem já todos.

Zap. Deixa-me fallar a mim.

Etc. A mim me deixa fallar.

Alt. Cesse a porfia.

Hyp. Que tendes mais que dizer?

Zap. e Etc. Couza nenhum.

Alt. Vamos, pois já nos procuráo, e eu quero adiantar-me: adeos Hypolito. *Vai-se.*

Hyp. Senhora, o Ceo vos guarde.

Zap. Vamos , vamos , Senhora , que são horas.
Vão-se.

Hyp. Vai , que já figo a Real familia.

Canta. A R I A.

Vacilante , cuidadoso ,
 Confuto , indeterminado ,
 Da belleza arrebatado ,
 E do Sceptro desejoso :
 A qual hei de preferir
 Não me acerto a resolver.
 Neste enleio dos sentidos ,
 Nesta luta dos affectos
 Não me sei determinar
 Qual he o bem mais superior ;
 Pois em mim reina o amor ,
 E o desejo de reinar. *Vai-se.*

S C E N A III.

Vista de Praça da Cidade , e no fundo mar.
Sabe Felizardo de gala , e Machavello.

Mach. **O** Ra o certo he , que hũm homem
 em mudando a pelle fica outro. Es-
 tás tão differente do que hontem eras , que
 eu mesmo te desconheço , não te conheço
 de hoje nem de hontem. Estou tão equivo-
 cado contigo , que até aqui te tive por outro.
 E a não ser eu o que tive a habilidade de
 tirar-te a pelle sem te esfollar , havia enten-
 der que me enganavas ; pois até me parece
 ho-

homem de duas caras. Bem te affentão as galas.

Fel. Como intentamos entrar em palacio, já começa a adular-me: isso he mostrar que já vamos para o centro das lisonjas.

Mach. Tudo o que te digo são verdades; mas apóstemos, que não te escandalizas tu de te gabarem? Ainda os que conhecem, que a lisonja he mentira, gostão de ser lisonjeados.

Fel. Sempre deve ser aborrecida pelo que tem de engano.

Mach. Oh Senhor, não ha cousa, que mais offenda, que a verdade, e se alguém a deita da boca, he só porque lhe amarga. Mais vale cuspir no rosto a hum homem, que dizer-lhe na cara os seus defeitos: sendo huma cousa sujar-lhe a cara, e outra lavar-lhe o rosto; e pelo contrario, a lisonja será engano, mas não ha pirola mais bem dourada, nem que melhor se trague nestes tempos.

Fel. Estás mui sentencioso. Deixa essa materia que he para ti estranha.

Mach. Sim, deixa essa materia, já te entendo. Apósto que queres que te falle de amor? não? Sim, isso entendo eu á legoa: essa sim que não he materia estranha por ser natural em todos: mais he materia tão peçonhenta, que a todos mata.

Fel. Experimentaste já o seu veneno? Ai Machavello, e como he doce o seu mortal effeito. Tal he a morte de amor para sentida; Que por ella se dá com gosto a vida,

Mach. Começas a trovejar? Ah tal desenteria! em te fallando de amor vas-te como hum cesto roto. Senhores, que terá a Poesia com o amor?

Fel. Não vês, que ambos se encaminhão ao mesmo fim? Pois o amor, e a Poesia ambos se introduzem na alma, e só differem, em que amor entra pelos olhos em consonancia de partes, que he a harmonia da formosura, e a discrição pelos ouvidos, em concerto de vozes, que he a formosura da harmonia.

Mach. Ora vejão! Eu não sabia dessa perigrinação, que fazem o amor, e a discrição a visitar o templo da alma; e tu o pintas de tal modo; que me parece que os ouço hir cantando como romeiros, e que os vejo hir entrando pelo buraco de S. Tiago.

Ora Senhor se aborreces a lisonja por mentiras, os Poetas são os mais lisonjeiros, porque são os maiores mentirosos. Se tu disseras, que a Poesia denota pobreza, e que quem he pobre anda despido, e que quem anda nú he o amor, e que daqui nascia a sua connexão, eu te crera; porque os Poetas, e os amantes todos andão por portas: huns pedindo esmolas, outros dando suspiros, huns por pobres, e outros por miseraveis. Mas espera que já se ouvem os instrumentos com que ElRei costuma acompanhar-se na marcha das caçadas; e já vão chegando os Bergantins que conduzirão ao bosque a Real familia. Tem pois cuidado em que desde hoje
has

has de ser meu Amo Sigismundo , se até agora eras o meu Principe Felisardo.

Fel. Em tudo o que temos disposto , estou muito certo. Oh amor , oh fortuna , desculpa as minhas temeridades , favorece as minhas ousadias.

Vão-se , e ao som de huma marcha , vão passando pelo mar varios Bergantins , e depois se vê mutação de falla , e sabem
El Rei , Florisbella , e Altea.

Rei. Toda foi confusão a caçada de hoje : pensão da vida humana , que aonde se buscão os recreios , se encontrão os pezares.

Flor. Maior foi , Senhor , o susto , que o damno ; pois não senti a menor offensa , quando te dei o maior cuidado.

Alt. Não fui eu quem teve a mais pequena parte nos sobressaltos de hoje ; pois senti no meu coração a ferida , quando temi no teu peito o golpe.

Flor. Não se me aparta da memoria , a frase doce , e o horrivel traje daquella humana féra.

á parte.

Alt. Não se me tira da imaginação ver em Hypolito a expressão das suas finezas , e a razão dos meus ciumes.

á parte.

Rei. Desde que tive a noticia , Florisbella , de que houve quem offenderte queria , não teve mais socego o meu coração , achando a pena aonde procurava o alivio.

A R I A.

Qual o incauto passageiro
 Que afligido, e fatigado
 Se reclina sobre o prado,
 E lhe sahe de repente
 De entre as flores a Serpente
 Que do alivio faz o horror.
 Assim pois meu peito triste,
 Bem que aos males se resiste,
 De improvizo a encontrar veio,
 Nas delicias de hum recreio,
 Os insultos de hum traidor.

Vozes dentro. Tenha mão.

Mach. Duas mãos tenho eu, quanto mais huma.

Outros. Tome, atrevido.

Mach. Por isso vossês me dizião: tenha mão; porque tinhão que me dar: pois entrarei com tudo isso.

Dentro. Não ha de entrar.

Rei. Que rumor he o que escuto?

Sabe Zapete.

Zap. Senhor, he hum homem atrevido, que quer fallar a V. Magestade, a guarda não o quer deixar entrar, e elle quer sahir com a sua.

Rei. Se será o que no monte me fallou? Dize que o deixem entrar.

Zap. E por certo que não entra de graça: bem ca-ra lhe saho a entrada.

*Vai-se
 Rei*

Rei. Este he hum sincero sujeito, cuja graciosidade vos ha de servir de divertimento.

Sabe Machavello rosnando.

Mach. Ora nunca tal me succedeo ! Tenho entrado em muitas partes , mas em nenhuma tive tão má sahida.

Rei. Que tens ?

Mach. Muita cousa que me deirão lá fóra.

Rei. Chega, chega mais para cá.

Mach. Já lá me chegarão bastante , não he necessario mais.

Rei. Impedirão-te os da minha guarda?

Mach. Não Senhor , desimpedirão-me ; porque eu fiquei sujo da pendencia , e isto não me cheira bem. Impedirão-te ? Porque eu cá fiz algum escrito de casamento , ou de outra alguma cousa á tua guarda , para me pôr impedimentos ? He boa historia !

Flor. Noravel he a sua fingeleza.

Alt. Galantaria tem na sua simplicidade.

Mach. Ai , ai , ai , coitado de mim , escutem vossês : lá vão os narizes com os diabos ? Em negra hora eu vim aqui : eis-aqui o que eu vim cá buscar : deitar a perder os meus narizes : os meus narizes , que era a melhor cousa que eu tinha na minha cara ! já agora bem posso deitar os narizes para traz das costas. Ai desnarigado de mim !

Rei. Pois de que te queixas ? Vem cá.

Sabe Zapete.

Zap. Senhores, que gritaria será esta cá dentro?

Mach. Já não ferei senhor do meu nariz: meus ricos narizes-zinhos do meu coração. Ai, ai.
Vira-se para o bastidor.

Rei. Vê tu o que tem.

Zap. Volta para cá, deixa ver.

Mach. Guarde lá: também me quer chegar aos narizes? Ai os meus narizes!

Zap. Ui homem! quantos narizes tens? volta para cá, que bem podes enchernos os olhos de narizes.

Mach. Quantos narizes tenho? até aqui tinha hum, mas fizeram-mo em dous aqui os criados de Sua Magestade.

Rei. Derão-te alguma pancada nelle?

Mach. Não Senhor; derão-me nelle todos de pancada.

Zap. Deixa ver, estás ferido?

Mach. Pois não hei de estar ferido, se o nariz está escorrendo?

Zap. Mostra, mostra.

Mach. Ei-lo aqui, que está todo molhado.

Zap. Olhe o tolo! isso he ranho. *Ri-se.*

Mach. Ha de ser bem ranho. Oh he verdade ranho he: apre lá! Pois cuidei tinha os narizes alagados em sangue.

Rei. Muito me diverte o seu raro estylo.

Flor. Exquisito he o seu modo.

Alt. Notável peça para Palacio.

Zap.

Zap. Adeos, se este entra a ser gracioso, começará Zapere a ser desgraçado.

Mach. Tenho que fazer-me tolo em Palacio, que assim farei melhor o meu negocio. *á p.*

Rei. Como te chamas?

Mach. Eu?

Zap. Não hei de ser eu.

Mach. Chamo-me, chamo-me: agora não direi.

Rei. Notavel esquecimento.

Mach. Deixem me bater na testa. Ai, lembre-me Deos em bem.

Zap. Já te occureo?

Mach. Sim, já me lembra, que ha muito tempo que me esquece o meu nome.

Zap. Póde haver cousa igual!

Flor. Esse he caso novo.

Mach. Nem eu me parece que me chamo cousa nenhuma.

Alt. Como póde isso ser?

Mach. Porque? Os pobres tem nome no mundo?

Rei. Não está de nescio o dito.

Zap. Maldita a graça que lhe eu acho.

Rei. Aqui, ainda que sejas pobre, desde hoje não te faltará nada.

Zap. Melhor foi a sua dita, que o seu dito.

Mach. Agora já sei como me chamo: Machavello criado de V. Magestade.

Rei Improprio nome para tão simples sujeito.

Mach. Isso he honra, e mercê que Vossa Magestade me faz.

Flor. De que terra és?

Mach. Sou da mesma terra de que V. Alteza he.

Flor.

Flor. Tu não és de Suecia.

Mach. Não sou de Suecia, mas sou de barro, não desfazendo na pessoa de V. Alteza.

Zap. O dito não he barro; mas eu não o posso cozer. á parte.

Mach. Importa-me não declarar a Patria. á p.

Alt. Em que parte aprendeste a nossa lingua?

Mach. Eu! Arrengo do demonio. Eu prendi a sua lingua em alguma parte? a sua lingua de V. Alteza he mui solta, quem se havia de atrever a prendella?

A. t. Não digo senão zonde, ou em que terra começaste a fallar nesta nossa lingua?

Mach. Fallar na sua lingua? Eu não sou digno de tomar na minha boca a lingua de ninguem: ainda que eu estivera com lingua de palmo: não Senhora, isso he testemunho.

Rei. Rara brutalidade!

Zap. Boa parouvella! e o pior he que lhe não de achar graça. á parte.

Rei. Buscaste já a teu Amo?

Mach. Busquei-o, e achei-o: bem, se elle fora alguma cousa boa não havia de apparecer.

Rei. Pois porque não o trouxeste a Palacio?

Mach. Tão besta seria eu que o trouxesse; não que elle péza como hum salvagem: se quizer ha de vir pelo seu pé, que de carne he.

Rei. Isso he o que te digo: pois porque não veio?

Mach. Como tem muita vergonha, não vai a nenhuma parte senão de noite.

Alt. Vai logo a conduzillo.

Mach.

Mach. Não se cansem , que não ha de vir.

Flor. Porque não ?

Mach. Ai Senhores , se o outro está sem çapatos , como ha de pôr o pé na rua ?

Zap. Logo tu deves de ser mais rico , que teu Amo ?

Mach. Oh ? pergunte-nos vossê tambem alguma cousinha : apre loureira , quatro a perguntar ! Não fei como este me não tem conhecido ; mas o seu medo , e o meu traje lhe farião differente a minha fórma. *á parte.*

Zap. Está-se-me afigurando , que já vi esta cara em outro corpo ; mas ha muitos diabos que se parecem huns com os outros. *á p.*

Sabe Cardenio.

Card. Senhor.

Rei. Cardenio , já te desejava o cuidado da regencia : vem assistir ao despacho , que da tua direcção só fio os meus acertos.

Card. Estimo , Senhor , chegar a tão bom tempo , que seja de ti desejado. Ai de mim ! aqui estão os dous extremos da minha fortuna. *á parte.*

Flor. Não fei que horror me causa a visita de Cardenio. *á parte.*

Alt. Não fei como me exima de Cardenio ás importunações. *á parte.*

Rei. Vai Machavello conduzir a teu Amo : vamos nós outros a acudir ao despacho , que não he razão estragar o tempo nas diversões , quando se usurpa ás disposições do governo. *Vão-se.*
Flor.

Flor. Vamos nós, Altea, pois já faltão de Febro os ardores, a gozar no jardim as suavidades do brando Zefiro.

Ali. Vamos, galharda Florisbella, a buscar esse alivio. Se ha cousa que o possa dar a hum coração ferido de zelosas suspeitas.

á parte. e vão-se.

Zap. Ora, Senhor, vá vossê a trazer ás cavalheiras a esse tal Amo, e vá a horas que o não apanhe descalço.

Mach. Bem pudéra vossê vir a dar-nos ajuda para illo.

Zap. Ajuda! Ui, vossê acha-me com cara de cristaleira?

Mach. Cara de cristaleira eu? para traz que vossê tal tenha: agora nariz de syringa, illo sim.

Zap. Galante traste por vida minha!

Mach. Oh pois vossê he boa vasilha por minh a alma.

Ao bastidor Etcetera.

Etc. A buscar a Princeza venho; mas á aqui não está. Quem será este sujeito, que está com Zapete? Não he mal posto com os pés no chão: os olhos são maganos sem ser de affobio.

Mach. Vossê he o que diz as graças cá em Palacio? Sim he, que eu logo lhe vi carinha de galhofa.

Zap. Quer-me vossê não dizer graças? Olhe que lhe hei dizer olé.

Etc. Ai, que o logra! pois eu tomára achar algum amante em commodo, para me desfazer de Zapete, que para mim no jogo de amor não vale nada.

Mach.

Mach. Oh Senhor , como se chama , não vai a desconfiar : nós havemos de ser amigos daqui por diante. Olhe cá Senhor.

Zap. Quer vossê estar quieto ? olhe para isto.
amua-se.

Etc. Ai , que está fazendo beicinho ! oh triste de mim ! Eu saio para o envergonhar. *Sabe.*

Zap. Peior he esta ! Ai coitado de mim , que ella he bonita , e elle póde namorar-se della.
á parte. Ora meu machacaz , ou meu Machavello , vai aonde te mandou sua Magestade que tudo o mais he graça. *para elle.*

Mach. Ai , que formoso par de olhos ! ai que dengue de rapariga ! *á parte.*

Zap. Vai , vai , aonde te mandárão. Etcætera , que queres aqui ? Vai ao jardim , que para lá foi a Princeza , e te procura.

Mach. Menina , não procura tal : este engan-a , e tó eu lhe hei de fallar verdade : deixe-se estar , que a mim não me serve de desconcomodo.

Zap. A mim he que me não accommoda isso. Eu estou perdido ! *á parte.* Vai te já Machavello. *para elle.*

Etc. Para que he estar espantando a gente ? isso parece-me a modo de quem quer espantar a caça.

Mach. Que importáo os seus espantos se já se lográráo os vossos tiros.

Zap. Se não soubera que elle era tolo , havia jurar agora , que elle era discreto : isto não está bom ; elles namoráo-se sem nenhum remedio.
á parte. *Etc.*

Etc. Elle está-me muito inclinado , que eu bem lho conheço na olhadura. *á parte.*

Zap. Vai-te já , ou farei queixa a sua Magestade do mal que lhe obedeces : anda , vai-te.

Mach. Como me hei de hir , se estou prezo ?

Etc. Aquillo he comigo. *á parte.*

Zap. Ai a minha testa que assim me carrega ?

á parte. E quem he que te prende ? *para elle.*

Mach. A guarda , que como me não deixou entrar , entendo que me não deixará sair. Ai amor , que forte brecha me abriste no peito.

á parte.

Zap. Ai , que féro susto ! Cuidei que o dizia por Etcætera. *á parte.*

Mach. Já he preciso hir conduzir ao Principe.

á parte. Ora Senhor , já me vou , e saiba , que levo mais do que trouxe. *para elle.*

Etc. Que leva ?

Mach. Huma ferida muito penetrante.

Etc. Bom vai isto , achei o que buscava. *á p.*

Zap. Que ferida he essa ?

Mach. Não te lembra , que me quebrarão os narizes depois.

Zap. Ai , cuidei que o dizia por outra cousa.

á parte. Não te defenganas ainda , que era ranho , e não sangue ? *para elle.*

Mach. Oh , nem tal me lembrava : pois com essa me vou. *Retira-se ao bastidor.*

Mas daqui ouvirei o que passa.

Faz Etcætera que se vai.

Zap. Com que v. m. tambem se vai , como quem

quem não diz nada ? Assim me quer deixar pela callada ?

Etc. Pois que tenho eu aqui que fazer mais ?
Diga.

Zap. Ora espere menina , e até agora que tinha ?

Etc. Eu bem sei o que tinha , e a vossê que lhe importa isso ? Vá lá buscar os seus olhos verdes , e os meus tire delles as esperanças.

Mach. Mão está aquillo.

Zap. Que olhos verdes ? eu nunca fui amigo de olhos da alface. Hoje ha de hir o diabo em casa do Alfacinha. *á parte.*

Etc. Não metta isso a graça , que não ha de ser admittido.

Mach. He porque o devo de estar eu.

Zap. Fallas de veras ?

Etc. Não , não lhe zombo.

Zap. Em negra hora eu fallei em olhos verdes. Pois , menina , vê o que queres , que eu faça para ser restituído outra vez á tua graça.

Etc. Acolá (senão me engano) está o tal Machavello. Pois hei de fazer a este tolo huma peça. *á parte.* Ponha-se ahi de joelhos.

Zap. Aqui estou já a joelhado. *ajoelha.*

Etc. Ora assente-se agora no chão.

Zap. Já estou assentado. *assenta-se.*

Etc. Erga-se de pressa.

Zap. Já estou erguido. *levanta se.*

Mach. Ella fallo andar n'uma dobadoura.

Etc. Ora agora vá bailando , em quanto eu for cantando.

Zap.

Zap. Minha Etcætera ; olha que eu tenho meus achaques , e não posso fazer esses excessos.

Etc. Pois a Deos. *Faz que se vai.*

Zap. Ai , espera , espera , que eu bailarei até me levar a fortuna. Ai olhos verdes , quanto me custais ! *á parte.*

Mach. Ha mais celebre capricho !

Canta Etcætera , e baila Zapete.

Etc. Vamos andando
Cantando , e bailando ,
Trate esse orate
De ser bonifrate ,
Ai , ai , para aqui ,
Ai , ai , para alli ,
Andar para cá ,
Voltar para lá ,
Para aqui , para alli ,
Para lá , para cá ,
Boa figura

Mach. Bello pexote

Ambos. Bom balharote

Mach. Eu não vi tal.

Mas de tal ver

Ambos. Rizo me dá

ah , ah , ah , ah.

Zap. Isto he traição ; bom anda o meu credito ! Eu envergonhado diante de gente ! isto não esperava eu de ti Etcætera : hum homem da minha authoridade feito bailarote ? a minha firmeza mettida em mudanças ? Bem me soubeste

beste metter nas voltas. Ai, estou quasi estafado. Ora serás já minha amiguinha?

Etc. No jardim ás escuras te espero logo.

Zap. A mim?

Etc. Havia de fallar comtigo? eu te arrenego.

Sabe Machavello.

Mach. A mim?

Etc. A v. m. appello eu por mim! Hei de ver se vai o que eu quero. *á parte. e vai-se.*

Zap. Comigo he, mas a negação foi modestia. *á parte.*

Mach. A mim mo disse, pois a elle já o despreza. *á parte.*

Zap. Senhor Machavello, não diga nada disto a ninguem.

Mach. Ui! vá descansado, que eu se o disser, ha de ser a alguem. *Vão-se.*

S C E N A IV.

Mutação de Jardim, e de huma parte hum alegrete, ou forma de assento, e da outra parte outro, e no fundo hum bofete de pedra, e estará o Theatro escuro. Sabem Florisbella, e Altea.

Flor. **J**untas, irmã, viemos a este Jardim, e ambas nos dividimos no passeio, divertida cada qual na sua imaginação.

Alt. Ahi verás quanto arrebatada hum pensamento, pois faz dirigir os passos aonde se não

encaminha a vontade. Mas já me unio outra vez á tua companhia, não a casualidade, mas o affecto.

Flor. Ai louca fantasia, que quinaeras me fundas sobre o vento! *á parte.*

Alt. Ai amor tyranno, quantas mortes repete hum só ciume! *á parte.*

Flor. Ja do passeio fatigada me sinto; e pois neste sitio nos convida ao descanso, respirando fragancias, o Favonio, aqui podamos sentarnos.

Alt. Dizes bem; eu já estava do mesmo parecer; mas a tua voz se anticipou a intimar o effeito; para que se veja, que he minha a tua vontade, e tua a minha obediencia.

Flor. A Hypolito vi no jardim, e ainda que o seu rendimento me não desagradou, depois que reconheci a seu favor o empenho de Altea fujo ás occasiões, em que para mim pôsão passar de politicas urbanidades as suas attentões. *á parte.*

Alt. No Jardim anda Hypolito, pois áquella parte o vi, antes que de todo cahisse a sombra da noite, e sinto que a Princeza tomasse aquelle lugar; porque por entre aquellas ramas tinha commodo para fallar-lhe, quando elle ouvindo-me o procurasse. *á parte.*

assentão-se.

Flor. Oh que agradavel he a hum triste o silencio da noite; pois com mais desafogo se pôde entregar todo ao seu cuidado!

Alt. Oh que proprio he para hum peito amante

o retiro ; pois com menos embaraços pôde elevar-se nas contemplações de amor !

Flor. Parece que estás penetrada dos seus golpes ?

Alt. O destino fez , que o meu peito tosse o alvo das suas iras.

Flor. Antes eu julgava na tua belleza a imagem das suas adorações.

Alt. Nos seus altares só se conhece por idolo a tua formosura. Muito se declara o meu ciu-
me. *á parte.*

Flor. Parece , que em mim receia preferencias.
á parte. Não , Altea , não me offendas com a lisonja que eu como reconheço em ti vantajens para a idolatria , não havia de usurpar os cultos ; que só se devem ás tuas aras.

Alt. Entendeo-me ; porque se não offenda , quero mudar de sentido. *á parte.* Eu só nas do amor com que te venero , sei sacrificar-te affectuoso o meu cuidado , e não he pouco o que agora me causa o ver-te triste. Qual he a pena que te afflige ? Descança Florisbella no meu peito.

Flor. Ai Altea , e cómo o querer explicar o meu cuidado , fora emprender hum impossivel !

Alt. Póde o mal padecer-se sem alcançar-se ?

Flor. Sim , quando no ignorar consiste o padecer.

Alt. Como no que padeces , não conheces o que ignoras ?

Flor. Padecendo o que ignoro , e ignorando o que padeço.

Alt. Ai Florisbella ! e como me parece que estou conhecendo , e que tu estás ignorando !

do ! Oh como são de amor esses extremos !
Flor. Suspende a voz , não escute a razão nesse nome a sua offensa , e agora melhor será que se empregue em ser lisonja dos meus ouvidos , e suspensão dos teus cuidados.

Alt. Como só as tuas vozes podem servir de suspensões , acompanha o meu canto , que assegurando os agrados logrará pelo indulto o que não alcança pelo merito.

Cantão.

Flor. Loucas memorias.

Alt. Tyrannos zelos.

Ambas } De meus desvellos
 } Causa immortal.

Flor. Como ao render-me.

Alt. Ao maltratar-me.

Ambas } Já de matar-me
 } Não acabais.

Flor. Mas ai !

Ambas } Que isto he morrer
 } Sem acabar.

Sabem pela parte de fóra Hypolito por onde está Florisbella , e Cardenio por onde está Altea.

Hyp. Aqui ouço a Florisbella.

Card. Aqui escuto a Altea.

Hyp. Valer-me-hei das fômbas , para lhe intimar as minhas finezas.

Card. Fiado no escuro da noite , lhe quero declarar os meus excessos.

Flor. Para cantar mais convida o silencio do que o rogo.

Hyp.

Hyp. Não me enganei ; desta parte está a Princesa.

Alt. Tambem o rogo he attenção.

Card. Desta parte está a Infanta ; não me enganou o meu ouvido.

Flor. Essa ás tuas vozes só deve.

Alt. As minhas só sabem subir , quando chega a louvar-te.

Hyp. Por esta rua , que serve de passeio ao Jardim , hirei para fallar-lhe mais seguro de sentimento de Altea.

Vai-se.

Card. Por de traz destas latadas , que fórmão parede a este retiro , quero hir , para lhe fallar com menos susto de que o perceba Florisbella.

Vai-se.

Flor. Em vão procuro esquecer-me do que no bosque vi , e escutei. *á parte.* Mas ai de mim ! não sei que rumor senti nestas ramas.

levantão-se.

Alt. O vento seria ; mas se tens susto , muda-te para este lugar , que será mais accommodado. Verei se he Hypolito , que me busca.

á parte.

Trocão os lugares.

Flor. Receio , que seja Hypolito , que venha a importunar-me.

á parte.

Sahem os dous pela parte de dentro , chega Hypolito a Altea , e Cardenio a Florisbella.

Hyp. Cobarde chego.

Card. Temeroso a busco.

Flor.

Flor. Mas ai de mim! passos sinto. *á parte.*

Alt. Gente se avizinha: alviçaras coração.

á parte.

Hyp. Divina Florisbella?

Card. Altea soberana?

Hyp. Não me crimines de muito ousado.

Card. Não me culpes de pouco amante.

Flor. Não percebo se he Hypolito. *á parte.*

Alt. Se he Hypolito não averiguo. *á parte.*

Hyp. Se te busca a minha fineza para dizer-te que hoje no bosque consegui a de arriscar a minha vida por evitar a tua offensa.

Alt. Que escuto, pezares! *á parte.*

Card. Se te procura o meu excesso para declarar-te, que hoje no bosque obrei por ti, o de emprender tirar a vida á Princeza para que tu conseguisses a Coroa.

Flor. Que he isto que ouço, penas! *á parte.*

Hyp. Não desprezes pois, Senhora, os meus rendimentos, quando tu és testemunha das minhas finezas.

Card. Não defestimes pois, Senhora, as minhas adorações, quando tu és a causa de taes excessos.

Alt. Com a Princeza minha irmã se vão confirmando os meus agravos. *á parte.*

Flor. Com minha irmã Altea se communicão as minhas offensas. *á parte.*

Dentro ElRei, Levem luzes ao Jardim.

Hyp. Já retirar-me he preciso. *á part. e vai-se.*

Card. Já he força o retirar-me. *á p. e vai-se.*

Flor. Não está em mim de sentimento *á p.*

Alt.

Alt. Morta me tem o pezar. *á parte.*

Sabem por fóra Machavello por huma parte , e Zapete por outra.

Mach. Pois ElRei com Felifardo fica divertido , quero a foro de tolo , ver se vejo ás escuras a Etcætera neste Jardim.

Zap. Pois Etcætera disse que viesse ao Jardim de noite , se a não vir por sombras , quero ao menos apalpalla.

Mach. Oh quem me dera dar com ella.

Zap. Ainda que estou ás escuras , não se me dava de ter com ella huma topada.

Mach. Se estará para aqui ?

Zap. Se estará para cá ?

Flor. Ai de mim infeliz !

Alt. Ai de mim triste !

Mach. Mas ter mão , que aqui ouvi suspirar.

Zap. Porém vamos de vagar , que aqui senti resfolgar.

Mach. Sim , aqui ouço o ruje ruje das saias.

Zap. Sim , aqui ouço o estralicar das chinellas.

Mach. Se a minha sorte he tão feliz , que merço ser admittido , nas minhas mãos , dará fim a pelloa que aborreces. *para Florisbella.*

Isto diz Machavello a Florisbella , e o seguinte diz Zapete a Altea.

Flor. De novo se ratifica a sentença da minha morte. Em fim Altea me aborrece ! ah traidora ! *á parte.*

Zap. Se nereço que me restituas á tua graça , mil

mil vezes arriscarei esta vida por lograr outra vez os teus favores. *para Altea.*

Alt. De novo se intimão as suas finezas. Em fim Florisbella o tem favorecido! ah falsa!
á parte.

Mach. Falla-me, mais que seja pela boca da noite.

Zap. Responde-me, mais que seja em estylo escuro.

Flor. No peito hum incendio abrigo. *á parte.*

Alt. Hum Ethna occulto no peito. *á parte.*

Mach. Dize, não te embarace a vergonha.

Zap. Falla, não te perturbe o pejo.

Mach. Meu bem.

Zap. Meu amor.

Flor. e Alt. Já isto não póde soffrer-se. *á p.*

Flor. Traidor, barbaro, atrevido.

Alt. Falso, aleivoso, insolente.

Mach. Que vai, Senhor Machavello? *vira.*

Zap. Senhor Zapete, que tal?

Sabem dous criados com duas serpentinas de luzes, que porão sobre a meza, e outro com huma cadeira, que põem a hum lado.

Flor. e Alt. Como assim!

Flor. Mas que he o que vejo! *á parte.*

Alt. Mas que he o que noto! *á parte.*

Mach. e Zap. Ai desgraçado de mim!

Mach. Oh quem se vira em Berberia!

Zap. Oh quem se vira em Salé!

Flor. Que encanto he este, cuidados! *á parte.*

Alt. Que prodigio he este, amor! *á parte.*

Mach

- Mach.* Eu se acafo . . . agora . . . quando . . .
Desta vez me massão o cagueiro. *á parte.*
- Zap.* Eu se aqui . . . então . . . porque
Desta vez me derreão o palaio. *á parte.*
- Flor.* Não he possível , que deste simples nascef-
sem aquellas razões: em vão me animo.
á parte.
- Alt.* Não he possível articularem-se aquellas pa-
lavras na boca deste nescio: penas respiro.
á parte.
- Mach.* Oh quem advinhára que aonde buscava
a Etcætera havia de achar a Florisbella! An-
tes eu me fora metter no calcanhar do mun-
do. *á parte.*
- Zap.* Oh quem soubera que em lugar de huma
lacaia se havia de achar huma Infanta! An-
tes eu me fora encaixar no cu de Judas.
á parte.
- Flor.* Examinallo he preciso. *á parte.*
- Alt.* Averiguar este caso he necessario. *á parte.*
- Mach.* Estou vendo se me mandão com trezen-
tos mil diabos. *á parte.*
- Zap.* Estou vendo se me mandão dar trezentos
mil açoutes. *á parte.*
- Flor.* Vem cá: dize-me.
- Mach.* Direi, se souber o que digo.
- Alt.* Vem cá: responde-me.
- Zap.* Eu não sou tão mal ensinado como isso.
- Sabem ElRei , e Felisardo , este fica em pé ,
e ElRei se assenta.*
- Flor.* Mas cesse por agora o exame. Ai de mim!
á parte. *Alt.*

Alt. Ai infeliz ! mas cesse a averiguação por agora. *á parte.*

Rei. Florisbella , Altea , filhas , o meu amor , que sempre deseja dar-vos gosto , traz á vossa presença este galhardo mancebo , que he Apollo na discrição , e Ortéo na modesta : com as suas prendas quero lisongear-vos.

Flor. e Alt. Correspondemos-te Pai , e Senhor , com igual fineza.

Mach. Pois estão entretidos , bom será por agora usar da escapistoria. *á parte. e vai-se.*

Zap. Pois divertidos se achão , não será máo agora usar da esgueiração. *á parte. e vai-se.*

Fel. Ai amor , e que encanto he este da formosura , que tanto me arrebatava os sentidos ! Sem mim estou !

Rei. Falla Sigismundo , agora emmudeces ? Esta he a Princeza minha filha , a quem desejo divertir.

Flor. Galharda presença ! *á parte.*

Alt. Bizarro sujeito ! *á parte.*

Rei. Chega a fallar-lhe , não te acobardes.

Fel. Oh , não julgues Monarca esclarecido , que deixo de fallar quando emmudeço : aonde as admirações hão de expressar se , não ha fraze mais propria que o silencio.

Rei. Bem te desculpa. *á parte.*

Chega Felisardo á Princeza , e ajoelha.

Fel. A vossos pés , Senhora , (amor piedade ! não me mates , anima agora o peito. *á p.*) Já me prostro : (ai de mim ! não sei que di-

digo á parte.) animoso, cobarde, lince, cego.

Rei. Perturbou-se á parte.

Fel. A vossos pés, Senhora, (outra vez digo) a ser adoração passa o respeito, que acende não se admittem igualdades, se conhece a attenção pelos excessos.

Rei. Mui bem emendou o defeito. á parte.

Flor. Outro encanto me suspende: parece que me seguem os prodigios. á parte.

Alt. Apenas chega a agradar-me, quem tanto exalta a minha maior inimiga. á parte.

Flor. Não culpeis, se me dilato em pagar com agradecimentos, o que devo aos vossos applausos; que se bem o advertis, ao vosso estylo também são devidas as minhas suspensões.

Ajoelha Felisardo junto a Altea.

Fel. Em vós, Senhora, he o pasmo successivo, quando chego a admirar hum tal portento, que sem duvida fora sem segundo a não crear o Ceo outro primeiro.

Alt. He privilegio da discrição fazer lisonja da offensa. á parte.

Flor. E quanto sentirá que me preferão, quem tanto se empenha em que me offendão!

. á parte.

Alt. Tanto me exalta o modo porque me louvais, que vos aceito por obsequios os desenganos.

Rei. Mais lhe deu a natureza a este Estrangeiro nas prendas, que o adornão, que a mim a for-

a fortuna na Monarquia, que governo. á p.
Com que motivo vieste, Sigisimundo, a es-
tas regiões?

R E C I T A D O.

Fel. Amor da amada Patria me desterra:
Venho seguindo as forças do destino
Infeliz, derrotado, peregrino,
Buscando abrigo na estrangeira terra:
Aos mares me entreguei que de opprimidos
Com pezo infeliz de meus cuidados,
Prorompêrão em horridos bramidos;
E tanto contra a terra conjurados,
Que ver pude em diversos horizontes
Voar os mares, e nadar os montes:
Mil perigos venci com peito forte,
Até que a minha feliz forte
No teu amparo me allegura,
Quanto esperar pudêra da ventura.

A R I A.

Pois me dá seguro amparo
O teu peito heroico, e claro,
Desse modo
Já lá vai o meu mal todo,
Aqui está todo o meu bem.
Ao seguir tão fixo norte,
Já não tenho á dura sorte,
Que temella,
Pois vejo a minha estrellla,
Que a domina o teu poder.

Rei. Desde hoje serás o primeiro na minha estimação , que affim o pedem as distincções com que te formou a natureza.

Fel. Oh Senhor , quanto exaltas a minha humildade !

Rei. Nada tens nisso que dever á fortuna , antes toda ella cedeo ao teu merecimento. Vamos , que quero destinar lugar para a tua habitação em Palacio. *Vai-se.*

Fel. Já te sigo , Senhor , reverente , e agradecido. Ai Florisbella , e a quantos excessos me obrigas ! Queira amor favorecer a meus empenhos. *á parte. e vai-se.*

Flór. Não sei em que hão de parar tão prodigiosos acaos : encanto me parece quanto escuto , e vejo. *Vai-se.*

Alt. Não sei em que hão de vir a dar tão continuados martyrios : contra mim se dispõem quanto vejo , e quanto escuto. *Vai-se.*

Vem dous criados a levar as luzes , sabe Etcætera só , e como ás escuras.

Etc. Agora que ficou o Jardim detembaraçado , quero ver se encontro o tal Machavello , que para cá me dizem que veio.

Sabe Machavello.

Mach. A' luz , que de huma janella da galaria se communicava , vi que para esta parte vinha Etcætera , e ainda que escaldado da primeira , quero cahir na segunda.

Sabe.

Sabe Zapete pela outra parte.

Zap. Como os meus ciumes me trazem sempre á letta , ando feito sentinella deste Jardim ; porque o ver no passado successo ao Senhor Machavello , mte despetou o cuidado.

Etc. Aqui sinto passos : se será o meu novo emprego ?

Mach. Aqui escuto rinjir feda ; se será a menina dos meus olhos ?

Zap. Eu perdi o tino , não sei aonde estou : supponho que hirei dar comigo na nora.

Elle anda mais apartado.

Etc. Ei-lo comigo ; agora o que me resta he ser Zapete. *á parte.*

Mach. Ella he , eu me resolvo : se eu dava agora com alguma Princeza , era huma fallada. *á parte.* Se se permite a hum amante morcego , que entre as sombras da noite ronda a luz desses olhos , queimar as azas em tão doce incendio , terei por felicidade o ficar desfazado cahindo-te em graça , só porque fique outro passaro de aza cahida nos teus favores.

Zap. Para esta parte ouço cuchichar.

Etc. Este he Machavello. *á parte.* Se desejas abraçar-te nas minhas luzes , não sejam de morcego os teus voos. Aonde ficão as Mariposas , as Fenix , e as Salamandras ? Não sou eu tão pouco ativa , que não deseje nos meus amantes a imitação dos melhores exemplares : o mais fique para Zapete , que como passaro nocturno , só he do rancho de Gralhas , Morcegos , e Corujas. *Zap.*

Zap. Pois que vai ? he olho , ou buraco ? Está bonito isto ! *á parte.*

Etc. Mas aqui sinto passos , quero retirar-me depressa. *á parte. e vai-se.*

Mach. De mais a mais , não he besta a rapariga.
 á parte. Pois meu dengue , já que me permittes ser pasto das chammas do teu amor , admitte-me desde hoje pelo menor dos teus amantes , bem que entre todos me acharás unico nas finezas.

Zap. Eu estou por instantes dando hum cerra Espanha. *á parte.*

Mach. Que respondes meu bem ?

Zap. Se ella callou , consentio. *á parte.*

Mach. Ui , não me responde ; quero ver se se ausentou. *á parte.*

Zap. Mas quero ver se a topo. *á parte.*

Estendem ambos o braço , e toca hum na cara do outro.

Mach. Porém que he isto ? femea com bigodes.

Zap. Mas que he isto ! Etcætera com barbas ?

Mach. Quem me pega ?

Zap. Quem me agarra ?

Mach. Póde haver maior desaforo !

Zap. Ha maior pouca vergonha ?

Mach. Isto he caso de bigode.

Zap. Isto he successo de barbas.

Mach. e Zap. Logrou-me patife !

Mach. Pois tome. }

Zap. Tome

Dá hum no outro.

Mach. Lá vão dous dentes fóra.

Zap.

Zap. Lá vão duas costelas dentro.

Sabe Etcetera com luz.

Etc. Que he isto , Senhores , estão doudos ?
vosses jogando os murros ás escuras ? vejam o
que fazem , que para isso lhes trago luz.

Zap. O que eu ganhei , de boa mente to déra
de barato.

Etc. Se eu fora emparelhada com Machavello ,
tu perdêras mais.

Mach. Eu topei a tudo , e se tu não vens ainda
não parava.

Zap. Não seja desavergonhado , que vossê não
me poz mão.

Mach. Tenha tento no que diz , se não hei de
dobrar a parada.

Zap. Oh magano !

Mach. Oh desavergonhado !

Etc. Ai meus peccados , que se torna a accen-
der a pendencia.

} Tornão a
dar-se.

A R I A.

Aparte-se a bulha ,
Acabe-se a pendencia ,
Já que a competencia
Em dar he que dá ;
E porque se apartem ,
Vai tu por aqui ,
Vossê vá por lá.

a Mach.

a Zap.

E não me reguingue *a Zap.* tudo isto.
Se não levará
Muita pancada ,

Mui-

Muita botetada ,
 Muita atrochada ,
 Muita pauletada ,
 E não me reguingue ,
 Vai tu por aqui ,
 Vossê vá por lá.

a Mach.
a Zap.

Fim do primeiro Acto.

A C T O II.

S C E N A I.

Mutação de Bosque. Sabe Cardenio , e hum Soldado.

Card. **N**ão te admires , Lidoro , de que viva ha tanto tempo , negado aos defcanços da Patria , eu admira-te em quanto te não relato os motivos , que me trouvem a seguir com gosto os destertos della. E pois no retiro deste bosque , ainda que a natureza concedo alma ás plantas , não permitto ouvidos aos troncos ; farei de ti os meus cuidados , sem que periguem os meus segredos.

Sold. Não he novo , Senhor , o favorecerem-me os Principes da Casa Real de Motcovia , e menos o será em ti , pois tantas experiencias tens da lealdade com que te sirvo.

Tom. III.

P.

Card.

Card. A Infante Altéa, como já sabes, foi eleita para esposa do Duque de Moscovia; cerradas as capitulações, e assentadas as conveniências das duas Coroas, foi trasladada desde Suecia áquellas Províncias, aonde chegou acompanhada da mais rara formosura, que he o mesmo que da maior infelicidade; pois hum dia antes que ella chegasse a Moscovia, morreu seu futuro esposo precipitado do furor de hum cavallo desde a eminencia de humas altas rechas: trocando a instavel fortuna ao recebella as gallas em lutos, e o thalamo em feretro.

Sold. De cujo lastimoso acaso se penetrou tanto a galharda Infanta, que em muitos dias não cobrou os espiritos, que lhe roubou o desmaio.

Card. Entrou na regencia daquelle Imperio, como legitimo successor do Cezar defunto, o grande Basilio irmão seu, e meu tio, com o qual repugnou Altéa o consorcio, por não violentar o gosto na companhia daquelle, em quem a natureza depositou invisiveis as excellencias com que o dotou; pois tanto concedeu ao seu interior de generosidade, discrição, e prudencia, quanto negou á sua pessoa de exterior bizarría, e gentileza. Dous mezes descansou da pena, e da jornada, antes de pôr por obra o regresso da patria. Eu que neste tempo tinha chegado de Dinamarca, aonde me tinham conduzido as travessuras do meu genio (vivendo distarçado naquella Corte, aonde

aonde muitas vezes entrei com o Principe Felisardo em contencioso certamente já na luta das forças, já na destreza das armas, exercicios de sua maior inclinação) me senti tão rendido ao formoso imperio de seus olhos, que mil vezes pelos meus lhe dei a ler os caracteres, que amor me imprimio no coração.

Sold. E ella devia de entendellos, pois tu a seguiste até este Reino de Suecia, aonde ha dous annos vives disfarçado assistindo a El-Rei em todos os negocios graves do Reino, estimando elle tanto a tua grande sciencia, que de ti vive inseparavel.

Card. Entendeo as minhas ancias, mas desprezou os meus cuidados. Vio que disfarçado a segui: conheceo que dissimulado a acompanhei, e tanto dissimulou, que o conhecia, que eu mesmo duvidava se era disfarce o não reparar, ou ignorancia o não conhecer. Nestas confuzões vacilante o meu discurso, vinha seguindo o norte de tão soberanas luzes, quando na passagem de hum pequeno rio, ordenou a fortuna, que na desordem dos que a acompanhavão, ao metter-se no bergantim se precipitou nas aguas: não sei se foi, que a Deosa Thetys ao admirar tanta belleza, quiz illustrar os imperios de Nuptuno com os timbres de outra Divindade. Ficarão todos immoveis, ou de pena, ou de embaraço, reduzindo aos lamentos toda a pretteza das excuções; mas eu que obrigado da ancia de salvar a minha vida, desprezei todos os horro-

res, que podia oferecer-me a morte, com arrebatada promptidão me lancei ás correntes, que servião de prisões aos animos dos cobardes, que com inveja o admiravão, de donde sahi triunfando de todo hum elemento, feito Atlante de todo o celeste globo.

Sold. Notavel fineza, Senhor! E como correspondeo a tanta obrigação?

Card. De tal forte reconheceo a divida, que me fez depositario de mil ditosas promellas. Disse-me, que desde aquelle ponto admittio com agrado as minhas finezas, e correndo o tempo me certificou, que se as enfermidades da Princeza sua irmã, (que então por instantes crescião, a reduzisse aos imperios da morte) sendo ella herdeira do Reino, a nenhum admittiria por seu esposo se não a mim, que que só faltaria a fé desta palavra, quando eu intentasse offender a sua vida, o que á vista delha ter já dado, se fazia impossivel crer.

Sold. Quem arriscou huma, que tinha, por livralla, mal podia offender huma que adora, e a da Princeza Florisbella parece que se dilata a pezar dos teus intentos.

Card. Agora, Lidoro, entra a maior fineza, que por ti faço, e o maior empenho em que te occupa. Desesperado eu das demoras com que se dilata o logro dos meus desejos, cego de amor, alheio já da razão, e attento só a salvar a vida, que nos braços da dilacção por instantes me vai usurpando o rigor do meu adverso fado, intentei (ai de mim!)

tirar (oh amor á quanto obrigas !) a vida . . . mas espera , que até o silencio deste bosque me parece mais attenção cuidadosa , que natural socego.

Examina se ouve alguém.

Sold. Notavel recato ! *á parte.*

Card. Sós estamos. Digo pois , que intentei tirar a vida á Princeza Florisbella. . . .

Sold. Notavel tyrannia ! *á parte.*

Card. Só a fim de que Altea conseguisse ser Rainha de Suecia , e eu a fortuna de ser seu esposo. Não detenhas aqui o discurso em ponderar a gravidade do caso , extende a attenção ao que dizet-te quero. (Oh como temo que me escute a razão ! *á parte.*) Hum dia , pois , que a Princeza obrigada das suas melancolias , se retirou (como tinha de costume quando El-Rei a conduzia ás caçadas) para hum ameno , e solitario sitio , visinho deste bosque , valido dos disfarces de huma mascara , quiz acabar de huma vez com a sua vida , a tempo que sahio de entre humas arvores a embaraçar os meus intentos o Principe Felisardo , o qual habita nestas montanhas vestido de pelles , e tão dissimulado no traje , que só eu (que tantas vezes , e de tão perto lhe vi o rosto , e ouvi a voz , o poderia conhecer :) retirei-me cuidadoso dissimulando o delicto com engenhosos disfarces , e agora te mandei vir a este sitio , para que com os companheiros , que te esperão occultos ,

by!

busquemos a Felisardo, que nestas montanhas habita, e nellas de nos sepultura á sua vida, porque ainla que não sei os seus intentos, como ElRei vive tão inclinado a fazello com a mão de Florisbella herdeiro de seus Estados (que o não tello posto por obra he só por não violentar a Princeza, que lhe tem natural aversão, só pela noticia que a fama divulgou de suas travessuras) quero na sua vida tirar hum embaraço ás minhas fortunas.

Sold. Rara malevolencia! á parte.

Card. E assim pois a estação da madrugada ainda corvida a socego a toda a Real familia, que a este ficio se mudou desde a Corte, vamos a correr todos estes visinhos montes, para lograr o que tenho determinado. Morra Felisardo, e morráo quantos possão servir de embaraço ás minhas felicidades.

Sold. A minha obediencia lerá aos teus preceitos a resposta mais prompta. Mais obra em mim o temor, que a obediencia. á parte.

Card. Oh a quantos excessos se arroja hum coração amante! á parte.

Sold. Oh a quantos precipicios se expõe hum animo malevolo! á parte. e vão-se.

São instrumentos, e sabe Altéa cantando.

A R I A.

Que prospera vai sulcando
A candida Pastorinha
Na florida, e tenta ervinha
Hum placido verde mar.

Mas

Mas tremula já receia ,
 Se estrepito ouviu na rama ,
 Das lagrimas , que derrama ,
 No pelago naufragar.

Sabe Hypolito.

Hyp. Raras são as prendas , e a formosura de Altéa ! A não conseguir as soberanias da Coroa , não pôde haver mais gostoso emprego para os meus affectos. *á parte.* Galharda Altéa , que novo desvanecimento dás hoje aos Ceos , e aos Prados , pois anticipando a fahida nesta alegre , e faudosa madrugada , em competencia da Aurora , vens duplicando alvares , e rosicleres ? Quando se vio a Alva com mais feliz estrella ? Quando mais risonha , que com a alegria de tuas vozes ? Com mais gloria nunca se rompeo , nem o silencio da noite , nem a luz do dia.

Alt. Ah tyranno , e como vestes de lisonjas a tua traição ! *á parte.*

Hyp. Não fallas ? não respondes ? meu bem , meu amor. . . .

Alt. Meu mal , meu odio , que queres que te diga ? que queres que te responda ?

Hyp. Que novo rigor he este , ai de mim !

á parte.

Alt. Que queres que responda aos teus carinhos falsos , quando só são verdadeiras as tuas aleivofias ? Dize , ingrato.

Hyp. Alheio termo he este para a minha fineza. Não alcanço de donde pôde nascer o excessô

cesso deste enfado. Se lhe communicaria a Princeza o meu affecto ? *á parte.*

Alt. O teu mesmo silencio está confessando a tua culpa.

Hyp. Que culpa, Senhora? (Difficultosamente me animo. *á parte.*) Que culpa podes accumular a hum amor, que por puro sempre ha de ser innocente? Em que te offendi, Senhora? declara-te; se me matas com a ira, não me poderá valer a verdade, porque chegará tarde com o remedio.

Alt. Que verdade, traidor, pôde haver em hum peito, que eu mesma averigui caviloso?

Hyp. Se me veria fallar no Jardim com Florisbella? mas o recato da voz, e a sombra da noite, me livrão do receio. *á parte.*

Alt. Quero averiguar de huma vez as suas traições. *á parte.* Dize-me, não foste hontem ao Jardim?

Hyp. Por aqui começa o exame? *á parte.* Sim, fui, Senhora.

Alt. E fallaste com alguém, quando cahirão as sombras da noite?

Hyp. Só comtigo foi o meu intento fallar. Ai infeliz! *á parte.*

Alt. Com cautellas me responde. *á parte.* Dos teus intentos não procuro saber por ora, das tuas obras he que aqui pretendo informar-me.

Hyp. Grande aperto he o em que me acho: se declararei que fallei com a Princeza?

á parte.

Alt. A verdade não necessita de ensaios: deixa por

por agora os discursos que não quero que coides o que me has de responder.

Hyp. Eu, Senhora, confesso que com a Princeza fallei; mas foi engano das sombras; porque cuidei que eras tu. Não sei o que digo.
á parte.

Alt. Hei de apurallo. *á parte.* Com que descobriste o nosso segredo amoroso? e ella que te respondeo?

Hyp. Nenhuma palavra, Senhora, ouvi da sua boca.

Alt. Pois como soubeste que era ella a com quem fallavas? Ah falso!
á parte.

Hyp. Notavel erro! *á parte.* He porque depois pude advertir, que quando.....

Alt. Com que affirmas, que com a Princeza fallaste?

Hyp. Negallo seria offensa: com ella fallei.

Alt. Mentos, aleivoso, que não foi ella com quem fallaste.

Hyp. Raro successo! mas eu o emendarei. *á parte.* Senhora, para que he estar vos affirmando o que vós sabeis com tanta realidade? Com vosco fallei no Jardim, que só a vós se encaminhou a diligencia de procurallo. Eu havia de fallar a outrem? tudo o mais he graça, na supposição de que estais nisso certa.

Alt. Finalmente affirmas, que comigo no Jardim fallaste?

Hyp. Quando se averigua, que foi com a Princeza, direi como já disse, foi por engano.
á parte. Huma, e mil vezes o affirmo.

Alt.

Alt. Mentas, e huma, e mil vezes o farás, se mais a qui contigo expozer a defaires o meu decóro.

Sabe Florisbella ao bastidor.

Flor. Aqui está Hypolito, e Altéa; ouvirei a sua questáo.

Hyp. Não te irrites, formosa Altéa, contra mim, quando sabes que hontem no Jardim te manifestei o meu amor; porque só a ti se encaminhão os meus amantes rendimentos.

Flor. Este he o tyranno da minha vida. *á p.*

Alt. Com a Princeza fallaste, e nãoj comigo, ingrato.

Hyp. Pois se agora affirmas, porque me desmentiste quando to confessei? Confuso estou!

á parte.

Alt. Porque são tantos os enganos do peito, que mentes quando dizes que comigo fallaste, e se dizes que com a Princeza, tambem mentes. *Vai-se.*

R E C I T A D O.

Hyp. Detente, suspende doce homicida,
Pois se fico sem ti, acabo a vida:
Não te ausentes, espera bella ingrata;
Se meu amor sem teu desdem me mata,
Para que he com rigor tyranno, e forte
Duplicar o motivo á minha morte.

A R I A.

Deixaste-me tyranna :

Ai que espiro ! ai que morro !

Socorro , amor socorro ,

Que já sem alma esteu.

Já sinto em tal desmaio

O peito intercadente

A lingua balbuciente

Tremula , e torpe a voz.

Hyp. Espera , Senhora , não te ausentes , sem que primeiro me declares enigma tão difficil de entender.

Vai a seguilla , sabe Florisbella , e o detem.

Flor. Espera tu , detem o passo , e suspende o aleivoso accento.

Hyp. Ai de mim ! que novo infortunio me offerece a sorte ? Entre Scila , e Caribdis me vejo naufragante. *á parte.*

Flor. Averiguar quero este caso. *á parte.* Não venho , Hypolito , a pedir-te satisfações das finezas , que expressaste da Altéa ; porque nenhum cuidado me dá o engano , que nessa parte me tens feito ; quero sim examinar a qual das duas fallaste hontem no Jardim , para tirar-me de huma suspeita , que me traz sem socogo.

Hyp. Ha maior desgraça que a minha ! Altéa me despreza , e Florisbella me defengana : para com ambas me deixa sem meritos o amor. *á parte.* Senhora , se a verdade mere-

ce atenções , escuta nas minhas vozes os teus desenganos. Como o conhecer em minha Prima Alcêa algum affectuoso cuidado me tem obrigado a não corresponder com desatenções aos seus agrados, e porque dahi nascerá algum inconveniente ao meu amor, não a tenho já desenganado do pouco que o meu affecto se lhe inclina. E como só nas tuas aras sei fazer amantes sacrificios, a ti hontem te buscava para dar-te parte das finezas, que por ti tenho obrado, valido do negro manto da noite para não ser visto de Alcêa, que contigo estava.

Flor. Que he o que escuto! Comigo confessa ter fallado, e diz que foi para dar-me parte das suas finezas, quando só d'elle alcancei os meus agravos? *á parte.*

Hyp. Esta he, Senhora, a verdade.

Flor. Esta he, Hypolito, a mentira; pois eu sei com evidencia infallivel, que vós comigo não fallaste, e só foi a pratica com minha irmã.

Hyp. Ha maiores confusões! Quem se vio em igual labyrintho! *á parte.*

Flor. E não foi para expressares finezas, mas sim communicares traições contra a minha vida. E nque vos offendi, para mostrares contra mim tanto rancor?

Hyp. Eu eston para perder o juizo. *á parte.*
Fermosa Florisbella, se vós sabeis que eu comvosco fallei, e que vos declarei, que por livrar a vossa vida, contendi braço a braço
com

com huma féra , eu com hum traídor , que tirar-vo-la interrava , como podia eu conspirar em vossa offensa ?

Flor. Mais favor achei eu na féra , de que vós me livrastes , do que em voso peito , que tão amante significais. Ai louco pensamento!
á parte.

Hyp. Essa he a desgraça de hum benemerito , que só tem por premio a ingruidão , e o desconhecimento.

Flor. Ora , Primo , ainda que pudéra , dando parte a ElRei meu Pai da vossa traição , examinar com rigores a causa dos meus receios , quero só com brandura persuadir-vos , a que me digais a razão com que se empenha Altéa contra a minha vida , e quem vos moveo a vós a ser o executor da sentença da minha morte ?

Hyp. Já isto passa a desesperação. *á parte.* Não tenho , Florisbella , mais que dizer-vos , senão que pudéra dar-me por mui offendido de vós , por estares na supposição de que era capaz hum peito , que se anima do vosso sangue mesmo , de ser asilo de traições: com-vosco fallei , vós mesma o sabeis , pois ouvistes as minhas vozes , e nellas pronunciar o vosso nome.

Flor. Ha maior atrevimento! Elle faz ludibrio da minha pessoa , confessando a culpa no mesmo estylo de desculpar-se. *á parte.* Bem vos entendo , falso , injusto : comigo fallastes quando com Altéa conferistes as vossas traições ,

e a mim me nomeastes quando dispozestes contra meu peito os estragos da vossa ira ; mas a minha justa indignação saberá tomar vingança de tanto genero de agravos.

Vai-se por onde veio.

Apparece Zapete ao bastidor.

Hyp. Piedosos Ceos , he possível que sem mais culpa que a de infeliz , me condeneis á pena mais sensível para o meu coração !

Zap. Mão ! elle está enfadado : mas já agora paciencia , eu não quero perder occasião de defencarregar a minha consciencia , vomitando este bocado que tenho atravessado na garganta. *Sabe.* Salve Deos a pessoa , tenha vossa como se ehama , alegríssimas auras , Senhor , eu venho aqui a que.

Hyp. Sem alma estou !

Zap. Mas eu bem sei , que agora não he occasião , mas.

Hyp. Não sei em que hei de resolver-me , pois quanto mais me desculpo , mais me condemno.

Zap. Com que , Senhor , faça v. m. de conta que.

Hyp. Altéa diz que eu nem a eila , nem a Florisbella fallei , dando-me a entender que fallei a ambas.

Zap. Elle era de noite , fazia hum escuro , que era metter o olho pelo dedo , e eu.

Hyp. Florisbella nega , que eu com ella fallasse , quando eu lhe fiz expressão da minha fineza.

Zap. Eu hia assim a modo de quem vai tomar o fresco ao Jardim , e.

Hyp.

Hyp. Quem será motivo de tão nunca vista confusão ?

Zap. Vai senão quando, como lhe vou contando, topo com lua Alteza de meio a meio.

Hyp. Que dizes ?

Zap. Topei com ella, e neste meio tempo vem luzes.

Hyp. Que luzes ?

Zap. As das serpentes pequeninas que...

Hyp. Vai-te louco.

Dalhe.

Zap. Oh mal haja a tua mão, que sem ser de gral me machuceu os queixos, como se os meus dentes fossem de alhos.

Hyp. Quem vio maior confusão !

Zap. Quem sentio' bofetão maior !

Hyp. Eu com as esperanças quasi perdidas !

Zap. Eu com os queixos quasi esfimigalhados !

Hyp. Em huma descoberta a minha cautela, e em outra desprezado o meu affecto !

Zap. Em hum inchada huma gingiva, e em outro abalado hum dente !

Hyp. Que isto sinto, e tenho vida !

Zap. Que isto passo, e tenho paciencia.

Hyp. Não ha piedade nos Ceos ?

Zap. Não ha Justiça na terra ?

Hyp. Ai de mim !

Zap. E ai de mim tambem !

Hyp. Vai-te insolente, ou te matarei.

Zap. Irra.

Vai-se Zapete com pressa, topa com Cardenio, que sabe irado, e lhe dá.

Card. Detente barbaro.

Zap. Arre. *Vai-se por outra parte.*

Card. Infructifera foi toda a diligencia, pois encontrar não pudémos a Felisardo. Tudo me succede mal; mas Hypolito! dissimularei a minha cólra. *á parte.*

Hyp. Cardenio! dissimularei a minha pena. *á parte.*

Card. Tão cedo, Senhor, no campo?

Hyp. A gozar as delicias da madrugada me anticipei hoje que nas assistencias do campo todo o tempo que se dá aos descansos, se nega aos recreios.

Card. O mesmo motivo me obrigou a sahir do meu quarto tão anticipadamente.

Sabe ao bastidor Florisbella pela parte por onde tinha hido, e pela out-a Altez, que he aonde se acha Cardenio.

Flor. Outra vez torno á presenca de Hypolito, porque quero com mais prudencia acabar de fazer este exame.

Volta Hypolito.

Hyp. Alli vem Florisbella. *á parte.*

Alt. A Hypolito torno a buscar; porque continuando a averiguação, de huma vez quero defenganar-me.

Volta

Volta Cardenio.

Card. Aqui vem Altéa. *á parte.*

Hyp. Ainda dura, formosíssima Florisbella, no teu peito o rigor, que contra mim mostras?

Card. Ainda, bellíssima Altéa, poderá o meu amor alentar esperanças na tua promessa?

Flor. Dura a causa, mas não dura o rigor, por agora. . . . Mas alli está Cardenio, passarei adiante. *á parte.*

Alt. Poderá: mas eu não poderei cumprir a promessa, sem que. . . . Porém alli está Hypolito, não dilatar-me he preciso. *á parte.*

Vão passando ambos.

Hyp. Ai de mim! por Cardenio se ausenta: e se viria com mais piedoso intento? *á parte.*

Card. Ai de mim! por Hypolito dissimula: e se acharia na sua voz algum allivio o meu cuidado? *á parte.*

Flor. Altéa?

Alt. Florisbella?

Flor. Não sei que alteração sente o peito com a vista de Altéa, depois que vivo receosa da sua traição. *á parte.*

Alt. Não sei que desagrado me causa a presença de Florisbella, desde que a supponho alvo dos meus ciumes. *á parte.*

Flor. Tão cedo no prado?

Alt. Já do campo te retiras?

Flor. Sim, que como costumada a traições não está no campo segura a minha vida.

Alt. Sim, que como sujeita a desvelos, sempre

pre me succede madrugar para os pezares.
Flor. Bem me entenderia. *á parte.*

Alt. Muito me declarei. *á parte.*

*Vão passando, e chega Florisbella a Cardenio,
 e Altéa a Hypolito.*

Hyp. Aqui vem Altéa ; verei se mais aplacada
 me attende. *á parte.*

Card. Aqui vem Florisbella ; para assegurar a
 minha pessoa , darei aviso da minha traição ,
 pondo o delicto em cabeça alheia , para que
 em mim se não escrupulize , quando logre
 o meu intento. *á parte.*

Flor. Verei se ao passar falla a Hypolito. *á p.*

Alt. Receio que Cardenio me veja fallar a Hy-
 polito. *á parte. Virão ambas á cabeça.*

Hyp. Senhora , tens já advertido , que só a ti
 se dedicão os meus amantes cultos ?

Card. Sabe , galharda Princeza , que ha quem
 pertende offender a tua vida.

Flor. Piedosos Ceos , que he o que escuto ! e
 que he o que vejo ! aqui me confirmão os
 meus temores , e alli fallando Hypolito com
 recato a Altéa , confirma as minhas suspeitas.
á parte.

Alt. A' Princeza fallou Cardenio com recato ;
 deste motivo me valerei para a repulsa dos seus
 cuidados , e agora ausentar-me he preciso ,
 para que a Princeza não repare.

Flor. Vai , Cardenio , e em Palacio me espera.
á parte. e Va-se

Card. Vou , Senhora , a obedecer. *Vai-se.*

Hyp.

Hyp. Ficou , Florisbella , e pois o sitio convida a maior desafogo , quero ver se abrando a sua dureza , e a primeira das duas , que comigo se mostra favoravel , será o unico norte dos meus cuidados.

D U E T O .

Hyp. Meu bem , idolo amado ,
Suspende o rigoroso.

Flor. Ai deixa-me enganoso ,
Aparta-te homicida.

Hyp. Repara que esta vida
Se anima deste amor.

Flor. Não seja a minha vida
Objecto ao teu furor.

Hyp. De hum peito , que te adora ,
Não formes tal conceito.

Flor. Ah falso , que em teu peito
Só tratão de animar-te
Impulsos da fereza ,
Excessos do rigor.

Hyp. Attende , que o meu peito
Só sabe contemplar-te
De celestial belleza
Divino resplendor.

Vai se.

S C E N A II.

*Mutação de sala ordinaria. Sabe Felisardo ,
e Machavello.*

Mach. **P**Ois como vai de negocio , Senhor Felisardo ? que temos de novo na materia de amor ? Dame conta das tuas fortunas , que depois que te viste em Palacio valido , e junto á pessoa , parece que te esqueceste de que já eras Principe , quando cá te introduziste. Tenste mudado , como aquelles que vivem pobres no mundo e apenas tem algum augmento-sinho quando logo se endireitão , põem a barbinha no ar , deitão a barriga muito para fóra , cansão em dando quatro passos , padecém faltas de vista para não correjarem os amigos , se os encontrão , dizendo que os não vem ; enchem a boca de . . . minha carruagem , meus criados , minhas bestas , meu mercador ; meu Letrado finalmente ainda que de seu não tenha nada , não ha nada que não seja seu , e todo o mundo o será porque nenhum destes tem vergonha. Ora vamos de vagar , e sabe que te conheço , que ainda hontem não tinhas hum vestido para vestir , pois pelo não ter , andavas em pelle , e vê que se não fora eu , a estas horas poderias estar na cova.

Fel. Vai , Machavello , dando uso ao genio com as tuas continuadas galanterias , que mais se deve

deve invejar o animo defafogado de hum humilde sujeito, que os imperios do maior Monarca do mundo.

Mach. Basta, basta, não nos metamos nisso, que se começa a discorrer, começarei eu a correr, só por te não ouvir. Quero que me falles de amor, que depois que entrei em Palacio, entrou elle comigo de sorte, que entendo não sahirei bem da galhofa. Ai! eu estou namorado desde os pés até á cabeça: não tenho em mim bocado tamanho como isto, que não esteja feito fiambre por estar desfeito: tão esbandalhado, esmigalhado, esmiuçado, espicaçado me tem as fétas de Cupido, que estou feito hum çarrabulho vivente, hum sarapatel animado.

Fel. Que? já gostas dessa pratica? já entendes dessa faculdade? Ai Machavello! se haverá quem tenha vida, sem que morra de amor? se haverá quem tenha juizo, que de amor não enloqueça? E se haverá quem estime a liberdade, se não para offerecella de amor aos dulcissimos laços? Mal vive quem não ama: pouco entende quem não adora: e fazendo na izenção inutil o alvedrio; sem as delicias, sem a luz de amor, nem a vida tem que lograr, nem o entendimento que comprehender.

A quem ama, amor o alenta

(Bem que mata em hum instante)

Não he o primeiro hum amante,

A que o veneno alimenta.

Só conhece a formosura
 Quem enlouquece de amor,
 E então descobre melhor
 O juizo na loucura.

O alvedrio ter vaidades
 Póde de amor na prizão,
 Pois sem ter limites, são
 Malquistas as liberdades.

Mach. Olá! temos versos-finhos?
 Eu te faço rosto já?
 Ainda que os meus versos cá
 São raes como os meus focinhos.

Fel. Ama o bruto sem razão
 Entre asperas montanhas,
 E as duríffimas entranhas,
 Troca em branda condição.

Mach. E os gatos agatnhados,
 Que no frio achão o ardor,
 Tem no Janeiro hum amor
 Por cima desses telhados.

Fel. Enlaçada no eminente
 Tronco a vide vegetante,
 Bem se lhe declara amante,
 Pois o abraça estreitamente.

Mach. E a Hera, que era tão bella,
 Tambem na era de agora
 Ao muro velho namora,
 Pois lhe faz pé de janella.

Fel. E no mar na penha dura
 (Se de amor mysterios fondas)
 Como as lagrimas as ondas
 Na dureza achão branduras.

Mach.

Mach. E ainda o ar amor respira ;
Pois (se o nota o teu talento)
Até parece que o vento
Pelas cavernas suspira.

Fel. A tudo o creador , Machavello , parece que
amor anima.

Mach. O Criado Machavello sou eu , mas o
amor não me anima ; antes parece que me
mata , pois me fere , e de vontade.

Fel. Só a bella ingrata , que adoro amante ,
não sabe sujeitar o alvedrio ás leis de amor.

Flor. Ninguém melhor que eu o sabe. *Dentro.*

Fel. Feliz acaso ! Esta he a Princeza , retiremo-
nos , Machavello , que a sua presença me
perturba.

Mach. Vamos , que isso he impulso de amor :
não se que effeito causa a improvisa vista do
que se ama , que he respeito , e parece temor.

Retirão; ao bastidor os dous , e sabe Florisbel-
la , e Etcetera.

Flor. Outra vez repetirei , que ninguem melhor
que a sabe quem deseja tirar-me a vida.

Fel. Quem será o barbaro , que a tanto insulto
se atreva ?

Etc. Pis Senhora , se tu sabes quem offender-te
detenina , porque não asseguras a tua vida
coma sua morte ?

Mach. Se fora eu quem o intentasse , bem mor-
to te tinham os teus olhos.

Flor. Andá que Cardenio me não declarou o
nome

nome de quem a traição intenta , eu tenho certas evidencias de quem o solicita.

Fel. Ai amor ! desde hoje será o meu peito escudo , que defenda a tua vida

Etc. Pois , Senhora , não zombemos com isso : vê que te pôde succeder huma desgraça assim a modo de graça : a tua vida não he cousa para perder.

Mach. Bem perdido me acho eu por ti.

Flor. São tantos os que se conjurão contra a minha pessoa , que ignoro a quem entregue o cuidado da minha defença.

Sabe Felisardo como arrebatado.

Fel. A mim , Senhora , só compete esse cuidado ; pois na vossa vida. . . . Ai le mim ! arrebarou-me o affecto. *á parte.*

Mach. Ui , Senhores , este homem endudeceo ?

Flor. Pois a vós toca defender a minha vida ?

Fel. E não me gratifiqueis a fineza , pis nada nisso me deveis ; todo o interesse hemeu.

Flor. Não vos entendo. Ai , e quanto ne leva as attentões este galhardo estrangeiro *á p.*

Fel. Se a minha vida defendo , em que os deixo obrigada ? Amor , a muito me atroyo.

á parte.
Flor. Logo percebi mal , quando entendi , que vós a mim me intentaveis defender ?

Fel. Não Senhora , bem me entendestes.

Flor. Pois como dizeis , que a vossa da só guardais ?

Fel. Porque assim vos defendo a vós , ps vós sois a minha vida. *Etc.*

Etc. Este Poeta deve ter vea de doudo , ou atrevimento de Musico ; pois descobre tão altos pensamentos ; eu os deixo , e me vou , por ver se acabo topo as minhas Machavelices

Vai-se.

Mach. Ai que se foi , e eu de sentimento me estou indo.

Fel. Senhora , tão suspensa vos deixou a minha fineza ?

Flor. Não , Sigismundo , não me suspende a vossa fineza , admira-me sim a vossa cusadia. Muito valor tendes , pois vos obrigais a tanto empenho.

Fel. Quando a tanto me arrisco , mais valor tem os meus affectos , que os meus impulsos.

Flor. Logo errais a diligencia pois para defender-me , mais necessito dos vossos impulsos , que dos vossos affectos.

Fel. Quando dos meus affectos nascem os meus impulsos , primeiro deveis estimar aquelles , porque duplicação o valor a estes.

Flor. Que caibão em sujeito humilde pensamentos tão elevados , e que tal me tenha huma louca paixão , que se lisonjeão os meus agradados dos seus atrevimentos ! *á parte.*

Fel. De ousado me criminará , oh quem pudéra declarar-se ! *á parte.* Que me respondeis , Senhora ? admittis os meus amantes rendimento ?

Flor. Homem , quem és ? que á vista de tanta elevação , não sei se te devem castigos , ou agradecimentos ?

Mach. Estou vendo se isto para em abraços , ou em murros.

Flor.

Flor. Não és tu de esfera muito inferior á minha soberania? Ai, se foras mais do que imagino!
á parte.

Mach. Ahi se declara, e leva dous abraços.

Fel. O meu estado, Senhora, não confessa o meu nascimento?

Mach. Oh discreto tolo!

Flor. Pois como nescio, e ousado te atreves a voar com azas de cera, aonde só aches raios que te abracem, e iras, que te precipitem?

Ai, e quanto me violento em aggravallo!
á p.

Mach. Meu dito, meu feito; aqui cahem bem os murros.

Fel. Suspende o furor violento,
 Com que a hum amante maltratas;
 Pois quando hum rendido matas,
 Infamas o vencimento

Mach. Assim, vale-te das tuas habilidades.

Fel. Se me nega altas vaidades
 Por humilde o meu destino,
 Oh, repara que o Divino
 Não se offende de humildades.

Mach. O homem empenhou o resto.

Flor. Haverá quem resista a tão raro encanto!

á parte. Ai Sigismundo, e que grande te formou a natureza! que ha mais que ver, aonde ha tanto que admirar!

Fel. Favoravel já me parece que se mostra.
á p.

Po-

Poderá , formosa Florisbella , declarar-se nos meus sacrificios a minha adoração ?

Flor. Oh se pudéra responder o affecto ao que he preciso responder o decoro. *á parte.* Sigismundo , console-vos na pena de infeliz , quem vos confessa que lograis a gloria de benemerito. *faz que se vai.*

Mach. He boa consolação.

Fel. Ai de mim ! de que serve o merecimento se me deixais sem a gloria ? (Eu me declaro. *á p.*) Pois senhora , se por nascer desigual havia de viver infeliz , sabei que sou mais do que pareço.

Mach. Ora acaba com isso.

Flor. Que dizes ? (Ai de mim ! em novas penas fluctuo. *á parte.*) Com que tu és mais do que publicas ?

Mach. Os abraços hão de ser alviçaras da boa nova.

Fel. Vosso igual me fez a fortuna.

Flor. Oh se emmudecessés ao querer pronunci-
allo. *á parte.* Vai-te , vai-te de minha pre-
sença , e deste Palacio que toda a grandeza ,
que occultas , he labeo com que infamas.

Mach. Quem tal dissera ! nem murros , nem abraços ? Esta Princeza he má de contentar : ella será mui formosa , porém tem muito má boca.

Fel. Ha rigor mais estupendo !

Ha pezar mais exquisito !

Se sou menos , vos irrita ,

E se sou mais , vos offendo ?

Mach.

Mach. Sim Senhor , nem mais, nem menos: melhor fora não ser nada para ser alguma cousa.

Fel. Fez-me grande a natureza
Para ser mais desgraçado ,
Reduzio o meu estado
Ao meu mal toda a grandeza.

Flor. Já não ha quem se resista ; venço o affecto ao decoro. Seja o que occulta , ou seja o que parece , eu me resolvo a querer-lhe , que o amor não distingue qualidades. *á parte.* Se o Ceo vos concedeo tantas excellencias , não quero fazer inuteis tantos meritos. Eu me resolvo O decoro me embaraça. *á parte.*

Mach. Ora anda com isso.

Flor. A que hoje aqui. . . . A modestia me opprime. *á parte.*

Mach. E para logo ?

Flor. Por premio de tanta fineza. . . . A muito me atrevo. *á parte.*

Mach. Ai , ai , ai.

Flor. Mas o pudor me desalenta. *á parte.* Não sei se alguém nos escuta.

Mach. Eu só , mas eu sou hum ninguem. Ui Senhores , que quererá ella fazer só com elle ?

Fel. Sós estamos , Senhora , proségui. Oh quão feliz me considero ! *á parte.*

Flor. Digo Sigismundo , que são taes as amáveis circumstancias , que em vós descubro ,
que

que me resolvo a que hoje aqui, por premio de tanta fineza, se declare o meu amante rendimento; e que supposto dizeis sois mais do que eu imagino, eu o não quero examinar, porque só quero, ao querer-vos, levar na fineza os excessos de ignorar-vos. *Vai-se.*

Sabe Machavello.

Mach. Ora seja muito para bem meu Senhor.

Fel. Tão feliz amor me tem
Nesta gloria sem igual,
Que ainda julgo tanto mal
Pouco preço a tanto bem.

Mach. Elle não está em casa, ou está fóra de si de contente. *á parte.* Ah Senhor? A' outra porta. *á parte.*

Fel. Cançou-se a minha sorte
De perseguir-me;
Já deixa de affligir-me
O rigor forte:
Do adverso fado,
Que o meu cuidado
Attenções mais que humanas
Já chega a merecer. *Vai-se.*

Mach. Pois adeos? Qual, não responde. Este he como o Cisne, que se vai cantando; mas aquelle quando parte, canta como quem se despede; e este quando se aparta, canta por se-

se não despedir, pois não estava mui depre-
 sa ; antes vai muito de re, mi, fa, sol,
 por andar com passos de garganta. Já aquillo
 he outro cantar : elle está favorecido, por isso
 subio tanto de ponto ; só eu fiquei ao canto
 no concerto de amor, e he cantochão porque
 estou posto por terra. Ai doces prendas por
 meu mal achadas ! São tantas as de que se
 adorna Etcætera, que por infinitas, ao querer
 individuallas, he preciso repetir muitas vezes
 Etcætera ; porque ella he bonita, discreta,
 engraçada, airosa, Etcætera. Ella canta.....

Sabe Etcætera.

Etc. Aqui está quem canta.

Mach. Ella : mas aqui he ella.

Etc. Vá continuando.....

Mach. Etcætera ; pois fora hum nunca acabar
 o querer relatar quanto inclue Etcætera.

Etc. Pois então Etcætera ; deixemos isso, que
 tudo o que ha mais que dizer se póde enten-
 der por Etcætera.

Mach. Quanto ha que bom seja, por ti se pó-
 de entender ; só eu não posso alcançar, se
 alcançar mereço de ti algum favor.

Etc. Conforme correr comigo, assim alcançará
 de mim.

Mach. Eu, menina, estou tão alcançado, e
 tão corrido me achô d'isso mesmo, que nada
 alcançarei de amor, se não correr bem a
 fortuna.

Zapete ao bastidor.

Zap. Oh desgraçado de mim! cá está o meu rival. O meu amor está mui perigoso, e eu entendo que acabará de estallo.

Mach. Parece que não gostou de saber que eu estou alcançado. *á parte.*

Etc. Quero fingir que me desagrado d'elle por pobre. *á parte.*

Mach. Não me respondes, meu bem?

Etc. Seu bem? Bem mal que tal seja: quem está tão pobre como v. m. ha de ser falto de bens.

Mach. Dessa sorte me respondes?

Etc. Que cabedal hei de eu fazer de quem não tem nenhum?

Zap. Por aqui não vai mal: pobre de mim se elle fora rico.

Mach. Oh se eu pudesse fazer versos de improviso, para assim conduzir agrados como meu Amo! mas eu cá não fui criado para isso, ainda que todos trovamos de repente. *á p.*

Etc. Va-se, va-se, que he hum pobrete.

Zap. Muito bem lhe vai fazendo a caridade.

Mach. Basta que me não favoreces?

Etc. Irmão, perdoe pelo amor de Deos.

Mach. Se a fovorecer começa

Quem por irmão me descobre,

Não me trates como pobre,

Affim Deos te fovoreça.

Zap.

Zap. Ai que hei de ficar por portas ; e elle ha de ficar entrado : porque fazendo-lhe versos , hade-lhe dar c'os pes na alma.

Mach. Minha vida , o meu não ter
 Não te deixe hoje assustada ,
 Que ainda que não tenho nada ,
 Sempre tenho o que has de mister.

Zap. O homem vence-a : mostra-lhe as prendas ?
 pois deu com ella por terra.

Etc. Ai que boas cousas tem ! cada vez me agrada mais ; mas ainda hei de fingir. *á parte.* Olhe , escusado he cançar-se , que não me ha de render , sendo pobre.

Zap. Se for , seja pelas costas.

Mach. Eu bem sei que hum pobre não pôde ter rendimentos ; mas o pouco que tenho , eu farei com ellè com que renda.

Etc. Essa he de que eu necessito para me sustentar , que ralhos não fazem sopas.

Zap. Eu hei de vencella , mas que lhe dê hum caldo.

Mach. Ora minha Etcætera , já que tu me desprezas por pobre , eu te quero descobrir em segredo os meus haveres.

Zap. Se elle os descobre em segredo , deve tellos no Limoeiro.

Etc. Oh se tivesse tambem a circumstancia de ter ! *á parte.*

Mach. Pois has de saber , que eu não sou
 tão

tão pobre que não seja Morgado, e não tenha muito boa fazenda.

Zap. Olhem com que se sahio agora.

Etc. Oh bem afortunada mulher! *á parte.* Com que tu és Morgado?

Zap. Ahi o admitte por seu legitimo marido.

Mach. Cabedal me deu a fortuna.

Etc. Oh se fosses antes gandaeiro! *á parte.*

Vai-te, vai-te de diante de mim, que quando Morgado te inculcas, mais sem cabedal te mostras.

Zap. Quem tal dissera! Pois cuidei que o recebia com ambas as mãos.

Mach. Ha tormento mais estranho,
Nem martyrio mais agudo!
Pois por pobre perco tudo,
E por rico nada ganho!

Zap. Sim Senhor, nem tanto, nem tão pouco. Essa moça não gosta dos extremos, só gosta das medianias.

Mach. Pobre de quem não tem achado
Na riqueza prejuizo;
Porque não anda o juizo
Em cabeça de morgado.

Etc. Já não ha quem se resista aos combates de tanta galanteria. *á parte.* Ora sejas pobre, ou sejas rico, eu quero ser tua de toda a forte; porque tendo-te a ti, sempre tenho muito de meu.

Zap. Ora fiai-vos lá em mulheres.

Mach. Que ventura ! *á parte.*

Zap. Que desgraça !

Mach. Ella deu-me vida. *á parte.*

Zap. Ella matou-me.

Mach. Com que triunfei da desgraça ?

Etc. Sim meu bem , e ganhaste a mão ; porque eu hei de ser tua.

Zap. A trampa lhe faiba : levou-ma de codilho.

Mach. Com que ninguem fará vasa contigo ?

Etc. Eu hei de empatallas a todos.

Mach. Então quem poderá delemptatar a mão ?

Sabe Zapete.

Zap. Zapete.

Etc. Não vale nada em juizo de tres.

Zap. Tu ferás a arrenegada.

Mach. He boa resposta essa.

Etc. Elle sempre perde por carta de mais , mas eu me descartarei d'elle. *Quer ir-se.*

Zap. Com que viras-me o ás de copas ?

Mach. Ahi havias tu agora metter os bigodes a ver se a podias levar á boca. Mas deixando este jogo , querem vossês , pois nos achamos fós , e em quinta , que joguemos algum jogo de galhofa ?

Zap. Eu não , que não estou agora para graças.

Etc. Pois que tens tu agora que te dê pena ? dize , meu rico , meu bello , meu Senhor , já vou.

Zap. Se tu me deixas , ainda queres que tenha mais ?

Mach.

Mach. Olhe o tollo, se ella te deixa, então tens tu menos.

Etc. Eu deixo-te? ai! não: eu hei de ser a tua dor deilharga.

Zap. Ora bem me parecia a mim, que ella não havia deixar de querer quererme.

á parte. Vamos a isto, que eu estou por tudo.

Etc. Ora lá vai hum, em que o que perder ha de pagar a pena, que lhe impozerem.

Mach. e Zap. Vá embora.

Etc. Pois tomem sentido. Eu hei de dizer a minha perlenga, e quando apontar para algum de vossês, ha de responder depressa.

Mach. e Zap. Vamos adiante.

Canta Etcetera.

Dizia-me minha Avó

Que Cupido era menino;

Se o amor he pequenino,

Como he grande o meu amor!

Porém seja como for,

Arder, soffrer, merecer,

Viver, morrer, padecer,

Eu contigo quero só.

Etc. Tu queres tambem? *para Mach.*

Mach. Sim quero, e assim não perco.

Etc. Perdeste.

Zap. Ainda bem.

á parte.

Mach. Como podia perder? Não disseste tu, que havia responder depressa?

- Etc.* Sim.
- Mach.* Pois eu respondi com bem promptidão.
- Etc.* Respondeste com promptidão, mas não respondeste depressa.
- Zap.* Aquillo agora não entendo eu.
- Etc.* Eu não te dizia que respondesses apressado, mas que pronuncialles esta mesma palavra: depressa.
- Mach.* Isso agora he outra cousa: pois então dou-me por cangado, vê o que queres que eu faça.
- Zap.* Veção a malicia das mulheres! Para enganar os homens são peiores que os diabos.
- Etc.* Já que perdeo, pague-nos a pena em gosto. Ha de fingir huma contenda entre tres; hum estrangeiro, huma velha, e hum galego.
- Zap.* Boa condemnação, e facil de cumprir; porque quem come por quatro, melhor fallará por tres.
- Mach.* Isso he fallar: ora em boa estou mettido! Eu nunca ral fiz, mas vá, que huma vez he a primeira. Ora lá vai o que passou com hum estrangeiro, e hum galego, huma velha que vendia castanhas: chega o estrangeiro, e diz: O? Sinhori, quanti dar vudmece a mim de castanhi per hum ventem? Responde a velha. Tire lá os arenques, que fedem a fumo; que he o que quer? Mim querer tomari castanhi... *Macha* Castanha selo-ha elle, e mais a sua alma: cuida que o não entendo... Ora via, via sinhori. Eis que chega o galego... Ah Senhora bendedeira,
bof-

bossé oube, ou num oube? ... Guarde lá,
 já lho dixerum: olhe o futre dos diachos...
 Vocimici estar muinti tollinhi... Linhas não
 tenho, se quijer quentes dar-lhos-hei... E a
 bossé num oube? Cantas dá á moeda?...
 Ai Senhor vasse dahi imora: olhe o que me
 havia de vir! Tambem tu maroto? Num se-
 ja refaustelada ca se num saverei correjela...
 Oh valhaco! Ora não estar tão infadada...
 Passa aqui futre, passa alli ratinho... Oh
 não fallar co as mãos finhor!... Não nos
 meta os dedos pelos olhos, guarde para lá
 ... Oube bossé cantas dá por-ral, e meio?
 ... Quêsmo deixar agora? e vosse tambem
 ... Estar muinti desivergonhadi, tomar, tomar
 ... Ha maior pouca vergonha! porme as mãos
 na cara hum breado! Não ha quem me acuda?
 ... He munto vem feito... Toma atrevido,
 toma. Ha delRei! Ha delRei! num ha justiça!
Zap. Basta, basta; appello eu! que pôde acudir
 gente, cuidando que he alguma cousa: ha
 ral gritaria!

Mach. Pois então já aqui não está quem fallou.
Etc. Tudo fazes com graça; vá pois continuando o jogo.

Mach. Eu invento; ora escura. Eu dou as mãos
 a Etcætera, vem tu dacolá correndo, e se
 passares por baixo, ganhás; e senão podêres
 passar, perdes.

Zap. Isso de darem vossês as mãos, não me
 contenta, que entendo que ficarão com mão
 alçada para mim.

Mach.

Mach. Ui! desconfias?

Etc. Isto he sómente brincar, que tomando ás mãos não he nada: agora se tu és desconfiado, não brinques.

Zap. Ora ella he boa historia! Eu estou gracejando; eu havia desconfiar em materias de zombarias? Não, nem que vossês fizessem o que fizessem: por graça quanto vossês quizerem, agora de veras, isso nem zombando.

Mach. Ora vamos a isto.

Dão as mãos Machavelo, e Etcetera.

Zap. Deixem-me lugar bastante.

Etc. Tu cabes em toda a parte, vem seguro.

Zap. Eu vou lá. Eu te rogo bom barqueiro, que me deixes tu passar.

Mach. Bom barqueiro se-lo-ha elle. Ora ande que isto não he graça.

Vai Zapete correndo, e não pôde passar.

Zap. Ui! eu não posso passar adiante.

Etc. Ora vá outra vez, que todo esse partido te fazemos.

Zap. Vá. *Torna a fazer o mesmo.*

Mach. e Etc. Ainda não vai desta.

Zap. Senhores, lindo jogo! não se passa daqui.

Etc. He boa! porque não poderá elle passar?

Mach. Porque? tu não vez o que elle tem na cabeça?

Zap. Pois que tenho eu na cabeça? será alguma cou-

coufa , que vossês me pozerão? Mas ai ! que diacho he isto?

Mach. Olhe o asno ! he o arame em que te sustentas.

Zap. Ora vejão vossês , tendo tanto em que me sustente , ainda assim não posso passar.

Mach. Não nos meras isso a graça , que não has de passar assim : prepara-te para te sentenciarem.

Zap. Ahi me dão sentença de morte.

Etc. Has-de-te fazer cabra cega , e aquelle a quem apanhares , ha de perder ; átalhe tu hum lenço pelos olhos.

Zap. Sim , vossês querem-me cegar para fazerem as suas poucas vergonhas : mas ainda que me vendão os olhos , não me hão de tapar a boca.

Etc. Aperta bem , olha não enxergue.

Mach. Oh vê lá não veja.

Zap. Ora ahi estou feito , ou Cupido com venda , ou mula com antolhos.

Mach. Notavel traça , meu bem , foi esta para conseguir hum amoroso furto ! dá-me os teus braços.

Etc. Ai ! está quieto : olhe para isto ? ainda não he tempo.

Zap. Eu cuido que estou vendado , e eu estou vendido : Ai ! custou-me os olhos da cara o dizer isto.

Mach. Ora dasme esse abraço ?

Et. Ai ! guarde lá ; quando tor tempo , então : quando me der a mão , então lhe darei os bra-

braços. Que quando isso for, vossê' com humna mão, e eu com duas. Mas ai que ahi vem Cardenio, eu me vou depressa. *Vai-se.*

Mich. E eu por me não ver em pressas tambem me vou. *Vai-se.*

Zap. O diabo da gente como está callada. Quem me déra apanhar algum.

Sabe Cardenio.

Card. Já não ha soffrimento para tolerar tão repetidos combates da fortuna. Invencivel se mostra Altea no seu desagrado. Eu darei morte á Princeza, e procurarei a de Felisardo, a quem desejo destruir, e não posso declarar, e estes estragos se me não servirem de remedio, me servirão de vingança.

Zap. Aqui sinto passos. Ai que o apanhei! Humna, duas, tres. *Pega em Cardenio.*

Card. Oh barbaro, insolente, que louco furor te incita a tal atrevimento? *Da'he.*

Zap. Não vai a dar: digo que não quero. Olhe que tambem lhe hei de afincar.

Card. Aparta-te atrevido, ou te abrazará o fogo que respiro.

Empurra-o, e cae-lhe o lenço.

Zap. Ai estripado de mim! isto parece cousa de encantamento. *á p.* Senhor, não Senhor, eu estava aqui, porque não estava, mas se acaso v. m. faz caso disso, eu farei
mas

mas não farei cousa nenhuma ; porque eu cá
... mas eilo vai. *Vai-se.*

Card. Quem faria este louco daquella sorte ?
Alguma das suas desengraçadas galanterias de-
via ser : mas ElRei vem. Senhor.

Sabe ElRei.

Rei Cardenio , a alteração do peito te conheço
no semblante : que he o que te dá pena ?

Card. O que a ti , Senhor , te póde dar o
maior cuidado.

Rei. Não me dilates o fabello ; porque não seja
o susto parcial do tormento.

Card. Já sabes , Senhor , que houve quem in-
tentou darte morte , dirigindo o golpe ao pei-
to da Princeza tua filha , para desta sorte du-
plicar o estrago.

Rei. Já esse receio me tirou grande parte da
vida.

Card. Pois sabe , Senhor , que nestes visinhos
bosques anda disfarçado , e occulto o traidor ,
que sollicita tão barbara empreza. E agora ve-
nho de fazer a diligencia de buscallo.

Rei. Já en tenho noticia , que entre estas mon-
tanhas , vestido de toscas pelles , se vio esse
que dizes , que eu de longe testemunhei ,
que com Hipolito contendia ? Porém como o
cuidado com que se buscou , não teve effei-
ro , e como Florisbela affirmou , que nenhu-
ma offensa delle recebêra , mais sem susto
me deixou o peito.

Card.

Card. A Princeza minha-Senhora , como tão discreta , ha de assegurar-te do receio para livrar-te do cuidado , que eu mesmo vi , que aquelle traidor queria tirar-lhe os alentos , estando ella ao sono rendida ; porém por mais diligencia , que puz em chegar , já Hipolito se tinha adiantado , ou por ser mais venturoso , ou por achar-se mais visinho : e quando eu em certo sitio o esperava , para lhe dar castigo , elle me frustrou os intentos , metendo-se por aquella horrivel gruta.

Rei. Ai de mim ! Pois Cardenio a ti te encarrego o cuidado dessa diligencia : tu serás a guarda mais segura da pessoa da Princeza. *Vai-se.*

Card. Fia , Senhor , do meu braço a sua defenfa. Boa occasião tenho para conseguir os meus intentos : logre eu o que solícito , que depois não faltará industrias para desculparme.

R E C I T A D O .

O tyranno rigor da dura pena ,
 Que a tão feros pezares me condemna ,
 Faz que fluctue o coração violento
 No tormentoso mar de meu tormento.
 Navega tão perdido ,
 Que já se vê das ondas combatido ,
 Derrotado , infeliz , confuso , absorto ,
 Sem norte que seguir , sem achar porto.

A R I A.

Noite escura, vento irado,
 Alto mar, Ceo scintillante,
 Dão ao triste navegante
 Medo, affombro, espanto, horror,
 Assim pois meu triste peito,
 De mil sustos combatido,
 Se vê quasi submergido
 De outros mares no rigor. *Vai-se.*

S C E N A III.

*Mutação de arvoredos do principio com a gruta.
 Sabe Machavello.*

Mach. **T**odos vierão a gozar os recreios do campo por vontade, e eu por força faio tambem a dar hum verde ao gosto, para assim entreter, e sustentar a minha esperança: mas a contenda com que vejo encaminhar-se a este sitio a Cardenio, e Altea, me faz não passar daqui com desejo de saber o que com tanto empenho vem tratando. Elles vem chegando, e como ainda me não virão, quero fazer que durmo, por ver se acaso o negocio he cousa, que me toque ou a meu Amo. Ora eu me estendo ao comprido, e ha de ser aqui nesta pedra, que eu não faço cerimonia nem quando estou de comprimento. *Deita-se.*

Sabem Cardenio, e Altea sem repararem.

Card. Has de ouvirme, bella ingrata, pois a solidão do fitio convida a queixas amantes.

Alt. Deixa-me, Cardenio, que em quanto na minha memoria estiver a tua offensa, nem quero conceder o meu ouvido ás tuas vozes.

Card. Oh não queiras, bella inimiga, que o verme desattendido de quem he o unico objecto de minhas finezas, seja occasião infallivel de hum desesperado precipicio.

Alt. Ainda que desejo usar deste pretexto para dissuadillo, temo os furores do seu genio.

á parte.

Card. Nem me respondes, nem me escutas? Pois eu farei o ultimo sacrificio da minha vida aos teus olhos, dando na minha morte fim ás tuas tyrannias.

Alt. Que tens que dizer-mê, falso? Para que he enganar me, quando vi que o recato com que fallaste á Princeza, me deo claros sinais do teu engano? Pertende-a a ella, que he mais digno emprego da tua pessoa.

Card. Oh que enganada te tem esta imaginação quando eu sou o maior inimigo da sua vida, pois nella dura hum embaraço á minha fortuna! Mas não poderá este durar muito, porque sei quem determina dar-lhe morte. Disto a avizei, quando com recato me viste fallar lhe. Do seu damno lhe dei aviso por teu respeito, mas ao seu mal não darei remedio pela minha utilidade, pois já tu sabes quiz eu ser executor do golpe.

Alt.

Alt. Que escuto ! á parte. Pois tu havias ser tão deshumano , que conseguisses a minha pessoa offendendo o meu sangue ?

Card. Foi tal o excesso do meu amor , que cegamente o intentei , bem que advertido o não consegui. Preciso he dissimular o meu intento , e emendar o erro de lho ter já declarado no jardim. á parte.

Mach. Bonito ! Com que este he o mata Princezas ?

Alt. Em fim tu sabes quem offendella determina ?

Card. Eu o fei , e quando succeda , tu não podes faltar a quem és , negando-me a palavra , que já me déste de ser minha : e porque agora me não obrigues a declarar o sujeito , que contra ella conspira , pelos teus olhos te juro de não dizer mais , que he hum disfarçado estrangeiro , que nestas Regões habita só a este fim.

Mach. Se hirá isto dar em meu Amo ? Nunca foi máo adormecer , pois assim fei mais dormindo , que outros acordados.

Alt. Confuza estou ! Se será este o estrangeiro Sigismundo ? á parte.

Card. Tão suspenso a deixou esta declaração , como se a não tivera sabido já da minha boca. á parte. Que me respondes ?

Alt. Só te posso responder neste caso , que eu hei de ser a vigilante sentinella da vida da Princeza , e que quem a offender a ella o terei por meu maior inimigo. Vai-se.

Card.

Card. Tirado huma vez este impedimento da minha ventura, ou tu me cumprirás a palavra, ou eu me darei a mim mesmo a morte; e assim ou terei a maior dita que lograr, ou não terei a menor pena que sentir.

Mach. Oh quem pudéra agora hir-se como hum passarinho. *á parte.*

Sabe o primeiro Soldado.

Card. Lidoro, já accusava a tua tardança.

Sold. Senhor, como vi que com Altea estavas, quando aqui cheguei, escondido attendi quanto com ella passaste, e juntamente vi, que por entre aquellas arvores vem a Princeza Florisbela, a quem determinas dar morte.

Mach. Ai meus peccados, o que aqui hirá se ella vem! Oh quem podéra voar com tantas penas! mas alguma industria me ha de valer.

Ronca.

Card. Para aqui se encaminha, eu me resolvo a não perder esta occasião. Mas que he o que escuro!

Sold. Notavel inadvertencia! Não viste, Senhor, que aqui estava gente?

Card. Como tão cego da paixão cheguei a este sitio, e fallando com Altea, não reparei em tal.

Sold. Elle entregue se acha a hum profundo sono; porém agora não poderás lograr aqui o que desejas; porque despertando, não seja huma testemunha do teu delicto. Assim desejo embaraçar a sua temeridade.

á parte.

Mach.

Mach. Se eu dormindo embaraçar esta morte, posso andar dormindo pelo mundo. *á parte.*

Ronca.

Card. Ai de mim ! Sou tão desgraçado , que até se me malogrão os intentos em que se arrisca a minha vida ; que até a morte foge de hum infeliz. Desperta-o tu , Lidoro , que não quero perder esta occasião.

Sold. Homem , -deixa o sono , e acorda.

Mach. Qual ! nem que cá viesse quem viesse.

Ronca.

Sold. Desperta : ah tal lethargo !

Mach. Ai , ai.

Abre a boca.

Card. Que tal me succeda ! Este he hum simples , que agora vive em Palacio , criado de hum estrangeiro , a quem ainda não vi. Menos mal receio.

á parte.

Sold. Ainda não estás em ti ?

Mach. Ora não quero , não quero , ora , ora.

Ronca.

Card. Homem , estás alienado ? Cobra o accordo.

Mach. Ora isto vio-se , ou ouviu-se ? He boa ociosidade vir acordar quem dorme !

Sold. Ainda dormes ?

Mach. He boa ! Se eu dormira , não lho havia de dizer ?

Sold. Acorda.

Mach. A corda ? qual corda ? Eu não vi cá nenhuma corda.

Card. Já me falta a paciencia : da-lhe , maltrata-o.

Mach. Mão.

Sold.

Sold. Levanta-te.

Mach. Não se cansem, que não hei de acordar, nem que cá vierão os sete dormentes.

Card. A Princeza se avifinha, eu me resolvo em matallo.

Mach. Eu tomo outro acordo, que não quero aqui morrer como hum bruto. *á parte.*

Sold. Matallo, Senhor, será fazer hum delicto accusador de outro delicto.

Mach. Bom homem! acordado sejas todos os dias da tua vida. *á parte.*

Sold. Já parece que desperta.

Mach. Ai, ai. Ora salve Deos a voſſas mercês.

Card. Honiem, levanta-te, e vaite deste sitio já, antes que a minha cólera te mate.

Mach. Ui, Senhor, eu me vou no mesmo instante, que me podéra hir sem me sentir, se v. m. me manda dormindo. Vou correndo a ver se posso encontrar Felisardo para lhe dar aviso de tão grande traição. *a p. e Vai-se.*

Sold. Com tal preſſa vai, que parece hum gamo pelo bosque.

Card. Vai, Lidoro, e junto á fonte de alabastro espera a noticia do successo.

Sold. Já te obedço. *Vai-se.*

Card. Eu me retiro, para lograr com o seu descuido melhor a minha determinação.

Vai-se.

Sabe Florisbella.

Flor. Divertida nos meus cuidados me embosquei até chegar a este sitio, e vim mais condu-

zida de meus amorosos pensamentos , que guiada de acertados discursos , pois sendo este lugar aonde nascêrão os perigos da minha vida , delle devia fugir , se não fora o mesmo em que tiverão principio os amantes enleios de meu coração ; porque tenho quasi infalliveis evidencias de que foi Sigismundo o mesmo que aqui começou a usar comigo os encantos , que me trazem tão alheia do sentido. Mas não sei que sobresalto sente o peito na solidão deste bosque. Eu darei por esta parte volta , para livrar-me do perigo , que o susto me vaticina. Mas ai de mim triste !

Querendo ir-se lhe sabe Cardenio ao encontro com hum punhal.

Card. Detem os passos.

Flor. Valha-me a fuga.

Quer fugir pela outra parte , e sabe-lhe Felisardo ao encontro , com outro punhal na mão.

Fel. Suspende os rigores.

Flor. Outro inimigo , fortuna ! *á parte.*

Ficão os dous suspensos.

Card. Inanimada estatua me considero. *á parte.*

Fel. Tronco insensível me julgo. *á parte.*

Flor. Tal estou , que não morrer do susto , não he valor , he insensibilidade. *á parte.*

Card. Com a razão se perdeu o discurso ; não sei em que me resolva. á parte.

Fel. Do valor nasceo a cobardia : não sei a que me determine. á parte.

Flor. Ai de mim ! Como a pena que me embaraçou o sentir me não privou do discorrer ? Cardenio , que me avisou do meu damno se faz author da minha ruina ? Sigismundo , que me sacrificou a vida , me intenta dar a morte ? Não sei a qual attribua a culpa , se em ambos acho igual a suspensão. á parte.

Card. Eu me resolvo. á parte.

Fel. Eu me animo. á parte.

Flor. Rompa já hum o silencio , ou executem já ambos o golpe : ou acabe a duvida , ou tenha já fim a vida : morra conhecendo quem vive ignorando.

Card. Não tenho , formosa Florisbela , mais que dizerte em minha defença , que eu fui o que te avisei do presente mal.

Fel. Não he necessario , galharda Princeza , para justificar-me , mais que lembrar-te , que eu fui quem se offereceo a defender-te.

Flor. Quando os meus olhos em ambos examinão offensas , e os meus ouvidos de ambos os descargos , em qual se hospeda a lealdade ?

Fe. e Card. No meu peito.

Flor. Oh como o meu deve recear , se ambos se conformão para o damno , como ambos se unirão para a desculpa !

Card. Eu vendo de entre aquellas ramas , que esse estrangeiro vinha ameaçando ruinas oa

teu peito, sahi apressado á tua defenfa.

Fel. Eu vendo ao dobrar aquellas rochas, que esse traidor vibrava raios de furor contra a tua vida, me apressei, valido deste punhal, para livrar-te.

Crad. Tu mesma viste ao voltar, que elle ameaçava a tua vida á traição.

Fel. Tu mesma examinaste com os teus olhos, que elle determinava darte morte.

Flor. Quem se vio em igual confuzão!

Card. Este estrangeiro he o Principe Felisardo
esforçarei mais a minha affirmativa, para ve-
se logro o meu intento, e o seu damno. *á p.^a*

Fel. Este he Cardenio, que dizem logra delRe-
todo o valimento: precurarei occasião de ti-
rar-lhe a vida para assegurar a da Princeza. *á p.^a*

Zapete ao bastidor pela parte de fóra.

Zap. Aqui sinto vozes; dar-se-ha caso que...
Mas que he o que vejo! a Princeza mettida
entre duas facas a risco de lhe darem algum
couce! Senhores, que será isto?

Flor. Em fim tu és o leal? *a Card.*

Card. Tu sabes, que eu só vim a defender-te.

Zap. Logo o outro he o traidor? Oh quem
me dera ser quadrilheiro, para lhe tomar as
armas, e dar com elle no cagarrão: mas hi-
rei logo dar parte a ElRei. *Vai-se.*

Etcetera ao bastidor.

Etc. Aqui ouço fallar : será por ventura...!
Mas ai que he isto ! Dous punhaes nús diante de minha Ama ! He boa descompostura . isto he grande caso.

Flor. Com que tu me intentas defender ? *a Fel.*

Fel. Tu não ignoras , que em tua deienfa quero perder a vida , e já me offereço a dar o merecido castigo a esse traidor.

Etc. E tem razão , que Cardenio tem cara d poucos amigos , e elle tem huma cara de quem todos são amigos. Eu voume a chamae gente. *Vai-ser*

S O N E T O .

Flor. De dous féros impulsos combatido
(Ai infeliz !) meu peito desgraçado
Ignora de qual vive ameaçado ,
Não sabe de quem se acha defendido.

Inda faz o tormento mais crescido ,
O ver (tanto horror embaraçado)
O odio com o amor equivocado ,
O favor com o aggravo confundido.

Nem beneficio , nem rigor preságo
Sigo , ou fujo : sómente a bem não levo .
Que perca amor seu premio em meu estrago.
Ou bem , ou mal nem a eleger me atrevo ,
Que a fineza , se morro , não a pago ,
E se vivo , não fei a quem a devo.

Card.

Card. Senhora , da minha lealdade não duvides ; pois quando eu intentasse contra ti offensas , não te avizára para que te acautelasses : mas pois me não cres , eu me retiro da tua vista , e tu verás quando castigue traidores , que fica a tua vida segura , e conhecida a minha verdade. *Vai se.*

Fel. Espera , não te ausentes. Mas pois vós , Senhora , manchais com escrupulos a pureza da minha fidelidade , eu me ausento dos vossos olhos , para que vindo á vossa noticia que dei morte a esse barbaro , que contra vós conspira , conheçais que já neste mesmo sitio expuz a minha vida para defender a vossa. *Quer ir-se.*

Flor. Espera , espera Sigismundo : e pois te detenho os passos , fiando de ti sem mais companhia a minha pessoa , já podes conhecer quam pouco de ti receio. Cardenio he sem duvida o que intenta ser meu homicida , cujos motivos ignoro ; e sem duvida o seu aviso foi cautela , para depois justificar a sua causa. Ai de mim ! se será a conjuração feita com Hypolito , pois tantas suspeitas tenho de que me offende , desde hontem , que no Jardim me fallou ? *á parte.*

S O N E T O.

Fel. Meu bem , do iniquo fado nos decretos
 Não reccies ser alvo aos meus furoros :
 Tão excelsos divinos resplandores
 Só são em mim da adoração objectos.

Se vêes , que são de amor os meus projectos ,
 Em vão causa o meu peito os teus temores
 Que mal seria archivo dos rigores ,
 Quem nasceo para centro dos affectos.
 Oh não vivas de mim desconfiada ;
 Como deixará a estragos reduzida ,
 Vida , que só merece idolatrada ?
 Vinha a ser de mim mesmo hum homicida ;
 Porque estando ao meu peito vinculada ,
 Fora matar-me a mim , tirar-te a vida.

Sabe ElRei , e cantão os tres o seguinte

R E C I T A D O .

Rei. O semblante alterado ?
 Que he isto amada filha ? Oh duro fado !
 E por mais sentimento ,
 Nesta mão hum mortifero instrumento !
 Que intentas , Sigismundo ?
 Oh tormento immortal ! rigor profundo !
 Se matão os temores por preságos
 Nada deixão os sustos aos estragos.

Flor. Heroico Pai

Fel. Magnifico Monarca

Flor. Aminha vida segue a dura Parca.

Fel. O meu braço defende a sua vida.

Rei. Primeiro a minha se ha de ver perdida.

a Fel.

Rei. Entre tantos horrores.

Fel. Que tal consigo barbaros traidores.

Flor.

Flor. Mais finto que o meu dano a tua pena.

Rei. Quem te maltrata, á morte me condena.

Flor. Não fintas.

Fel. Não receies a ruina.

Rei. Tema quem furias contra ti fulmina.

Fel. e Rei. Pois ha de ser nesta temida offensa.

Rei. O meu braço castigo.

Fel. O meu defenfa.

T E R C E T O.

Flor. Que consegue a infausta estrella
Em tirar-me a triste vida,
Se da pena combatida
Já não temo a mesma morte?

Rei. Por lograr na minha sorte
O rigor mais excessivo,
Ameaça o fado esquivo
Minha vida no teu peito.

Fel. Será escudo hum firme peito
Dessa vida, ó Florisbella.

Flor. Oh fortuna.

Jmbos. Oh injusta estrella!

Todos. Cesse já tanto rigor!

Flor. Mas se a vida has de tirar-me,
Para menos maltratar-me
Mata-me de hum golpe só.

Rei. e Fel. Dura pena, porém vaite,
Que antes do que a morte a ti
Me ha de a mim matar a dor.

Sabe Cardenio.

Card. Senhor, a buscar-te venho com ancioso cuidado, para te dar parte como esse estrangeiro intentou tirar a vida á Princeza minha Senhora, a tempo que a minha presença lhe servio de embaraço; e como o respeito me embargou a acção de castigallo, seja a tua indignação executora da vingança.

Rei. Notavel pena! *á parte.*

Fel. Rei soberano, não sinto tanto a falsidade com que se me imputa tão execrando delicto, como o attrivimento com que se profana a immuniidade do teu respeito; porque em mim, ainda que se offenda a vida, não se macula a innocencia; e em ti ainda que se não descubra a falsidade, sempre se ultraja o decro. Esse traidor, que me culpa, he quem merece o castigo.

Rei. Quem se vio em maior confusão! *á parte.*

Flor. Todo o sangue se gelou nas vêas. *á p*

Rei. Todo o tempo que gasto em discursos, perco de vinganças. *á parte.*

Card. Elle he, Senhor, o traidor, não o deixes com vida.

Fel. Ha maior malevolencia! Que me embaracou ElRei o tomar vingança de tão grande offensa! *á parte.* Senhor castiga esse barbaro offensor do teu Real sangue.

Rei. Já parece que me falta a vida, pois me sinto sem acções, e sem discursos. *á parte.*

Sabi

Sabe por huma parte Zapete , e por outra Etcetera.

Etc. Para aqui dizem que veio ElRei.

Zap. ElRei diz que veio para aqui.

Etc. Sim , eilo cá está ; eu hei de fallar.

Zap. Não me enganei ; eu hei de dizer.

Etc. Senhor.

Zap. Senhor.

Etc. Saiba Vossa Magestade , que Cardenio he o traidor.

Zap. Saberá Vossa Magestade , que he traidor Sigismundo.

Card. Ainda mais isto , pezares ! *á parte*

Fel. Tormentos ainda mais isto ! *á parte.*

Rei. Piedosos Ceos , novos esforços cobra a minha confusão ! *á parte.*

Flor. Injustos fados , novos soccorros consegue a minha desgraça ! *á parte.*

Rei. E qual he o motivo com que affirmais esta contradição ?

Etc. Eu mesmo ouvi dizer á Princeza minha Senhora , que Cardenio lhe queria tirar a vida.

Zap. Eu mésmissimo ouvi dizer a minha Senhora a Princeza , que Sigismundo a queria matar.

Rei. Que dizes tu , Florisbella !

Flor. Senhor , ambas as cousas me ouvirão dizer ; porque em ambos via sinaes de traidores , ainda que em cada hum ouvi satisfações de leal.

Rei. Ah da minha guarda.

Sabem

Sabem os Soldados.

Sold. Que nos ordena Vossa Magestade ?

Rei. Perplexo estou ! Não sei qual hei de castigar , nem a qual hei de favorecer ; em ambos acho circumstancias estimaveis , e ambos vejo calumniados justamente. *á parte.*

Flor. Isto ha de ser. *á parte.* Senhor , se hei dizer o que sinto , Cardenio foi o primeiro , que contra mim vibrou as iras de hum agudo punhal. E supposto que ao fugir ao ameaço , vi a Sigismundo com semelhante acção , sem duvida era em minha defenfa , pois chegando mais tarde a este sitio , vinha dizendo : *Suspende os rigores* , palavras que só se devião proferir , a quem offender-me queria.

Card. Senhor , advertte.

Rei. Não he essa prova bastante para condemnar a Cardenio , e mais sendo a sua pessoa em quem tenho conhecido por larga experiencia tanta lealdade , sendo em tudo as suas maximas as mais seguras bases da minha Monarquia. E para haver de castigar por indicios , mais se deve escrupulizar de hum disfarçado , e não conhecido estrangeiro , em cuja pessoa se não deve considerar tanta lealdade , e tanto valor , que arriscasse a sua vida pela tua defenfa.

Fel. Senhor , repara.

Flor. Ai Sigismundo , e quanto receio mais a tua pena , que os meus damnos !

Etc. Desta feita fica desvalido o Senhor Cardenio. *á parte.*

Zap.

Zap. Desta assentada morre enforcado o Senhor Estrangeiro. *á parte.*

Card. Favoravel se me mostra ElRei, mas eu como culpado receio. *á parte.*

Fel. ElRei contra mim se declara: que farei para escapar do perigo, sem declarar a minha pessoa? *á parte.*

Rei. Resoluto estou no que hei de obrar. *á parte.*
Cardenio, Sigismundo, hum de vós outros intentou com barbaro atrevimenro derramar o meu sangue, executando o golpe na parte mais sensivel, pois o he da minha alma Florisbella minha filha. Em cada hum acho indicios para a pena ainda que em ambos razões para a desculpa. E assim para que descubra a innocencia, e se castigue a maldade, sejam distinctas prisões deposito das vossas pessoas.

Card. Já huma vez mettido no risco, quero seguir a corrente da fortuna. *á parte.*

Fel. Grande mal receio, se ás prisões me entrego: escapar determino a todo o risco. *á parte.*

Rei. Vós outros levai a differentes, e seguras prisões a Cardenio, e Sigismundo, de donde hum delles sahirá para o supplicio.

Flor. Ai infeliz, que em Sigismundo me tirão a vida, pois estando sem elle, fico sem alma! *á parte.*

Em quanto Cardenio diz o seguinte, se vai Felisardo chegando para a gruta.

Card. Senhor a todo o exame se offerece a minha pessoa,

peessoa, eu me entrego voluntario ás prisões a que me condemnas, fiando que dellas me tirará a minha innocencia.

Fel. Eu, Soberano Monarca, como me acho sem culpa, não me offereço ao exame, mas para o empenho de tirar em limpo a minha verdade, me retiro do teu rigor.

Entra pela boca da gruta.

Rei. Segui esse traidor, que já na sua fugida declara a sua culpa, como Cardenio na sua sujeição a sua lealdade: mas suspendei os passos, que pois elle mesmo se condenou, razão he que seja executiva a pena que merece. Parti logo augmentando o numero das guardas, e tapai a outra boca da gruta com bem argamassados materiaes, e o mesmo se faça a esta, assistindo com vigilante cuidado em quanto se executa o que ordeno; neguese-lhe a respiração e seja primeiro que morro, e sepultado, e Cardenio goze da liberdade, pois no pouco receio se mostra inculpavel.

Vão-se os Soldados.

Etc. Oh má grado tenha o diabo! Eu entendo que paga o justo pelo peccador. *á parte.*

Zap. Ora cousas farão estrangeiros! Este, sem ser enforcado, tambem vio o seu enterro em vida. *á parte.*

Card. Bem me succede. *á parte.* Senhor, aos teus pés renderei eternamente as graças, pois fias tanto da minha lealdade.

Flor. Oh caião os montes sobre mim: que neste conflicto ferá a minha morte amaior felicidade da minha vida. *á parte*

Rei.

Rei. Dê-se logo á execução o que ordenei.

Vão sabindo algumas figuras.

Card. Só do teu grande talento poderá nascer tão acertada resolução.

Rei. Vamos, Florisbella, que já a tua vida está segura.

Flor. Hum penhasco arranco em cada planta que movo. *Vai-se ElRei, Card. e Flor.*

Etc. Ah Zapete, quanto melhor fora ficares tu fazendo penitencia dos teus peccados naquella cova, e que fosses entaipado, porque em ti nada se perdia: e não o pobre de Sigismundo, que nenhuma culpa tem.

Zap. Eu folgo muito que tal lhe succedesse, e só sinto que o Machavello não ficasse tambem ás boas noites aonde nunca lhe luzisse o buraco: mas espero que brevemente acompanhe a seu Amo; se não foi na cova, será na sepultura. *Vai-se Etc. e Zap-*

S C E N A IV.

Mutação de muros de Jardim com figuras, e varanda e no fundo janellas de Jardim.

Sabe Hypolito.

Hyp. **O**H! quando se cansará a sorte de atormentar-me? Mas em mim fora felicidade, se assim como me tem sem alentos para a queixa, me deixára sem esforço para a vida. Eu tenho grande parte de culpa na pena que me afflige; pois vacilante entre dous af-

affectos , me não determinei a seguir o que mais favoravel me concedia a fortuna : mas já que em Florisbella reconheço desprezos, e em Altea se declaráo ciumes, o norte de suas luzes quero seguir , por ver se amor nella me offerece seguro porto ás minhas tormentas. Na janella deste Jardim costuma ás vezes vir divertir-se : verei se logro a fortuna de vella.

Apparece Altea na janella.

Mas já vejo , que he ditoso oriente do mais brilhante Sol. Eu chego a fallar-lhe.

Alt. Hypolito he este. Ai amor, e se não fora o meu mesmo ouvido testemunha da sua falsidade , oh quanto melhor me estivera o seu engano , se nelle podesse existir a minha duvida ! *á parte.*

Hyp. Galharda Altea , quem pela culpa de hum erro padece a pena da tua indignação , poderá ter algumas sombras de bem , ao menos nos longes de huma esperança ? que com qualquer luz se contenta , o que vive tão desconfiado de remedio.

Alt. Como tem tanto de sua parte ao meu amor, não posso totalmente vingar-me da sua tyrannia , negando o meu ouvido á sua queixa. *á parte.* Que pertendes de mim , ingrato ? Que offensa te fez a minha fé , para exercitares contra o meu peito os repetidos golpes dos teus novos enganos ? Defenganada pela tua mesma boca da tua aleivosia que mais pretendes da minha paciencia ? *Hyp.*

Hyp. Justificar-me da culpa, que mêm impões.

Alt. Pois ainda com industrias intentas multiplicar confusões, para accrescentar mais horrores ao delicto, dizendo, que com a Princeza não fallaste no Jardim, quando eu te vi para a parte donde ella estava, e mudando as duas de lugar, tu valido das sombras chegaste a fallar-me, cuidando ser Florisbella, a quem fizeste expressões da tua fineza?

Hyp. Eu confesso, Senhora, que com a Princeza tua irmã fallei, e que confuso, e perturbado das sombras, e de hum rumor que (Amor ajuda a desculpar-me á parte.) cahindo tarde em que era ella a com quem fallava, quiz antes parecer atrevido com expressar-lhe finezas, que dar-lhe a entender o nosso amor. (Oh que mal me desculpo! á parte.) Pois cuidando que eras Florisbella, me não offereceo a turbação outras palavras, que dizer-lhe. Esta he a verdade.

Alt. Oh que frivola desculpa! Mas oh que grande razão tem da sua parte no meu affecto para desculpallo! á parte. Quando fora possivel ter tu certeza, de que he verdade o que me dizes, pudera admittir os teus rogos.

Hyp. Alviçaras amor, que já me favorece a fortuna! Mas passos sinto por aquella parte, retirar-me quero.

á parte.

Retira-se a hum lado.

Alt. Mas a Princeza se encaminha a este lugar, quero ausentar-me delle.

Vai-se.

Sabe Cardenio.

Card. Já tenho hum embaraço menos na vida do Principe Felisardo. Oh dê-me a sorte occasião de conseguir o que desejo , dando a morte a Princeza.

Apparece Florisbella na janella.

Mas na janella do Jardim está ; eu chego a fallar lhe , que deitejo asseguralla do que contra mim julga , para executar melhor os meus designios.

Flor. Não he piedade não que o mortal corte.
 Do golpe horrivel minha vida guarde ;
 Antes cresce o rigor da dura morte ,
 Pois se faz mais cruel em vir mais tarde.
 Venceo , roubou-me o bem a adversa sorte ,
 Mas em deixar-me a vida andou cobarde :
 Oh não exalte do triumpho a gloria ,
 Se descobre a fraqueza na victoria.
 Mata-me , sem matar-me o sentimento ,
 Para ser muitas vezes homicida :
 Oh pezar ! porque dure no tormento
 A mesma morte me dilata a vida ,
 Do desfmaio parece fórma alento
 A memoria em tragedia repetida :
 Mas ai , que desta ausencia na impiedade
 Imagino que he vida o que he saudade.

Card. Em fim , Senhora , ainda negais a fé á minha,

nha fidelidade? He possível, que ainda manchais a minha innocencia com o vosso escrupulo?

Flor. Ah cruel! ah tyranno! Ainda te atreves a ser objecto dos meus olhos?

Hyp. Ah cruel! ah tyranna! Como me argúes de culpas, se assim com Cardenio me offendes!

á parte.

Card. Aqui, Senhora, ferei vigilante Argos da tua pessoa, até perder a vida aos teus olhos, para que se conheça na minha morte a minha verdade.

Hyp. Ainda mais isto, irada forte! Cardenio lhe tributa rendimentos, e ella lhe mostra amantes enfados!

Flor. Traidor, vai-te da minha presença; que mais dura morte me dá a tua vista, que a que receio do teu braço.

Vai-se.

Card. Irritada a tem a paixão: quero retirar-me, pois não posso convencer o seu bem fundo receio.

Vai-se.

Altea á janella; chega Hypolito a fallar-lhe:

Hyp. Para que, enganosa Hyena, me significavas finezas, e me accumulavas aggravos se tens a quem dês queixas mais affectuosas, e por quem faças finezas mais verdadeiras? Prosegue o teu empenho, que o meu será desde hoje lançar-me nos braços da desesperação, para ver se ha morte para hum desgraçado.

Canta Hypolito a seguinte

A R I A.

Não posso, não devo,
 Tyranna deidade,
 Es falsa, és féra,
 Nem guardas lealdade,
 Barbara já sem fé
 Te deixo cruel;
 Se acaso pretendes
 Agora enganar-me
 Dizendo sou firme
 Promette adorar-me;
 Respondo; que direi? *Vai-se.*

Alt. Espera Hypolito, espera, que não entendo a tua queixa, nem sei de que nasce a tua desesperação. Mas já se foi. Ai de mim! Que louca paixão o incita a tanto despenho? Quando me buscava rendido; quando com extremos me intentava satisfazer, não sei que novo furor lhe perturba o sentido. Encanto me parece quanto amor em ambos executa; mas eu procurarei sahir de tão escuro labyrintho. *Vai-se.*

S C E N A V.

*Mutação de jardim , e á roda do escotilhão
ramas de que esteja a boca cuberta. Sabe
Machavello com huma trouxa , que mete
pelo escotilhão.*

Mach. **O**H que indústrioso he o medo !
Aqui venho tão carregado de traf-
tes , como cheio de temores. Todo o Palacio
está feito hum tormentoso mar , e eu receio
muito hir-me ao fundo , porque não posso to-
mar pé em tanto golfo de penas : mas como
a gala do nadar he guardar a roupa , eu que-
ro agora fazer guarda-roupa de certa buraca ,
que aqui ha de haver. Trago aqui hum vesti-
do desconhecido para me livrar de ser inves-
tido ; trago isca , é talvez que alguém ma
coma , e que no cabo me faça aquillo nõ anzol ;
trago mecha para ver se assim me livro das que se
mettem nas feridas ; trago hum cabo de vella
para ma metterem na mão , se algum der cabo
de mim ; trago papel para assim fazer melhor
o meu ; porque queimando-o , hei de-me tingir
de negro se não der a meu Amo ajuda , e
sustento , e eu , e elle havemos de ter boa sahi-
da. Ninguém me tem visto : felicidade foi. Mas
donde terá a boca a senhora gruta , que deve
ser tão pequena , que ninguém a vê ? Mas cá es-
tá : vejão vossès porque eu a não via , he porque
tem a barba mui crescida. Deito primeiro a tal
trouxa. *Chega á gruta , e bota a trouxa.*

Lá vai esta pirola , veja se a póde tragar ,
que eu nella lhe dou quanto trago.

Sabe Etcetera.

Etc. Quem me achou hum menino perdido ,
por quem eu me perdi de amores , dar-lhei
de alviçaras a pena , que tenho de perdello ,
pois estão quasi perdidas as esperanças de achallo.

Mach. Se tu déras melhores alviçaras , eu to en-
tregára : porém acho que he melhor estar per-
dido , que ter a pena por premio.

Etc. Ai meu rico Machavello ! tu em Palacio ?

Mach. Eu em Palacio ? não cuides tal. Eu era
afno que estiveile em Palacio ? não por certo :
antes folgo de estar aqui no Jardim , aonde
tenho minhas verduras , e lá não as hei de ter ,
porque anda tudo azul. Olá , tens sentido muito
a minha falta ?

Etc. Eu não hei de dizer isso.

Mach. Porque ?

Etc. Por não fallar nas faltas alheias.

Mach. Pois eu , se queres saber o que sinto ,
escuta.

Nesta ausencia dilatada

Motto de pena me vi :

Ora escuta o que senti ,

Ficarás embasbacada.

Senti , mas não senti nada :

(De o dizer não me reporto)

E terá o juizo absorto

Quem

Quem de eu não sentir se admira:
Olha a tolla, se eu sentira,
Então não estaria eu morto.

Etc. Ora ouve-me a mim.

Desta ausencia no tormento
Forão minhas penas tais,
Que te fostes e nunca mais
Me vieste ao pensamento.
Com este encarecimento
Bem ufano ficarias;
Eu não sei que mais quérias
De minhas firmezas raras;
Porque se tu me lembraras
He certo que me esquecias.

Sabe Florisbella.

Flor. Machavello, Machavello, como te não ausentas deste Palacio? Queres seguir a intelligencia de Sigismundo? Ai tyrannas memorias! ai infelices amores! aquellas vivas para matar-me com a passada gloria, e estes sem vida para immortalizar-me na presente pena.

á parte.

Mach. Senhora, não te lastimes com tanto excesso, que não he o caso para tanto.

Flor. Que loucura!

Mach. Ora não he tão loucura como isso; porque, Sigismundo tem alguma perna quebrada?

Etc. Não he peor estar sepultado?

Mach. Pois sou tão fiel criado, que brevemente me espero ver na sua companhia.

Flor.

Flor. Vai-te , que és hum simples.

Mach. Eu te prometto , que eu desappareça da tua vista brevemente , e isso ha de ser já. Mas ai que estou perdido !ahi vem o excommungado de Cardenio : eu fiz mal em me deter.

Sabe Cardenio.

Card. Ainda , Senhora , vos fiais de traidores ? Este não he criado daquelle barbaro estrangeiro , e talvez companheiro nas suas atrocidades ?

Mach. He preciso fingir-me bebado , que já o ser tollo he pouco. *á parte.*

Etc. Ai coitadinha de mim , que desta fico viuva antes de cazada ! *á parte.*

Card. Com que intento quizas apparecer neste Palacio ? Queres ser tambem escramento de sacrilegos ?

Mach. Quero ser huma bália , que o atravessasse : vossê sabe com quem falla ? ha maior pouca vergonha ! escremento de tificos a mim !

Card. A vossa soberana presença me embaraça o dar-lhe morte.

Flor. Que amigo fois de matar !

Mach. Pois se o amigo he amigo de matar , va-se espulgar ao Sol , que não lhe faltará sangue que derramar , que elle he tal , que nem a huma pulga perdoará com ser seu sangue.

Etc. Elle se está fingindo bebado ; queira Deos que lhe saia bem a machavelhice,

Card. Vai-te barbaro.

Mach. Barbeiro selo-ha sua mercê , e perdoe a minha confiança. *Card.*

Card. Que soffra a minha cólera esta indecencia ?

Fior. Industrioso he o que entendi simples.

á parte.

Card. Vai te , vai-te , que não he pouco escapares com vida das minhas mãos.

Mach. Que me vá ? boa graça ! Porque , eu sou descortez , que faça isso diante de gente ? nunca me fui em minha vida. Que me vá ? cá para traz : se vossês souberão quem eu sou , não me havião de tratar assim. A mim , ninguém me manda cousa nenhuma. Porque , vossê he que manda ? Só o Senhor meu Amo tem esse poder.

Etc. Tinha que já não tem.

Mach. Meu Amo tinha ? Tinhosa será vossê : Meu Amo , que he tão limpo da carepa , que póde ser assado na cabeça de hum tinhofo. Meu Amo , que he hum Principe tamanho como não sei que diga.

Card. Elle sem duvida declara a Felisardo , e he preciso embargar-lhe as mal concertadas vozes.

Mach. Meu Amo . . .

Etc. Que Deos tem.

Mach. Assim te leve o diabo. Ora veja vossa paternidade se póde haver maior desaforo , chamando morto a meu Amo ! E eu o farei resuscitar brevemente , se o senhor matador mór do Reino , o Senhor Cardenio da Mata der licença.

Card. Atrevido , não te ha de valer o estares tão alienado com os fumos de Baco.

Mach. Tabaco ! isso he quererme chegar aos narizes ?

Flor.

Flor. Detem os passos, injusto, que aos meus olhos não permitto defacatos.

Etc. He boa! não vê como está o pobre homem!
Elle sabe o que diz?

Flor. Vai-te, Cardenio, de minha presença.

Card. Eu me vou corrido, mas eu me verei vingado. *Vai-se.*

Mach. De boa escapei: agora tomára encovar-me. *á parte.*

Flor. Etcætera?

Etc. Que mandas?

Flor. Leva-o tu ao teu aposento, e dahi pela janella, que cahê ao campo, lhe dá passagem porque o não prendão.

Põem-se Machavelo junto do escotilhão.

Mach. Agora que estão divertidas me chafurdo; a fortuna me tire com bem. *Mette-se pelo escotilhão.*

Etc. Vou Senhora a obedecer-te.

Flor. Vai-te, Machavelo, e . . . Mas que he o que vejo!

Etc. Vem comigo. . . . Mas que he o que não vejo!

Flor. A terra sem duvida o tragou.

Etc. Sem duvida se foi pelos ares.

Flor. Estranho successo!

Etc. Caso raro! Ai Senhores, se o levaria o diabo, só porque eu o não levasse?

Sabe El Rei, e dous Soldados.

Rei. Prendei este traidor, que ainda intenta assustar

tarme como sombra de hum tyranno. Mas aonde.

Sold. Em quem , Senhor , havemos de dar á execução as tuas ordens?

Rei. Florisbela ?

Flor. Pai , e Senhor ?

Rei. Aonde se occulta este atrevido criado de Sigismundo ?

Flor. Enganos são de Cardenio , e quiméras , que finge a sua louca fantasia ; se não he querer com falsidades novas ultrajar o teu respeito.

Rei. Examinaí , não só todo o jardim , mas não se reserve em Palacio nada ao vosso exame.

Vão-se os Soldados.

Quem se vio em mais raras confusões ? sonho me parece quanto por mim passa. *á parte.*

Filha Florisbela , já o meu espirito se afflige , e cança de padecer os golpes da fortuna , as confusões crescem , e os alentos faltão , a vossa vida está ameaçada de occulta violencia. Eu quero , dando-vos consorte , eximir-vos do perigo , e livrar-me do cuidado. O Principe de Dinamarca he tão capaz de ser preferido , que não só será o mais forte escudo da vossa vida , mas o mais infallivel seguro desta Monarquia. Eu tenho inspirações , que me facilitão este empenho. Bem sei que por noticia de algumas leves travessuras , lhe não vive inclinado o vosso affecto ; porém como conheço que haveis de seguir o meu gosto , espero que vençais a vossa repugnancia. Disponde-vos a obedecer-me , que eu vou a dispôr com toda a brevidade

dade, não só os seguros da vossa vida, mas as conveniências da minha Corôa. *Vai-se.*

Flor. Ha maior infelicidade! sobre huma desgraça huma violencia! Oh que bem receava o meu coração o effeito infeliz deste conjecturado conlorcio! Mas de que me queixo, se he tal a pena que me afflige, que será a minha morte embaraço aos seus designios?

Etc. Pois a Princeza está entregue aos seus sentimentos, quero hir ver se acho quem me roubou os meus sentidos, que estou tão desesperada de ver que desapareceo da vista dos meus olhos, que se me não fizera mal, havia de me enforcar de pena. *Vai-se.*

Flor. Que acho nos fados injustos!

Sustos.

Que achei de amor nos encantos!

Espantos.

Que acharei em seus ardores?

Horrores.

Sem duvida o Deos de amores,
Quer no mal eternizar-me,
Pois não bastão a matar-me.

Flor. } Sustos, Espantos, Horrores.
e Fel. }

Flor. Que dão eternas distancias?

Ancias.

Que ha de dar o pranto em mares?

Pezares.

Que

Que derão tantos portentos?

Tormentos.

Oh que duros sentimentos
Me motiva o ver oppostos
A allivios , pezares , gostos.

Flor. } Ancias , Pezares , Tormentos.
e Fel. }

Flor. Mas parece que compadecidos de minhas duras penas se abrandão os rudos troncos , e os infensiveis marmores deste Jardim , acompanhando suaves os écos de minhas queixas. Eu morro de saudades. Ai amado Sigismundo ! Aonde estás , vida minha ?

Sabe pela gruta Felisardo cantando a seguinte

A R I A.

Aqui está , prenda querida ,
Huma vida ,
Que de amor recebe alentos ,
Para soffrer entre ardores
Sustos , espantos , horrores
Ancias , pezares , tormentos.
Não te affuste a infaulta estrella ,
Florisbela ,
Por me veres ao teu lado ;
Que o que vistes sepultado ,
Se está morto , he de amores.

Flor. Amor que encantos são estes ? á parte. Sigismundo , como são estes pordigios ? dize , porque ao ver-te , não tire o affombro alguma parte á gloria. *Chega Felisardo a Florisbela.*

Sabe Zapete ao bastidor.

Fel. Maravilhas são de amor, e impulsos da minha fineza, o querer por fim de tantas infelicidades fazer aos teus olhos venturosa a minha ruina.

Zap. O á, olá, renuncio o pacto: valhão-me trezentos e sessenta e seis abrenucios. Este homem he feiticeiro de todos os quatro costados: cuidei que a estas horas estivesse chuchado das carochas, e está ainda capaz de lhe pôrem huma na cabeça. Mas eu vou dar parte deste caso. *Vai-se.*

Flor. Pois, meu bem, retira-te pelo meu amor a esse occulto, e escondido deposito da tua vida, que eu cuidarei de livralla de todo o perigo: vai-te antes que alguém te veja.

Zap. Vem, Senhor, ao Jardim, verás se he certo o que digo. *Dentro.*

Rei. Já he forçoso retirar-me, e obedecer-te. *Mette se pela gruta.*

Sabe Zapete.

Zap. Olha para elle; mas que he delle? Ai eu aqui ouvi, mas eu nunca tal vi.

Hyp. Aqui, Senhora mas he loucura imaginallo.

Flor. Que dizes, Hypolito?

Zap. Não diz nada; mas como quem não diz nada, vinha a ver o Poeta que eu ainda agora vi neste Jardim.

Flor. Que Poeta?

Zap. O Musico.

Flor.

Flor. Que Mufico , louco ?

Zap. Ai ! o Eſtrangeiro.

Hyp. Senhora , affirmou com tantas véras , que aqui vio a Sigismundo eſtar fallando contigo , que me obrigou a vir fazer eſte exame.

Zap. Eu não digo que feria elle , mas era o diabo por elle , que ainda que tinha muitas couſas boas , eu ſempre entendi que era couſa má.

Flor. Pois todos não o virão ſepultar na eſcura eſtancia daquella horrivel gruta ?

Hyp. Couſas são deſte ignorante.

Zap. Couſas minhas ? Não he ſenão a alma do eſtrangeiro , que anda barregando por eſte Jardim.

Flor. Fortuna , ajuda os meus intentos. *Vai-se.*

Hyp. Amor , favorece os meus cuidados. *Vai-se.*

Zap. Aprelá ! eu cá só no Jardim ? Ai que me pegão ! ai que me agarrão ! Valha-me toda a folhinha , com luas , quartos , e tudo.

Vai-se.

Sabe Etcetera.

Etc. Que gritaria he eſta cá no Jardim ? Anda por Palacio huma voz , que ſe vio aqui a Sigismundo : mas mal peccado ! O outro eſtá feito bicho de toca , e eſtará já comido de bichos na buraca. Agora o meu Machavelo he que deve eſtar aqui convertido em tronco , ou transformado em pedra ; ou elle eſtá feito já hum cepo ao pé de alguma arvore , ou carranca em cima de algum chafariz. Ora não jogues comigo as eſcondidas ; e ſe tu me negas

a falla em algum tronco , permitta Deos que
ahi te fação em achás ; e se me fazes carran-
ca em alguma fonte , queira Deos , que ahi
te dem dores de pedra.

Sabe Mochavelo de negro.

Mach. Não posso deixar de sahir a taes conjuros.

Etc. Ai appello eu ! que he isto ?

Mach. Oh mias menina , quere vozo cagar as
boca ? que mim sé huns pletinho honraro , e
nenhuns mar vos vem fazé.

Etc. Ai guarde para lá , olhe que griro : Ai que
medo !

Mach. Táo feio far os pai Flancico , que mete
medo a vozo ? aqui sá huns rendido amado-
ro , e o ser desse cos , he que sá chamuscato
dos fogo de amoro : em mim tem vozo huns
cativo , huns esclavo , que morre por esses oio
táo flemozo.

Etc. Passa fóra , já te cheira ?

Mach. Aos cheiro dessas coizia tão bonita ando
sempre ao rabo de vozo.

Etc. Olhe o cachorro.

Mach. Mim far tua canzarrão.

Etc. Osso cão.

Mach. Mim não quer roer osso sem plimero co-
mer os carne.

Etc. Eu me vou , e te deixo como hum preto.

Canta Machavelo a seguinte

A R I A.

Menina tão flemoza ,
 Que mai non pori sé ,
 Mim far o pai Flancico ,
 Que a vozo quere bem.
 Por isso suas festa
 Vos vem aqui fazé. . . .
 Ai le le le , gurguiá gurguié ,
 Gibalé , cambu :
 Gibelé , sahi ,
 Ai le le le
 Gurguiá , gurguié.

*Sabe Cardenio por huma porta , e Altea
 por outra.*

Alt. Aqui dizem que viráo a Sigismundo.

Card. Aqui dizem que viráo a Felifardo.

Alt. Mas quem aqui. . . .

Card. Mas que vejo ! Quem podia aqui trazer este negro estando as guardás avizadas de que a ningnem deixassem entrar.

Mach. Se eu desta escapo , tenho muito que contar. *á parte.*

Alt. Dize tu , Etcætera , como veio aqui este homem ?

Etc. Eu , Senhora , se não foi por arte do demonio , não sei como elle aqui viesse ; porque de improvizo me appareceo como cousa do outro mundo. Eu não sei ; aqui diz que
appa-

apparecem defuntos, e eu estou com muito medo deste canzarrão; porque o diabo he negro. *Vai-se.*

Alt. Raras cousas succedem neste Palacio.

Card. Homem, dize como entraste aqui, se não serás castigado esperamente.

Mach. Eu fiore far hum trombetero, que ando fazendo fessa por essa terra e angola vinhe eu, e como os fiore, que he fiore de huns pleto, que toca os churumera, e os churumera dos pleto, sabia tocar os fiore dos pleto, que sá churumelero, vai o fiore muiere dos fiore, que sá fiore dos pleto dos churumera, e

Card. De vagar homem, explica-te melhor, que te confundes.

Alt. O medo o perturba.

Mach. Inda que mim sá pleto, eu quero falare crato. Tomo vozo tento. Eu fiore sá pleto de huns fiore, que casou com meus fiore, e quando mia fiore casou, era mé fiore soltero; vai fiore, que faze mé fiore toma hum churumera, e dá huns trombeta a outro pleto que era pleto de hum fiore, que tinha huns pleto trombetero, e que faze os pleto, toma.

Card. Já se acabou a paciencia: mas seja o que for, como aqui se acha Altea não quero perder a occasião de fallar-lhe. *á parte.* Lidoro?

Sabe hum Soldado.

Leva a esse preto, e no meu quarto o fecha em huma casa, cuja janella cahe para este Jardim.

Mach.

Mach. Não vai máo isto; o que eu quero he ficar em Palacio, que depois tudo fica em casa.

Vai-se Mach. e o Sold.

Alt. Oh quanto sinto este encontro!

Card. Ainda, cruel Altea, dura no teu peito a tyrannia? ainda estás de animo de faltar á palavra promettida?

Alt. E de retirar-me da tua presença.

Card. Até esse favor queres negar aos meus olhos?

Alt. Cardenio, eu tenho quasi averiguada a tua tyrannia, e nella consiste o negar-te licitamente a palavra offercida.

Card. Como, tyranna? Como, ingrata? que he o que dizes?

Alt. Não te disse eu, que só quando tu offendes a minha vida, me desobrigaria eu da palavra que dei?

Card. Sim, mas mal póde offender-te quem te adora.

Alt. Em eu averiguando que intentaste tirar a vida á Princeza minha irmã, absoluta estou da tua amorosa instancia; porque a minha vida offende quem o meu sangue derrama.

Vai se.

Card. Espera, tyranna.

Sabe El Rei.

Rei. Quem he a tyranna, que de ti foge? Detem-te, espera.

Card. Sorte inimiga, isto mais? *á parte.*
Senhor.

Rei. Dize, de quem te queixas?

V

Card.

Card. Huma criada, Senhor, que aqui atrevidamente me respondeo, talvez desprezando a minha pessoa, porque a Princeza minha Senhora deu motivo ao seu atrevimento, calumniando-me de traidor.

Rei. Não sei que conceito faça de Cardenio em tanta contrariedade! Mas cesse por agora a duvida. *á parte.* Não te offendas, Cardenio, desse falso conceito, quando tens da tua parte o meu favor. Saberás como tenho determinado dar estado a Florisbella, dando-lhe por esposo ao Principe de Dinamarca, para o que só me falta a tua approvação.

Card. Nada perco em approvar o seu intento, quando pela morte de Felisardo, fica impossivel o logro dos seus designios. *á parte.* Acertada me parece, Senhor, a tua resolução, pois na união destes dous Imperios, se fará invencivel o teu poder.

Sabe Florisbella.

Flor. Aqui me conduz o meu cuidado. . . .

Mas aqui está ElRei.

Rei. Filha, o meu desejo moveo os teus passos. Está já o teu animo disposto a agradar-me, recebendo por esposo ao Principe de Dinamarca?

Flor. Não és tu, Senhor, o que tantos excessos tens feito por conservar a minha vida, que mil vezes se vio accommettida da rigorosa Parca? Não és tu o que com tanto cuidado perrendias defendella de quem traidor a ameaçava?

Rei

Rei. E eu sou o mesmo, que exporei a minha por defender a tua.

Flor. Pois, Senhor, a minha obediencia está prompta, mas a minha vida não está segura.

Rei. Como?

Flor. Eu darei a mão de esposa a Felisardo, mas tu darás o meu corpo á sepultura: obedecerei ao teu preceito, mas sendo o conforcio contra a minha inclinação, se da obediencia vivo a cabarei da violencia.

Rei. Oh quanto tem o amor de enternecido! Parece que o coração quer sahir pelos olhos a dar-lhe favor. *á parte.* Florisbella, filha, não permitta a fortuna, que te condemne a martyrios quem só te defeja conseguir descansos. Não seja teu esposo Felisardo, pois he contra a tua inclinação; mas hoje te darei digno conforite, com o qual espero não tenhas queixa da ventura.

Flor. Que intentará ElRei? *á parte:*

Card. Não alcanço o seu pensamento. *á parte.*

Sabe Hypolito.

Hyp. Senhor, agora me affirmarão ter visto a Machavello, esse criado do estrangeiro, a quem condemnaste á morte, e dizem que está no quarto de Cardenio escondido.

Card. Que novo azar he este, fortuna! *á p.* Não he possivel, que no meu quarto se ache esse de quem sou o maior inimigo, por ser criado de quem intentou offender a Princeza minha Senhora.

Rei. Já cresce a minha confusão , e escrupulizo de Cardenio. *á parte.*

Flor. Bem sei , Cardenio , quanto te devo. Ah cruel ! *á parte.*

Card. Se o criado pública a Felifardo , será preciso escrupulifarem da minha verdade ; e assim melhor será que eu o communique a ElRei em segredo. *á parte.*

Rei. Traremos agora do que mais importa , depois se examinará o que diz Hypolito. Filha , como tenho percebido que de inveja nascem os perigos da tua vida , quero com toda a brevidade assegurar na tua cabeça a minha Corôa ; e assim me determino a que admittas por teu esposo a teu primo Hypolito.

Sabe Altea.

Alt. Ai de mim ! Se he verdade o que escuto ? *á parte.*

Flor. Ha maior conflicto , amor ! *á parte.*

Hyp. Ha mais raro successo , fortuna ! *á parte.*

Card. Senhor , ouça-me Vossa Magestade em segredo.

Rei. Dize , Cardenio.

Card. O Estrangeiro , a quem mandaste dar morte , he , Senhor , o Principe Felifardo , a quem conheci , por ter estado em Dinamarca algum tempo , no discurso do qual o vi muitas vezes.

Rei. Ha maior infelicidade ! Que dizes ? Já acabou o seu engano de confirmar as minhas suspeitas. *á parte.*

Card.

Card. Parece que o sentio. *á parte* Eu vendo que elle intentava contra ti offensas, consenti na sua morte, a qual dando tambem ao feu criado, ficará ignorada no mundo a sua desgraça, ficando só em o nosso segredo a sua traição.

Rei. Não ficará sem castigo a tua maldade. *á p.*

Flor. Que mysterios serão estes? *á parte.*

Hyp. Em que parará esta confuzão? *á parte.*

Alt. Que fim terão as minhas finezas? *á parte.*

Rei. Grave pena! *á parte.* Florisbella, cada vez se te faz mais preciso admittir logo por espolo a Hypolito.

Alt. Pouco me falta para perder a vida. *á p.*

Hyp. Resoluto estou em fazer por Altea a maior fineza. *á parte.*

Card. Em huma só palavra consiste a minha desgraça. *á parte.*

Rei. Que esperas? Dá pois a Hypolito a mão de esposa.

Sabe Felisardo apressado pela gruta.

Fel. Antes quero, Senhor, perder a vida ás mãos do teu rigor, que aos impulsos da minha desgraça. Aos teus reaes pés.

Rei. Ha mais nunca visto acaso da ventura! Não sei como me não matou a subita alegria que me causou este successo. *á parte.* Como são estes prodigios, Sigismundo?

Fel. De tudo, Senhor, te darei depois parte.

Card. Que he o que vejo! Como não me traga a terra em tanta pena! *á parte.*

Alt.

Alt. Raro affombro ! *á parte.*

Flor. Dando primeiro attenção ao teu respeito , que lugar á minha admiração , digo , Senhor , que não posso admittir por esposo a Hypolito ; porque como sei que a outro objecto dedica os seus affectos , não quero que nelle seja violencia , o que devia ser vontade.

Falla El Rei a Cardenio em segredo.

Rei. Com que affirmas ser este o Principe Dinamarquez ? *á parte.*

Card. A minha vida te offereço por fiadora dessa verdade. *á parte.*

Rei. Eu accito a fiança. *á parte.* Pois Florisbella , ou has de admittir ao Principe proposto , ou aqui has de ficar casada com este humilde Estrangeiro.

Fel. Que he o que escuto , fortuna ! Ou he afflicção do meu dezejo , ou ludibrio da minha pessoa. *á parte.*

Flor. Amor , que he o que ouço ! Ou isto he examinar o meu animo , ou exaltar a minha ventura. *á parte.*

Alt. Pois , Senhor , como com tão desigual sujeito intentas

Rei. Filha , basta , que o meu gosto he lei.

Hyp. Ainda que verdade , Senhor , que eu a outra imagem venero , sempre sinto , que a distancia , que vai da humildade desse Estrangeiro á soberanidade

Rei. Sobrinho , cessa , que ignoras os mysterios , que inclui essa differença.

Card.

Card. Ai quanto mal receio neste horrivel conflicto em que me vejo! *á parte.*

Flor. Amor, eu me aventuro. *á parte.* Pois Senhor, por não admittir ao Principe de Dinamarca, antes quero dar a mão de esposa a este Estrangeiro não conhecido.

Vai a dar-lhe a mão.

Fel. Esperai, Senhora, que não posso admittir tão alta ventura.

Flor. Ha maior desfar! *á parte.*

Alt. Tudo he affombro quanto admiro. *á parte.*

Rei Que intentas com essa repugnancia?

Fel. Não violentar a vontade da Princeza tua filha; pois se ella por não admittir ao Principe de Dinamarca, quer fazer feliz a hum humilde sujeito, já eu não posso ser consorte seu.

Flor. Porque?

Fel. Porque eu sou Felisardo.

Flor. Este he o maior encanto de amor: pois faz que receba gostosa aquelle mesmo a quem a vontade vivia repugnante. Já admitto ao Principe Felisardo; esta he a minha mão.

Dão a s mãos.

Fel. Na minha tenho agora todo o poder da fortuna.

Rei. Que alegria!

Card. Que desesperado furor! *á parte.*

Hyp. Permite, Senhor, que acompanhe a sua felicidade com a de ser esposo de Alteza.

Alt. Já satisfeita estou da sua fineza: alviçaras alma. *á parte.*

Rei. Gostoso o concedo.

Alt.

Alt. E eu mais gostosa o admitto.

Dão as mãos.

Card. Deu fim a minha vida. Oh, abraze hum raio o meu coração! Desesperado me vou a buscar o ultimo precipicio.

Vai-se.

Rei. Olá, detenhão a Cardenio, que já me são manifestas as suas traições.

Sabem Zapete, e Etcætera.

Zap. Qual detenhão a Cardenio! Escusado he, porque como louco furioso vai por esses campos correndo, que nem hum cavallo solto.

Etc. Parece que leva o diabo no corpo.

Dentro Mach. Agora vai: eu me não posso ter: eu vou a terra: guarda debaixo.

Cabe de alto.

Hyp. Da janella do quarto de Cardenio se arrojou.

Zap. Vieste aqui como hum raio.

Mach. O meu intento era partir-te, mas não te pude colher debaixo.

Etc. Não calças grande çapato para ser tamanho o salto.

Zap. E que queres tu aqui agora?

Mach. Primeiramente beijar os pés a Sua Magestade, e depois a mão a meu Senhor o Principe Felisardo: e já que fui tolo até aqui, quero agora desafnar-me casando (que tambem sou vivo) com Etcætera; que supposto que já andei como hum negro, nunca lhe estará mal admittir-me por seu cativo; pois já mudei de côr, lavando-me no quarto de Cardenio, aonde elle me mandou metter,

ter , entendendo que eu era preto : mas elle sempre ficou sujo com os seus enganos , e eu a fiz limpa com as minhas industrias.

Etc. Com que tu eras o negro ? Eu sempre entendi que tu eras bonito , se te lavasses.

Zap. Eu te arrenego diabo ! Tu já estás branco , mas eu ficarei como hum preto.

Mach. Pois , Senhores , eu quero casar com Etcætera , ah que delRei.

Rei. Eu to concedo , e offereço o dote.

Mach. Vivas mais que vinte sogras.

Zap. E tu casas com elle , Etcætera , tambem ?

Mach. Pois não , se vim pelos ares buscalla ?

Etc. Olha , Zapete , isto não podia deixar de ser , porque os casamentos vem lá de cima.

Zap. Até isso me parece encanto , e eu tambem ficarei encantado , porque fico posto ao canto.

Mach. Pois acabemos com elle , dando fim a esta scenica ficção , mostrando que nunca a haverá na vontade com que obsequiosamente festejamos a tão illustre , como discreto auditorio.

C Ó R O.

Pois de applaudir-vos já logrão o fim
Estes obsequios , que a idéa formou ;
Hum victor vosso mereção aqui
Hoje estes Novos Encantos de Amor.

F I M.

ADRIA:

ADRIANO

EM SYRIA;

Opera que se representou na Casa do
Theatro publico do Bairro Alto.

ARGUMENTO.

V Encendo o Imperador Adriano aos Parthos, cativou a El Rei Osroas, e a sua filha Emirene, e ao Principe Farnaspe, amante de Emirene. Esta pela sua grande formosura foi desejada de Adriano para esposa, ao que ella sempre repugna, por ser constante a Farnaspe. Osroas por traição pretende vingar-se tirando a vida a Adriano: errou o golpe, e foi preso; e não obstante ser apanhado no delicto, falla sempre soberbamente ao Imperador. Finalmente Adriano sabendo do honesto, e firme amor de Emirene para com Farnaspe, com heroica resolução os manda livres, perdoa a Osroas, e acceita por esposa a Sabina Romana. Tudo o mais constará melhor do contexto da obra.

INTER-

INTERLOCUTORES.

Adriano, Imperador de Roma, amante de Emirene.
Osroas, Rei dos Parthos, Pai do Emirene. Emirene, Princesa dos Parthos, prisioneira de Adriano, e amante de Farnaspe.

Sabina, Romana, amante, e promettida esposa de Adriano.

Farnaspe, Principe Partho, amigo, e tributario de Osroas, amante, e promettido esposo de Emirene.

Aquilio, Tribuno, Confidente de Adriano, e amante occulto de Sabina.

Beringella, Graciosa.

Chichello, Gracioso.

Guardas.

Soldados Romanos, *Soldados dos Parthos*.

SCENAS DO I. ACTO.

- I. *Praça de Antioquia &c.*
- II. *Sala de Palacio.*
- III. *Pateo de Palacio com rotura por huma par-
te onde apparece incendio.*

SCENAS DO II. ACTO.

- I. *Galaria no quarto de Adriano correspon-
dente a diversos gabinetes.*
- II. *Estrada deliciosa de Jardim.*

SCENAS DO III. ACTO.

- I. *Sala com cadeiras.*
- II. *Lugar magnifico de Palacio com escadas :
vista de Náos em o Rio , e de Jardim.*

ACTO I.

SCENA I.

Praça grande de Antioquia , com huma ponte sobre hum rio , a hum lado hum throno imperial , e junto delle Adriano levantado sobre os escudos dos Soldados Romanos : Aquilio, guardas , e povo , da outra parte do rio : Ofroas , Farnaspe , e Chichello com acompanhamento dos Parthos , que conduzem varias feras, e outras dadiyas para offerecer a Adriano.

C O R O.

Vive Augusto , vive , e reina
 Gloria a nós , e a Roma sendo ,
 E no Oronte a chama tendo
 O primeiro sacro ardor.
 Dos Soldados , patria , e povo
 Capitão , e Pai te jurão ,
 E contentes te segurão
 Lealdade , fé , e amor.
 Palma o Ganges te prepare
 E de augusto o nome adore ,
 Aonde incognito inda morte
 O remoto habitador.

Em quanto o Coro canta , desce Adriano do throno de escudos , que servião de sustentallo , e os Soldados se põe em fileira com os mais.

Aquil. Farnaspe , Principe dos Parthos , te supplica , Senhor , licença para se apresentar aos teus pés.

a Adr.

Adr. Venha , e ouça-se.

Passa Aquilio a ponte , e falla Adriano sóbe ao throno , em pé.

Valorosos Soldados , e companheiros , vós me offerceis hum Imperio , não menos com vosso sangue adquirido , que com o meu sustentado , procurando , que delle (sendo commum o trabalho) seja só meu o fruto : mas se não puder inteiramente cumprir com o vosso desejo , farei ao menos que neste magestoso grão que me entregais , sempre o mesmo me acheis. Para mim não quero a vangloria de me servires ; só sim , que empregueis esse cuidado em segurar a gloria de Roma , a grandeza do vosso nome , e a publica esperança.

senta-se.

C O R O .

Vive Augusto &c.

Ao tempo que repete o Coro , passam a ponte Farnaspe , Osroas , e Chichello com acompanhamento dos Parthos , todos seguindo Aquilio , que os conduz.

Farn. Hoje que Roma adora em ti o seu Augusto Cesar , reverente ao docel em que magestoso te ostentas , o Príncipe Farnaspe hum mercê te supplica. Bem sei que foi inimigo ; mas já deposta a politica aversão , beija reverente as tuas cesareas plantas , depondo a ira , e jurando a fé.

Osr. Tanta vil submissão não he preciza , Farnaspe. *á parte.*

Chic. Choramiga-lhe mui bem o teu papel.

Cdr. Mãi commua de todos os povos he Roma : nos seus braços sabe agazalhar aos que delles se querem valer : aos amigos honra , perdoa aos vencidos , e com sublime heroicidade aos humildes , exalta e aos soberbos castiga.

Osr. Que soberba arrogancia ! *á parte.*

Chic. Que cara de Polifemo ! *á parte.*

Farn. Huma grandeza em Roma costumada te venho , Senhor , pedir.

Cdr. E qual he ?

Farn. Do Rei dos Parthos.

Chic. Da Rainha das Parthas.

Osr. Cala-te louco.

Chic. Pois calemo-nos ambos. *á parte.*

Farn. Gemê entre as vossas prisões a sua amada filha.

Adr. E que pedis.

Chic.

Chic. Pede-lhe as barbas para huma escova:

Farn. Que lhe rompas ; Senhor , as suas cadêas :

Adr. Oh Deoses ! *á parte.*

Farn. Enxuga da sua patria o pranto : a mim ma entrega , que quanto eu trago em refens te deixo.

Adr. Principe , eu só vim á Asia como Soldado , e não como mercador : Adriano não vende com estillo de barbaras nações a liberdade alheia.

Chic. Ora toma.

Farn. Concede-ma , pois , Senhor.

Osr. Que dirá ! *á parte.*

Chic. Que não quer.

Ddr. Venha ElRei seu Pai , que para elle a guardo:

Chic. Chega-te , Senhor , a elle.

Farn. Depois do fatal conflicto ignoramos a sua forte. Ou conserva em outro paiz desconhecido a vida , ou na batalha o rendeo a morte.

Adr. Em quanto de Osroas se não souber o seu destino , eu terei della cuidado.

Farn. Já que tão zeloso te mostras da sua honra , deixa esse cuidado ao seu esposo.

Adr. Como ! He casada Emirene ?

Farn. Para se effectuar o seu hymeneo , só falta o sagrado rito.

Adr. Oh Deoses ! *á parte.* E seu esposo aonde está ?

Farn. A teus pés se manifesta : eu sou o esposo feliz.

Adr. Tu mesmo ?

Chic. Não , he outrem por elle. *á parte.*

Adr.

Adr. E ella te ama?

Farn. Teve amante chamma em nossas vidas o principio , primeiro que em nossos desejos : creceo com a idade o amor , e das nossas almas se formou huma só Eu já não desejava mais que a formosa Emirene , nem ella mais appetecia , que o seu fiel Farnaspe : mas quando em estreito vinculo (oh inconstante fortuna !) nos esperavamos unidos , então nos vemos separados.

Adr. Que pezar rigoroso ! *á parte.*

Farn. No semblante conheço que vos turbou a minha petição. Offendeo-vos a minha fraqueza ? De Roma os filhos nascem heroes. Entre vós será culpa qualquer affecto , que não seja gloria. Em mim não he desdouro este rendimento de animo. Cesar , eu criei-me entre os Parthos , não nasci entre os Romanos.

Cbic. Ai que me cheira a haver rezinga ! *á p.*

Adr. Ah cruel amor , já entras a fazer em meu peito ostentação do teu imperio ! *á parte.*
Principe , da tua ventura seja árbitra a bella prisioneira. Vai , e se ella obrigada do seu amor ainda te quer. . . . (estale de huma vez esta chamma *á parte.*) recebe-a , e vai-te.
para elle.

Desce do throno , e canta a seguinte

A R I A.

Do precioso alento
Da nacarada flor

A minha sorte pende,
Depende o meu amor.
Essa tyranna pena.

Tambem já me condemna,
Que a dor, que a ti te fere,
He do meu peito a dor.

Vai-se Adriano, os Soldados, e os guardas.

Ofr. Farnaspe, comprehendeste as palavras de Adriano? Elle parte de ti zeloso, e de Emirene amante: nella confia. Que ame mais ao meu inimigo! Ah! com esta mesma espada, diante dos teus olhos quizera. Mas não, não o creio: ella he minha filha.

Farn. Rei, e Senhor que imaginas? Cesar he justo, Emirene fiel: que temor te assalta?

Chic. Gabo-lhe a lhaneza: este moço-finho tem bom coração. *á parte.*

Ofr. Quem imagina o mal, poucas vezes se engana.

Farn. Eu vou a fallar-lhe. Verás. . . .

Ofr. Vai, mas ninguem saiba que eu aqui estou.

Farn. Nem tua Filha?

Chic. Menos, que he mulher, a quem custa o guardar segredo.

Ofr. Sim: fobello-ha, quando se logrem os nossos intentos.

Farn. Pois Senhor, com ella te buscarei.

Vai-se com todo o acompanhamento barbaro.

Ofr. Que temor me acobarda? Vencido estou; mas não prizioneiro.

Chic.

Chic. Mas perto está o fogo das barbas ; pois se te conhecem , cedo estarás vencido , e prisioneiro.

Ofr. Não , Chichello , ainda se deixou caminho ao meu furor : tema o Romano as minhas iras , que sempre me ha de achar o mesmo para a sua ruina.

Chic. E que pretendes ?

Ofr. Ver abatida a sua soberba ás mãos do meu furor.

A R I A.

Vence o furor do vento
Forte , e robusto lenho ,
Passando invernos cento ,
Sem que da terra sua
Se possa separar.

Porém precipitado
O vôo ás ondas dando ,
Força no vento achando ,
Vai contrastando o mar.

Vai-se.

S C E N A II.

Quarto destinado para Emirene no Palacio Imperial. Sabe Aquillio , e depois Emirene.

Aquil. **S**E me não valho de algum engano para prevenir a Emirene , sem duvida perco a esperança de Sabina. Adriano generosamente a entrega a Farnaspe ; e se com elle

se ausenta, tornará Adriano a amar a Sabina, cuja belleza trago sempre impressa no meu coração. Deoses, aonde encontrarei a Emirene para lhe tecer o engano que procuro? Mas já chega: amor me ajude.

Sabe Emirene.

Emir. He verdade, Aquilio, (ainda o duvido) que o meu Farnaspe he chegado?

Aquil. E melhor talvez que não o fosse.

Emir. E porque tanto te afflige a minha felicidade?

Aquil. A tua desgraça he que eu lamento, Senhora: Farnaspe a Augusto te pediu, segurando-lhe que te ama, e que tu igualmente o queres. Este seguro abriu em o peito de Cesar franca porta a zelosos incendios, para que, se ao Principe segues, ligada como despojo do seu triunfo ao soberano carro te leve pelas praças de Roma até o capitolio.

Emir. Este he o heroe do vosso povo? O idolo de Roma he este? Jura-me que não scerei desprezada, nem vista como despojo, e agora quebranta o seu juramento? Entre vós não he injuria o faltar á palavra?

Aquil. Se hum violento amor lhe escurece a razão, que vos admira? Emirene, os heroes tambem são humanos.

Emir. Como triunfo, Emirene? Não o espere Adriano. Não só na Africa se sabe triunfar, tambem na Asia se sabe morrer.

Aquil. Barbara lei na verdade, que huma donzel-

zella real finta o pezo de rigorosas cadeias!

Emir. Aonde acharei remedio?

Aquil. O mais certo está na vossa mão. Cesar vem offendido, e offerece-vos a Farnaspe, para assim descubrir o segredo do vosso peito. Não vos fieis na sua fingida tranquillidade: fazei-vos, Senhora, desconhecida do Principe, pois elle só pretende examinar se lhe chegais a querer.

Emir. Ah infeliz Farnaspe! E que dirás de mim? Mal conheces os enganos daquelle peito traidor. Mas ainda espero vello perder a meus olhos a vida, como a elles vejo perder de Farnaspe a esperança.

Aquil. Preparai-vos de melhor conselho.

Emir. Dizei-me, Aquillio; e vem o Principe?

Aquil. Tambem chega, Senhora.

Emir. Oh Deoses!

Aquil. Armai-vos de fortaleza: já vos encaminhei a evitar o vosso funesto destino.

Vai-se.

Emir. Infeliz de mim! Que duro golpe he este!

Sabe Adriano, e Farnaspe.

Adr. Principe, aquelle he o Sol que vos abraza?

Farn. Aquellas são as luzes, que examino cada vez mais bellas.

Adr. Constancia, coração meu: veja Emirene a generosa acção, com que me apresento a seus olhos, entregando-lhe o seu amor.

Emir. Quem he, Senhor, este Estrangeiro?

Farn. Estrangeiro!

assustado.

Adr.

Adr. Que! Não o conheces, Emirene?

Emir. Parece-me que vi já o seu retrato, mas não me lembro aonde. Ajuda-me amor a fingir.
á parte.

Adr. He esta, Principe, aquella, que contigo aprendeo igualmente a viver, e a amar?

Farn. Vede, Senhor, que faz gosto de zombar comigo Emirene; e que o disfarce he effeito do amor.

Emir. Coração, que vive em prizões, não sabe fazer zombaria.

Farn. Não sabeis quem eu seja?

Emir. Não me lembra. Que pena! *á parte.*

Adr. Que alegria!

Farn. Bella Emirene, basta já de atormentar-me. Que novo estilo he este? Assim tratas ao teu Farnaspe?

Emir. Tu és Farnaspe? Agora pelo nome te conheço.

Farn. Oh Deoses! que rigor!

Emir. Perdoa a violenta injuria. Reconheço quanto deve ao teu valor meu Pai: lembro-me dos teus triunfos: tenho na memoria os teus merecimentos.

Farn. Ah meu bem, torna, torna a lembrar-te de mim, menos me offenderá a tua loucura.

Emir. Em que te offendo, se os teus merecimentos digo?

Farn. Justos Deoses, que tormento! Eu perco o juizo.

Adr. Qual de vós me engana? Finge Emirene, ou simula-se Farnaspe?

Emir.

Emir. Eu não sou quem te engana.

Farn. Logo sou eu ?

Emir. Ai triste !

á parte.

Adr. Se respeito foi , Princeza , o teu disfarce ,
deixa-o já. Do coração alheio não quero ser
tyranno : aqui te entrego o teu amante , se
he verdadeiro esse amor.

Emir. Não te creio.

á parte.

Farn. Não respondes ?

Emi. Eu não accito.

Adr. Tens ouvido ?

a Farn.

Farn. Aonde estou ! Sonho ! Deliro ! Isto he morrer !

Emir. Isto he só pensar !

á parte.

Farn. Princeza , idolo , a quem idolatra meu
peito , que aggravo te fiz ? Em que merece
pena o meu coração ? Em que foi falso o meu
peito ? Tu comigo irada ? Duvidas das veras
do meu amor ? Falla Senhora.

Emir. Que hei de dizer-te ? Deixa-me.

Adr. Estás desenganado ?

Farn. Estas são aquellas finezas que me juraste ?

Aquellas constancias que me prometteste ? Infe-
liz affecto ! Desgraçado Farnaspe ! Infiel Emi-
renc ! Ensina-me ao menos essa tyranna arte
de esquecer a hum tão antigo amor.

Emir. Por piedade me deixa : calla-te Farnaspe ,
e vai-te.

Farn. Eu me ausento : obedeço-te , cruel : mas
volta , repara em mim ; lê , lê nas angustias
de meu semblante , as ancias da minha alma.
Mas não vejas cruel : só te lembre que parto
obediente , quando me deixas ingrata.

A R. I A.

Farn. Depois de ver-te os olhos,
Partir não poderei,
Mas só me lembrarei
Desse enganoso amor.
Não vejas meu semblante,
Que na aleivola pena
Irado só condemna
Teu barbaro rigor.

Vai-se.

Adr. Aonde vás, Emirene?

Emir. Sómente a chorar; pois entre tudo o que perdi, só o pranto me ficou.

Adr. Tu não perdeste cousa alguma; eu sim he que perdi o meu socego. Tu és a senhora da minha ventura; tu me podes fazer feliz, ou desgraçado; tu só triunfaste do teu vencedor.

Emir. Cesar, mais respeito espero do vosso valor. O animo regio não se perde com o Reino. Se o Reino era da fortuna, o coração he só meu.

com soberania.

Adr. Que engraçada ira! Que delicto commetteo contra a tua formosura o meu affecto? Quando o queiras, posso offerecer-te com minha mão o meu Imperio.

Emir. Não, que ferá fazer-te servo dos mesmos de que és Senhor. Só da Nação Romana podeis escolher Rainha. Ainda a desgraça de Cleopatra choro, Berenice me lembra, e da ingravidão de Tito me não esqueço.

Adr. Então mais noya estava a servidão de
Ro-

Roma : hoje não vive sujeito o Sceptro ao seu dominio.

Emir. Pois se o povo o soffre , Sabina o não soffrerá : a ella está promettida a tua mão.

Adr. Não o nego : dous lustros ha , que seu amante sou ; mas como não supponho nella tanta firmeza , que muito he que me mude ? Tu me rendeste , Sabina está em Roma , e eu em Antioquia.

Sabe Aquilio apressado.

Aquil. Senhor.

Adr. Que dizes ?

Aquil. De Roma chega.

Adr. Quem ?

Aquil. Sabina.

Adr. Oh Deoses , que pena estranha !

Amir. Já confio o meu remedio. *á parte.*

Adr. E que pretende ? Como sem minha ordem Vê se te enganas.

Aquil. O tumulto do povo já a fauda , e to affirma.

Adr. Oh Deoses ! Para outra parte , Aquillio ; a conduz , que eu me pretendo encobrir.

Aquil. Como , se ella já chega ?

Adr. Confuzo estou !

Sabem Sabina , Beringella , e acompanhamento.

Sab. Esposo , Augusto , e Senhor , esta foi sempre a hora de mim mais desejada. Já me vejo em tua presença ; Que amargoso tempo sentia o meu coração , dividido de teu peito !

O teu perigo quanto me fez temer! Em toda a empresa te acompanhava a minha alma.

Quantos suspiros este amor me tem custado!

Adr. Que direi? *á parte.*

Sab. Não me respondes?

Adr. Eu não esperava (oh Deoses!) tão repentina chegada. Olá , deste Palacio se retire Sabina a melhor quarto , onde receba em a nossa presença todas as honras devidas á sua pessoa.

Faz que se vai.

Sab. Que! tu me deixas? O meu descanso só em ti buscava.

Adr. Perdoa-me , Senhora ; maior negocio me chama.

Bering. Ai como me cheira a haver mudança na casa !

Sab. Já sei que não acho Adriano em Cesar.
á parte. Mais desejava , amado esposo , o teu socorro , que o teu Imperio.

A R I A .

Adr. Já sei que violencias
A forte me ordena ;
Mas causa da pena
O Sceptro não he.
Eu fórho em mim mesmo
A pena que sinto ,
Alheia a não pinto ,
Que em mim só se vê.

Vai-se.

Sab. Aquilio , eu não entendo a Adriano.

Aquil. Pois o segredo he facil de entender. Cesar

far está namorado. Essa he a tua competidora
á parte. para Sabina.

Emir. Piedosa Imperatriz, pois o Ceo te guardou dignamente para Adriano; huma mulher infeliz, que a teus pés chega, benigna soccorre. Reino, esposo, Patria, Pai, tudo perdi.

Sab. E que pedis?

Emir. A fortuna de beijar essa mão, que inveja he.

Sab. Desvia-te: ainda a sorte me não fez mulher de Augusto. Não te chames desgraçada, deixando-te ainda a fortuna toda a gentileza. Se quizeres, poderás alcançar mais do que chegaste a perder. Antes eu a piedade, que me supplicas, te poderei rogar.

Emir. Mais não tenho que dar-te, que as cadêas que arrasto.

Sab. Basta: deixa-me só.

A R I A.

Emir. Prizioneira, e desprezada,
 A dous males me condemno,
 Hum por ti mais novo peno,
 Outro a sorte me ordenou.

Na fortuna confiada
 Me desprezas? Oh repara,
 Que nasci tambem preclara,
 E chorando a sorte estou.

Vai-se.

Aquil. Agora tentarei a minha sorte. *á parte.*

Sab. Que te parece, Aquilio? Não he digno de piedade o meu successo?
Aquil.

Aquil. Grande he , Senhora , a injustiça de Augusto : elle não adverte que te podes vingar.

Sab. É como ?

Aquil. Porque em ti não ha formosura , e poder ? Qual será o coração de marmore , que ao ver esses raios , se não converta em cera ?
Aos seus mesmos olhos devias

Sab. O que devia ? *Com soberania , e ira.*

Aquil. Enfinallo a amar ; mostrar-lhe a fitmeza , e fazello envergonhar de te ser ingrato.

Sab. Basta.

Aquil. Errei o tiro á minha ventura.

á parte. e vai-se.

R E C I T A D O .

Sab. Chorarei , oh cruel , a minha pena ,
Que ingrata me condemna ;
Mas não , sentida seja , seja urgente ,
Mas não seja patente ,
Por não dar hum claro defengano
A quem a causa he deste meu damno.

A R I A .

Deoses , se justos sois ,
Tornai-me o meu amor ;
Perdello não , pois sinto
Me custar a vida já.
Vós bem sabeis , que he meu ;
Pois mo jurou , (que dor !)
Se á minha fé me falta ,
A vós vos faltará.

Vai-se.

Bering:

Bering. Eis-aqui : fiaivos lá em homens ! Isso não. Vem a pobrefinha de Roma a esta terra, soffrendo os descommodos dos caminhos para ver o seu bem , e no cabo acha o seu mal , e a sua pena. Por isso nós outras vivemos mais alegres ; porque a cada passo agarramos nosso Adonis para zombarmos d'elle , sem os embelecões da constancia. O ponto he haver o bicho , apparecer o aceno , sahir o escarro , que logo entramos na dança , sem se nos dar do respeito. Aqui ando eu com hum certo ao engodo da minha vista , e mais se me apparece outro , logo entra na pesca. Mas todos por fim se defenganão da sua tolice.

Sabe Chichello.

Chic. Como já lhe conheço as manhas , bem posso entrar na compra.

Bering. Mas vamos ver alguma cousa desta terra , em que sou nova , que me dizem ha nella bons feitios.

Chic. Hum dos feitios , que quer entrar na compra , e mais na venda , sou eu.

Bering. Pois não me serve pelo preço.

Chic. Antes he em bom commodo ; porque se dá de graça.

Bering. Não desgosto dessa sua.

Chic. Nem eu de vossa mercê. Ora chegue-se para cá.

Bering. Não ; desvie-se.

Chic. Já me não quer ?

Bering. Não trago troco , com que o possa comprar.

Chic.

Chic. Aceite-me , se me quer , e não me falle em trocos , que não lhe peço demasias.

Bering. De donde viria esta criança ?

Chic. Da roda dos engeitados.

Bering. Pois he justo que de mim o seja.

Chic. Melhor será , que nessa roda dos engeitados encontre eu a da fortuna.

Bering. Sómente se for para lha desandar.

Chic. Ah tyranna ! Já sei que se declara por minha inimiga.

Bering. E em que o julga ?

Chic. Em que podendo-me fazer venturoso , sómente me promete desgraças.

Bering. Não me desagrada o tal moçosinho.

á parte.

Chic. He possível que desejando v. m. achar nesta terra algum feitio , que lhe sirva , e agora dando-se-lhe este de tão boa vontade , v. m. o não queira , com tanta ingratição ?

Bering. Quem lhe disse que o não queria ?

Chic. Esse desdem me desengana.

Bering. Não tenha desconfiança que eu aceito o partido.

Chic. Com que ajuste ?

Bering. Olhe isto ! basta eu dizer que o quero (lograr.)

á parte.

Chic. Aceito , e verei mas ainda assim receio a sua constancia.

Bering. O que diz ?

Chic. Bom seria , que nessa mão de papel levasse assignada a promessa.

Bering. Não sei se pede muito.

Chic.

Chic. Antes peço pouco , ainda que valho muito¹
Bering. Aqui está.

Chic. Aceito , e digo.

M I N U E T E.

Chic. Esta mãozinha ,
 Que neve ostenta ,
 Por mais que izenta
 Se quer mostrar ,
 Posto que he branca ,
 Como bem creio ,
 Muito reccio ,
 Que a forte em branco
 Me venha a deixar.

Vai-se.

S C E N A III.

Pateo do Palacio Imperial com rotura por huma parte , aonde apparece incendio , e gastadores que andão nelle. Sabe Osroas com a espada na mão direita , e na esquerda huma tocha acceza seguindo os incendiarios dos Parthos. Depois Farnaspe.

Osr. **I**Nvenciveis Parthos , bem vedes como piedoso favorece o Ceo o nosso valor : tornemos a ver as ruinas desta corte inimiga , que na sua lastima estamos contemplando a nossa victoria. Já de alguma sorte vamos recobrando a nossa perda com esta sombra da nossa vingança. Como se atêa o voraz incendio ! E como se elevão ao Ceo os globos do fumo ,

e das chammaas ! Oh se naquelles muros , que pela violência do fogo se vem agora abatidos , se comprehendesse tambem todo o Senado , o Capitolio , e a mesma Roma !

Sabe Farnaspe.

Farn. Osroas , Pai , Rei , e Senhor.

Ofr. Attende Farnaspe : aquella obra he effeito de minha irada mão.

Apontando para o incendio.

Farn. Oh Deoses ! E vossa filha ?

Ofr. Quem sabe ? Talvez que entre essas chammaas seja lastimosa victima de Cupido com o seu cruel Adriano : pagando assim da tua injustiça a rigorosa pena.

Farn. Ai Emirene ! ai meu bem !

Querendo partir.

Ofr. Espera , aonde vás ?

Farn. Ou a salvalla do perigo , ou a morrer entre o incendio.

Querendo partir.

Ofr. Como ! A huma ingrata , que te faltou á fé , e poz no esquecimento.....

Farn. He falsa , bem o sei , mas eu sou amante.

Larga a capa , e entra pelo fogo.

Ofr. Se aquelle como louco se quer perder , nós nos queremos salvar. Amigos a outra empreza : no lugar destinado vos escondi. *Vão-se.* Experimenta , sim , o meu furor ; mas sou Pai , e não me posso ausentar. Vejo o incendio , sei que nelle acaba , o coração o sente. De Farnaspe desejo saber o destino , e de Emirene a sorte. Mas que tumulto he este , que

novamente se ouve da parte do incendio ? De Cesar he a gente , ausentar-me quero. Mas não , fico : sem salvar-te me perderei. Mas pois te não posso dar outro remedio , só te deixo os meus suspiros. *Vai-se.*

Sabe Sabina e Aquilio.

Sab. Ninguem me sabe dizer se está livre o meu esposo ? Aquilio , aonde está Cesar ?

Aquil. Ao menos me deixa respirar.

Sab. Aonde está ? falla ?

Aquil. Como , se o não fei ?

Sab. Este he o estylo do falso adulator , que adora ao Throno , e não ao Monarca ! á p. Em quanto da sua grandeza o Ceo vias sereno , tu o giravas ; agora que o vês tempestuoso , o deixas ?

Aquil. Já vem , não te enfades.

Sabe Adriano.

Adr. Viste Emirene ?

a Sab.

Sab. Eu te buscava.

Adr. Aonde está Emirene ?

a Aquil.

Aquil. Eu a não tenho visto.

Adr. Infeliz Princeza !

Sab. Vive : não vês como cresce o incendio ? Tu , Senhor , não cuidas no reparo ?

Adr. Os abrazados muros se arruinão ; Aquilio , vê que não passem as chammas aos lugares intactos.

Aquil. Já vou servir-te.

Vai-se.

Sab. Cesar.

Tom. III.

Y.

Adr.

Adr. Que pena! impaciente. . . .

Sab. Que descuidado andas de ti, Senhor! Não buscas o traidor? Assim ha de escapar o réo?

Adr. Já está delcuberto: eu o conheço: he Farnaspe: amor o entregou ao acto cruel: já fica entre prisões: não ha mais que temer.

Sab. Espera, e attende.

Adr. Sem saber de Emirene, nada attendo.

Vai-se.

Sab. Assim me deixas? Este desprezo me fazes? Seguirei os teus passos, acreditando as minhas constancias.

Sabe Emirene.

Emir. Em ti, Sabina, o meu remedio busco.

Sab. Oh Deoses! Ainda para atormentar-me esta faltava?

Emir. Que foi isto, Senhora?

Sab. A mim mo perguntas? Queres que a minha voz publique o teu triunfo? Os teus olhos são o motivo de tantos estragos. Que me perguntas! Tu és Helena, e aquella he Troya.

Emir. Que rebuçado sentido me manifestão as tuas palavras?

Sab. Ahi tens Farnaspe, pergunta-lhe a elle.

Vai-se.

Sabe Farnaspe prezo com guardas, e Chicello.

Emir. Farnaspe?

Farn. Princeza?

Emir. Tu prisioneiro?

Farn. Tu livre?

Chic.

Chic. Vossas mercês vejam como me levão, que eu sou homem branco.

Emir. Aos infelices he difficuloso o morrer.

Chic. Não direi senão, que não ha cousa mais facil.

Emir. Daquelle incendio foste tu talvez author?

Farn. Não, mas assim o suppõem.

Emir. E porque?

Farn. Porque sou Partho.

Chic. E eu sou gêmeo; por isso o suppozerão.

Farn. Porque sou desgraçado; porque fui achado naquellas ruinas.

Chic. E eu nellas fui perdido.

Emir. E a que fostes a ellas?

Farn. A livrar-te, ou a morrer: mas já alcancei algum beneficio, pois vejo que hoje deves a vida á minha morte.

Chic. Ah Senhor, morre por ambas.

Emir. Piedosos Ministros, soltai-lhe os laços, ou ao menos reparti comigo as prisões.

Farn. Porque? ainda de mim zombas? Não vês, que he mais cruel essa piedade fingida?

Emir. Fingimento lhe chamas?

Farn. Como a hei de crer verdadeira? Já te não lembras do que me disseste?

Emir. As palavras sim forão outras, mas eu sempre sou a mesma.

Farn. E aquelle desdem teu?

Chic. Foi hum bichinho.

Emir. Era temor do zeloso coração de Adriano.

Farn. Pois que temias delle?

Emir. O horror de hum triumpho.

Farn. Se magnanimo te offereceo a minha mão.

Emir. Foi arte da sua ira para descobrir o meu peito.

Chic. Ah Senhor, tu cuidas em conversar, ou em morrer?

Farn. Logo sou eu.

Emir. A minha esperança, e o meu amor.

Farn. E és tu, meu bem.

Emir. A tua constante esposa.

Farn. E vives

Emir. E vivo fiel ao meu Farnaspe.

Farn. Basta, já vou contente.

Emir. Deixas-me? oh Deoses, que será de mim!

Farn. Nada temo, se me queres.

D U E T O.

Farn. Se morro, já contente
Me faz morrer sómente
Esta segura fé.

Emir. Se vivo, ainda contente
Serei, por ver sómente,
Que vês a minha fé.

Farn. Adeos, e vê que espero.

Emir. Adeos, e vê que quero.

Farn. Deverte firme ser.

Emir. A vida tua ver.

Farn. Se acabo.

Emir. Tu não digas

Ambos. Espera amado bem.

A C T O II.

S C E N A I.

Galaria no quarto de Adriano correspondente a diversos gabinetes. Sabe Emirene, e Aquilio.

Aquil. **M**Ais do que isto não he preciso, formosa Princeza, para penetrar o seu intento: Cesar te busca, adverte o que elle intenta.

Emir. Aquilio, só te recomendo o meu Farnaspe, que está innocente: procura que Cesar se applaque.

Aquil. Quem melhor do que tu poderá rebater o seu enfado? Tu do seu coração podes abrandar as iras. Que não conseguirás de hum Monarca que te adora?

Emir. A mim me não agrada; porque o não amo.

Aquil. He preciso que te finjas amante.

Emir. E eu hei de mentir?

Aquil. Muitas vezes vence hum enganoso amor, mais do que hum fino affecto: vale-te da arte, já que falta a natureza. Hum suspiro de tempo em tempo, huma palavra mal articulada, hum movimento, hum rizo, hum silencio, hum pejo, hum dar a suspeitar o que não chega a dizer, fazem faccis os amantes de lisonjearem-se. Elle jurará que o amas: e tu, quando quizeres, lhe poderás sempre dizer que se engana.

Emir.

Emir. Não sei aonde se aprenda a usar de semelhante arte.

Aquil. Vós nella já nascestes mestra. Ter nos olhos promptas as lagrimas : na boca hum riso , que não exceda os limites do coração : desmaiar , quando vos parecer , e mostrar rubicundo o semblante , são privilegios proprios do vosso sexo. O Ceo vo-los concedeo para nós termos que padecer.

Emir. Mas tu , que na Corte és já ancião , não devias ter delles inveja. Jurarei , que não és mantenedor da antiga honestidade. Quando te he conveniente , fabe-rás com semblante risosinho acariciar hum inimigo : pollo no precipicio para que caia , e depois lastimar-te da sua queda : offerecer-te para tudo a todos , e não servir a nenhum : cobrir de falsos louvores o crime , e fazer aggravantes as culpas , mostrando querer defendellas : retirar sempre os bons do Throno : deixar o odio ao Sceptro para todo o castigo , e usurpar o merecimento a todo o beneficio : ter debaixo de hum apparente zelo escondido hum perverso fim : e não fabricar senão sobre as ruínas de outrem.

Aquil. Justamente , Emirene , te quizeste vingar das injurias , que proferi contra o teu sexo. Eu não julguei , que tanto te ferisse na alma. Não me queixo das tuas palavras ; antes creio que ambos dissemos verdade. No que eu disse , quiz sómente aconselhar-te.

Emir. Se eu te peço soccorro , não queiras dar-me conselho.

Aquil.

Aquil. Eu sempre cuidei que hum-scudavel conselho era grande soccorro: crê o que te digo, Princeza, e adeos que gente chega, entendendo que he Adriano. *Vai-se.*

Sabe Sabina.

Sab. Oh Ceos, esta he a minha competidora! *á parte.*

Emir. Oh Deos, esta he Sabina! *á parte.*

Sab. Na verdade, Emirene, que sempre te acho mui cuidadosa! Ainda se vê mal extircto o incendio, e já te acho tão sollicita em o quarto de Adriano?

Emir. Eu vim só....

Sab. Já sei: virás lisongear ao teu Senhor com os agradós.

Emir. Humilde a supplicar.

Sab. Humilde tamhem eu a Cesar quererei manifestar os meus cuidados; mas não pretendo, que elle a ti me prefira: e não será pouca dita, quando elle (dando-te o lugar primeiro) me conceda o segundo.

Emir. Basta Sabina: desse amor de Adriano he só minha a pena, e não a culpa. O perigo de Farnaspe me atormenta: este he o devélo que me guia a esta parte. Hei de vello morrer sem lhe fallar? Senhora, Farnaspe he o idolo a quem tenho sacrificado o meu coração: mui antigo he já o nosso amor.

Sab. Isso em ti he verdade, ou fingimento?

Emir. Talvez o fingille, se assim te não fallasse.

Sab.

Sab. E não reparas, que a Cesar irritas, quando por elle rogas!

Emir. Se eu não acho outro caminho, que hei de fazer?

Sab. Quando tu o queiras, melhor to mostrarei. Deste Palacio foge com o teu Farnaspe: o seu guarda he o Capitão Lentulo: mais me deve. Se tu queres, da sua parte entregar hum coração regio, ainda que pobre.

Emir. Ah se pudesse sahir do meu tormento!

Sab. Duvidas no que te seguro? A partir te prepara. A' maior fonte dos Jardins de Cesar virei com o teu esposo: lá me espera, antes que o Sol chegue ao Zenith.

Emir. E virás? Do meu destino tão costumada estou a tolerar a furia. . . .

Sab. A minha mão to affirma, em final a toma.

Emir. Que alegria não esperada! Feliz eu, e generosa tu. Eu parto, Senhora, a buscar a minha ventura, e a publicar a tua generosidade. *Vai-se.*

Sab. Quem sabe? Quando longe estiver Emirene, talvez que tome o meu esposo ao seu primeiro amor. Não dura sem materia o fogo: o rio não cresce separado da fonte donde nasce.

Sabe Adriano.

Adr. Emirene, meu bem. . . . Oh Ceos, que disse! retirar-me pretendo. *á parte.*

Faz que se vai.

Sab. Porque foges, Adriano? Hum só moment^o
m^c

me não negues a tua vista, e depois ao teu bem torna.

Adr. Como! suppões. . . . Qual he o meu bem?

Sab. Não pretendas o disfarce; que na confusão das vozes do meu amado Adriano, o coração sincero enganar-me não sabe. Não, não me occultes esse honesto pejo, que tanto me agrada. Quem se envergonha, conhece a culpa, e o que a conhece, perto está da emenda.

Adr. Oh Deoses!

Sab. Suspiras? A mim me deixa o suspirar. Deoses celestes, quem o julgaria! A honra do nome, dos heroes o exemplo, a minha esperança, Adriano inconstante! He possível! He verdade! Quem te enganou? Falla, dize: como foi?

Adr. Que queres que responda, se me vejo confuso? Oh deixa-me só este desafogo. Chama-me cruel, chama-me traidor, que tens razão. Os teus merecimentos, as tuas finezas me lembrão, as minhas promessas cem vezes me accusão. Mas que aproveita? Não sou meu: conheço a tua fidalguia, a tua formosura, e talvez. . . . Mas não tenho coração para amar-te: a mim mesmo me aborreço de minha injustiça lembrado. Sei que he justa a tua vingança: queres, queres a minha morte? Aqui me tens, mata-me: he justo, não o nego. Intentas despojar-me do diadema Augusto? Eu o ponho na tua mão, pois sei seria feliz o mundo inteiro, se á tua gentileza se visse tributario.

Sab. Não peço o teu Imperio; o teu coração só busco.

Adr.

Adr. Teu era o coração : se o defendi , só para ti o guardava : amor ó sabe , todos os Deoses a testemunhas chamo. As formosuras da Ásia para mim erão sombras : fria toda a vida com a tua lembrança imaginei que fosse.

Sab. E depois?

Adr. E depois. . . . Não fei. Fialo no meu esforço , zombei da defeza , e amor me venceo : estava no campo fazendo ostentação de huma victoria , quando me foi apresentada Emirene. A hum diverso affecto he facil a entrada , quando a alma se vê desaperccebida. Eu a vi arrastando cadeas , supplicando piedades , fazendo rica de perolas nas lagrimas esta mão , que apertava nos sustos : poz nos meus os seus formosos olhos , com agrado tão doce. . . . Ah se no meu semblante se visse a sua imagem , feria digno de desculpa até para Sabina.

Sab. Já basta de injuria. Na minha presença louvas a sua formosura? Queres que seja complice no teu delicto , e no meu querer aggravado? Isto te mereço barbaro , enganador , perjuro , e falso?

Adr. Perdido estou !

Sab. Que disse ? Ah , não : perdoa-me as injurias palavras , que a desculpa merecem , porque de amor nascem : dispõe de mim ao teu gosto : instavel , ou inconstante ao meu bem ferei sempre. Que sei ? Eu o espero : chegará aquelle dia , que pagando a quem fiel te adora , me dirás. . . . Mas não , que já ferei morta.

Affenta-se em huma cadeira , e sabe Aquilio ao bastidor.

Aquil. Aqui está Sabina ! *á parte.*

Adr. Já não posso vella penar , aquelle pranto me faz enternecer. *á parte.* Sabina vencerão-me os teus extremos: aos teus laços felices tornar quero: já sou teu.

Aquil. Ah infeliz estrella ! *á parte.*

Sab. Que dizes ?

Olhando para elle com ternura.

Adr. Que estou rendido , e o meu coração te entrego.

Sab. Não , não te creio.

Aquil. Atalharei este mal. *á parte.*

Sab. Se outra vez a Emirene tornas a ver. . .

Adr. Não a verei.

Sab. Poderei de ti fiar-me ?

Adr. Resoluto estou : quando o gosto se empenha , nada se difficulta.

Sabe Aquilio.

Aquil. Aos teus pés a afflicta prisioneira prostrar-se deseja: tempo ha que te busca , e não te acha.

Sab. Agora farei prova. *á parte.*

Adr. Não , Aquilio ; já não desejo ver Emirene: tempo he já de me lembrar de Sabina.

Sab. Oh doces palavras ! *á parte.*

Aquil. E não he injustiça negar-se a Emirene o que aos mais se concede ? Se está escrava , nasceo Rainha.

Adr.

Adr. Na verdade, Sabina, que parece crueldade não lhe attende á supplica.

Sab. Oh Deoses!

Adr. Não, se não queres, não venha: mas temo. . . . Que farias, Senhora, em hum aperto como o meu?

Sab. Não pediria conselho.

Adr. Pois va-se Emirene sem me ver. Aquilio executa essa diligencia.

Aquil. Que ha de dizer? Oh desgraçada Princesa!

Adr. Olá, que dizes?

Aquil. Nada Senhor; a obedecer-te vou.

Faz que se vai.

Adr. Espera: melhor he, que do seu destino ouça a minha voz. Que me póde fazer chegalla a ouvir?

Sab. Ouviste, Aquilio? e se ha de dizer, que Adriano soube faltar?

Vai-se.

Aquil. Quem não he réo, quando o amor he delicto?

Adr. E com que justiça castigarei as culpas alheas, se as rédeas deixo soltas ás minhas? Não, não se deixe Sabina, não se attenda Emirene: torne esta alma ao primeiro amor. Mas oh Deoses! como o hei de deixar, se d'elle me não posso esquecer?

Vai-se.

Aquil. Soffrimento, coração. A tua victoria se não a vês distante, não a achas segura. O amor de Augusto, os desdens de Sabina por mim pelejão: esperarei occasião de assalto, para conseguir o triunfo.

S C E N A II.

Estrada deliciosa , pela qual se passa ao serrado das fêras. Sabe Emirene.

Emir. **A** Qui Sabina não vejo : esta a fonte he : tudo examino , mas não a encontro á vista : que será não sei , sei só que a cada momento desfalece o peito amante.

Sahem Sabina , Farnaspe , e Chicelo.

Sab. Aqui tens a tua esposa. *a Farn.*

Farn. Bella Emirene.

Emir. Es tu , amado Principe ? Apenas o creio.

Farn. Sim , meu bem , eu

Sab. De teinuras não he agora tempo : conyem salvar-nos : aquella he a estrada para a fugida.

Chic. Não namores com sustos , que he ser cobarde.

Sab. Pouco distante da primeira entrada se divide em dous caminhos : o da direita guia ao rio ; o da esquerda a Palacio : a vós vos convem evitar o segundo : hide , a fortuna vos ampare , e amor vos guie.

Emir. Piedosa Imperatriz

Farn. Galharda Senhora

Ambos. E como pagarei esta mercê ?

Sab. Pouco appetço.

Chic. Peça a seu gosto , não tenha pejo.

Farn. Guarda-te louco.

Chic. Beijo-lhe a mão pela honra. Ainda esperamos?

Sab.

Sab. Lembrai-vos de Sabina algumas vezes ; e se entre a vossa felicidade chegar a minha lembrança , mereça acompanhá-me no meu martyrio a vossa saudade. *Vai-se.*

Chic. Vá descansada , que tudo se fará. Ainda não vamos ?

Farn. E he verdade , que és minha , Emirene ! Vejo a dita segura , e me parece sonhada.

Emir. Nada falta , amado esposo , mais que a presença de meu Pai. E que contentamento me não daria esta felicidade ?

Chic. Tanto , quanto me dá o ver-me fóra daquella masmorra , aonde entrei sem culpa , mas também sahi sem pena.

Emir. Sabes em que terra esteja ?

Chic. Isso he facil de saber ; em nós topando com elle , logo o sabemos.

Farn. Os teus desejos serão satisfeitos.

Emir. Sabes aonde Osroas está ?

Farn. Sim , mas por ora não cuides mais que em seguir os meus passos.

Vão sabindo para a estrada.

Farn. Suspende.

detendo Emir.

Emir. Porque ?

Farn. Não ouves ruido de armas ?

Emir. Ouço , mas aonde não o sei dizer.

Chic. Isso não tem que ver.

Emir. Aonde he ?

Chic. He na minha cabeça , que he aonde hão de vir dar os golpes.

Farn. He no mesmo caminho , que nós havemos de seguir.

Emir.

Emir. Ai de mim!

Chic. Ai de nós ambos. Oh Senhor, por vida sua, e da Senhora Dona Emirene, que fuja-mos daqui para alguma parte, que não nos agarrem a todos.

Farn. Não temas, até que o motivo não saibamos. Esconde-te, Emirene, que eu chego, e Chichelo, a ver a causa que os move.

Chic. E a mim que me importa isso? Vá Vossa Alteza, que eu ficarei com a Senhora, que não ha de ficar só.

Farn. Pois eu vou.

Vai-se.

Chic. Que lhe faça bom proveito. Eu fico.

Emir. Que mais tenho que penar!

Escondem-se junto ao cancelo do cerrado, e sabem da estrada ensinada por Sabina Osioas em traje Romano com a espada nua, e Farnaspe.

Ofr. Conte mais este troféo entre os seus triunfos Roma.

Farn. Aonde, Senhor, vás correndo com estes despojos?

Ofr. Amigo, vingados estamos, a terra livre, e Adriano morto: esta espada lhe acabou a vida.

Farn. Como?

Ofr. Costumava esse cruel Romano passar por esta estrada a buscar Emirene: hum seu valido, e guarda do segredo mo descobrio; que tambem entre estes heroes do Tibre pôde o ouro descobrir a hum traidor. Esta noite oc-

pe-

perei , quando passou com o criado , e com
tão feliz successo , que abriu nova estrada para
a vingança em aquella vida a minha espada.

Farn. E se em vez do inimigo vos obrigasse o
escuro da noite a matar outro ?

Ofr. Não. Estava prevenido o caso : fingio que
cahia , quando juntos estivemos ; e assim com
este final Cesar ficou exposto ; e elle livre ,
pois ao cahir o servo , ao Senhor cortei a
cabeça.

Emir. Quem será aquelle Romano , que me pa-
rece elgrime sanguinolenta espada ? Se eu pu-
dera ao menos ver-lhe o semblante. *á parte.*

Chic. Querem vossés apostar , que destas deten-
ças hei de eu pagar as custas ? Quem será
este espadachim , que nos vem meter na dança ?

Farn. Agora que havemos fazer ? Fugindo pelo
caminho que trazeis , encontraremos a mil que
vos seguem ; pelas outras partes os guardas
vigião sempre.

Ofr. Pois com o ferro abriremos caminho.

Farn. Nestes termos busquemos outro remedio.
Eu quero examinar primeiro se ha outra es-
trada por onde possamos fugir.

Emir. Tão baixo fallão , que entendellos não pos-
so. *á parte.*

Chic. Está bom segredo fóra de horas ! Quem
será este cuchichador , que nada lhe posso
perceber ? *á parte.*

Farn. Entre estas ramas te escondes : eu voltarei
de pressa.

Ofr. Se tardas , só me hirei.

Esconde-se Osroas ao pé de Chichelo.

Farn. Este . . . não. Aquelle estreito . . . Mas se eu tentasse o caminho que Sabina me assignou? De Adriano o caso ainda não está público, e no encanto nós teremos fugido. Sim, este elejo.

Ao voltar para o caminho, sabe pelo mesmo Adriano com a espada nua na mão seguido dos guardas.

Adr. Espera, traidor.

Encontrando-se com Farnaspe.

Farn. Que vejo! *Fica suspenso.*

Adr. Guardas, impedi todo o passo á fugida.

Farn. De marmore estou!

Emir. Estamos descobertos. *á parte.*

Adr. Admiras-te, ingrato, porque me vês vivo?

Entendeste que a mim me matavas? Nas palavras injuriosas, que ao ferir-me proferiste, bem te manifestaste.

Emi. Eis-aqui o erro; aquelle que se escondeo he o traidor. *á parte.*

Chic. Elle está enganado, e eu hei de pagar a má vizinhança. *á parte.*

Adr. Perfido, não respondes? A que vieste aqui? Que motivo te guiou? Quem te rompeo as cadeas? Falla.

Farn. Não posso.

Adr. Aconselhai-me, oh Deoses, que farei.

Chic. O rabinho já parece que sente o medo.

Adr. Olá no carcere mais escuro guardai o delinquente.

Sabe Emirene.

Emir. Senhor, attendei, que elle está innocente.

Descobre-se com impeto.

Farn. Princeza, que fazes?

Chic. Em boa fe vai metter! O outro está capaz de matar a todos. *á parte.*

Adr. Oh Ceos, tu tambem com Farnaspe, e ao traidor defendes?

Emir. Esse não he o traidor, entre aquellas ramas. . . .

Farn. Calla-e.

Chic. Queirão os Deoses que se não enganê.

Emir. Este malvado que se esconde, he quem buscou o teu damno.

Farn. Oh Deoses! Não sabe que he seu Pai.

á parte.

Adr. Queres que te creia? O defender de Farnaspe o perigo, mais o condemnã á morte; pois na confusão que mostra, mais o seu delicto augmentas.

Farn. Confundamos o erro.

á parte.

Emir. Se me não crês.

Farn. Em que te agrada, Senhora, por tão pouco tempo encobrir? Tu me condemnas no querer-me escusar. Em nada me offendes, quando réo me fazes: attento estimo a culpa, que não quero ser innocente.

Adr. Oh perversa alma!

Emir. Eu não o entendo.

Farn. Que gostoso morro, se o meu Senhor defendo!

á parte.

Emir.

Emir. Porque , esposo meu ? porque , Senhor ,
fórmás contra ti o damno ? Não és cruel e
queres parecer aleivoso ? Tão feia culpa

Farn. Deixa-me , que não he tão feia como a
julgas.

Adr. Este he aquelle Farnaspe , que tu não
conhecias ? Como agora se converteo no teu
bem ? Aonde deixaste aquella tibieza , coração
enganoso , e feiticeiro ?

Emir. Senhor

Adr. Este pagará a pena de ambos os golpes.
Olá. *aos guardas.*

Emir. Mas espera : e o traidor quem he ?

Farn. Emirene , se me amas , calla-te esta vez.

Emir. Eu te amarei , se tu obedeces. Os meus
passos segui , que aqui se esconde o traidor.

aos guardas.

Parn. Oh Deoses ! Detem-te.

Emir. Cesar este he.

Aponia para onde está Osroas.

Segurão os guardas a Chichelo.

Chic. Não se enganem na porta ; he a hi mais
abaixo.

Adr. Es tu , aleivoso ?

Chic. Eu era capaz de matar ninguem ? Veja
vossa insolencia , que aqui está nesta esquina.

Farn. Calla-te louco.

Emir. Ainda este não he

Farn. Suspende Emirene.

Chic. Vê o que dizes , que não sou eu.

Adr. Levai este louco insolente.

Chic. Apalpe-me bem vossa Cesarice, e veja se eu trago comigo coisa a estas horas, que possa matar ninguém.

Emir. O Criado não foi, que com Farnaspe vinha. Ah! está.

Farn. Não descubras.

Emir. Este he Augusto. . . .

Descobre a Osroas.

Osr. Que ha de ver! Eu sou.

Emir. Oh amado Pai!

Chic. Irra, de que eu escapei! *á parte.*

Adr. ElRei dos Parthos em habito Romano!

Quantos são os cúmplices em entregar-me?

Chic. Eu sóro o meu coito.

Osr. Eu só, eu só o teu sangue buscava; mas o golpe se errou: porém se a vida me deixas, ainda emendarei o damno com o acerto.

Adr. Assim entre as sombras me assaltaste, cruel? Porque viste que eu cahia, a morte me buscavas?

Osr. Oh barbara sorte! Eis-aqui o engano. O teu companheiro he o que devia cahir, e tu acaso o fizeste, e na confusão do final o tiro errei.

Farn. Quando o traidor não tentio a mesma graição!

Adr. Olá, Ministros; em carcere destinado á sua pena segurai estes réos.

Farn. E tambem Emirene?

Adr. Essa ingrata tambem.

Farn. Que injustiça he essa? Que delicto lhe encontras!

Chic.

Chic. Oh Senhor, vê que eu culpa não tenho.

Adr. Livre o deixai.

Farn. E Emirene não ?

Adr. Não.

A R I A.

Adr. Todos os portos vejo
 Todos tremer espero,
 Perfidos, desespero,
 E me acendei o ardor.
 Que barbaro governo
 Fazem nesta alma minha
 Amor, e zelo interno,
 Enfado, e ternura!
 Não tem mais fogo o averno;
 Que applique ao meu furor. *Vai-se.*

Emir. Pai, e Senhor. Oh Deoses, com
 que palavras te poderei chamar Pai, sendo cum-
 plice na tua morte! Ai de mim, que a meu
 respeito.

Ofr. Vai-te; não confundas a minha constancia.

Emir. Bem conheço a razão, mas o perdão te
 pede esta culpada. A teus pés Senhor.
ajoelhando.

Ofr. Deixa-me, filha; contigo não estou irado,
 nestes braços te entrego o perdão. Adeos ama-
 da filha, estimavel porção da minha alma.

Emir. Oh funesto adeos!

Farn. Oh divisão amargosa!

A R I A .

Emir. Este abraço , aquelle mimo ,
 Este agrado , esse lamento ,
 Faz mais justo o meu tormento ,
 Mais culpada ainda me faz.
 Qual me foste , e qual te veja
 Vê no amante peito afflicto ,
 Que pondera o seu delicto
 Na piedade que me faz. *Vai-se.*

Farn. Oh se com todo o meu sangue pudesse
 conservar a vida do meu Rei , e da minha es-
 posa !

Ofr. Amigo , basta , não me entorneças : vingue-
 se o traidor Cesar , e veja lhe rende a mi-
 nha cabeça a fortuna , e não a fraqueza.
Vai-se.

Chic. Ainda não creio que fiquei livre : fóra com
 a graça ! por pouco que não fico sem cabeça.

R E C I T A D O .

Farn. Que terrivel tormento , que amargura
 Esta alma minha passa !
 Como de tantos golpes da ventura
 Poderei escapar ? Astros tyrannos ,
 A vida me roubais em tantos damnos.

A R I A .

Horrida em vulto he triste
 Sem que troveje a nuvem ;
 Tacito inchado existe

Sem

Sem vento o mar falgado ,
E o peito ao passageiro
Assim faz palpitar.
Naquelle horror occulto
O funebre se alenta
Qual silencio he mostra
Da proxima tormenta ,
Que vão deixando os ventos
Aberto o peito ao mar. *Vai-se.*

Chic. Ora vou-me pendurar de sebo ao Deos Saturno. Por hum és não és , que não vou provar segunda vez as enxovias.

Sabe Beringela.

Bering. Minha Ama está assustada com este motim , e quer saber se Emirene se hiria. Mas aqui tenho quem mo diga. Senhor Chichelo?

Chic. Que diz , Senhora Tamanca?

Bering. Falle bem.

Chic. Eu não sei que isto seja fallar mal , pois tudo vai dar no calçado velho.

Bering. Não me dirá se o Principe Farnaspe está na terra?

Chic. No , Senhora , não direi.

Bering. Porque ?

Chic. Porque me pede que o não diga.

Bering. Sabe se elle fugio ?

Chic. Nem elle era capaz de o fazer , nem eu de o hocalhar.

Bering. Bis que faz ?

Chic. Suppnho , que se estará lavando , que he hum po:alhão. *Bering.*

Bering. Ora falle com termo.

Chic. Com termo lhe fallo. Ah perra, que raivas me fazes!

Bering. Tambem vossé me não faz pouca raiva com os seus disparates.

Chic. Pois já que lhe dei o mal, dar-lhe-hei o remedio.

Bering. E qual he!

Chic. Hir ás ondas, se tem raivas.

Bering. Ora calle-se, que não estou para graças, responda ao que lhe digo.

Chic. E que me diz?

Bering. Se fugirão Farnaspe, e Emirene, que vossé ha de fabello?

Chic. Elles não o fizerão, porque os segurarão.

Bering. Ai mofina de mim!

Chic. Não te affustes por isso, pois já que elles não abalarão, nós bem podemos ser firmes.

Bering. E prenderão-os?

Chic. Não que elles hião soltos, e livres.

Bering. Eu não o entendo. *Faz que é vai.*

Chic. Pois isso he claro. Espere menina.

Bering. Deixe-me, que o vou dizer.

Chic. A quem?

Bering. Já o queria saber?

Chic. Não te has de hir sem o dizer.

pegando-lhe.

Bering. A'gora não.

Chic. Não, por força não vás.

D U E T O.

Bering. Sempre ateimas , qual cachorro ,
Que á sua bella cachorrinha
Sempre está dizendo xó ,
Bonitinha anda cá.

Chic. Sempre irada qual saloia
Ao seu burro , sem que esbarre ,
Te verei dizendo arre
Arre , arre , atrelá.

Ambos. Oh que teima , que tormento ,
Tão sem gosto , sem contento
Eu me sinto supportar ! *Vai-se.*



A C T O III.

S C E N A I.

Sala terrena com cadeiras. Sabem Sabina , e Aquilio.

Sab. **C**omo ? Manda que eu me ausente ? He cega esta sentença ! Este preceito he justo ? De que delicto me quer castigar Adriano ?

Aquil. Sabe , que de Emirene , e Farnaspe foste conselheira na fuga : crê , que da guarda foste a enganadora : queixa-se dizendo , que offendeste as sacras , e inviolaveis leis do throno de Augusto : que se não castigar o teu arrojo ,
apren-

aprenderão a ser-lhe infieis os seus vassallos : e com tal arte pinta a tua culpa , que o que o ouve , lhe chama piedoso , vendo que só este he o castigo.

Sab. Não se ha de pôr o nome de culpa a huma obra de merecimento. Eu quiz , guardando a sua gloria , e lisongeando huma competidora , procurar delle o seu coração ; e delle a sua amizade , o odio , e a ira não forão meus conselheiros : a piedade , e o amor forão só os meus empenhos : se foi erro he tão leve , que não merece pena.

Aquil. Sabina , eu o conheço , e talvez o conhece tambem Adriano , mas he de seu agrado esta leve desculpa para buscar o teu retiro.

Sab. Está bem ; mas ouça-me , e talvez que se mude.

Aquil. Aparecer-lhe diante dos seus olhos não consente , que esta he a ordem que mais me encarregou.

Sab. Oh Deoses ! Hei de ausentar-me sem vello ?

Aquil. Sim.

Sab. E quando ?

Aquil. Já as náos estão promptas.

Sab. A hum tal preceito não se deve obedecer.

Faz que entra.

Aquil. Oh não , que te perdes. Vai-te , e fia de mim , que em não lhe resistir o saberás vencer. Eu buscarei algum instante para que elle te torne a buscar.

Sab. Mas dize-lhe ao menos

Aquil. Vai , que sem me dizeres mais , te entendendo tudo.

A R I A.

Sab. Dize-lhe , que he ingrato ,
 Dize-lhe , que he traidor ,
 Ouve , que féro rigor !
 Não , não lhe digas tal ,
 Dize-lhe só que parto ,
 Mas sempre o sei amar.

E se no meu tormento
 O vires suspirar ,
 Torna-me a consollar ,
 Que antes de morrer ,
 Quero esta gloria achar.

Vai-se.

Aquil. Eu disponho o enredo , para que Sabina
 se ausente : sente o meu coração vella partir ,
 mas tambem sente , que ficando a chegue a per-
 der. Porém soffra o meu peito do seu bem a
 ausencia , se intenta conseguir alguma alegria na
 sua esperança.

A R I A.

Primeiro ferê a planta ,
 Que em suavidade espanta ,
 Se o balsamo procura
 Arabico Pastor.

Assim meu justo affecto ,
 Que esta ferida ordena ,
 Procura em tanta pena
 Lograr mais certo amor.

Faz

Faz que se vai , e se suspende ao sabir Adriano.

Adr. Aquilio , que tens feito ? De Sabina que alcançaste ?

Aquil. Nada , Senhor. Para que cumprisse com o teu desejo , dispuz a sua vontade ; mas nunca achei razões para a foster. Está resoluta a deixar-te ; tira por argumento , que fica mal ao seu decoro demorar-se na tua presença ; que te não quer ser mais molesta ; e em fim me parece , que serve outro amante : eu o suspeito , e que tira da tua inconstancia desculpa para a sua infelicidade.

Adr. Não , não me agrada essa soberba paz. Vamos a vella.

Aquil. Porque ? Temes , Senhor , o enfado de huma dama ?

Adr. Não.

Aquil. E queres Sabina para tua esposa ?

Adr. Oh Deoses !

Aquil. Pois logo que ella fique , de que nos aproveita ?

Adr. Eu mesmo o não sei dizer.

Aquil. Assim me desfaz o engano , mas eu lhe teço outro. *á parte.* Olha , Senhor , toma o meu conselho : qualquer preceito de Osroas bastará para que Emirene te queira : se ella te desdenha , he porque entende , que a seu Pai agrada ; e para elle será grande ventura recompensar hum Reino com as tuas bodas. Este conselho não te agrada ?

Adr. Mais do que isso tenho feito : do carcere man-

dei que Osroas fosse conduzido á minha presença ; e elle ajustará o que dizes.

Aquil. E' porque não o tinhas feito ?

Adr. Tu não conheces a guerra cruel , que a minha alma levanta nos pensamentos. Roma, o Senado, Emirene, Sabina, a minha gloria, o meu amor, tudo tenho na presença, tudo conservo na memoria : acho hum risco que temer, temo hum bem que hei de deixar : resolvo-me, e me arrependo, e de me arrepender me torna a pezar : tal vivo, que vacilante fico na duvida, sem determinação na escolha : tal, que entre o mal não sei escolher o melhor.

Aquil. Pois Senhor, acaba huma vez de te atormentar : nos teus braços tens quasi essa belleza por quem suspiras ; eu não tenho paciencia para te ver penar. Vou' conduzir a ElRei dos Parthos.

Adr. A fineza quero de o hir esperar. *Vai-se.*

Sabem Chichelo, e Beringela.

Chic. Com que em fim v. m. me deixá com esse defamor ?

Bering. Se não tenho outro, que quer que lhe faça ?

Chic. Ora volta essas duas estrellas da alva, que na madrugada dessa carinha, sem consciencia, quando esperava me dessem hum bom dia, me deixão ás boas noites.

Bering. Não sabe que sirvo a Senhora Sabina, e que ella por ordem de Adriano se ausenta ?

Chic

Chic. Tudo fei.

Bering. Pois então para que se queixa , sem motivo , da minha ausencia ? Hei de ficar de-farranjada ?

Chic. Não ficará ; antes será do meu rancho , se quizer seguir as bandeiras de amor.

Bering. Seguir as bandeiras , isso não , só porque me não digão que sou moça de soldada.

Chic. Ora menina tem dó de mim , não me deixes no mar do meu pranto fluctuando na tormenta da tua ausencia.

Bering. Não me detenha com esses ditos , que por ahi me não pesca .

Chic. Pois cuidei que o anzol do meu affecto a pilhasse no mar do meu amor.

Bering. Olhe que se pôde afogar , não nade tanto.

Chic. Não importa , que eu não me afogo em pouca agoa.

Bering. Não o posso mais ouvir ; fique-se embora , e saiba que

Chic. Que ?

Bering. Que só de vossé levo

Chic. Ora dize , o que levas ? Es muito bonita !

A R I A .

Bering. Levo huma pena ,
 Que me atormente ,
 Tão rabujenta ,
 Tão rezinguenta
 Que nada quer .
 Não fei que he

Se he saudade,
Não sei dizer.

Sei que me mata,
Pois sem reparo
Eu nunca paro,
Nem posso estar
Aqui, ahi, alli, acolá.
Ai que será!

Vai-se.

Chic. Espera, não fujas: ouve que te darei o remedio. E foi-se! Mas eu tambem quero hir, que. . . . Mas não, eu só sem amo, que a barriga me sustente, e namorando em jejum! Isso não, vá com o diabo, que não quero taes amores: alto, abalo, isto ha de ser. Mas ai aqui vem Adriano com ElRei Osroas: vejamos em que isto pára; desta cadeira me valho.

Esconde-se debaixo de uma cadeira, e sabem Adriano, Aquilio, e Osroas com cadêas.

Adr. Que dirá o mundo! Mas o conservar a vida he razão da natureza, e eu não posso viver sem Emirene.

Osr. Que se me ordena?

Adr. Que ElRei dos Partos se sente, e me escute: socegue o seu destino.

Aquil. Do meu se trata.

Assentão-se Adriano e Osroas.

Adr. Osroas, no mundo tudo he sujeito a inconstancias, e será estranho, que só os nossos rancores sejam eternos: a paz he util ao vencido, e conveniente ao vencedor: entre nós

já falta a materia para a contenda : o fado tanto te quiz tirar quanto a mim o Ceo benigno me quiz permitir , que já nem a mim ficou que ganhar , nem a ti que perder.

Ofr. Se confervo o primeiro odio , ainda me ficou alguma cousa.

Aquil. Que barbara arrogancia ! *á parte.*

Adr. Não te glories de hum bem , que possuido atormenta ao possuidor. Apaga esse incendio , porque te não destrua. Sabe que tu és o juiz árbitro do meu socego , assim como eu o sou da tua vida : ordena as cousas de maneira o Ceo , que todas a todos sejam convenientes ; e o mais feliz muitas vezes acha no mais miseravel , que esperar , e que temer.

Chic. Aonde hirá parar isto ! E eu aqui espremido , sem me poder remexer !

Adr. Só com que tu falles , será a Princeza minha , e só com que eu queira , serás tu livre , e Rei. Usemos , oh amigo , do nosso poder com conveniencia de ambos ; eu te peço a filha , e te offereço o Reino.

Aquil. Tremo da resposta. *á parte.*

Adr. E pois que dizes ? Tu te ris , e não fallas ? *a Ofr.*

Chic. Se o caso he para rir , que ha de fazer ?

Ofr. E queres que eu creia , que he tão fraco Adriano ?

Chic. Valente lhe chamo eu , pois te investio como hum raio.

Adr. Muito , Osroas , o sou , se comigo não vejo a bella Emirene unida em doce jugo.

Nem

Nem a paz conheço , nenhum bem possuo ;
nem vida quero.

Ofr. Quando tão pouco basta para te fazer feliz , eu sou contente , que a filha se chame.

Chic. Eu fico pela sua alegria , como lhe entregues o que elle deseja. *á parte.*

Adr. Aceitas pois as minhas offertas?

Ofr. Quem recusallas poderá !

Adr. Tu me entregas , amigo , o perdido focogo. Aquilio , vai chamar a Princeza.

Aquil. Vou fazer o que ordenas. Já de Sabina a esperança tenho. *Vai-se.*

Chic. Vá , que tambem eu me tomára daqui fóra.

Adr. Agora começo a viver. Olá , tirai aquellas cadeas ao Rei dos Parthos.

Sabem dous guardas.

Ofr. Agora não he tempo , Adriano. Eu não quero gosar primeiro das tuas offertas , que tu das minhas.

Adr. Hide , fazei o que mando.

Ofr. Não he preciso retirai-vos.

Vão-se os guardas.

Adr. Do pezo injurioso te verei livre.

Ofr. Assim satisfaço o meu contentamento.

Adr. Ainda não vem?

Chic. Elle está desesperado. *a parte.*

Ofr. Impaciente estou juntamente contigo.

Adr. A Princeza hirei buscar. *Levanta-se.*

Ofr. Não he preciso , que já chega.

Levanta se detendo-o.

Sabe- Emirene.

Emir. Que quererão ? *á parte.*

Adr. Bellíssima Emirene.

Ofr. Melhor será , que lhe relate tudo.

Chic. Eis o touro com Pedro Bonito.

Adr. He verdade.

Emir. Porque estarão alegres ? *á parte.*

Ofr. Filha , entre as nossas misérias tambem achamos alguma ventura. Nunca o imaginei. Achei na tua belleza a recompensa da minha perda.

Emir. Que me queres dizer nisso ?

Adr. Aquella abrazadora chamma. . . .

a Emir.

Ofr. Deixai-me finalizar.

a Adr.

Chic. Deixe-o , que elle he muito bom procurador.

Adr. Seja como te agrada.

Ofr. Tal virtude te quiz conceder benigno o Ceo , que te sujeitou como servo o mesmo vencedor : por ti suspira , tudo por ti offerece , esquece-se das offensas , sujeita-se aos rogos , aborrece a vida sem os teus agrados , e por sua Deosa te adora.

Adr. Tu pois , bella Emirene.

Ofr. Ainda não acabei.

Chic. Ora está boa impertinencia !

Adr. Tal demora me mata. *á parte.*

Ofr. Eu quero , (escuta , oh filha , este ultimo suspiro do íntimo da alma) ao menos quero , já que morro , deixar-te como vingadora da minha offensa. Aborrece este tyranno , como eu até agora aborreci , e esta seja a herança paterna.

Adr.

Adr. Osroas , que dizes !

Chic. O velho endoudeceo.

Ofr. Nem temor , nem esperança te sujeitem a elle : ve-o fim a todas as horas , mas seja arder em ira , e enlouquecer de amor.

Adr. Justos Deoses , e que he isto !

Ofr. Adriano , já podes fallar , que Osroas acabou.

Adr. Louco , infeliz ! Não vês , que assim atêas aquelle incendio , que ha de ser o teu estrago ?

Ofr. Desespera soberbo , que as tuas furias cantão os meus triunfos.

R E C I T A D O.

Adr. Oh Deoses ! que raiva ! que ira ! que pena !
Meu peito condemna !

Que dizes ? que fallas ? Tal furia me acende
Que da vingança os passos prende.

A R I A.

Barbaro , não comprehendo

Se féra , ou louco és ;

Se teu semblante visses ,

Talvez que te sentisses ,

Horror tendo de ti.

O Urso deshumano ,

O Tigre enfurecido ,

O Leão , que está ferido ,

Igual a ti não he.

Vai-se.

Ofr. Filha , se queres que eu veja como me amas ,
hum Pai soccorre , que piedade te pede.

Emir. Se basta o sangue , he teu ; e se não ha
quem mo espalhe , eu mesma o tirarei.

Chic. Não digo, que está doudo? Agora quer que a outra dê o remedio, depois de elle faltar á palavra.

Ofr. Livra-me das iras do cruel tyranno. Sem prisões te vejo: lós estamos.

Emir. Se conhecco Augusto de todas as traições innocente a Farnalpe, e a mim, que te admira da nossa foltura? Mas que soccorro te posso dar?

Ofr. Hum ferro, hum laço, hum veneno, huma morte, qualquer que seja te peço que me dê.

Chic. Faça-lha já isto por caridade; e acabemos com ella bulha.

Emir. Pai, e Senhor, que dizes? E seria prova de amor, ser a mesma filha o algoz que...

Ah! sem temor o não posso comprehender. Não o esperes; o coração o teme; e quando o coração se resolvesse, a mão o não saberia executar.

Ofr. Vai, eu te queria mais digna da tua origem. Teme já a morte, que eu hei de levar.

A R I A.

Não teme huma alma forte
A ferida que consente,
Só lamenta, chora, e sente
A vileza do morrer.

Que dos males seja a morte
Opedr já não alcanço,
Antes he justo descanço
Donde páta o obedecer. *Vai se.*

Emir. Oh infeliz, a que conselho devo obedecer?

Chic.

Chic. O que eu der.

Emir. Quem me responde!

Chic. He hum criado de Vossa Alteza.

Sabe debaixo da cadeira.

Emir. Tu aqui?

Chic. E bem contra minha vontade; pois saio espremido, e entrei medroso.

Emir. Ouviste a minha desgraça?

Chic. Não acaba de entender, que seu Pai está tonto?

Emir. Oh que tambem eu perco o juizo!

Chic. Não, se isso he achaque que se pega, eu não quero perder o pouco que tenho.

Emir. Que hei de fazer?

Chic. Casar com Adriano.

Emir. Tu me aconselhas isso, sabendo o que a Farnaspe quero?

Chic. Pois case com Farnaspe.

Emir. Estás louco!

Chic. Já se me pegaria o achaque.

Sabe Farnaspe apressado.

Farn. Corre, Emirene.

Emir. Aonde?

Farn. Ao Cesar.

Emir. E para que?

Farn. Procura que o mandado revogue, que contra teu Pai publica.

Emir. E qual he?

Farn. Quer que arrastando cadeas vá...

Emir. Aonde?

Chic. Fazer a sua penitencia.

Emir.

Emir. A morrer!

Farn. Não, peor.

Chic. Peior! só se o manda para Plutão.

Emir. Pois aonde?

Farn. A Roma.

Emir. É de que proveito lhe posso servir?

Chic. Hir-lhe ajudar a carga.

Farn. Vai, roga, chora, offerece-te esposa a Adriano, obriga-lhe a esperança, e o amor. Tudo se perca, ElRei se salve.

Chic. Outro terceiro temos.

Emir. Elle me poz o preccito de aborrecer sempre a Adriano.

Farn. Tu não deves seguir huma ordem dada com ira: nós, oh amada Emirene, o devemos soccorrer, ainda a seu pezar.

Emir. A outros braços eu devo hir? Tu o aconselhas? E com tanta firmeza?

Chic. Eu não vi homem mais bem afortunado: todos são por elle.

Farn. Ah Princeza, que não vês o meu coração. Não sabes a pena, que este esforço me custa. Ainda que assim fallo, não tenho parte em mim, que não sinta tremer; gora de sangue não acho, que pelas veias geladas não corra. Eu sei que perco o unico bem, por quem lograva doce vida: eu sei que fico afflicto, e desesperado, molesto para os mais, e para mim. Mas que dirá a Asia toda de nós se Osroas morre, podendo nós salvallo? Minha alma, sacrificuemos a este preciso reparo a nossa paz. Vai consorte, ser de Augusto: o
gráo

grão mais alto da terra occupa : huma vantagem será talvez para mim esta mesma pena : já que dêste leis ao meu coração , vai , e dá leis ao mundo.

Chic. Eu não entendo esta tramoia.

Emir. Se tu queres que te eu perca , meu bem , para que te mostras tão digno de amor ?

Farn. Meu bem ; tu não me perdes. Em quanto viver , sempre te hei de amar. Sei quanto devo ás tuas finezas. Confagar-te o meu amor juro a todos os Deoses , e o juro áquellas formosas luzes , que nos teus olhos adoro. E tu alma desta alma que. . . . Mas aonde me leva a consideração da minha dor ? Ah ! que nos falta o tempo para sentir. Osroas morre em quanto discorremos em livrallo.

Emir. Adeos.

Farn. Adeos , meu bem. E nos veremos ? Ouve-me.

Emir. Que me queres ?

Farn. Vai. . . . Espera. . . . Oh Deoses ! Quizera que me deixasses , e não quizera.

Chic. Aqui andará o diabo fazendo das suas ? Elles querem casar , elles querem descasar : elles chorão , elles riem. O certo he , que ló eu sei tratar o Senhor Cupido. Não ha coufa , como não dar confiança a hum rapaz cêgo.

R E C I T A D O.

Se elle a mim me fizera estas gaifonas ,
Com formosas taponas
O cusinho mui bem lhe esfrangalhára ,

E quanto mais guinchára ,
 Eu então com mais ancia fim lhe déra ,
 Que o sangue pelo rabo lhe escorrêra.

A R I A.

Mas qual o cão raivoso ,
 Se algum rapaz o apanha ,
 Os dentes lhe arreganha
 Fazendo-lhe am , am ,
 Logo o rapaz lhe foge ,
 Temendo o seu ladrar.

Assim ao Deos Cupido
 Os dentes lhe arreganho ,
 E vendo que me apanho ,
 A's tranças logo dá.

Vai-se.

S C E N A II.

Lugar magnifico do Palacio Imperial , escadas ornadas de estatuas , pelas quaes se sobe ao alto do monte Orante. Vista das Nãos em o rio ; de Campanha , e Jardim em cima da rocha , que cerca o rio. Sabem Sabina com acompanhamento de matronas , e Cavalheiros Romanos , Aquilio , e Beringella.

Sabin. **T** Emerario ! Tu tens animo para me fallar em amor ? Não te lembras de quem tu és , e quem eu sou ?

Aquil. Amor aos differentes iguala : o respeito me fez até agora mudo : assim vos ausentais , e neste ultimo refugio , me foi preciso manifestar-te o meu amor.

Sab.

Sab. Não tem desculpa hum affecto , que he tão temerario. Vamos.

Aquil. Bem vejo o porque me desprezas. Ainda está no teu coração o barbaro , injusto , e inconstante Adriano ?

Sab. Que he isso ? Assim fallas do teu Soberano ?

Aquil. Este fallar de ti o aprendi.

Sab. Sei que não he tudo o mesmo. Eu queria , e os zelos me davão desculpa de fallar atrevida.
partindo para embarcar.

Aquil. Oh féra ! Outra vez te receberá Roma sem Cesar.

Sabe Adriano com numerofo sequito.

Adr. Sabina , escuta , ouve , Senhora.

Aquil. Ai de mim ! *á parte.*

Sab. Deoses ! Que queres ? *Tornando a traz.*

Adr. Tão odioso te sou , que sem me veres queres partir ?

Sab. Senhor , já basta de zombaria. Se tu me mandas , e me prohibes que te appareça . . .

Adr. Eu ? quando ? Aquilio , não pedio Sabina a liberdade de deixar-me ?

Sab. Oh Deoses ! Não foi vontade de Adriano , que eu me ausentasse , sem que o visse ?

Aquil. Se fallo me condemno , e se não fallo . . .
á parte.

Sab. Perfido , emmudece : já conheço os teus entredos. Sabe Adriano . . .

Aquil. Eu ferei quem descubra o meu mesmo erro. He verdade , Senhor , que a Sabina adoro : temi que vencesse a sua formosura ; por isso distante . . .
Adr.

Adr. Não digas mais, tudo entendo. Ah coração traidor! Esta he a graça, que me rendes dos beneficios, que te faço? Esta he a té que ao teu Soberano deves? Tu sendo meu competidor! Tu opposto á minha gloria, e a Sabina querendo? Olá, seja prezo.

Aquil. Sorte adversa! *Vai-se com os guardas.*

Adr. Comigo fique a minha esposa.

Sab. Eu esposa tua, e quando?

Adr. Não tardará muito, deixa-me compôr os meus sentidos, e verás.

Sab. Verei que esse dia nunca chega.

Adr. Chegará, chegará, pois já vejo, oh Sabina, que vou fazendo do meu mal, a minha justiça, os despojos de Emirene, os odios de seu Pai.

Sabem Farnaspe, e Emirene.

Emir. Piedade, oh Cesar.

Farn. Senhor, piedade.

Adr. De que ma pedis?

Emir. De meu querido Pai.

Farn. De meu desgraçado Rei.

Adr. O Senado, e Roma o julgará. Tão offendido estou, que perdoar lhe não quero; e tanto temo a minha ira, que o não quero julgar.

Emir. Mais então o castigas; maior pena será esta para Osroas.

Adr. Nem quero, que mo nomees.

Farn. Senhor, não te compadeces de Emirene, que chora, que he tua esposa, se o quizeres?

Adr. Esposa?

Farn.

Farn Seu Pai te pede. Aquella mão, que fazer-te feliz pôde, rendido te offerece.

Adr. Mas ella mo não diz.

Sab. Ai de mim!

á parte.

Farn. Falla, Emirene.

Adr. Com quanta força a offerta consente! O coração te conheço. Não, não que o odio paterno, e o teu primeiro emprego he mais forte, que esse rendimento; e não quero que me sejas inimiga, ainda depois de esposa.

Emir. Não, Cesar, te enganas; a minha obrigação fará estrada ao meu amor. Revoga a sentença, perdoa a quem me gerou, por aquelle sereno raio do Ceo, que no teu semblante adoro, por esta invencivel mão, que he sustento do mundo, e eu beijo, aperto, e com lagrimas banho.

ajoelha.

Adr. Levanta-te; mais não chores. Que vejo! He mulher, ou he Deosa! Quando me namorou assim chorava.

á parte.

Sab. Que espero mais?

á parte.

Farn. Resolve-te Senhor.

Adr. Se ao menos aqui não estivera Sabina.

á parte.

Sab. He certo o meu desprezo.

á parte.

Adr. No semblante mostra a sua offensa.

á p.

Sab. Tome alento huma vez. . . . Cesar, cu vejo, que. . . .

Adr. Que podes ver, Sabina? Eu ainda não falei, não resolvi, e já te queixas? Já réo me chamas! Que lei manda se faça o castigo antes do delicto?

Sab.

Sab. Não te enfades, Senhor : escuta , e crê , que sem fingimento de amor, sem encubertos enganos te fallo. No meu semblante lerás o meu coração.

Adr. Falla , já te attendo.

Sab. Eu estou vendo , Augusto , e todos vem , que no semblante te reparão , que contigo pe-
lejas por te render a ti. Eu em vez de me irar contigo por tantos desprezos , quantos sinto , fei que ao vet-te me compadeço. Bem sei , que são mortaes as nossas feridas. Hum de nós neste combate deve ser o que renda a vida ás mãos da morte : ou eu , se te perco ; ou tu , se Emirene não gozas. Pois não consinta amor , que para se conservar de humna inutil mulher , como eu sou , a vida , se perca hum tão grande heroe , como tu és. Guarda-te pois , oh amado , não para mim , sim para a tua Patria , para a tua gloria , e para o mundo todo : de toda a obrigação te absolvo , te perdo-o toda a offensa ; e eu mesma quero ser o teu refugio.

Adr. Que direi !

á parte.

Sab. De mim não tenhas cuidado : serão breves as minhas penas , e morrerei contente , sabendo que a brevidade de meus dias he o augraento de teus amores.

Adr. Oh alma generosa ! oh digna de mil Imperios ! Que excesso he este de tão soberana virtude ? Todos me quereis reprehender , e envergonhar ? Fiel vassallo (*a Farn.*) , tu me cedes a esposa por salvar a vida do teu Rei ! Piedosa filha , (*a Emir.*) tu a ti mesma te

sacrificas pela liberdade de teu pai! Injuriada esposa (a Sab.), tu desprezas a vida só porque eu viva em socego! E eu entre tanta constancia, hei de ser o mais pusilanime? E não me envergonho? E não fujo da communição dos viventes? E me assento no throno? E dou leis ao mundo? Ah, não seja assim. Já que em vossos peitos sublimes vejo luzir espiritos de virtude, aprendendo convosco, quero sahir do lethargo profundo, em que vivia adormecido. Oh illustre minha libertadora. Vê o novo incendio de gloria, que agora se me atêa na alma. Hoje a todos quero fazer felices: a Osroas restituo o Reino, e a liberdade: a Farnaspe entrego a sua amada Emirene: a Aquilio absolvo de toda a culpa: e a ti, só de ti digno, me entrego todo.

Sab. Que gloria!

Emir. Que alegria!

Farn. Não esperado contentamento!

Sab. Este só he o verdadeiro Adriano.

Farn. Permite, ó Cesar, que Osroas ás tuas plantas venha.

Adr. Não, que se mudará, á vista daquella peito, meu generoso coração, em aquellas mesmas mãos aonde foi prisioneiro. Vá aonde lhe parecer, e se me quer amigo, direis, que Adriano o deseja: se lho não pede, he porque quer que seja a amizade divida, e não mercê.

Farn. Oh magnanimo coração!

Adr. E tu, Princeza, quanto de mim pretendes, pede, que se te concederá, deixando-

me só , que tambem te peça o segredo de
meu peito. Pouco o sinto seguro , em quanto
junta a mim te vejo. Aumenta-te , já que
assim te peço. Aqui tens o teu esposo , acolá
acharás teu Pai. Vivei alegres , e todos tres
entregai ao esquecimento estes dilirios de meu
amor.

Emir. Ao menos Senhor. . . .

Adr. Basta , Emirene , adeos.

C O R O.

Manda , impera a terra , ó Cesar ,
Surca , Augusto , o falso mar ,
Do teu nome excelso dando
Hum padrão mais singular.

F I M.

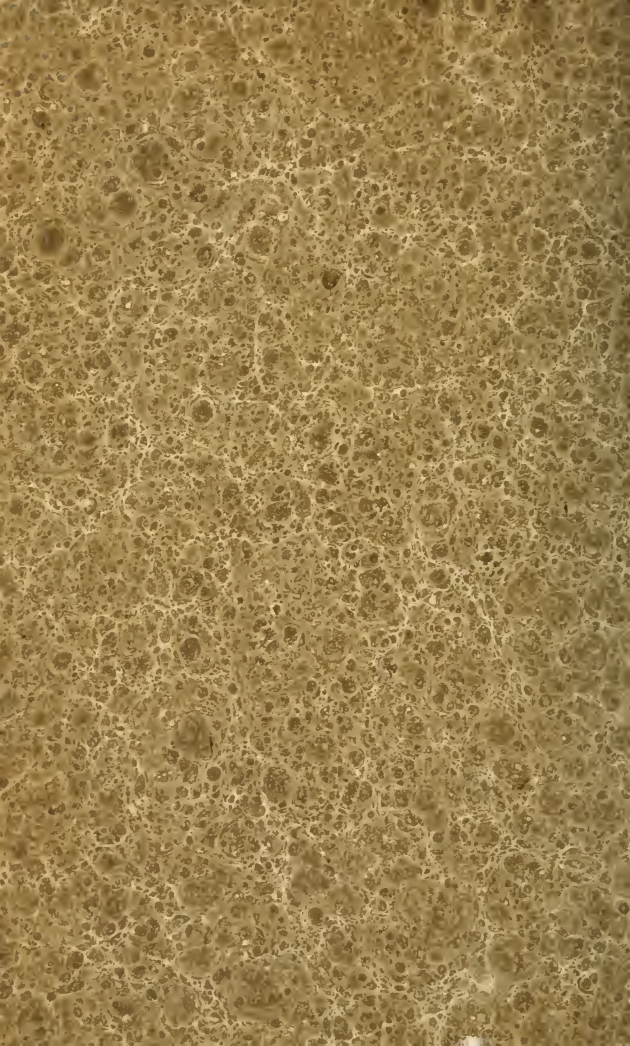
I N D I C E

DAS OPERAS, QUE CONTÉM
este terceiro Tomo.

A <i>Dolonimo em Sydonia</i> , pag.	3.
<i>A Ninfa Syringa, ou os Amores de Pan, e Syringa</i> , pag.	72.
<i>Novos Encantos de Amor</i> , pag.	158.
<i>Adriano em Syria</i> , pag.	314.







LPor.C
T3742

403619
Theatro comico portuguez. Vol.3.

**University of Toronto
Library**

**DO NOT
REMOVE
THE
CARD
FROM
THIS
POCKET**

Acme Library Card Pocket
LOWE-MARTIN CO. LIMITED

